

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

ROQUE TADEU GUI

Matriz do sonhar social: um dispositivo de intervenção em
psicologia clínica

Brasília

2010

ROQUE TADEU GUI

Matriz do sonhar social: um dispositivo de intervenção em psicologia clínica

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de Brasília, como parte dos
requisitos para obtenção do grau de Doutor em
Psicologia Clínica e Cultura

Orientadora: Prof^a Dr^a. Vera Lúcia Decnop
Coelho

Brasília

2010

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

Matriz do sonhar social: um dispositivo de intervenção em psicologia clínica

Roque Tadeu Gui

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica e Cultura, aprovada em 24 de setembro de 2010

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Vera Lúcia Decnop Coelho (Presidente)
Universidade de Brasília (DF)

Prof^a Dr^a Ondina Pena Pereira (Membro Externo)
Universidade Católica de Brasília (DF)

Prof^a Dr^a Ana Magnólia Bezerra Mendes (Membro Interno)
Universidade de Brasília (DF)

Prof. Dr. José Jorge de Carvalho (Membro Interno)
Universidade de Brasília (DF)

Prof^a Dr^a Maria Inês Gandolfo Conceição (Membro Interno)
Universidade de Brasília (DF)

Prof^a Dr^a Liana Fortunato Costa (Membro Suplente)
Universidade de Brasília (DF)

DEDICATÓRIAS

Aos meus pais, Regina e Roque, com amor, respeito e gratidão pelo empenho em oferecer-me a educação que lhes foi possível.

A minha esposa, Beth Maria, com amor e admiração por sua presença estimulante e desafiadora ao longo da elaboração deste trabalho.

Aos meus filhos, Demiam, Nat e Cissa, com amor e carinho, simplesmente por fazerem parte de minha vida.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a Dr^a Vera Lúcia Decnop Coelho, amiga e orientadora, que apoiou meus interesses, acreditou em meu projeto e, nos anos de convivência, estimulou meu desenvolvimento científico e intelectual.

Às Prof^{as} Dr^{as} Gláucia Ribeiro Starling Diniz, Liana Fortunato da Costa e Maria Inês Gandolfo pela paciente leitura do texto preliminar e pelas contribuições valiosas para o aperfeiçoamento desta tese.

Aos amigos profissionais de gestão de pessoas, participantes inaugurais dos encontros do sonhar social, que constituíram o grupo-piloto de pesquisa; seu interesse ofereceu um forte estímulo à continuidade de meus esforços.

Aos colegas, jovens psicólogos, que aceitaram meu convite para constituir um dos grupos deste estudo; são coautores dos pensamentos que surgiram neste trabalho.

O sonho é o momento sagrado em que o espírito está livre e em que ele realiza várias tarefas: purifica o corpo físico, sua morada; viaja até a morada ancestral; muitas vezes, voa pela aldeia; e, algumas vezes, através de Wahutedew'á, o Espírito do Tempo, vai até as margens do futuro, assim como caminha pelas trilhas do passado.

(Kaka Werá Jecupé, índio txucarramãe)

RESUMO

Gui, R. T. Matriz do sonhar social: um dispositivo de intervenção em psicologia clínica. 2010. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2010.

Sonhos podem ser entendidos em termos de conteúdos e significados sociais. Esta é a hipótese básica da metodologia de trabalho com sonhos desenvolvida por teóricos do Instituto de Relações Humanas Tavistock, no Reino Unido. Este estudo procurou identificar potencialidades da “Matriz do Sonhar Social”, dispositivo criado com a finalidade de captar o significado social dos sonhos, para uso em intervenção clínica e psicossocial. A metodologia foi aplicada a dois grupos de pessoas situadas em contextos sociais diferenciados: o primeiro, constituído por 14 profissionais de gestão de pessoas de uma instituição financeira nacional, homens e mulheres, com média de 45 anos, situados em ambiente organizacional fortemente estruturado e que lidam com os consequentes desafios à expressão de uma subjetividade criativa; o segundo, composto por seis jovens, homens e mulheres, na faixa dos 24 anos, formandos ou recém-formado em psicologia. Experimentaram-se os procedimentos de aplicação do dispositivo, identificando-se as conveniências e dificuldades. Analisou-se, também, a adequação do dispositivo para o favorecimento da conscientização de aspectos sociais relativos às circunstâncias dos sujeitos da pesquisa. Além de constatar-se a viabilidade metodológica do dispositivo, verificou-se, conforme esperado, que as circunstâncias peculiares de cada grupo marcaram as associações e reflexões dos participantes. O estudo produziu evidências sobre a utilidade da matriz do sonhar social como dispositivo de intervenção clínica e psicossocial, e foi concluído com a formulação de mais uma hipótese de trabalho para a matriz do sonhar social: a prática do sonhar social favorece o desenvolvimento da capacidade negativa, tal como definida por Bion, e assume um caráter sinérgico nas intervenções clínicas psicoterapêuticas e psicossociais. A “capacidade negativa”, frequentemente evocada por Bion como característica da atuação efetiva do analista e que se expressa na capacidade de contenção, sem memória e sem desejo, evitando-se explicações imediatas e generalistas, ganha cada vez mais o estatuto de qualidade da saúde psíquica que não seja apenas normalizadora: tolerar a dúvida, a frustração, a incerteza, nos assuntos ordinários da vida, assim como em relação à própria existência.

Descritores: Sonho. Matriz do sonhar social. Compartilhamento de sonhos. Intervenção psicológica. Capacidade negativa.

ABSTRACT

Gui, R. T. Social dreaming matrix: a device of clinic psychology intervention. 2010. Thesis (Doctoral) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2010.

Dreams can be understood in terms of content and social meanings, this is the working hypothesis underlying the methodology of dreaming work, developed by theorists of the Tavistock Institute of Human Relations, UK. This study sought to identify potentialities of the "Social Dreaming Matrix," device created in order to understand the social significance of dreaming, for use in psychology and psychosocial clinic. The methodology was applied to two groups of people from different social contexts: the first consisting of 14 management professionals of a national financial institution, men and women, averaging 45 years, dealing with a highly structured organizational environment and the consequent challenges to the expression of creative subjectivity. The second group consisted of six young men and women averaging 24 years, graduating students or recent graduated in psychology. The procedures for applying the device were tested and the conveniences and difficulties were identified; it was also analyzed the adequacy of the device for fostering awareness of social issues relating to the circumstances of the researched people. In addition to assure the methodological viability of the device, was found - as expected - that the peculiar circumstances of each group were revealed in the associations and reflections of the participants. The study produced evidences on the usefulness of the social dreaming matrix as a device to the clinical and psychosocial intervention and it was concluded with the formulation of one more working hypothesis for the social dreaming matrix: The practice of social dreaming favors the development of negative capability, as defined by Bion, and takes on a synergy in clinical psychotherapy and psychosocial interventions. The "negative capability", often quoted by Bion as characteristic of the effectiveness of the analyst role and which expresses itself in the ability of containment without memory and without desire avoiding immediate and general explanations, is increasingly gaining the status of quality of mental health that is not only normalizing: tolerate the doubt, the frustration, uncertainty, in the ordinary affairs of life as well as in relation to existence itself.

Keywords: Dreaming. Social dreaming matrix. Dreaming sharing. Psychological intervention. Negative capability.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Pintura “Cupido e Psiquê”, de Edward Burne-Jones **15**
- Figura 2 – Pintura “Dreaming Sisters”, de Colleen Wallace Nungari **23**
- Figura 3 – Pintura “O Sono”, de Frida Kahlo **29**
- Figura 4 – Pintura “O Sonho”, de Pierre-Cécile Puvis de Chavannes **41**
- Figura 5 – Pintura “O Sono do Pastor”, de John Henry Fuseli **54**
- Figura 6 – Quadro do *continuum* vigília-sonho, de Hartmann **55**
- Figura 7 – Quadro das dimensões do trabalho clínico em termos da articulação do tempo e do espaço para o paciente e o terapeuta, segundo Hopper **63**
- Figura 8 – Quadro das dimensões do trabalho clínico em termos das preocupações do paciente com fenômenos políticos e sociais, e a ênfase do terapeuta sobre a realidade interna ou externa, segundo Hopper **66**
- Figura 9 – Desenho “Inconsciente: ontogenia e filogenia”, conforme Jacobi **68**
- Figura 10 – Desenho “People Sitting”, ícone da cultura aborígine australiana **70**
- Figura 11 – Xilogravura “O sono da razão produz monstros”, de Goya **74**
- Figura 12 – Diagrama do arranjo das cadeiras para a matriz do sonhar social, conforme Lawrence **96**
- Figura 13 – Gravura do “Mutus Liber”, de La Rochelle **103**
- Figura 14 – Quadro de dados sociodemográficos dos participantes do grupo de profissionais de gestão de pessoas e frequência de participação nos encontros **107**
- Figura 15 – Quadro de dados sociodemográficos dos integrantes do grupo de psicólogos e frequência de participação nos encontros **108**
- Figura 16 – Quadro de codificação dos *corpus*, encontros e respectivas subseções do relatório de pesquisa **112**

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perguntas geradoras da pesquisa	103
Tabela 2 – Sequência de sonhos e respectivos narradores (C1E1)	113
Tabela 3 – Sequência de sonhos e respectivos narradores (C1E2)	132
Tabela 4 – Sequência de sonhos e respectivos narradores (C1E3)	153
Tabela 5 – Sequência de sonhos e respectivos narradores (C2E1)	175
Tabela 6 – Sequência de sonhos e respectivos narradores (C2E2)	190
Tabela 7 – Sequência de sonhos e respectivos narradores (C2E3)	206
Tabela 8 – Sequência de sonhos e respectivos narradores (C2E4)	218
Tabela 9 – Duração dos encontros e quantidade de sonhos por encontro (<i>Corpus II</i>)	227

SUMÁRIO

PENSAMENTOS INICIAIS	15
O SONHAR SOCIAL	15
O CONTEXTO DO SONHAR SOCIAL	17
O ESTUDO	21
1. UM OLHAR ESTRANGEIRO SOBRE O SONHO E O SONHAR	23
1.1 O VÉRTICE ANTROPOLÓGICO: BREVE INCURSÃO NA ANTROPOLOGIA DO SONHAR	29
1.2 UMA VISÃO BINOCULAR SOBRE O SONHAR SOCIAL	32
2. A POSSIBILIDADE DO SONHAR SOCIAL EM C. G. JUNG	41
2.1 O INCONSCIENTE COLETIVO	42
2.2 O SONHO, UMA PORTA PEQUENA...	45
2.3 RODEANDO OS SONHOS	46
2.4 OS GRANDES SONHOS	50
2.5 JUNG E O SONHAR SOCIAL	51
3. O INCONSCIENTE SOCIAL	54
3.1 A FALSA CONSCIÊNCIA	57
3.2 O RECALCAMENTO E O INCONSCIENTE SOCIAL	58
3.3 A SUPRESSÃO DO RECALCAMENTO	60
3.4 O CONCEITO DE INCONSCIENTE SOCIAL NA PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA	60
3.5 A REPETIÇÃO DE SITUAÇÕES SOCIAIS: O CONCEITO DE EQUIVALÊNCIA	62
3.6 ESPAÇO E TEMPO NO CAMPO CLÍNICO	63
3.6.1 <u>Articulação 1: Aqui e Agora</u>	64
3.6.2 <u>Articulação 2: Lá e Agora</u>	64
3.6.3 <u>Articulação 3: Aqui e Então</u>	64

3.6.4 <u>Articulação 4: Lá e Então</u>	65
3.7 O INTERCÂMBIO TERAPÊUTICO E OS FENÔMENOS POLÍTICOS E SOCIAIS	65
3.8 UM MODELO DE MATURIDADE DECORRENTE DAS IDEIAS SOBRE O INCONSCIENTE SOCIAL	66
3.9 INCONSCIENTE SOCIAL OU COLETIVO?	67
4. A POLIFONIA DOS SONHOS E O ESPAÇO PSÍQUICO COMUM E COMPARTILHADO	70
5. SONHAR SOCIAL: UMA TEORIA EM CONSTRUÇÃO	74
5.1 O SONHAR SOCIAL: PRIMEIROS PENSAMENTOS	76
5.2 UMA INFLUÊNCIA DECISIVA: SONHOS SOB UMA DITADURA	77
5.3 ENTÃO, O QUE É O SONHAR SOCIAL?	80
5.4 CONCEITOS BÁSICOS RELATIVOS À MATRIZ DO SONHAR SOCIAL	83
5.4.1 <u>Hipóteses de Trabalho</u>	83
5.4.2 <u>Matriz</u>	90
5.4.3 <u>Associação-Livre</u>	91
5.4.4 <u>Amplificação</u>	92
5.4.5 <u>Pensar Sistêmico</u>	93
5.5 DISPOSITIVOS DO SONHAR SOCIAL	94
5.5.1 <u>Funcionamento da Matriz do Sonhar Social</u>	96
5.5.2 <u>Funcionamento do Diálogo Reflexivo sobre os Sonhos</u>	99
5.5.3 <u>Para uma Definição Operacional do Sonhar Social</u>	99
5.6 UTILIZAÇÕES DO SONHAR SOCIAL	100
5.6.1 <u>Outras Utilizações Possíveis</u>	101
6. O SONHAR SOCIAL EM CAMPO – MÉTODO	103
6.1 OBJETIVOS DO ESTUDO	103

6.1.1 <u>Objetivo Geral</u>	104
6.1.2 <u>Objetivos Específicos</u>	104
6.2 CORPORA DE PESQUISA	105
6.2.1 <u>Sujeitos de Pesquisa</u>	106
6.3 COLETA DE INFORMAÇÕES	108
6.3.1 <u>Estrutura dos Encontros e Procedimentos</u>	109
6.3.2 <u>Papel do Coordenador</u>	109
6.3.3 <u>Registro dos Encontros</u>	109
6.3.4 <u>Instrumentos de Pesquisa</u>	109
6.4 TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES	110
6.5 DISCUSSÃO E CONCLUSÕES	110
7. O SONHAR SOCIAL EM CAMPO – RESULTADOS, DISCUSSÃO E CONCLUSÕES	112
7.1 RESULTADOS E DISCUSSÃO (C1E1)	113
7.1.1 <u>Narrativa de Sonhos e Associações dos Participantes</u>	114
7.1.2 <u>Diálogo Reflexivo sobre os Sonhos</u>	122
7.1.3 <u>Avaliação Informal do Encontro</u>	128
7.1.4 <u>Discussão</u>	130
7.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO (C1E2)	132
7.2.1 <u>Narrativa de Sonhos e Associações dos Participantes</u>	132
7.2.2 <u>Diálogo Reflexivo sobre os Sonhos</u>	139
7.2.3 <u>Discussão</u>	150
7.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO (C1E3)	153
7.3.1 <u>Narrativa de Sonhos e Associações dos Participantes</u>	153
7.3.2 <u>Diálogo Reflexivo sobre os Sonhos</u>	159
7.3.3 <u>Discussão</u>	164
7.4 AVALIAÇÃO DE REAÇÃO AOS ENCONTROS (CORPUS I)	167

7.4.1 <u>Resumo das Avaliações</u>	167
7.4.2 <u>Discussão e Conclusões</u>	169
7.4.3 <u>Avaliação do Instrumento de Avaliação de Reação</u>	171
7.5 CONCLUSÕES PRELIMINARES (<i>CORPUS I</i>)	172
7.6 RESULTADOS E DISCUSSÃO (C2E1)	175
7.6.1 <u>Narrativa de Sonhos e Associações dos Participantes</u>	176
7.6.2 <u>Diálogo Reflexivo sobre os Sonhos</u>	184
7.6.3 <u>Discussão</u>	188
7.7 RESULTADOS E DISCUSSÃO (C2E2)	190
7.7.1 <u>Narrativa de Sonhos e Associações dos Participantes</u>	190
7.7.2 <u>Diálogo Reflexivo sobre os Sonhos</u>	196
7.7.3 <u>Discussão</u>	204
7.8 RESULTADOS E DISCUSSÃO (C2E3)	206
7.8.1 <u>Narrativa de Sonhos e Associações dos Participantes</u>	206
7.8.2 <u>Diálogo Reflexivo sobre os Sonhos</u>	211
7.8.3 <u>Discussão</u>	216
7.9 RESULTADOS E DISCUSSÃO (C2E4)	218
7.9.1 <u>Narrativa de Sonhos e Associações dos Participantes</u>	218
7.9.2 <u>Diálogo Reflexivo sobre os Sonhos</u>	222
7.9.3 <u>Discussão</u>	227
7.10 AVALIAÇÃO DE REAÇÃO AOS ENCONTROS (<i>CORPUS II</i>)	229
7.10.1 <u>Resumo da Avaliação de Reação Parcial</u>	229
7.10.2 <u>Resumo da Avaliação de Reação Final</u>	231
7.10.3 <u>Discussão e Conclusões</u>	233
7.11 CONCLUSÕES FINAIS (<i>CORPUS II</i>)	236
7.12 AVALIAÇÃO DAS HIPÓTESES DE TRABALHO (<i>CORPUS I E II</i>)	239

8 PENSAMENTOS PARA SEREM (RE)PENSADOS 245

REFERÊNCIAS 250

APÊNDICE A – Convite para participar da oficina do sonhar social (grupo I) **257**

APÊNDICE B – Convite para participar dos encontros do sonhar social (grupo II) **259**

APÊNDICE C – Termo de consentimento livre e esclarecido (grupo I) **261**

APÊNDICE D – Termo de consentimento livre e esclarecido (grupo II) **264**

APÊNDICE E – Avaliação de reação aos encontros do sonhar social (grupo I) **267**

APÊNDICE F – Avaliação de reação parcial aos encontros do sonhar social (grupo II) **268**

APÊNDICE G – Avaliação de reação final aos encontros do sonhar social (grupo II) **269**

ANEXO 1 – Análise de projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos **270**

PENSAMENTOS INICIAIS

O SONHAR SOCIAL



Figura 1. Pintura “Cupido e Psiquê”, de Edward Burne-Jones

Gritos de las entrañas del alma ha arrancado a los poetas de los tiempos todos esta tremenda visión del fluir de las olas de la vida, desde el ‘sueño de una sombra’, de Píndaro, hasta el ‘la vida es sueño’, de Calderon, e el ‘estamos hechos de la madera de los sueños’, de Shakespeare, sentencia esta última aún más trágica que la del castellano, pues mientras en aquella sólo se declara sueño a nuestra vida, mas no a nosotros, los soñadores de ella, el inglés nos hace también a nosotros sueño, sueño que sueña.

(Miguel de Unamuno, em *O Sentimento Trágico da Vida em los Hombres y en los Pueblos*, 1913/1999, p.104).

Somos feitos da mesma matéria dos sonhos; nossa vida
pequeninha é cercada pelo sono.

(Shakespeare, em *A Tempestade*, Ato IV, Cena 1).

Minha atenção para o “sonhar social” foi despertada a partir de um encontro fortuito com artigos sobre a “matriz do sonhar social” (*social dreaming matrix*) de G. W. Lawrence (1998, 2003, 2005, 2007), quando procedia às pesquisas que fundamentaram minha dissertação de mestrado “Psiquê na Pólis: Individuação e Desenvolvimento Político da Personalidade” (Gui, 2005). Minha preocupação, então, orientava-se para as relações complexas entre vida subjetiva e participação dos sujeitos nos assuntos da Cidade, a trama entre subjetividade e política. Discuti as relações existentes entre o processo de individuação, tal como concebido pela Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung (1875-1961), e o desenvolvimento político da personalidade. Procurei, então, analisar como alguns terapeutas, de abordagens distintas, compreendiam questões relacionadas à vida na Cidade que emergiam na situação analítica ou terapêutica. Em decorrência, sugeri o aprofundamento dos estudos para subsidiar as diversas abordagens psicoterápicas no manejo de material político que se apresenta na situação terapêutica (Gui, 2005, 2009).

Ao longo das pesquisas em busca de elementos teóricos e instrumentais convergentes com minhas preocupações relacionadas com Clínica e Política, deparei-me com estudos realizados por pesquisadores associados ao Instituto Tavistock – centro pioneiro de psiquiatria

social da Grã-Bretanha – sobre o “sonhar social” (*social dreaming*). A metodologia de trabalho exposta por Lawrence (1998, 2005), propõe uma ênfase nos aspectos sociais do sonho, constituindo-se num instrumento de intervenção psicossocial, ao estilo dos inúmeros projetos teóricos e aplicados da Clínica Tavistock (Missenard, 1994).

Fiquei feliz por encontrar uma vertente de pesquisa que me permitiria ampliar a discussão iniciada com meu estudo anterior, agregando agora uma perspectiva teórico-instrumental. Acenava-me a possibilidade de contar com uma estratégia de captação e elaboração de sentidos sociais para sonhos ocorridos na intimidade noturna de nossas subjetividades! Contudo, pensar sobre o sonhar remete a questões que extrapolam o âmbito da psicologia e que dizem respeito a outros vértices de compreensão da realidade: filosófico, antropológico, metafísico, religioso. Questões que requerem certo encaminhamento teórico e que oferecem um enquadre para as explorações metodológicas pretendidas.

Ao anunciar meu interesse pelo tema, surge a pergunta inevitável de interlocutores: “Sonhar social? Você se refere à utopia, ao desejo social de transformação e coisas do tipo, ou se refere ao sonhar que ocorre enquanto dormimos?” A pergunta desvela ambiguidades que recobrem o tema do “sonhar social”. A “cultura onírica” (Samdasani, 2005) de nossa sociedade ocidental contemporânea confere ao sonhar “quando dormimos” o estatuto literal de “sonho”, enquanto que a todos os demais devaneios – sejam aqueles ordinários que todos temos, sejam os literários, os libertários-políticos, os filosóficos – atribui a condição de “metáforas” do sonhar noturno. A famosa frase de Shakespeare – “somos feitos da mesma matéria dos sonhos” –, mencionada na abertura desta introdução, emendada por Unamuno (1913/1999) – “os seres humanos são um sonho, um sonho que sonha” (p. 104) – é exemplo desse caráter metafórico dos sonhos. Podemos nos perguntar sobre o porquê disto e é possível que a resposta aponte para alguma base comum que subjaz a todos esses fenômenos “oníricos”. Talvez, como queria Jung, a “psiquê crie a realidade todos os dias” (Jung, CW-VI, 1921/1991, p. 63). Realidade ou metáfora?

Tamanha é a carga semântica da palavra “sonhar” que é necessário fazer a ressalva de que ao falar de “sonho social” refiro-me sim ao sonhar que emerge no sono, mas que ganha um sentido social ao ser compartilhado e elaborado em um contexto psicossocial específico ao qual denominou-se “matriz do sonhar social”, expressão traduzida do inglês “*social dreaming matrix*” e cunhada por Wallace Gordon Lawrence e Patricia Daniel (Lawrence, 1998).

É possível um “sonhar social” que parta de nossos sonhos noturnos e que vá para além do sonhar metafórico, ou seja, da utopia, do devaneio, da poesia, atingindo o cerne de nossas

circunstâncias sociais e políticas? Poderíamos utilizar nossos sonhos como instrumentos de transformação política e social, tal como nossa psicologia moderna sugere que os utilizemos no trabalho de transformação de nossas psiquês individuais? Quais são as possibilidades de um sonhar social inscritas nas grandes teorias psicológicas contemporâneas? Essas possibilidades podem ser instrumentalizadas para uso no contexto da clínica psicológica? As respostas a essas perguntas poderão ampliar a trilha que já se esboça nos quadros teóricos e clínicos do trabalho com os sonhos construídos por autores tais como Freud, Jung, Bion, Matte-Blanco, Kaës, Grotstein, Neri, Lawrence.

O CONTEXTO DO SONHAR SOCIAL

Para analistas e psicoterapeutas que utilizam o construto “inconsciente”, os sonhos representam importante via de acesso à dinâmica intrapsíquica dos seres humanos. Em sua obra *A Interpretação dos Sonhos*, Freud (1900/1999) confere ao sonho o estatuto de principal via para a compreensão do inconsciente por meio da análise psicológica.

Freud faz distinção entre “conteúdo manifesto” e “conteúdo latente” dos sonhos. O primeiro refere-se às imagens oníricas, usualmente confusas, lembradas pelo sujeito; por trás delas encontra-se o conteúdo latente que remete à realização do desejo reprimido. A associação livre, ao possibilitar a transposição da fachada de disfarce representada pelo conteúdo manifesto, torna-se instrumento essencial para se chegar aos pensamentos inconscientes.

Para Jung (1961/1998), os símbolos oníricos são produções espontâneas, não pensadas conscientemente pelo sonhador e não compreensíveis de imediato, necessitando de análise cuidadosa. Discorda de Freud quanto à categorização onírica de conteúdos manifestos *versus* conteúdos latentes, acreditando ser necessário ater-se às imagens do próprio sonho, tal como lembradas pelo sonhador: “Se quisermos entender um sonho, é preciso tomá-lo a sério e pressupor que ele significa o que realmente diz, pois não há razão plausível para supor que ele seja outra coisa do que é” (p. 196).

Freud e Jung discordam quanto ao papel do sonho na economia psíquica. Para Freud (1900/1999), o sonho é uma instância protetora do sono e realizadora dos desejos reprimidos. Para Jung, o sonho mais frequentemente perturba o sono do que o protege; frequentemente surge com uma grande urgência que atinge e demanda a consciência. A falta de compreensão consciente não significa que o sonho não produza seus efeitos: os sonhos podem ser “entendidos”, até certo grau, de modo subliminar, pois é assim que atuam na maioria das

vezes. Jung utiliza em acréscimo e, às vezes, em contraposição à associação livre, o método de amplificação, para o “desenvolvimento, em amplitude e em intensidade, das expressões inconscientes a fim de permitir uma possível leitura psicológica” (Pieri, 2002, p. 31).

As discordâncias são evidentes. Ambos os autores valorizam o sonho como expressão do inconsciente e concordam sobre a necessidade de analisá-los, mas suas concepções diferem quanto ao significado do fenômeno onírico para a economia psíquica do indivíduo, bem como no que diz respeito à forma de tratá-lo.

Adotando uma perspectiva cultural, Jung constatou, em pesquisas com tribos da África Oriental, que os únicos sonhos considerados importantes pela comunidade eram aqueles sonhados por chefes ou curandeiros e que se referiam ao bem-estar da tribo. Estes eram considerados os “grandes sonhos”, em contraste com os “pequenos sonhos” sonhados pelos indivíduos comuns. Desprezavam, portanto, aqueles sonhos que diríamos hoje se referir à dinâmica pessoal do sonhador, dando realce e valorizando aqueles que, de alguma maneira, remetiam às questões vitais da sociedade (Jung, 1961/1998, p. 196). Esta observação de Jung sugere a possibilidade de um “sonhar social” se, por esta expressão, entendermos uma produção onírica que se reporta, em algum nível, à vida social de um determinado grupo ou sociedade.

É possível ter sonhos que possam ser entendidos em termos de conteúdos e significados sociais? Esta é uma das hipóteses de trabalho elaboradas por um grupo de pesquisadores associados originalmente ao Instituto Tavistock, de Londres, Reino Unido (Lawrence, 1998). Amparados por referencial teórico que inclui Jung, Foulkes, Bion e outros psicanalistas contemporâneos, esses pesquisadores desenvolveram o conceito de “sonhar social”, acompanhado por uma metodologia de trabalho denominada “matriz do sonhar social” (*social dreaming matrix*).

O processo de descoberta do sonhar social foi relatado por Lawrence (1998) que se impressionara com o livro de Charlotte Beradt, *The Third Reich of Dreams*, publicado em 1966. Nele, Beradt (2002) relata sonhos de cidadãos judeus, colecionados durante o terceiro Reich na Alemanha. A escritora solicitou a colegas médicos que aproveitassem suas consultas para registrar sonhos de seus pacientes, constatando que muitas pessoas sonhavam com o doloroso destino que estava para lhes acontecer. Enquanto que no dia a dia essas pessoas manifestavam certa resistência intelectual e moral aos acontecimentos, os seus sonhos mostravam um cenário muito mais trágico. Os sonhos pareciam referir-se aos dolorosos fatos compartilhados pelos judeus naqueles dias de tirania do regime nazista na Alemanha. Lawrence impressionara-se igualmente com o relato de Jung sobre sonhos sonhados por ele

mesmo e por seus pacientes, logo após a primeira guerra mundial, e que antecipavam o desastre que se abateria sobre a Europa (Lawrence, 1998; Jung, 1946/1993, p. 208 e ss.).

De acordo com Lawrence (1998), citando Foulkes (1967), a matriz é o substrato de sentimentos, pensamentos e emoções que são parte de todas as relações sociais e grupos sociais e que não se apresentam prontamente disponíveis para exploração e discussão em grupos sociais, pelo fato de serem desconhecidas, ou seja, inconscientes.

Segundo os pesquisadores do “sonhar social”, o trabalho de grupos orientados para a tarefa exige que o pensamento racional ocupe o primeiro plano; o substrato do pensamento, do sentimento e da intuição permanece inconsciente em virtude da ênfase na realização de metas que exige um funcionamento mental orientado para fazer distinções e estabelecer elos lineares de causa e efeito. A “matriz do sonhar social”, dispositivo criado para captar características sociais do sonho, faz com que esse substrato se torne consciente para os participantes.

Assim, na visão desses pesquisadores, o “sonhar social” rompe com a abordagem individual e terapêutica dos sonhos e do sonhar, buscando explicitar possíveis significados sociais dos sonhos relatados pelos participantes da “matriz”. No trabalho terapêutico individual, a análise dos sonhos busca compreender a psiquê, esclarecendo o relacionamento do indivíduo consigo mesmo e com os outros, a partir de suas experiências de vida, sejam infantis, sejam adultas. Em contraste, o trabalho do “sonhar social” situa o sonho e o sonhador em um meio social, focalizando a atenção no contexto social e cultural dos sonhos e dos sonhadores.

O “sonhar social” relativiza a noção de que sonhos são posses pessoais; essa ideia segue uma variação da concepção de Bion (2006a) de que há “pensamentos em busca de um pensador” para sugerir que há “sonhos em busca de um sonhador”. Da mesma forma, acompanha certas intuições culturais de povos que valorizam o sonho como portador de informações subliminares, temores e expectativas sociais, tal como observou Jung.

Muitas vezes, sonhos têm ocupado lugar importante na produção de ideias filosóficas e científicas, e inventores e descobridores frequentemente sonham com respostas para as questões que os intrigam. Fiquemos com apenas dois exemplos: August Kekulé, químico descobridor da molécula de benzeno, teve um sonho em que os átomos de carbono conectavam-se entre si – tal como uma cobra que morde o próprio rabo –, fechando a cadeia carbônica, solução última para o enigma que atormentava o cientista. Eis o sonho, sonhado em uma noite do ano de 1865:

Eu estava sentado à mesa escrevendo o meu compêndio, mas o trabalho não rendia; os meus pensamentos estavam noutra lugar. Virei a cadeira para a lareira e comecei a cochilar. Outra vez começaram os átomos às cambalhotas em frente dos meus olhos. Desta vez os grupos mais pequenos mantinham-se modestamente à distância. A minha visão mental, aguçada por repetidas visões desta espécie, podia distinguir agora estruturas maiores com variadas conformações; longas filas, por vezes alinhadas e muito juntas; todas torcendo-se e voltando-se em movimentos serpenteantes. Mas, olha! O que é aquilo? Um das serpentes tinha fígado a própria cauda e a forma resultante rodopiava jocosamente diante dos meus olhos. Como se um relâmpago tivesse se produzido, acordei; [...] passei o resto da noite verificando as consequências da hipótese. Aprendamos a sonhar, senhores, pois então talvez nos apercebamos da verdade. (Morrison & Boyd, 2002, p. 319)¹

O outro exemplo, igualmente histórico e emblemático, refere-se aos três famosos sonhos de Descartes, sonhados na noite de 10 para 11 de novembro de 1619 e interpretados pelo filósofo como indicativos antecipatórios de sua obra futura que consistiria na tentativa do filósofo de unificar as ciências usando os princípios da lógica e da matemática (Aczel, 2007). Constatamos, então, que os sonhos têm sido valorizados ao longo da história, em diferentes contextos e atividades humanas que extrapolam o campo da pesquisa psicológica.

Teóricos do sonhar social, assim como psicanalistas, psicólogos analíticos, psicodramatistas, gestaltistas, analistas existenciais, dentre outros, valorizam o sonhar e acreditam que relembrar e narrar os sonhos representa uma maneira de estabelecer contato com o inconsciente. Os métodos da associação livre, da amplificação temática, da imaginação ativa e da vivência psicodramática, dentre outros, são recursos por meio dos quais, na ciência psicológica contemporânea, têm-se buscado o diálogo com o inconsciente.

Alguns pensamentos inspiram este trabalho. A exploração das associações e das intuições emergentes na “matriz” poderá funcionar como estratégia preventiva passível de reduzir os riscos de sermos capturados em processos sociais e políticos disruptivos,

¹ Tradução livre do autor. No original: “I was sitting writing at my textbook, but the work did not progress; my thoughts were elsewhere. I turned my chair to the fire, and dozed. Again the atoms were gamboling before my eyes. This time the smaller groups kept modestly in the background. My mental eye, rendered more acute by repeated visions of this kind, could now distinguish larger structures of manifold conformations; long rows, sometimes more closely fitted together; all twisting and turning in snake-like motion. But look! What was that? One of the snakes had seized hold of its own tail, and the form whirled mockingly before my eyes. As if by a flash of lightning I woke;... I spent the rest of the night working out the consequences of the hypothesis. Let us learn to dream, gentleman, and then perhaps we shall learn the truth.” (Morrison & Boyd, 2002, p. 319)

decorrentes do fato de não termos consciência dos fatores que os predispõem? Poderá a “matriz” atuar sinergicamente com outros dispositivos psicoterapêuticos no sentido da produção de saúde psicológica? Além disso, poderá o “sonhar social” constituir-se ferramenta de pesquisa-ação, em processos de transformação social, reatogando positivamente sobre a subjetividade dos participantes? Se a resposta a essas perguntas for positiva, o dispositivo da “matriz do sonhar social” apresentará qualidade virtual como instrumento de clínica psicossocial promotora de saúde. É o que pretendo investigar.

O ESTUDO

Eu sou eu e minha circunstância, e se não salvo a ela
não me salvo a mim.

(Ortega y Gasset, em *Meditações do Quixote*,
1914/1967, p. 52)

Com este trabalho, pretendo explorar as possibilidades metodológicas, estratégicas e instrumentais do dispositivo “matriz do sonhar social” – e seu complemento, o “diálogo reflexivo sobre sonhos” – contribuindo para consolidá-lo como instrumento de intervenção clínica e psicossocial. Considerando o estado incipiente dos estudos sobre o tema, espero também contribuir com algumas reflexões para a ampliação da base teórica do “sonhar social”. Para tanto, analiso elementos teóricos e práticos oriundos da antropologia cultural, da psicanálise e da psicologia analítica junguiana, bem como as relações existentes entre os vértices psicológico e social sobre os sonhos implicados na metodologia da “matriz do sonhar social”. Além disso, a partir de aplicações do dispositivo, avalio as hipóteses de trabalho que têm norteado as experiências de outros pesquisadores.

Na Seção 1 – Um olhar estrangeiro sobre o sonho e o sonhar – lanço mão de pesquisas antropológicas para exemplificar o papel dos sonhos na vida social de algumas comunidades estudadas pela antropologia cultural, bem como conjugar os vértices antropológico e psicológico sobre o sonho e o sonhar. Na Seção 2 – A possibilidade do sonhar social em C. G. Jung – examino as ideias seminais sobre o inconsciente coletivo e os sonhos apresentadas pela Psicologia Analítica e que apontam para a possibilidade de um sonhar social. A Seção 3 – O inconsciente social – trata das ideias precursoras do conceito de “inconsciente social”, elaboradas na metade do século XX e que chegam até os dias atuais. A Seção 4 – Inconsciente comum e compartilhado – complementa o anterior, trazendo as ideias mais recentes da

psicanálise de grupos sobre a “tessitura polifônica” e o tríplice “umbigo dos sonhos”: o corpo biológico, as relações intersíquicas e as relações sociais e culturais. A Seção 5 – Sonhar social: uma teoria em construção – traz uma síntese das elaborações teóricas sobre o sonhar social e sobre o dispositivo “matriz do sonhar social” concebidas pelos pesquisadores do tema nas duas últimas décadas.

A partir de aplicações da “matriz do sonhar social” com dois grupos de pessoas cujas circunstâncias sociais são distintas e caracterizadas, procuro destacar as potencialidades clínicas e psicossociais desse dispositivo. A metodologia da pesquisa empírica encontra-se na Seção 6 – O sonhar social em campo – método, e os resultados são apresentados e discutidos na Seção 7, com suas respectivas subseções. Na última Seção – Pensamentos para serem (re)pensados – apresento as conclusões finais e indico novas questões a serem pesquisadas.

1 UM “OLHAR ESTRANGEIRO” SOBRE O SONHO E O SONHAR

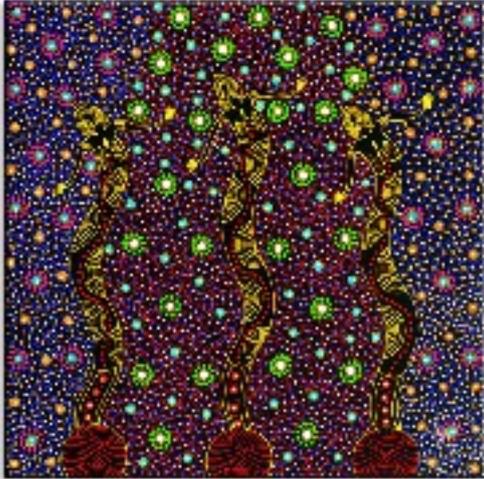


Figura 2. Pintura “Dreamtime Sisters”, de Colleen W. Nungari, Austrália.

O Tempo do Sonho é um termo usado para descrever o período anterior à memória viva quando os Espíritos emergiram do interior da terra e a partir do céu para criar as formas e todas as coisas vivas. As histórias do Tempo do Sonho inspiram as leis para a ordem moral e social e estabelecem os padrões e costumes culturais.

(<http://www.aboriginalartstores.com.au>)

Todo mundo sonha. Estamos diante de um fenômeno humano universal. Desde tempos imemoriais, os sonhos têm sido objeto de interesse dos seres humanos, preocupados em classificá-los, narrá-los e interpretá-los. No entanto, apesar de familiares, os sonhos sempre parecem estar um tanto além da nossa capacidade de compreendê-los. O mistério deste processo psíquico – o sonhar – e a estranheza de seu produto – o sonho – nos desconcerta. “Sonho” e “sonhar” são duas palavras que usamos rotineiramente e para as quais atribuímos diferentes significados. Vejamos como as utilizamos no dia a dia, lançando mão de um instrumento “etnográfico” de nossa própria cultura, o dicionário da língua portuguesa. Houaiss (2001) nos informa:

Sonhar – 1 Ter sonho(s) enquanto dorme, ver (algo ou alguém) em sonho(s) (*sonhou que ia à Europa*) (*sonhou com um amigo*) (*disse que sonhou a noite toda*); 2 Ter pesadelos ou delírios; delirar (*não há ninguém aí, decerto você sonhou*); 3. Entregar-se a fantasias e devaneios, a respeito de coisas inacessíveis ou impossíveis; fazer castelos no ar (*sonha coisas impossíveis*) (*sonha com uma mulher inatingível*) (*passa a vida a sonhar*); 4 Imaginar-se na condição de, ver-se (*o escravo sonhava-se senhor*); 5 Desejar com insistência (algo), pensar muito em, ter a ideia fixa de; almejar, ansiar por (*sonha em ser advogado*) (*sonha com a riqueza*); 6 Admitir a possibilidade de (algo); prever, supor, imaginar (*nunca sonhei com uma coisa dessas*).

Sonho – Ato ou efeito de sonhar. 1 Conjunto de imagens, de pensamentos ou de fantasias que se apresentam à mente durante o sonho (*teve um sonho terrível*) (*tenha bons sonhos*); 2 Ato, pessoa ou objeto visto ou imaginado durante o sono (*o seu sonho daquela noite foi de que estava comprando um iate*); 3 Sequência de ideias soltas e incoerentes às quais o espírito se entrega; devaneio, fantasia (*para fugir à realidade se entrega aos sonhos*); 4 Plano ou desejo absurdo, sem fundamento; fantasia, utopia, ficção (*não se pode viver de sonhos*) (*seu espírito perdia-se em sonhos de glória*); 5 Desejo vivo, intenso, veemente e constante; aspiração, anseio (*o sonho dele é enriquecer o mais rápido possível*); 6 Coisa ou pessoa muito bonita; visão (*aquela criança era um sonho*); 7 ideia ou ideal dominante que alguém ou um grupo busca com interesse ou paixão (*o sonho de liberdade*); 8 Estado de sonho em que se sonha; 9 Visão involuntária que ocorre a uma pessoa em estado de vigília; [...]; 11 (no sentido médico) Conjunto de sensações e representações mais ou menos realistas que surgem durante o sonho ou estados assemelhados, e que na maioria das vezes têm um caráter bizarro, confuso e incoerente (seu aparecimento é explicado pela teoria dos restos diurnos, por sensações surgidas durante o sono, ou por modificações da ativação durante o ciclo do sono); 12 (no sentido psicanalítico) Conjunto de imagens, lembranças ou de impulsos inconscientes, condensados, elaborados, simbolizados ou então distorcidos, que se experimenta especialmente durante o sonho, mas também em outros lapsos de atenção, e cujo significado é normalmente oculto para o ego.

Muitas acepções, além daquela mais imediata que se refere ao fenômeno noturno que habita nosso sono... Temos uma atitude ambivalente em relação ao sonhar e aos sonhos. O sonho, produto dessa atividade neurológica insólita que ocorre ao cérebro adormecido, reveste-se de aspectos estranhos, muitas vezes bizarros, incompreensíveis. “Sonhar”, quando não se refere especificamente à atividade notívaga, adquire em nosso linguajar cotidiano o sentido de fantasia, imaginação evasiva à realidade, desejos utópicos e não realizáveis. Frequentemente é desqualificado como algo ilusório, sem consequências práticas para o dia a dia, reduzindo-se à própria estranheza.

Nos anos 1960, Roger Bastide (1898–1974), sociólogo e antropólogo francês, perguntava-se se a psicanálise poderia vir a “institucionalizar” o sonho, o que para ele significava atribuir um lugar e papel social ao sonhar. Com a secularização da cultura e a crescente importância atribuída à produção, à práxis, ao trabalho e à organização estratificada de classes, esses centros sociais de comunicação dos sonhos deixaram de existir. As

sociedades ocidentais contemporâneas, que valorizam a ação, a produtividade e os resultados, identificam-se com o fazer e desqualificam o sonhar, deixando-o entregue à pura subjetividade ou à natureza. O sonho perdeu, então, uma existência objetiva, institucionalizada e, deixando de ser mítico, passou a ocupar um espaço imaginário. Não sendo mais considerado sagrado pela maioria das pessoas, o sonho se tornou estranho a ponto de nos inspirar temor (Bastide, 2001).

O autor conclui, então, que tanto entre nós como nas sociedades tradicionais o sonho se inscreve nos quadros sociais, com a diferença de que, no caso dos chamados “primitivos”, o etnólogo pode ler diretamente os sonhos graças às suas observações do mundo de vigília, posto que, dormindo ou acordado, o homem é sempre o mesmo e nunca se afasta de um mesmo mundo, assentado no mito. Nas sociedades contemporâneas, é exigido que o sociólogo pratique uma leitura invertida porque a estrutura sociológica, inscrita nas imagens oníricas, o faz de certa maneira na forma de figura em espelho, exigindo um esforço para decifrar as estruturas sociais. Por outro lado, essa mesma sociedade, permeável à lógica científica, nos traz, por meio dos estudos da psicologia profunda, as noções científicas sobre o sonhar. “Interpretar sonhos” passa a ser uma tarefa especializada reservada a profissionais bem treinados, os psicanalistas e seus afins (Edgar, 1994).

A abordagem científica dos sonhos, ela também, explicita sua sintonia com os valores produtivistas da sociedade capitalista industrial. Bastide (2001) considera que a concepção freudiana dos sonhos não escapa a essa perspectiva, ou seja, o sonho é visto como um dispositivo de segurança para o eu, que protege o sono, possibilitando a descarga das emoções reprimidas e zelando, por fim, pela continuidade funcional do eu. O mesmo se aplicaria à visão de Adler, ainda segundo Bastide, pois nela o sonho é visto como um instrumento de reconstrução da personalidade, servindo ao processo adaptativo do indivíduo ao ambiente social. Para o sociólogo, os primitivos também concebem o sonho como produtor. Porém, produtor de novas características culturais e não de um ser humano melhor adaptado. E o criador dos sonhos não é o homem que sonha, mas os Antepassados ou os Demiurgos. Saímos, assim, da civilização da produtividade para a civilização da criação contínua.

Retornemos às representações cotidianas do sonhar. O homem e a mulher comuns, que não estão engajados nesse tipo particular de investigação subjetiva em que consiste a prática psicoterapêutica ou analítica, olham para seus sonhos com um misto de admiração e desdém. Às vezes, preocupam-se quando as imagens oníricas sugerem algo de premonitório, uma espécie de alerta sobre eventos futuros. Mas, excetuando-se tais situações, os sonhos se vão da mesma maneira como surgiram, quase sem serem percebidos.

Pensemos, por um momento, nas ocasiões em que narramos nossos sonhos. Contar sonhos não é uma comunicação ordinária em nossa sociedade. Enfrentamos, então, a dificuldade de escolhermos uma audiência e contexto adequados para fazê-lo. Talvez o façamos entre amigos, sempre que o sonho em questão apresente algo de curioso e não pareça comprometer nossa auto-imagem! Afinal, às vezes nossos sonhos nos colocam em situações embaraçosas... Um enquadre mais formal é representado pela hora de 50 minutos da sessão analítica ou psicoterapêutica. Nesta situação, constatamos rapidamente que o compartilhamento do sonho não é uma tarefa tão simples assim! O sonho “manifesto” deverá passar pelo processo de associação livre a fim de que sejam expostos os pensamentos latentes que foram transformados pelos processos primários de trabalho do sonho - condensação, deslocamento, simbolismo e revisão secundária – conforme nos lembra Freud (1999/1900).

Compartilhar sonhos em uma sessão psicanalítica ou numa reunião social, seja em nossa sociedade industrial contemporânea, seja no conselho de uma comunidade tribal, pode assumir significados completamente diferentes. O contexto no qual um sonho é compartilhado pode ele mesmo agregar algo a seu significado, o qual pode ser consciente e intencional (pensemos num homem que conta a uma mulher que ele sonhou com ela, conferindo a essa narrativa certo caráter de sedução...) ou pode ser inconsciente (como é o caso da mensagem transferencial de um sonho ao ser contado na sessão analítica). Em algumas culturas os sonhos fornecem importantes argumentos políticos; por exemplo, entre os Sambia da Nova Guiné, o modo como um sonho é contado em um contexto público pode ser muito diferente daquele como é contado em privado e pode ter um significado diferente, apontando para questões sociais ou políticas (Herdt, 1987).

As culturas também diferem no grau de responsabilidade atribuído aos sonhadores por suas atividades durante o sonho. Um sonho erótico entre os Arapesh pode ser considerado um ato adúltero; os Sambia somente consideram o sonhador imputável se o sonho for contado publicamente (Kracke, s/d). Sonhos em algumas culturas contribuem para a identidade da pessoa: nas culturas dos Índios das Planícies – povos indígenas das planícies norte-americanas – alguém pode ser visitado, em sonho ou numa visão, por um espírito guardião e receber informações sobre um caminho de vida a ser trilhado; entre os Jivaro do Equador, uma pessoa recebe sua alma por meio dos sonhos; e os Sufis paquistaneses podem ser conduzidos por um sonho aos seus mestres espirituais (Kracke, s/d).

Há um contexto no qual o compartilhamento do “sonho” – não propriamente o sonho que sonhamos dormindo – se torna amplamente desejável. Trata-se do sonho em sua forma mais estilizada e digerível para os hábitos de nossa sociedade industrial, o sonho como “visão

de futuro”. Grandes líderes empresariais notabilizam-se pela sua capacidade de “antever” o futuro, construindo imagens inspiradoras para seus subordinados e suas organizações. São os “videntes” da era tecnológica, os executivos de “visão estratégica”, os construtores de impérios empresariais. Aqueles que ousaram enxergar além e... deram certo! Nas sociedades industrializadas contemporâneas, enquanto o sonho noturno reduz-se a ser “apenas um sonho”, uma “visão” traz a promessa de realização de um futuro almejado.

A poesia, a educação e a política também se apropriam do linguajar dos sonhos. “Um sonho que se sonha só, é apenas um sonho, mas um sonho que se sonha junto é realidade”, canta Raul Seixas. “*I have a dream...*”, diz Martin Luther King em seu célebre discurso, para expressar suas esperanças de transformação política na América dos anos 1960. Aqui temos o sonho na sua positividade, nos seus anseios libertários, embora não se trate do sonho noturno. Este, em nossa sociedade, permanece aguilhoado no reduto da subjetividade individual. Mas nem sempre foi assim.

Nas civilizações ancestrais e em muitas culturas tribais, os sonhos, assim como os mitos, eram costumeiramente narrados e discutidos em encontros coletivos organizados para esse fim. Nessas sociedades, o compartilhamento de numerosos elementos simbólicos e linguísticos tornava os membros do grupo aptos a “ler” os significados dos sonhos ou de uma narrativa mítica tradicional. Frequentemente, entravam em cena “especialistas” – mas que eram sobretudo especialistas em rituais – que agiam no sentido de “acentuar, clarificar, completar e elaborar a narrativa dos sonhos por meio da ressonância poética, em vez de ‘desencantar’ essa narrativa por meio de interpretações e profecias” (Neri, 2003, p. 26)¹.

Esses intercâmbios oníricos favoreciam a comunicação entre os membros do grupo. Isso revelava-se particularmente útil e vantajoso nos setores da vida comunitária onde a cooperação e a interdependência deviam ocorrer sem exitação, de maneira harmoniosa e rápida. Na caça e na luta, por exemplo, é necessário agir como uma unidade e ter confiança em seus camaradas. Em tais situações, os membros da tribo confiavam suas vidas uns aos outros. Por isso, estas atividades exigiam a capacidade de agir de maneira síncrona e complementar, que podia ser favorecida pelo ajustamento da comunicação que se dava por meio da narrativa e do compartilhamento dos sonhos.

Nas sociedades urbanas do Mediterrâneo clássico – Mesopotâmia, Egito, Israel, Grécia – o trabalho com os sonhos orientou-se progressivamente para outros objetivos. Os

¹ Tradução livre do autor. No original: “... emphasizing, clarifying, integrating, and elaborating on the dreams by means of poetic resonance, rather than ‘dis-enchanting’ the story by offering interpretations and prophecies” (Neri, 2003, p. 26).

sonhos tornaram-se mensagens imagéticas. A linguagem onírica que antes era percebida como transparente e capaz de influenciar a vida comunitária tornou-se mais obscura. O sonho passa a ser portador de uma comunicação rica em significados e para ser compreendido necessita de interpretação. “Os sonhos não são mais um instrumento de harmonização inconsciente no interior de um grupo, mas, sobretudo, lançam luz sobre o destino de um sonhador determinado” (Neri, 2003, p. 27)². O sonho está a caminho de se tornar uma *operação psíquica própria do sonhador*, como nos dirá Freud (1901/1977).

Assim, os sonhos que se referiam à vida social e que se revestiam de importância para a sobrevivência do grupo nas sociedades caçadoras e nômades passaram a ter um caráter individual, vinculando-se a significados biográficos do sonhador. A modernidade, por meio de um de seus arautos culturais – a psicanálise –, finalizará o projeto de individualização do sonho. Os sonhos, a partir de então, não se deixarão conhecer em primeira mão, pois serão vistos como produtos de um ardiloso processo de disfarce – o chamado “trabalho do sonho” – requerendo a intervenção de um especialista-intérprete. Quando longe dos consultórios analíticos, os sonhos prescindirão de uma atenção mais cuidadosa.

Contudo, o projeto hegemônico de interpretação científica dos sonhos sofrerá questionamento a partir de um campo do saber que, a despeito do entusiasmo inicial com a possibilidade de aplicação universal dos achados psicanalíticos, problematizará as teorias psicológicas sobre o sonhar: a Antropologia Cultural. Como vimos mais acima, Bastide (2001), criticará certo caráter etnocêntrico das chamadas abordagens científicas dos sonhos, caráter este decorrente da tendência a julgar ou interpretar outras culturas com base nos critérios da própria cultura do pesquisador. Tais abordagens seriam, portanto, parciais. Bastide advogará a necessidade de uma investigação a partir da antropologia cultural que, por meio do método comparativo, procurará abarcar as diversas explicações que os homens atribuem ao seu mundo onírico. Um novo olhar sobre os sonhos será lançado então pela Antropologia Cultural, uma espécie de “olhar estrangeiro” que ajudará a descentrar a perspectiva psicológica e tecnocientífica sobre o sonhar.

² Tradução livre do autor. No original: “Dreams are no longer a tool for unconscious harmonization within the group; rather, they shed some light on the fate of the dreamer.” (Neri, 2003, p. 27)

1.1 O VÉRTICE ANTROPOLÓGICO: BREVE INCURSÃO NA ANTROPOLOGIA DO SONHAR

Em tempo que podemos chamar de pré-científicos, os homens não se embaraçavam para explicar o sonho. Quando se lembravam dele ao acordar, tomavam-no por uma informação benevolente ou hostil de poderes superiores, deuses e demônios. Com a eclosão do modo de pensar científico, toda essa mitologia, rica em múltiplos sentidos, transpôs-se para a psicologia e, atualmente, entre as pessoas cultas, resta apenas uma ínfima minoria que duvida que o sonho seja uma *operação psíquica própria* do sonhador.” (Freud, em *Sobre os sonhos*, 1901, ESB V, 671-751).



Figura 3. Pintura “O Sono”, de Frida Kahlo.

O título da seção alude ao interesse por um “olhar de fora”. Algo como um deslocamento de perspectiva – um outro vértice – que gere certo estranhamento em relação às “verdades” de nossa cultura psicológica. Uso “vértice” na acepção utilizada por Bion, com o sentido de “variações da configuração perceptiva de um mesmo fenômeno ou de uma mesma pessoa, a partir do *vértice* de observação que o indivíduo adota” (Zimmerman, 2004, p. 246). O “vértice” é um ponto a partir do qual concebemos o fenômeno. E, como nos diz Maroni (2008): “Ao usar os diferentes vértices, frustramo-nos, pois que tentamos apreender, através deles, o objeto total, sendo isso impossível, uma vez que, por meio dos vértices, não fazemos senão parcializá-lo” (p. 87).

À luz dessa advertência, o vértice antropológico aqui intentado não visa substituir a validade do vértice psicológico, aliás, próprio deste estudo, muito menos esgotar a amplitude dos estudos antropológicos sobre os sonhos, mas, sobretudo, apresentar um ângulo de apreensão (e aqui, também, a noção de “vértice”, enquanto abertura, faz sentido), ângulo que delimita um âmbito de fenômenos culturais que nos ajudam a relativizar a perspectiva psicológica dos sonhos tão usual entre nós psicólogos. Se, ao final desta seção, o leitor estiver imbuído de um certo sentimento de estranhamento em relação aos nossos usuais referenciais psicológicos sobre o sonhar, então, o objetivo do que segue exposto terá sido atingido e já teremos iniciado o processo de análise e discussão sobre a possibilidade do sonhar social.

O trabalho de Freud no início do século XX estimulou a primeira fase da investigação antropológica dos sonhos (Edgar, 1994). Alguns antropólogos procuravam testar a hipótese

freudiana de que os significados latentes dos sonhos são universais nas culturas. Os trabalhadores das colônias eram convidados a relatar materiais oníricos oriundos dos nativos e que eram analisados com o intuito de descobrir os assim chamados “sonhos-tipos” (Seligman, citado por Edgar, 1994). A análise, fundamentada nos pressupostos psicanalíticos, era conduzida sem levar em consideração o contexto cultural e comunicativo. Stewart Lincoln, antropólogo estadunidense, autor da obra clássica *The Dream in Primitive Culture* (1935), tentou aplicar os conceitos psicanalíticos em seu estudo sobre os índios norte-americanos; desenvolveu uma distinção entre os sonhos “individuais”, desprovidos de importância, e os “sonhos com padrão cultural” (*culture pattern dreams*) os quais eram significativos para o grupo e por isso altamente valorizados (Shamdasani, 2005). Lincoln não concordava com a utilização que Jung fazia do conceito de inconsciente coletivo para explicar a distinção entre sonhos individuais e os “grandes sonhos” (ver, a propósito, a Seção 3 deste estudo); segundo Shamdasani (2005), “o fato de que essas visões desapareciam quando uma cultura se desintegrava demonstrava que sua existência dependia de tradições culturais, e não de uma memória racial” (p. 178). Embora seja dado a Lincoln o crédito pelo desenvolvimento de uma tipologia do sonhar baseada na pesquisa etnográfica, os seus resultados têm sido agora considerados etnocêntricos (Tedlock, 1987a).

Nos anos 1940 e 1950, a teoria de análise de conteúdo dos sonhos tornou-se muito difundida. O grande volume de simbolismo onírico descrito pelos antropólogos permitiu uma abundante compilação de relatos de sonhos manifestos e sua análise transcultural com variáveis culturais e de personalidade. Embora essa abordagem valorizasse o sonho positivamente como significativo do ponto de vista psicodinâmico e cultural, ela é, como nos aponta Edgar (1994), uma abordagem que descontextualiza os sonhos. A importância da narrativa, o discurso do sonho e a teoria autóctone do sonho, ou seja, aquela concebida pela cultura em questão, foi quase que inteiramente ignorada. Segundo o autor, o etnocentrismo da escola de análise de conteúdo é baseado em uma epistemologia que reduz a linguagem à sua função meramente referencial.

O desenvolvimento da etnopsiquiatria nos anos 1950 pelo antropólogo e psicanalista húngaro Georges Devereux (1908-1985) é outro marco antropológico na análise do sonhar. Devereux, em seu trabalho com os índios norte-americanos, procurou integrar a abordagem freudiana no campo antropológico. Ele aplicou os conceitos freudianos de transferência e teste de realidade para relatos de sonhos, fazendo uma análise crítica do conceito de sonho patogênico. Em um estudo de um índio Crow, Devereux foi capaz de utilizar as crenças culturais do paciente de que o acontecimento no mundo do sonho antecipava o

comportamento bem sucedido do “paciente” na realidade vígil; ele mostrou como o índio Crow o aceitou como terapeuta na identidade de um Espírito Crow. Embora tenha facilitado a orientação do paciente à realidade através do uso terapêutico do sonhar culturalmente sancionado, Devereux enfatizou que a manipulação dos símbolos étnicos (símbolos pessoais) pode oferecer ajustamento mas não auto-consciência introspectiva ou *insight* curativo, com base no pressuposto de que “verdadeiro insight” pode ocorrer somente na sessão analítica, nos moldes preconizados pela psicanálise. Não obstante, Obeyesekere (1990) argumentou que cada cultura possui sua própria reflexividade; o insight que emerge na psicanálise é apenas uma das formas possíveis, abrindo espaço para outros modos culturais de produção de subjetividade.

Com a perda de espaço da Escola de Cultura e Personalidade que florescera na América durante os anos 1950, e a despeito do fato de que os sonhos continuassem a ser objeto de estudo dos psicólogos, o sonhar foi marginalizado no âmbito da antropologia (Tedlock, 1987a). Somente nos anos 1970 criou-se um clima intelectual mais aberto, possibilitando que os sonhos, bem como outros temas igualmente subestimados - arte, mito, religião e ritual - pudessem ser considerados como centrais no âmbito dos estudos antropológicos. A partir de então, os sonhos passaram a ser estudados no contexto dos sistemas culturais dos quais eles faziam parte (Edgar, 1994; Tedlock, 1987a, 1991).

De lá para cá, os antropólogos continuam a desenvolver o conceito de relato de sonhos como um ato comunicativo. Tedlock (1987a) sugere que o conceito de “conteúdo manifesto” do sonho deveria ser ampliado para incluir mais do que o mero relato. Deveria incluir a teoria do sonho ou as teorias e modos de compartilhamento, os enquadres discursivos relevantes e o código cultural para a interpretação dos sonhos. A autora descreve essa perspectiva como uma “teoria comunicativa do sonhar”. Esta teoria considera a narrativa do sonho como um evento comunicativo que envolve três aspectos superpostos: o ato e criação da narrativa, a psicodinâmica da narrativa e o enquadre interpretativo “emic”. Lembremos que “emic” refere-se ao paradigma metodológico que trata de reproduzir os conteúdos culturais tal como parecem às pessoas ou à cultura de referência, em contraste com “etic” que trata de reproduzir ou fixar coordenadas desses conteúdos culturais a partir de fatores que não são percebidos como internos pelos membros dessa cultura (*Diccionario Filosófico*, <http://www.filosofia.org/filomat/df237.htm>). A análise do sonho é considerada, assim, como mais do que um texto hermenêutico. Ela é também um processo social e cultural ou uma atividade com resultados expressivos e instrumentais. Quando isso acontece, considera-se

seriamente a proposição de Herdt (1987) de que a cultura pode alterar a experiência dos sonhos ou que a produção do sonho pode ser absorvida e transformada em cultura.

A teoria comunicativa do sonhar alerta-nos para a importância da psicodinâmica, do contexto social e do quadro de referência interpretativo dos participantes. Este quadro estrutura, necessariamente, tanto a narrativa quanto a interpretação do sonho. Nessa perspectiva, os antropólogos não fazem mais relatórios sobre sonhos como se eles fossem objetos etnográficos que deveriam ser arranjados, manipulados e quantificados como itens pertencentes à cultura material. Mais do que fazer comparações tipológicas ou estatísticas entre os sonhos das assim chamadas sociedades “ocidentais” e “não ocidentais”, os antropólogos culturais têm dirigido sua atenção para estudar as teorias dos sonhos e os sistemas de interpretação como complexos eventos psicodinâmicos comunicativos. Estudando o compartilhamento dos sonhos e a transmissão das teorias sobre sonhos no contexto total das sociedades onde eles ocorrem, os antropólogos têm constatado que ambos, o pesquisador e o sujeito de pesquisa, criam uma realidade social que os conecta de maneiras importantes (Tedlock, 1991).

1.2 UMA VISÃO BINOCULAR SOBRE O SONHAR SOCIAL

Mas, ainda que nós antropólogos tenhamos subscrito o método da observação participante, choca-nos quando descobrimos o quão importante é nossa participação na criação daquilo que estamos estudando (Tedlock, 1987a, p. 23)³.

Em extensão ao conceito bioniano de “vértice”, gostaria de evocar a ideia de Bion sobre “visão binocular”, útil para a compreensão da articulação dos vértices antropológico e psicológico sobre o sonhar. Bion nos explica que na experiência psicanalítica paciente e analista assumem cada qual o vértice que lhe é próprio. Estes vértices precisam manter certa distância útil e adequada, ou seja,

que não sejam nem tão distantes, a ponto de impedirem a correlação entre os respectivos vértices, nem tão próximos, que impeçam uma diferenciação e causem

³ Tradução livre do autor. No original: “But even though we antropologists haved long subscribed to the method of participant observation, it still comes as a shock to us when we discover how important our participation is in helping to create what we are studying.” (Tedlock, 1987a, p. 23)

uma conseqüente estagnação na investigação do objeto psicanalítico. É somente a partir de uma distância adequada que será possível que ambos façam correlações e confrontações entre os recíprocos vértices, assim atingindo o que Bion chama de ‘visão binocular’ (Zimerman, 2004, p. 246).

A possibilidade de estabelecer correlações binoculares entre vértices distintos de percepção não se restringe a duas pessoas, tal como é o caso da relação analítica, mas aplica-se igualmente a uma mesma pessoa, “na qual, conforme a distância dos vértices intrapessoais, tanto pode gerar nela um estado confusional como uma eficaz visão binocular” (Zimerman, 2004, p. 247). Aplica-se também, e de modo bastante oportuno, às diferentes perspectivas sobre o sonhar, como se pretende neste estudo.

Bastide (2001), ao apontar a necessidade de se desenvolver uma sociologia dos sonhos critica seu próprio campo de estudo, dizendo que “a sociologia somente se interessa pelo homem desperto, como se o homem adormecido fosse um cadáver”⁴. Para ele, há motivos para se crer que uma forte influência das condições sociais atua sobre o inconsciente e sobre a vida afetiva. Em um estudo intitulado “Materiais para uma Sociologia do Sonho”, publicado originalmente em 1932, lembrava que, para Freud, a influência da sociedade sobre os sonhos teria um duplo caráter. Por um lado, a sociedade teria uma influência negativa, impondo uma seleção das imagens que surgem do inconsciente, de modo que somente passem aquelas aceitas pela moral coletiva, ou seja, tratava-se da censura social. Em outro sentido, a sociedade atuaria de modo positivo, como fabricante de símbolos. A libido conseguiria burlar a censura, travestindo-se de símbolos. Esses símbolos seriam tributários da coletividade, de velhas práticas mágicas, de antigas mitologias e cultos. Além disso, na versão junguiana, haveria um inconsciente coletivo e o sonho seria uma exploração dessas profundezas que acumulam-se em nossa psiquê através dos milênios. Confirmadas essas concepções, poder-se-ia criar uma verdadeira “sociologia dos sonhos” já que os sonhos suporiam a expressão ativa de materiais coletivos, constituídos por símbolos de antigas culturas. Haveria, contudo, uma dificuldade: como conceber a persistência de formas de pensamentos desaparecidas e o modo como as herdávamos; questão discutida nos estudos de C. G. Jung (Bastide, 2001; Jung, 1936/2000).

Embora adotando a distinção freudiana entre “conteúdo manifesto” e “conteúdo latente”, Bastide acreditava que a influência social seria encontrada sobretudo nas tendências

⁴ Tradução livre do autor. No original: “la sociología solo se interesa en el hombre despierto, como se el hombre dormido fuese un cadáver” (Bastide, 2001).

inconscientes que regulam a estrutura íntima das imagens oníricas. Estabelecer-se-ia, então, uma tipologia decorrente de sua função social que seria diferente daquela utilizada pela Psicanálise. Para ele, três circunstâncias deveriam ser consideradas para a sociologia do sonho. Em primeiro lugar, o papel do sonho seria função da vida social. Para esse argumento, Bastide, citando Lévy-Bruhl, utiliza as observações de que entre povos tradicionais não existe uma separação estanque entre o estado de sonho e o estado de lucidez. Ao contrário, as fantasias noturnas se inserem na trama da existência diurna e se entrecruzam com as percepções do mundo exterior. Nessa perspectiva, o sonho permitiria ao membro dessa sociedade uma melhor adaptação. Em nossos dias, existe uma ruptura entre o estado de sonho e o estado de vigília. Nosso estado de vigília é povoado de pequenos e múltiplos problemas, em número tanto maior quanto pertencemos a inúmeros grupos sociais, restando ao sonho o papel de reduto de afastamento desses estímulos. O sonho se constitui, então, em um instrumento de evasão; sua função transforma-se de acordo com a transformação geral da cultura (Bastide, 2001).

Em segundo lugar, o tipo do sonho é função da densidade social. A pressão social é tanto mais forte quanto mais reduzido o meio social. Consequentemente, é mais forte em uma aldeia do que em uma grande cidade. Assim, nos pequenos agrupamentos, as tendências individuais seriam reprimidas com maior severidade pela opinião pública. As asserções de Freud seriam mais acertadas quando aplicadas a pessoas pertencentes a meios de baixa densidade social. O tipo de sonhos que poderíamos denominar “tipo freudiano” é um produto de ordem sociológica (Bastide, 2001).

Em terceiro lugar, o conteúdo do sonho parece depender, em certa medida, do grau de integração alcançado pelo indivíduo na sociedade. As imagens do sonho, ainda que providas pela memória individual, são preferentemente escolhidas entre aquelas que interessam ao meio social que mais nos importa. Também é possível que isto deixe de ser certo em tempo de crise: os sonhos dos desempregados, por exemplo, poderiam trazer conteúdos relacionados com as circunstâncias críticas do desemprego (Bastide, 2001). Aqui, os estudos de Bastide conferem com as análises de Beradt (1966/2002) a respeito dos sonhos sob o III Reich, e as formulações de Lawrence e colaboradores (Lawrence, 1998, 2001, 2003, 2007). Conferem, igualmente, com achados do presente estudo, conforme descrito na Seção 7.

Para o sociólogo francês, os estados crepusculares, oníricos, prolongam o social da mesma forma como o social se nutre dos nossos sonhos. É o que possibilita e exige uma sociologia do sonho que estuda o assunto sob duas perspectivas: a função do sonho na sociedade e os marcos sociais do pensamento onírico.

A necessidade de uma sociologia dos sonhos, defendida por Bastide, conduz a uma exigência de articulação entre os campos da antropologia e da psicologia. De fato, psicólogos e antropólogos têm se dado conta do caráter complementar de seus estudos no que se refere aos sonhos. Os psicólogos já não podem ignorar que seus estudos sobre a experiência do sonhar dependem parcialmente da comunicação de tais experiências por meios determinados culturalmente; os antropólogos, por sua vez, já não podem ignorar o fato de que a comunicação dos sonhos em determinada cultura depende parcialmente das teorias nativas sobre a experiência onírica (Tedlock, 1987a).

Um seminário – *Dreams in Cross-Cultural Perspective* – organizado por Bárbara Tedlock e realizado em 15 de novembro de 1982, na *School of American Research* (SAR), Santa Fé, Novo México, inaugurou novo momento nas relações entre a psicologia e a antropologia dos sonhos. Somente outra conferência, realizada em 1964, tivera uma consistente participação de antropólogos na discussão sobre o sonhar, por meio de George Devereux, Dorothy Eggan e A. I. Hallowell, todos da Escola de Cultura e Personalidade (Tedlock, 1987a). A pesquisadora decidiu que sua conferência deveria ampliar o leque das abordagens teóricas que tinham sido apresentadas naquela conferência dos anos 1960, incluindo pontos de vista sociais, psicológicos e culturais oriundos da semiótica, hermenêutica, sociolinguística, estruturalismo, análise cognitiva, performativa e simbólica. Os participantes do seminário eram pesquisadores com forte repertório psicanalítico mas que tinham também conduzido trabalhos etnográficos de campo. Além disso, Tedlock procurou incluir antropólogos linguistas que estavam interessados em discutir questões psicodinâmicas. Dos trabalhos expostos nesse seminário, Tedlock (1987a) organizou um livro - *Dreaming. Anthropological and psychological interpretations* – que tornou-se referência sobre a articulação dos dois vértices de estudo sobre os sonhos.

Nessa obra, a autora enfatiza que não é suficiente conhecer a respeito do que as pessoas sonham; é necessário saber como e que partes de suas experiências oníricas elas comunicam aos outros, bem como o sentido desse processo de compartilhamento. Como vimos, em nossa cultura – chamada “industrial” ou “ocidental” – os espaços de compartilhamento de sonhos ficaram quase que exclusivamente sob custódia da instituição da psicoterapia. Pouco, ou quase nada, se constata do ponto de vista de processos de compartilhamento e significação social dos sonhos.

Tedlock (1991) nos informa que os antropólogos abandonaram as tradicionais categorizações dos sonhos de pessoas “pré-literárias”, “tribais”, “tradicionais” ou “camponesas”, em contraste com os sonhos de pessoas “literatas”, “urbanas”, “modernas” ou

“industriais”. Hoje, compreende-se que essa maneira tipológica de classificar sonhos desqualifica a experiência de pessoas de outras culturas que vivem na mesma contemporaneidade dos pesquisadores. O uso do tempo tipológico que ficcionalmente coloca algumas pessoas em um quadro temporal anterior ao nosso, funciona como um instrumento de distanciamento, tal como se faz, por exemplo, quando se diz que existem sociedades que praticam uma economia da idade média! Os antropólogos culturais hoje estão interessados no tempo intersubjetivo no qual todos os participantes envolvidos são coetâneos, ou seja, compartilham o mesmo tempo. O foco corrente nos processos comunicativos na antropologia cultural demanda que a coetaneidade seja criada e mantida não somente no campo mas também no processo de escrita do relatório de pesquisa. Assim, por exemplo, o antropólogo Robert Dentan (citado por Tedlock, 1991), ao discutir o “princípio dos contrários” segundo o qual os sonhos indicam o oposto do que eles aparentam, notou que os praticantes deste tipo de interpretação dos sonhos incluía pessoas tão distantes quanto aquelas pertencentes às comunidades dos Ashanti, Malays, Maori, Buffalo (do Estado de New York), dos polacos-americanos, de moças de escolas paroquiais, de psicanalistas, dos Semai e Zulu. O autor conclui, então, que pelo menos alguns americanos compartilham um mesmo princípio de interpretação dos sonhos com pessoas que vivem em locais distantes e exóticos!

Em muitos sistemas interpretativos de sonhos, acredita-se que a experiência do sonhar tenha uma conexão íntima, até mesmo causal, com a vida futura do sonhador. Contudo, é importante lembrar que tais interpretações são frequentemente provisórias, que nem todas as pessoas em uma dada sociedade colocam seu destino em tais interpretações, e que em algumas sociedades somente certos indivíduos são credenciados para a experiência profética ou sonhos pré-cognitivos. Deve-se observar que sistemas de interpretação de sonhos proféticos não são uma característica de sociedades “tribais”, “não ocidentais” ou “não industriais”. Antropólogos culturais, que têm estudado a sociedade americana, encontraram em sonhadores da classe média a crença de que tiveram sonhos proféticos ou pré-cognitivos, obtendo informação sobre eventos futuros, o que demonstra que essa forma de interpretar sonhos não é rara nas sociedades ocidentais (Tedlock, 1991).

A mudança na estratégia de pesquisa no sentido de dirigir a atenção à problemática da representação, comunicação e interpretação dos sonhos assim chamados “não ocidentais” ocorreu na antropologia por diversas razões. Em primeiro lugar, os antropólogos culturais têm criticado as pesquisas realizadas por meio de questionários nas quais os dados são obtidos com o propósito de testar teorias ocidentais concernentes a universais na psicologia humana. Perde-se de vista, por exemplo, o fato de que amostras de questionários agregam respondentes

que são profundamente desconfiados do pesquisador com aqueles que não o são, como se a suspeita não fizesse diferença alguma na validade de suas respostas (Tedlock, 1991). Além disso, o propósito de comparar conteúdos extraídos de um relato onírico deixa de considerar importantes fenômenos tais como ritmo, tons de voz, gestos, e respostas da audiência que acompanham as narrativas oníricas. Rotular certas experiências oníricas de “proféticas” ou “pré-cognitivas”, por exemplo, não explica como essas e outras experiências oníricas são usadas individualmente e culturalmente numa sociedade.

Dentan (citado por Tedlock, 1991), indica, ainda, uma outra razão para o abandono das análises de conteúdo pelos antropólogos: o treinamento formal em linguística os encoraja a rejeitar o suposto básico da pesquisa estatística, ou seja, que o significado reside mais nas palavras do que nos contextos. A crítica repousa no axioma básico da semântica, conhecido como a “premissa da não-identidade”, que declara que a palavra não é um objeto. Narrativas de sonhos não são sonhos; assim, narrar ou dramatizar sonhos não significam recuperar experiências oníricas. Além disso, símbolos oníricos tomados isoladamente podem ser desorientadores se o pesquisador não despender certo tempo de observação e interação dentro da cultura a fim de obter suficientes detalhes contextuais, tomar pé do conhecimento local e produzir uma descrição precisa daquela cultura, formulando significados que sejam dependentes do contexto. Como veremos na Seção 5 deste trabalho, as experiências com a matriz do sonhar social consideram, para o processo de significação dos sonhos e de suas associações, o contexto e circunstâncias nas quais os participantes estão inseridos.

Em face do exposto, antropólogos não consideram relatos de sonhos como objetos etnográficos a serem usados como dados brutos para hipóteses comparativas. Eles vão a campo por longos períodos de tempo e com amplos interesses de pesquisa; por exemplo, interessam-lhes a religião e a visão de mundo de uma dada sociedade, a performance de cura, ou a construção do eu e da personalidade. Vivendo na comunidade, os antropólogos aprendem não apenas a linguagem mas também como interagir apropriadamente, e, talvez, mais importante do que tudo, acabam por participar de vários dramas sociais formais e informais. Eventualmente, vêm-se compartilhando o cotidiano de uma família, ou deparam-se com um xamã ou algum outro intérprete de sonhos. Caso um evento ou drama social desperte a atenção do antropólogo, ele será registrado em cadernos de campo; poderá, eventualmente, ser registrado em áudio ou em vídeo. Uma vez transcritos tais registros, o pesquisador poderá questionar o narrador de sonhos, que pode ou não ser o próprio sonhador, sobre o significado, a significância e o uso do sonho contado (Tedlock, 1991).

Pode-se observar, então, que essa mudança na estratégia de pesquisa, ou seja, deixar de considerar os sonhos como objetos fixos e passar a estudar naturalmente as situações que os envolvem - compartilhamento, representação e interpretação de sonhos - é parte de um amplo movimento dentro da antropologia no qual tem havido um rápido crescimento de interesse em análises centradas na prática, interação, diálogo, experiência e performance, em parceria com os agentes individuais de todas essas atividades.

Tedlock (1987, 1991) conclui que estudando o compartilhamento dos sonhos e a transmissão das teorias sobre o sonhar em seu contexto social pleno como eventos comunicativos, incluindo as interações dialógicas naturais que ocorrem nesses eventos, pesquisador e pesquisados engajam-se na criação de uma realidade social que os implica igualmente.

Outro desenvolvimento da década de 1990 foi o uso de sonhos de pesquisadores e informantes para propósitos de pesquisas etnográficas. Os sonhos passaram a ser vistos como informações sobre a orientação subjetiva e a posição cultural do antropólogo assim como sobre o encontro subjetivo entre antropólogo e informante. Os pesquisadores de campo, além de participarem dos contextos nativos, aprendem não somente sobre o uso cultural local das experiências oníricas, mas também prestam atenção em seus próprios sonhos. Esta prática mais recente os tem ajudado a tornar-se conscientes de suas respostas inconscientes às pessoas e à cultura que eles estão tentando compreender e descrever (Tedlock, 1991). Diríamos, em jargão psicanalítico, que os antropólogos estão aprendendo a fazer uso da “contratransferência” como instrumento de compreensão do fenômeno estudado. De fato, Devereux publicou em 1967 um importante livro sobre os aspectos contratransferenciais implicados na pesquisa social. A obra, intitulada “*From anxiety to method in the behavioural sciences*”, trouxe à luz o reconhecimento da importância dos interesses de classe e da nacionalidade do pesquisador que incidem nas dimensões inconscientes do trabalho de construção do conhecimento (Giarni, 2001).

Muitos antropólogos têm se apercebido da importância de sua participação na criação da realidade que estão estudando. Por exemplo, Waud Kracke, antropólogo americano, durante seu trabalho de campo no Brasil, durante os anos de 1967-1968, com os índios Kagwahiv, manteve um diário contendo suas reações pessoais, sonhos e associações. Depois analisou sua transferência pessoal de seus relacionamentos familiares para certos indivíduos Kagwahiv. Outros antropólogos não somente registram seus sonhos e associações mas têm contado também seus sonhos para membros da sociedade na qual eles estão trabalhando com o propósito de que os interpretem segundo seus referenciais culturais (Tedlock, 1991).

Quando os antropólogos prestam atenção para seus próprios sonhos durante seu trabalho de campo eles se deparam com experiências oníricas que os ajudam a integrar seus inconscientes com o senso consciente de continuidade pessoal em uma situação totalmente nova e até mesmo ameaçadora. Laura Nadar, antropóloga americana (citada por Tedlock, 1991) reportou que durante sua pesquisa entre os índios Zapotec no México, o volume de seus sonhos e sua habilidade de lembrá-los aumentaram significativamente. Além disso, seus sonhos referiam-se quase que exclusivamente às suas experiências como criança e jovem adulta de volta aos EEUU. A pesquisadora observou, ainda, que seu estado emocional geral parecia estar mais relacionado às experiências anteriores ao seu campo com os Zapotec. Nadar interpretou seus sonhos como se eles lhe estivessem lembrando para não perder a sua individualidade completamente, e não ser possuída pela alteridade Zapotec. Seus sonhos lhe resseguravam que ela ainda era a mesma pessoa que quando criança.

Outro exemplo, citado ainda por Tedlock (1991), refere-se a Malinowski, “pai da observação participante”, metodologia chave da antropologia cultural contemporânea. Em seus diários de campo do período de 1914 a 1915 e 1917 a 1918, ele menciona cerca de 20 sonhos. O conjunto desses sonhos situa-se usualmente na Polônia e as pessoas que aparecem mais frequentemente são sua mãe e seus amigos de infância, incluindo uma namorada sobre a qual expressou culpa por tê-la abandonado. Nenhum dos sonhos referia-se à cultura Trobriandesa, na qual trabalhou durante esses períodos. Aparentemente, segundo a autora, Malinowski não estabeleceu com sucesso uma “segunda identidade” no campo.

Em contraste, Roger Bastide ilustra perfeitamente a implicação do pesquisador com seu campo de estudo. O autor nos dá um depoimento sobre suas vivências oníricas ocorridas entre Brasil e França: uma circunstância externa, a distância de sua pátria, ocasionada pela guerra, faz com que, em seus sonhos, surja a “França noturna”, caracterizada por lembranças da infância, da família, das amizades, de convívio e formação. No retorno à pátria, o inverso se dá: o surgimento de imagens dos deuses dos cultos afro-brasileiros deixados para trás (deixados mesmo?). No Brasil, o sociólogo não podia esquecer-se de suas origens, a trama de sua própria constituição enquanto sujeito, mas na França também já não poderia esquecer-se das profundas influências emocionais oriundas do seu convívio com os participantes de sua pesquisa no Brasil. Influências essas que frutificariam em suas ideias e trabalhos posteriores.

Os trabalhos da antropologia social nos comunicam a necessidade de que nosso conhecimento psicológico a respeito dos sonhos seja complementado por uma “sociologia dos sonhos”, fazendo-nos lembrar de algo que frequentemente esquecemos ou que não temos na devida conta: que os seres humanos, ao serem afetados por suas circunstâncias histórico-

sociais, produzem figurações oníricas – imagens e enredos simbólicos – que falam não somente dos dramas biográficos individuais mas também das tramas sociais e culturais das quais esses indivíduos participam.

Procurei oferecer uma perspectiva sobre o sonho e o sonhar comprometida com a conjugação de dois vértices – antropológico e psicológico – de apreensão do fenômeno. A seguir, apresentarei o aporte teórico da psicologia analítica de Carl Gustav Jung cujas intuições e ideias no âmbito dos estudos sobre o inconsciente, emblematicamente representadas pelo construto do “inconsciente coletivo”, apontam para a possibilidade do sonhar social.

2 A POSSIBILIDADE DO SONHAR SOCIAL EM C. G. JUNG



Figura 3. O Sonho, 1883, Pierre-Cécile Puvis de Chavannes.

O sonho é a porta pequena e oculta no interior e no mais íntimo da psique que se abriu na noite primordial que era psique quando não havia ainda a consciência do eu e que vai permanecer psique para muito além daquilo que uma consciência do eu jamais poderá alcançar.... Tudo o que é consciência separa, mas no sonho entramos no mais profundo, mais geral, mais verdadeiro e mais eterno da pessoa que ainda está no lusco-fusco da noite a começar, quando ainda era o todo e o todo era nela, quando o eu se identificava com a simples natureza.

(Jung, 1934/1993, p. 142)

Seria exaustivo repetir aqui o enorme acervo de referências sociais e coletivas associadas aos sonhos mencionadas ao longo da vasta obra de Carl Gustav Jung (1875-1961). Limitar-me-ei a analisar aspectos do arcabouço teórico junguiano que apontam para a possibilidade de um sonhar social, objeto deste estudo.

A evidência mais expressiva da possibilidade do sonhar social na obra de Jung talvez sejam os depoimentos a respeito de sonhos e visões que lhe ocorreram nos anos de 1913 e 1914, envolvendo o futuro imediato dos países europeus e, mais genericamente, de todo o mundo. Trata-se de antecipações oníricas dos acontecimentos relativos à eclosão da Primeira Grande Guerra. Diz Jung (1975) no livro autobiográfico, escrito em parceria com sua colaboradora Aniela Jaffé, “Memórias, Sonhos e Reflexões”:

Por volta do ano de 1913, a pressão que até então sentira pareceu deslocar-se para o exterior, como se algo pairasse no ar. Efetivamente, a atmosfera parecia-me mais sombria do que antes. Não parecia tratar-se de uma situação psíquica, mas de uma realidade concreta. Esta impressão tornava-se cada vez mais intensa. No mês de outubro, viajando sozinho, fui subitamente assaltado por uma visão: vi uma onda colossal cobrir todos os países da planície setentrional, situados entre o Mar do Norte e os Alpes. As ondas estendiam-se da Inglaterra à Rússia, e das costas do Mar do Norte quase até os Alpes. Quando atingiram a Suíça, via as montanhas elevarem-se cada vez mais, como para proteger nosso país. Acabava de ocorrer uma espantosa

catástrofe. Eu via vagas impetuosas e amarelas, os destroços flutuantes das obras da civilização e a morte de inúmeros seres humanos. O mar transformou-se em torrentes de sangue. Essa visão durou cerca de uma hora. Perturbado, nauseado, tive vergonha de minha fraqueza. (p. 156)

Em “Memórias”, o autor nos diz que a visão repetiu-se duas semanas depois e as imagens de sua visão permaneceram vívidas nos meses seguintes. Jung julgava que essas visões estariam relacionadas com uma ameaça de psicose, não lhe ocorrendo, então, a possibilidade de uma guerra de dimensões planetárias que estava por eclodir. No início do verão de 1914, um sonho repetiu-se por três vezes, em abril, maio e junho de 1914. No terceiro sonho da série, “um frio monstruoso, que parecia provir dos espaços cósmicos, havia invadido a Terra.... No dia 1º de agosto estourou a Guerra Mundial. Minha tarefa pareceu-me então claramente definida; devia tentar compreender o que se passava e em que medida minha própria experiência estava ligada à comunidade” (Jung, 1975, p. 157).

Jung certamente foi um dos primeiros pensadores da psicologia do inconsciente a aludir à possibilidade de um inconsciente compartilhado, seja na forma de um “inconsciente coletivo”, como preferem os junguianos, seja na forma de um “inconsciente social”, como desejam psicanalistas de orientação culturalista ou social, tais como Foulkes (1967), Fromm (1992) e Hopper (2006), seja, ainda, na forma de um “inconsciente comum e compartilhado”, proposto por grupo-analistas contemporâneos (p. ex., Käes, 2004 e Neri, 1999).

2.1 O INCONSCIENTE COLETIVO

No pequeno texto que abre este capítulo, de intenso sabor poético, Jung expõe sua concepção de inconsciente e de sonho. Para o autor, o inconsciente tem características do “infinito”, do “incomensurável”, do “ilimitado”, do que antecede o surgimento e sucede o desaparecimento da consciência. O sonho é a ponte que propicia a ligação entre a consciência finita e limitada do eu e as profundezas de um inconsciente que excede amplamente as experiências biográficas recalçadas, estendendo-se a conteúdos psíquicos germinais daquilo que ainda está por emergir à consciência. Para Jung, a consciência enraíza-se nas profundezas originais de uma psiquê transpessoal, entendendo-se aqui o “transpessoal” como aquilo que transcende a particularização dos indivíduos mas que também a antecede e a sustenta.

As divergências singulares apresentadas pelos sonhos em relação à consciência mostrarão a Jung que o inconsciente tem suas próprias regras e um funcionamento independente. A essa peculiaridade dá o nome de *autonomia do inconsciente* (Jung, 1928/1991, p. 295). Dessas profundezas abissais, fundamento de todas as manifestações psíquicas, nasce o sonho, por mais infantil, grotesco ou imoral que pareça à consciência.

Jung marca perceptivelmente suas diferenças em relação à visão freudiana de inconsciente em sua crítica da visão dos sonhos como “restos diurnos”. Antecipa discussões muito atuais sobre o inconsciente como originador de ideias, como continente dos pensamentos à espera de um pensador que os pense, como o “conhecido não-pensado” (Bollas, 1997). E, mais, fonte de inspiração e de aconselhamento à consciência. Ressalta, ainda, a positividade do inconsciente ao comparar o conceito de receptáculo de conteúdos recalçados, tal como proposto por Freud, com o conceito de inconsciente como matriz de novas possibilidades: “Tudo o que o espírito humano criou, brotou de conteúdos que, em última análise, eram germes inconscientes” (Jung, 1927-1931/1991, p. 379).

Mas, em que sentido se pode falar de uma atividade positiva do inconsciente? Jung dirá que o inconsciente aparece como “a totalidade de todos os conteúdos psíquicos *in statu nascendi*” (Jung, 1927-1931/1991, p. 379). A repressão pode perturbar essa função criadora natural e essa perturbação pode ser considerada a fonte mais importante das enfermidades psíquicas. Desse ponto de vista, o inconsciente é fonte de energia criadora que pode ser perturbada pela repressão. A repressão produziria “escoamentos psíquicos falsos”, irradiando-se para outros domínios psíquicos e fisiológicos. Até aqui Jung concorda com as teses psicanalíticas de Freud. Discordará, contudo, quanto ao sonho ser considerado apenas um sintoma desses “escoamentos”. Para ele, o sonho tem uma dimensão criativa e “uma atividade criativa só pode ser entendida a partir de si mesma” (Jung, 1927-1931/1991, p. 380).

O reconhecimento de que existem conteúdos inconscientes que estabelecem exigências e influências com as quais a consciência deve se confrontar, com boa ou má vontade, é, segundo Jung, a principal contribuição da Psicologia Analítica a uma cosmovisão moderna: “Somente quando nos contemplamos no espelho da imagem que temos do mundo é que nos vemos de corpo inteiro. Só aparecemos na imagem que criamos. Só aparecemos em plena luz e nos vemos inteiros e completos em nosso ato criativo” (Jung, 1927-1931/1991, p. 394).

O nome de Jung está definitivamente associado à visão de um inconsciente transpessoal que, além de ser expresso ao longo de sua obra com nuances poéticas, foi objeto de definições mais precisas. Jung dirá, então, que o inconsciente coletivo é uma dimensão da

psiquê que se distingue do inconsciente individual e que, portanto, não é uma aquisição pessoal. O inconsciente pessoal é constituído por conteúdos que já foram conscientes e que desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, tal como Freud enunciou. Os conteúdos do inconsciente coletivo, por outro lado, nunca estiveram na consciência e devem sua existência à hereditariedade psíquica. O inconsciente pessoal é povoado pelos complexos enquanto que o inconsciente coletivo é constituído pelos arquétipos (Jung, 1936/2000, p. 53).

Lembremos que os complexos são estruturas psíquicas dotadas de forte carga afetiva e que ligam entre si representações, pensamentos e lembranças. As ideias isoladas relacionam-se entre si pelas diferentes leis de associação, embora sejam selecionadas e agrupadas em combinações mais amplas pelo afeto.

Por outro lado, é conhecida a relevância atribuída aos “arquétipos” no quadro teórico junguiano. Jung parte do princípio de que os seres humanos, tal como outros animais, possuem uma psiquê pré-formada de acordo com sua espécie. Argumenta que é impossível conhecer a natureza das disposições psíquicas inconscientes, mediante as quais o homem é capaz de agir humanamente. Essas disposições apresentam-se como “imagens” que expressam a forma da atividade a ser exercida e, simultaneamente, a situação típica na qual ocorre a atividade. Essas imagens são próprias do ser humano e Jung as denomina “imagens primordiais”:

[Essas imagens] são peculiares à espécie, e se alguma vez foram “criadas”, a sua criação coincide no mínimo com o início da espécie. O típico humano do homem é a forma especificamente humana de suas atividades. O tipo específico já está contido no germe. A ideia de que ele não é herdado, mas criado de novo em cada ser humano, seria tão absurda quanto a concepção primitiva de que o Sol que nasce pela manhã é diferente daquele que se põe na véspera. (Jung, 1939/2000, pp. 89 e 90)

Jung enfatizará reiteradamente, ao longo de sua obra, que o que é herdado não são as ideias, mas as formas, elementos vazios que representam uma faculdade pré-formativa e não uma representação. Uma “imagem primordial” ou “arquétipo” só pode ser determinada quanto ao seu conteúdo no caso de tornar-se consciente e, nesse caso, assumirá o conteúdo que lhe for emprestado pelo contexto sociocultural em questão.

2.2 O SONHO, UMA PORTA PEQUENA...

Da ideia de um inconsciente generativo, matriz e continente de possibilidades em devir, surge o caráter compensatório dos sonhos tão característico da teoria junguiana. Caráter compensatório às atitudes e às formas de compreender, de pensar e de sentir conscientes. O sonho acrescenta à situação psicológica consciente os elementos insuficientemente considerados, ou até mesmo ignorados, e que possibilitam uma nova perspectiva às questões vividas pelo sonhador (Jung, 1928/1991).

Os sonhos podem ser abordados a partir de duas perspectivas: causal ou final. A primeira implica a pergunta: Por que tive este sonho? A segunda, para que tive este sonho? O ponto de vista causal tende à uniformidade de sentido, uma vez que busca as causas dessa produção onírica específica. O ponto de vista final vê na diversidade das apresentações simbólicas do sonho a expressão de uma situação psicológica que se modificou. Decorre daí a importância atribuída às imagens oníricas em si mesmas, tendo cada uma delas sua significação pertinente ao contexto do sonho. Embora valorizando o ponto de vista final, Jung, no entanto, admite que a conjugação dos dois pontos de vista “pode levar a uma compreensão mais completa da natureza dos sonhos (Jung, 1928/1991, p. 252).

O pensamento onírico é uma forma filogenética do pensamento (Jung 1928/1991). Da mesma forma como o organismo humano conserva os traços de sua evolução filogenética, assim se dá também com o espírito humano. Os sonhos comunicam em linguagem sensorial e imaginativa “pensamentos, julgamentos, concepções, diretrizes, tendências” que se encontram inconscientes por terem sido recalcados ou simplesmente negligenciados pela consciência. Os conteúdos inconscientes apresentados pelo sonho são aqueles que foram selecionados e reunidos associativamente em função do estado momentâneo da consciência. É necessário, portanto, conhecer a exata configuração da consciência no preciso momento do sonho porque o material inconsciente constela-se em correlação com o estado momentâneo da consciência: “O sonho retifica a situação e acrescenta o material que ainda lhe está faltando, e, deste modo, melhora a atitude do paciente. Eis aí a razão pela qual temos necessidade da análise do sonho em nossa terapia” (Jung, 1928/1991, pp. 255 e 256).

Os sonhos preservam o sono apenas na medida do possível, tal como proposto por Freud, mas o interrompem sempre que o conteúdo compensador apresenta-se particularmente intenso e vital para a orientação da consciência. Quanto mais unilateral apresentar-se a atitude consciente, tanto maior será a probabilidade da emergência de sonhos que contrastam com a

orientação da consciência. Os sonhos estão a serviço, portanto, da auto-regulação psicológica do indivíduo (Jung, 1928/1991, p. 258).

Embora fortemente impressionado pela função compensatória dos sonhos, Jung não descarta outras possibilidades de compreensão dos sonhos, tal como aquela defendida por Freud (1900). Adverte não haver um único método, “tecnicamente organizado”, que conduza a resultados infalíveis, pois, que se houvesse tal método, o sentido do sonho estaria definido de antemão. O sonho perderia, então, o atributo “tão útil aos objetivos psicológicos” de oferecer novas perspectivas para o sonhador (Jung, 1961/1993, p. 147).

A teoria compensatória dos sonhos representa a regra geral para as pessoas que vivem em condições externas e internas razoavelmente equilibradas, representando o sonho um dispositivo, por assim dizer, de ajuste. Contudo, quando o indivíduo se afasta excessivamente da norma, apresentando uma atitude consciente inadaptada, seja objetiva, seja subjetivamente, a função compensatória do inconsciente dá lugar à função prospectiva, capaz de conduzir a atitude consciente para uma direção diferente da atual e que seja mais adequada às circunstâncias do sonhador.

“A função prospectiva é uma antecipação, surgida no inconsciente, de futuras atividades conscientes, uma espécie de exercício preparatório ou um esboço preliminar, um plano traçado antecipadamente” (Jung, 1928/1991, p. 261). Tais sonhos resultam da combinação de possibilidades incipientes que podem, eventualmente, concordar com o curso dos fatos; percepções, sentimentos e pensamentos que escapam à consciência podem, então, ganhar forma e expressão onírica, oferecendo possibilidades prognósticas não capturáveis por meio das informações conscientes. “A maioria das situações críticas ou perigosas tem longo tempo de incubação; só a consciência nada sabe disso. Os sonhos podem revelar o segredo. Muitas vezes o fazem, mas muitas vezes também parecem não fazê-lo” (Jung, 1961/1998, p. 211).

2.3 RODEANDO OS SONHOS

O sonho é sua própria interpretação.
(Talmude)

Tal como Freud, Jung reconhecia que não se pode empreender nenhuma interpretação sem a colaboração do próprio sonhador:

As palavras que compõem o relato de um sonho não têm *apenas* um sentido, mas muitos. Se alguém sonha, por exemplo, com uma mesa, estamos ainda bem longe de saber o que a palavra “mesa” do sonho significa, embora a palavra “mesa” em si pareça suficientemente precisa. Com efeito, há qualquer coisa que ignoramos, e é que esta “mesa” é precisamente aquela mesa à qual estava sentado o pai do sonhador, quando lhe recusou qualquer ajuda financeira posterior e o expulsou de casa como um sujeito imprestável. A superfície lustrosa desta mesa está ali diante de seus olhos, como o símbolo de uma inutilidade catastrófica tanto no estado de vigília, como nos sonhos noturnos. Eis o que o sonhador entende por “mesa” [...] Qualquer pessoa que não estava presente a esta cena pode duvidar de que a “mesa” representa um momento culminante e doloroso na vida do sonhador. Mas o sonhador não duvida nem eu também. É claro que a interpretação do sonho é, antes e acima de tudo, uma experiência que só tem um significado imediato e evidente para duas pessoas. (Jung, 1928/1991, pp. 293 e 294)

O texto acima ilustra de maneira simples o *modus operandi* do processo de associação na busca de significado para o sonho, bem como o fato de que o sonho faz sentido especificamente para a dupla – analista e analisando - que se debruça no processo de exame. Aqui se pode perceber significativa conexão com a “matriz do sonhar social”, objeto do presente estudo: a reconstituição do contexto social propiciada pelo processo associativo de vários contextos subjetivos em busca do significado social do sonho. Para Jung, o continente analítico, comparado frequentemente com um vaso hermético no qual ocorrem as transformações psíquicas – metáfora alquímica ao gosto de Jung – cria condições para que a equação pessoal de cada participante da dupla analítica e os contextos subjetivos se articulem, se conjuguem, na geração de um significado que é evidente e faz sentido para a dupla. Da mesma forma, a “matriz do sonhar social”, tal como proposta por Lawrence e colaboradores, funciona como um *têmenos*¹, gerando as condições para que contextos subjetivos se articulem num quadro de significado coletivo.

Contudo, Jung manifestará desconfiança em relação à livre associação como caminho para a compreensão dos sonhos: “Por meio da livre associação chega-se às ideias críticas e ocultas, não importando o ponto de partida, seja ele sintomas, sonhos, fantasias, letras cirílicas

¹ *Têmenos* - palavra grega que significa um lugar sagrado e protegido; psicologicamente, indica tanto um recipiente pessoal quanto o sentimento de privacidade que cerca um relacionamento analítico (Sharp, 1993, p. 153).

ou quadros de arte moderna. Em todo caso, este fato nada diz sobre sonhos e seu verdadeiro significado. Indica simplesmente a existência de um material pronto para a associação que circunvagava livremente” (Jung, 1961/1998, p. 192). Em outro lugar: “Quero saber o que os sonhos têm a dizer sobre os complexos e não quais são eles. Quero saber o que o inconsciente de um homem está fazendo com os seus complexos. Eis o que decifro nos sonhos” (Jung, 1935/1998, p. 96).

Propõe, então, concentrar-se no próprio texto do sonho como sendo aquilo apresentado pelo inconsciente. Um método será necessário: aproximar-se e rodear as imagens do sonho, como forma de examiná-las sob diversas perspectivas. A livre associação representaria o risco de afastar-nos cada vez mais da imagem onírica. O lema “voltar ao sonho”, sempre que a cadeia associativa ameaçava distanciá-lo das imagens oníricas, tornou-se parte de sua maneira peculiar de compreensão do sonho: “O sonho limita-se a si mesmo. Ele é seu próprio critério para o que dele faz parte e para o que dele se desvia” (Jung, 1961/1998, p. 195).

O melhor é tratar um sonho como se fosse um objeto totalmente desconhecido: deve-se olhá-lo de todos os lados, tomá-lo nas mãos, levá-lo de cá para lá, despertar todo tipo de fantasias sobre ele, falar dele com outras pessoas. Os primitivos contavam sempre seus sonhos impressionantes e, quando possível, em reuniões públicas; este costume também é encontrado na Alta Antiguidade, pois todos os povos antigos atribuíam grande importância ao sonho. Tratado assim, o sonho sugere todo tipo de associações que nos levam mais próximos de seu significado. A constatação do significado é naturalmente – se assim podemos dizer – um assunto muito arbitrário, pois é na interpretação que começa a aventura. Limites mais apertados ou mais elásticos serão fixados de acordo com a experiência, temperamento e gosto de cada um.... A explicação encontrada vai orientar-se espontaneamente por certos pressupostos... (Jung, 1934/1993, p. 147)

O texto citado nos revela a curiosa perspectiva adotada por Jung no exame dos sonhos: primeiro, o vagar imaginativo em torno das imagens oníricas, com uma atitude de quem se coloca diante do desconhecido, abrindo-se às diversas associações; depois, a relativização dos possíveis significados a serem atribuídos aos sonhos: o sentido dependerá da intenção e expectativa do intérprete, ou seja, orientar-se-á pelas concepções adotadas pelo intérprete. Este ponto de vista sugere mais um ponto de contato com os pressupostos do sonhar social que coloca entre parênteses, em suspensão por assim dizer, a crença no caráter estritamente

peçoal do sonho, dando espaço para que surjam os significados sociais. Poderíamos, então, parafrasear Jung e dizer: – Se quisermos, portanto, investigar o nosso ser social, ou seja, nossa existência sociopolítica, os sonhos podem ser meios adequados.

Para interpretar os produtos do inconsciente e, dentre estes, os sonhos, Jung lançava mão de um procedimento que ia além do processo de associação livre proposto pela Psicanálise: a amplificação. De acordo com a natureza do caso, não os reduzia, como Freud, ao pessoal, mas colocava-os em analogia com símbolos da mitologia, da história comparada das religiões e de outras fontes, para conhecer o sentido que eles pretendiam exprimir (Jung, 1930/1989). O método permitia uma compreensão nova dos conteúdos do sonho e da fantasia, articulando as tendências arcaicas, incompatíveis com a consciência, com a personalidade consciente. Esta articulação correspondia à crença de que o objetivo final do esforço terapêutico consistia em reduzir a dissociação entre consciente e inconsciente característica dos neuróticos e de muitas pessoas normais. Este método vem ao encontro da concepção do inconsciente como fonte instintiva e continente da natureza pré-histórica do ser humano, aprofundando-se até o nível animal, além de conter as sementes criadoras do futuro, bem como a fonte de todas as fantasias construtivas. A dissociação neurótica, portanto, significaria o distanciamento da consciência da própria fonte da vida.

Ainda sobre o método da amplificação, Jung dirá em uma das conferências realizadas em 1935 na *The Tavistock Square Clinic*², de Londres:

Adoto o método do filólogo [em consonância com o fato de considerar o sonho como um texto escrito em uma linguagem própria e desconhecida] que está longe de ser livre associação, aplicando um princípio lógico – a amplificação, que consiste simplesmente em estabelecer paralelos. Por exemplo, no caso de uma palavra muito rara, com a qual nunca antes nos defrontamos, tenta-se encontrar passagens de textos paralelos, se possível, aplicações paralelas, onde a palavra ocorra. Aí tentamos colocar a fórmula que adquirimos através dos conhecimentos de outros textos frente à passagem que nos trouxe dúvida. Se ela tiver, então, se tornado legível, poderemos dizer: “Agora é fácil compreendê-la”. Foi assim que aprendemos a ler hieróglifos e

² Fundada em 1920, recebeu o nome de Institute of Medical Psychology e, alguns anos depois, The Tavistock Clinic. É curioso saber que o Dr. Wilfred Rupert Bion, que se tornaria um expoente da psicanálise britânica, foi um dos cerca de 200 médicos que assistiram às cinco conferências de Jung, conhecidas na literatura junguiana como “As Conferências de Tavistock”. O Instituto acolheria, anos mais tarde, o surgimento das hipóteses de trabalho de Lawrence sobre o sonhar social.

inscrições cuneiformes, dessa mesma forma poderemos ler os sonhos. (Jung, 1935/1998, pp. 96 e 97)

Como veremos no tópico dedicado a explorar o *modus operandi* da matriz do sonhar social, a técnica da amplificação é utilizada de maneira a desdobrar as associações surgidas na matriz, relacionando-as a eventos fatuais, culturais, históricos e artísticos, dentre outros possíveis, para compor o quadro compreensivo sobre as circunstâncias sociais nas quais os participantes vivem.

2.4 OS GRANDES SONHOS

Jung observou que certos povos ancestrais distinguem “grandes sonhos” e “pequenos sonhos”. Em linguagem contemporânea falar-se-ia de sonhos “significativos” e sonhos “banais” (Jung, 1928/1981, p. 298). Os “pequenos sonhos” são aqueles que se referem ao âmbito subjetivo pessoal e seu significado situa-se na esfera da vida pessoal do sonhador. Promovem ajustes no equilíbrio psíquico, quase sempre passam despercebidos e são esquecidos com facilidade.

Ao longo de anos de análise de milhares de sonhos, Jung constatou o aparecimento de sonhos que continham motivos mitológicos, ou seja, uma combinação peculiar de ideias e imagens encontradas igualmente em mitologias de diferentes povos. Cogitava que esses sonhos detinham um caráter coletivo, indicando um sentido comum (inconscientemente compartilhado, portanto) a toda a humanidade (Jung, 1934/1993, p. 148).

Em seu contato com povos da África Oriental, Jung constatou que os chamados “grandes sonhos” só podiam ser sonhados por pessoas notáveis, como por exemplo, feiticeiros e chefes. Para os *elgonyi*, que vivem nas florestas do Elgon, por exemplo, os pequenos sonhos não têm importância alguma. Porém, quando alguém sonha um “grande sonho”, convoca a tribo para contá-los (Jung, 1928/1981, p. 168).

E como saber se o sonho é “grande” ou “pequeno”? Um sentimento intuitivo de sua importância significativa convence o indivíduo que não deve guardá-lo para si. Sente que precisa contá-lo, supondo, de um modo psicologicamente correto, que o sonho é importante para todos. “Os processos do inconsciente coletivo não dizem respeito apenas às relações mais ou menos pessoais do indivíduo com sua família, ou com um grupo social; dizem respeito à comunidade humana em geral” (Jung, 1928/1981, p. 168). A despeito dessas observações de Jung, a teoria incipiente do sonhar social advoga a possibilidade de que

“pequenos sonhos”, ou seja, aqueles referentes a questões comumente vistas como “pessoais”, podem apontar para questões compartilhadas por uma coletividade.

A existência desses “grandes sonhos” não representa a negação de que as pessoas sonham a partir de si mesmas. A originalidade individual dos seres humanos repousa sobre uma base de semelhança universal. “Um sonho com sentido coletivo vale em primeiro lugar para o sonhador, mas exprime também que seu problema momentâneo pode ser o de outros” (Jung, 1934/1993, p. 148, destaques meus). Jung via nessa particularidade a importância prática para inúmeras pessoas que se sentem isoladas das demais, acreditando que os outros não têm os problemas que elas têm. Reconhecia, ainda, que os problemas individuais relacionam-se com o problema da época, de modo que questões subjetivas podem ser vistas sob a perspectiva das questões gerais da humanidade. Jung fazia a ressalva de que isso é válido apenas quando o sonho apresenta inequívoco simbolismo mitológico (Jung, 1934/1993, p. 148).

2.5 JUNG E O SONHAR SOCIAL

De acordo com Sonu Shamdasani (2005), psicólogo analítico, historiador e comentador das ideias de Jung, a imaginação do público foi capturada pelas ideias junguianas em virtude da valorização dos “poderes proféticos e misteriosos do sonho”, sob uma formatação de teoria científica moderna (p. 118). De fato, as reflexões de Jung sobre os sonhos abrem espaço para uma multiplicidade de perspectivas sobre seu significado para a vida humana; essas reflexões estendem-se pela obra junguiana ao longo dos 60 anos de produção teórica. Diferentemente da obra freudiana na qual temos as considerações sobre os sonhos reunidas basicamente em dois volumes (IV e XXIII), nos quais podemos acessar as ideias fundamentais de Freud sobre o assunto, Jung nos oferece *insights* distribuídos ao longo de toda sua obra. Certamente, considerava o assunto em aberto e ainda amplamente enigmático.

Jung (1912/1981) introduziu uma curiosa e significativa distinção entre “interpretação do sonho ao nível do objeto” e interpretação do sonho ao nível do sujeito”, a primeira referindo-se às expressões oníricas que podem ser remetidas a objetos reais e a segunda relacionando cada um dos componentes do sonho ao próprio sonhador. Considera que aquela é analítica, pois “decompõe o conteúdo do sonho em complexos de reminiscências que se referem a situações externas”, e esta última, sintética, pois “desliga das circunstâncias externas os complexos de reminiscências em que se baseia e os interpreta como tendências ou

partes do sujeito, incorporando-os novamente ao sujeito” (p. 76). Jung introduziu tais diferenciações para dar suporte e discutir as diferenças entre o método interpretativo analítico (causal-redutivo) e o método sintético (construtivo), este último considerado como instrumento de diagnóstico e, ao mesmo tempo, de prognóstico de desenvolvimentos psíquicos futuros. Interessa-nos aqui, para os propósitos de relacionamento das ideias junguianas com a base teórica do sonhar social, a ideias de “interpretação do sonho ao nível do objeto”.

A matriz do sonhar social, ao trazer à consciência elementos da realidade social “cossonhada” por sujeitos sonhadores, pode oferecer material para exploração psicológica individual ou grupal ao nível do objeto, como diria Jung. Ocorre que a experiência dos acontecimentos externos significa antes de tudo experienciar-se a si mesmo como sujeito que se defronta com as circunstâncias, possibilitando a interpretação ao nível do sujeito. Embora a matriz do sonhar social não se proponha o trabalho da dinâmica intrapsíquica dos sonhadores, é razoável supor que material social significativa (na perspectiva dos participantes) mobilize aspectos subjetivos das personalidades individuais. Poderíamos, então, nos perguntar se um trabalho “ao nível do objeto” – na acepção aqui discutida – poderia ser importante elemento coadjuvante de um trabalho “ao nível do sujeito” realizado, por exemplo, no contexto de uma psicoterapia individual ou grupal. Com esta reflexão, podemos hipotetizar a existência de relações sinérgicas entre o trabalho na matriz do sonhar social e o trabalho clínico.

Sardello (1997), analista junguiano contemporâneo, argumenta que a psicologia contemporânea lida com sujeitos que vivem em um mundo cuja concretude, continuidade e permanência, está se dissolvendo. A psicologia, tal como a conhecemos e praticamos atualmente, funciona porque “sentimos a segurança da concepção do mundo como um lugar literal, uma base sólida sempre presente que nos permite partir por um tempo em viagens interiores onde tudo tem uma qualidade onírica em constante movimento” (p. 27). O autor considera essa imagem do mundo ilusória, uma vez que o mundo possui uma dinâmica – uma “alma”, por assim dizer – que exige ser reconhecida. Este mundo não é um lugar de estabilidades e de cenários aos quais podemos simplesmente nos ajustar, mas um mundo vivo que nos surpreende, nos atemoriza e nos desafia. Diríamos, este é um mundo de circunstâncias. Talvez, a ideias de interpretação de sonhos ao “nível do mundo” – fazendo uso da acepção de nível do objeto proposta por Jung – encontre uma utilidade psicossocial como estratégia de reconhecimento e interação entre sujeito e mundo; os dispositivos baseados no sonhar social podem representar um recurso para tal estratégia.

O conceito de inconsciente coletivo cunhado por Jung muitas vezes foi assimilado a ideias de inconsciente social ou cultural, principalmente pelos próprios junguianos. Os exemplos oferecidos por Jung, com suas visões e sonhos ocorridos às vésperas da conflagração da Primeira Grande Guerra, autorizaram uma compreensão do inconsciente coletivo “em camadas”, por assim dizer, indo desde os estratos mais superficiais do inconsciente individual, biográfico, passando por estratos intermediários relativos aos eventos sociais e culturais e chegando aos níveis mais profundos do inconsciente coletivo, lá onde reinam as formas arquetípicas. É o que uma discípula de Jung, Jolande Jacobi (1890-1973), propõe com o seu esquema topológico, exposto na Seção 3 deste estudo, no qual estabelece a distinção entre os diferentes estratos da psiquê, permeados pela energia psíquica cuja fonte jaz nas profundezas do inconsciente.

As ideias sobre o inconsciente coletivo suscitaram, ao longo da segunda metade do século XX, questões relacionadas com o conceito de “inconsciente social”, seja contrastando-o com o conceito junguiano, seja agregando novas considerações sobre a natureza das restrições sofridas pelo indivíduo a partir dos fatores históricos, políticos, sociais e econômicos. Autores psicanalíticos, já clássicos, como E. Fromm e S. H. Foulkes, e outros contemporâneos, como Earl Hopper e René Kâes, tratarão de fazer as distinções, estabelecendo os conceitos de inconsciente social, de inconsciente comum e compartilhado. Contudo, continuaremos a dever a Carl Gustav Jung os primeiros *insights* sobre a existência de uma esfera de comunicação e compartilhamento psíquico profundo que aponta para a possibilidade do sonhar social.

No próximo capítulo trataremos das considerações teóricas formuladas por Erich Fromm (1900–1980), psicanalista alemão da “Escola Culturalista de Psicanálise”, e por psicanalistas contemporâneos, tais como o grupo-analista britânico Earl Hopper, e o francês René Kâes, pesquisador da psicanálise de grupos, em torno dos conceitos de inconsciente social, inconsciente interpessoal, polifonia dos sonhos, inconsciente comum e compartilhado, conceitos com os quais as ideias sobre o sonhar social têm forte afinidade.

3 O INCONSCIENTE SOCIAL



Figura 5. Pintura “O Sono do Pastor”,
John Henry Fuseli

O homem mentalmente sadio é capaz de obter força, consolo e o material necessário para o seu desenvolvimento mental do seu contato com a realidade, independentemente de essa realidade ser dolorosa ou não. (Bion, 2000, p. 201)

Segundo Lawrence (2005), a “largura de banda” da consciência é muito estreita para processar cerca de 14 milhões de bits de informação que recebemos rotineiramente e utilizamos para nossa sobrevivência. A consciência utiliza somente 18 bits de informação por segundo! O excedente de informação não processada conscientemente é arquivada no inconsciente e utilizada de maneira inconsciente em nossos atos e decisões. Diz o autor:

Informação infinita, inconsciente, pode ser acessada por meio do sonhar.... No cinema da noite, quando estamos adormecidos, tomamos parte em aventuras que sequer poderíamos imaginar quando despertos. Nós estamos em um lugar-sonho surreal fora do tempo e do espaço. Este espaço não é controlado por nossa consciência e mente racional cujas funções estão temporariamente suspensas no sono. (p. 28)

A mente consciente e a mente inconsciente relacionam-se simbioticamente, uma amparando-se na outra para existir. Se a informação da mente inconsciente está ausente de nosso pensar, então restringimos nossa capacidade consciente como uma totalidade. O finito – infinito estão em constante interação, um sustentando o outro. Hartmann, citado por Lawrence (2005), oferece um mapeamento dos limites entre a consciência e o inconsciente – *continuum* vigília-sonho – (Figura 6).

Variável	Pensamento de vigília focalizado	Pensamento de vigília menos estruturado	Fantasia, associação-livre, devaneios	Sonhar
O quê é tratado	Insumos perceptivos: símbolos matemáticos, signos, palavras	Menos palavras e signos; mais imaginário viso-espacial		Imaginário quase puro
Como	Relações lógicas: se A então B	Menos lógica, mais notações ou figurações de similaridades, mais metáfora		Figura metafórica quase pura
Autorreflexão	Altamente autorreflexiva: eu sei que estou sentado aqui, lendo	Menos autorreflexivo; mais envolvida no processo, no imaginário		Em “sonhos típicos” total <i>thereness</i> , nenhuma auto-reflexão
Sequência de ideias ou imagens	$A \rightarrow B \rightarrow C \rightarrow D$	$A \rightarrow B \rightarrow C$ e $B \rightarrow D$	$A \rightarrow B \rightarrow C$ e $B \rightarrow D$ e $C \leftrightarrow D$	$A \leftrightarrow B \leftrightarrow C \leftrightarrow D \leftrightarrow A$ e $A \leftrightarrow C$ e $B \leftrightarrow D$
Processamento	Relativamente serial; rede funciona principalmente como rede impulsionadora		Rede funciona mais como rede auto-associativa	
Limites	Sólida divisão e categorização, limites rigorosos	Categorização menos rígida, limites mais tênues		Mistura, condensação; perda de categorias; limites tênues
Subsistemas	Atividade ocorre principalmente dentro de subsistemas estruturados		Atividade ocorre menos dentro de subsistemas estruturados e mais através ou por fora de subsistemas estruturados	

Figura 6. Quadro do *continuum* vigília-sonho (Hartmann, citado por Lawrence, 2005, p. 33).

A lógica do inconsciente, ou infinito, é baseada na simetria (Matte-Blanco, 1998). Ela tende a unir tudo em uma unidade que é ilimitada. Em contraste, o pensar científico promove a distinção e discriminação, operando no campo do finito. Na mente consciente as redes mentais são fortemente estruturadas; conseqüentemente, a seqüência de ideias é linear. Quando o inconsciente está operando, as redes mentais são menos fortes e o pensar é

ramificado e auto-associativo. O consciente e o inconsciente não são categorias rígidas, mas são misturados no *continuum* da mente.

Lawrence (2003) refere-se ao conceito de “inconsciente social” para demonstrar a possibilidade do “sonhar social” e fundamentar o dispositivo da “matriz do sonhar social”. Além de recorrer às ideias de W.-R. Bion (1897-1979), psicanalista britânico, refere-se também aos estudos de Earl Hopper, psicanalista e grupo-analista britânico. Embora o tema do “inconsciente social” seja retomado por Hopper e Lawrence no início do século XXI, Erich Fromm (1900-1980), psicanalista alemão da “Escola Culturalista de Psicanálise”, já discutira o conceito nos anos 1960. Além disso, segundo Di Maria e Formica (2006), a inclusão de componentes mais ostensivamente sociais e coletivos na conceituação do inconsciente já havia sido iniciada por Jung. Siegfried Heinrich Foulkes (1898-1976), psicanalista alemão, deu continuidade a esse movimento com a criação da Grupo-Análise, introduzindo uma nova maneira de considerar o papel da sociedade e do mundo externo em suas imbricações com o mundo psíquico. Foulkes argumenta que para a Psicanálise de sua época a justaposição de uma realidade psicológica interna e uma realidade física ou social externa ainda fazia sentido. Para ele, no entanto, o “interno” está “fora” e o “social” não é externo, mas profundamente interno, penetrando a essência mais íntima da personalidade individual; cada indivíduo é essencialmente e inevitavelmente determinado pelo mundo no qual vive, pela comunidade e pelos grupos dos quais faz parte. As distinções entre mundo interno e mundo externo, natureza e educação, indivíduo e sociedade, fantasia e realidade, mente e corpo, já não podem ser mantidas (Foulkes, citado por Di Maria & Formica, 2006).

Esta nova maneira de ver o social como algo que atravessa e permeia o mundo interior do indivíduo abriu a possibilidade para se repensar as teorias do inconsciente. Diferentemente do inconsciente freudiano recalcado, encapsulado no indivíduo, o inconsciente social proposto por Foulkes é inconsciente mas não recalcado, aproximando-se das ideias de psicanalistas contemporâneos que propõem a existência do inconsciente “conhecido não pensado” (Bollas, 1997).

Di Maria e Formica (2006) observam que as origens do conceito de inconsciente social antecedem Foulkes e Hopper. O conceito tem suas raízes na sociologia, em Durkheim, Weber, Marx, na antropologia, na dramaturgia e na psicanálise social de Fromm e Horney, conforme dito no início. Contudo, devemos ao psicanalista Earl Hopper o estudo aprofundado das conexões entre os sistemas sociais e os sistemas mentais e suas implicações para a clínica psicológica.

3.1 A FALSA CONSCIÊNCIA

Fromm (1970) propõe que consideremos o caráter largamente ilusório da consciência humana, em decorrência da inculcação de mentiras e ficções oriundas das ideologias sociopolíticas. A necessidade de sobrevivência de cada sociedade em sua forma particular, preservando seus valores e modos de ser, implica ignorar as metas mais amplas e comuns a todos os seres humanos. A contradição entre a meta social e a meta universal conduz à elaboração de racionalizações e ficções sociais que modelam as consciências individuais, gerando uma “falsa consciência” (p. 115).

Assim, não nos percebemos uns aos outros e às situações como elas são. Nesse sentido, a inconsciência é idêntica à não percepção da verdade; tornar conhecido o inconsciente significa, então, descobrir a verdade. “Descobrir a verdade” significa remover as ilusões, reconhecer o que o objeto não é: “A verdade não é uma afirmação final sobre alguma coisa, mas um passo na direção do desengano; o conhecimento do inconsciente torna-se um elemento essencial na busca da verdade, a educação um processo de decepção” (Fromm, 1992, pp. 83-84). O conteúdo da consciência, então, não reflete precisamente a realidade. A realidade oculta – inconsciente – é revestida de um valor diferencial, na medida em que se torna consciente.

A pessoa comum, no estado de vigília, encontra-se como que num estado de meio-adormecimento, embalada pelas ficções implantadas em sua consciência pela sociedade. Só tem percepção da realidade no limite do que exige o seu bom funcionamento social. Assim, sua consciência é sempre uma “falsa consciência” ou, pelo menos, uma consciência muito parcial da realidade. Contudo, ela pode tornar-se consciente da realidade que subjaz a essas ficções.

O artista expressa a experiência que a pessoa mediana percebe mas sobre a qual é inconsciente. A dramaturgia dá vida a uma experiência que está normalmente recalcada porque contradiz toda experiência permissível. “O que Hamlet recalca não é o desejo incestuoso, mas seu conhecimento da realidade. A invenção do fantasma serve para estabelecer a verdade que está recalcada porque é incompatível com a convenção e o pensável. Na arte ele faz o que o psicanalista faz em escala privada: descobre a verdade recalcada” (Fromm, 1992, p. 84).

3.2 O RECALCAMENTO E O INCONSCIENTE SOCIAL

Todas as sociedades criam um sistema de categorias conceituais que determina as formas de percepção. A consciência humana, em sua complexidade, organiza-se em torno dessas categorias, possibilitando a atribuição de significado. Algumas categorias, tais como o tempo e o espaço, podem ser universais. Outras são menos gerais e podem diferir de cultura para cultura, por exemplo, a causalidade e a sincronicidade (Fromm, 1970; Jung, 1952/1991).

Este sistema de categorias conceituais funciona como um “filtro socialmente condicionado” que permite à experiência tornar-se ou não consciente (Fromm, 1970, p. 116). O filtro consiste numa língua, numa lógica e em costumes (ideias e impulsos proibidos ou permitidos) e é de natureza social. É específico em cada cultura e determina o inconsciente social. Todo o aparato cultural da sociedade serve ao propósito de manter inconsciente determinados aspectos sociais. O recalçamento de certos impulsos e ideias representa função importante para assegurar o funcionamento da sociedade. “O inconsciente social é rigidamente prevenido contra o enriquecimento da consciência” (Fromm, 1992, p. 80).

É fato sabido que muitas experiências não se prestam facilmente a serem percebidas. Certas experiências estéticas oriundas do cotidiano, por exemplo, são mais facilmente percebidas em culturas orientais do que nas culturas ocidentais. Experiências afetivas podem não encontrar palavras adequadas para serem expressas em determinada cultura. Nas culturas ocidentais, por exemplo, a palavra “amor” é utilizada para designar toda uma gama de sentimentos que vai do simples gostar, apreciar algo, até à paixão erótica e ao amor fraterno e materno (Fromm, 1970, 1995). A discriminação das experiências, portanto, depende da existência de um repertório linguístico que possibilite a sua percepção e, portanto, a sua expressão: “Pode-se dizer que uma experiência raramente atinge a percepção quando a língua não tem palavras que a traduzam” (Fromm, 1970, p. 117). A língua funciona, então, como um elemento filtrante da transformação da experiência em consciência.

Além disso, as línguas diferem entre si em função de outros elementos, tais como a sintaxe, a gramática e semântica. A língua é a expressão de “uma atitude de vida”, uma “expressão congelada da vida experimentada de certa maneira” (Fromm, 1970, p. 117). Fromm exemplifica com a conjugação de certos verbos em diferentes línguas, que ora expressa a fonte de experiência, ora o grau de completude da ação, ora o tempo em que a ação ocorre (passado, presente, futuro). A diferença na forma de conjugar o verbo expressa diferentes formas de experimentação da ação (Fromm, 1970).

O segundo aspecto do filtro é a lógica do raciocínio das pessoas de determinada cultura. O “lógico” de uma cultura é visto como “ilógico” por uma outra cultura. Pessoas que utilizam estritamente a lógica aristotélica, fundamentada na lei da contradição, ou seja, algo não pode ser “A” e “Não-A”, ao mesmo tempo, têm dificuldades em compreender aspectos paradoxais da vida. A dificuldade das pessoas terem percepção de sentimentos ambivalentes, tão comumente constatado na situação clínica, decorre dessa lógica peculiar característica das culturas ocidentais.

O terceiro aspecto do filtro é o conteúdo da experiência (Fromm, 1970). Sentimentos, pensamentos, que se chocam com os valores prezados por determinada sociedade, não podem ser expressos. Segundo Fromm, são coisas que não só não devem ser feitas mas que nem mesmo podem ser pensadas. A experiência analítica é rica em tratar tais experiências reprimidas, geradoras de sintomas psíquicos. Fromm recorre ao conceito de “caráter social” para explicar a razão pela qual o ingresso de certas experiências à consciência é vetado. O caráter social é a expressão da modelagem das personalidades individuais segundo os valores de dada sociedade, responsável pela introjeção desses valores na estrutura psíquica dos indivíduos. O medo ao ostracismo, à perda de conexão com outros seres humanos, faz com que o indivíduo não permita a si mesmo a percepção de impulsos, sentimentos e pensamentos “proibidos” que o conduziriam a um afastamento do ideal social e, portanto, das pessoas que compartilham desses valores sociais, deixando-o entregue à solidão (Fromm, 1941/1974).

A consciência, portanto, representa apenas o restrito âmbito da experiência socialmente padronizada enquanto que o inconsciente representa a riqueza e a profundidade do homem universal. Aqui, Fromm parece concordar com o caráter positivo frequentemente atribuído ao inconsciente por Jung em seus vários escritos. Fromm se pergunta: o que acontece quando tenho percepção daquilo de que, até então, não percebia? Tornar-se consciente é compreender o caráter amplamente fictício da chamada consciência normal. Ampliar a consciência significa “entrar em contato com a realidade e – nesse sentido – com a verdade (intelectual e afetivamente)” (Fromm, 1970, p. 128).

Em síntese, consciência e inconsciência são socialmente condicionadas (Fromm, 1970). Uma experiência só emerge à consciência se passar pelo triplo filtro da língua, da lógica e dos tabus socialmente condicionados (caráter social). As experiências que não passarem por esse filtro permanecem “inconscientes”. A análise de Fromm conduz à mesma conclusão a que chegou Marx ao formular o problema da consciência, em sua clássica assertiva: “Não é a consciência dos homens que lhes determina a existência mas, pelo contrário, é a sua existência social que lhes determina a consciência” (Marx, citado por

Fromm, 1970, p. 122). Esta ordem de ideias e sua importância para o trabalho psicanalítico retornarão nos trabalhos de Hopper (2003, 2006) estudados mais adiante.

Na perspectiva de Fromm, o recalçamento derivado das experiências particulares do indivíduo é marginal quando comparado com os fatores associados aos filtros sociais descritos pelo psicanalista. Os fatores individuais são tanto mais eficientes quanto mais operarem na direção dos fatores sociais.

3.3 A SUPRESSÃO DO RECALCAMENTO

Diante dessas concepções sobre o “inconsciente social”, como se dá o processo de desrecalque, ou seja, como é possível tornar consciente aquilo que os filtros sociais mantêm inconsciente? A resposta mais óbvia relaciona-se com o tratamento psicanalítico; afinal, a psicanálise estrutura-se como método voltado para trazer o inconsciente à consciência. Fromm (1992), contudo, relaciona alguns fatores que possibilitam a supressão do recalçamento: situações de mudança social radical, nas quais muitas categorias tradicionais entram em colapso e conduzem à supressão do recalçamento, pelo menos em certas áreas, bem como o grau de “vigilância” ou vivacidade da pessoa, a sensibilidade aos próprios humores, aos movimentos psíquicos de si mesmo e de outras pessoas. A prática do relaxamento físico e mental, do silêncio e da concentração parece propiciar mais alto grau de vigilância e, conseqüentemente, de conhecimento (Fromm, 1992).

Se vivo estivesse à época das primeiras experiências e formulações teóricas sobre o sonhar social, Fromm certamente apreciaria a criação de um dispositivo de trabalho grupal que facilitasse a emergência de aspectos sociais recalçados ou fracamente percebidos pelos participantes. O processo descontraído de associação livre, a liberdade de expressão e de experimentação em relação a novas ideias pode representar uma maneira adicional para acessar aquilo que é conhecido em nível inconsciente mas não pensado na consciência.

3.4 O CONCEITO DE INCONSCIENTE SOCIAL NA PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Em “*The Social Unconscious in Clinical Work*”, Hopper (2003) propõe-se a discutir as influências e pressões (“*constraints*”) dos sistemas sociais sobre os indivíduos e seus mundos internos, bem como os efeitos que fantasias, ações, pensamentos e sentimentos inconscientes

exercem sobre os sistemas sociais. Trata-se de um campo de conhecimento que tradicionalmente tem sido estudado como “o indivíduo e o grupo”, principalmente pela terapia psicanalítica de grupo e análise de grupo. Para Hopper, um analista desatento aos possíveis efeitos dos fatos e forças sociais não será sensível à recriação desses fatos e forças no contexto da situação terapêutica. Ele não será capaz de prover um espaço para os pacientes imaginarem como suas identidades foram formadas numa articulação histórica e política, e como isto continua a afetá-las ao longo de suas vidas (Hopper, 2003).

Sabemos, pelo menos em teoria, que o estudo de grupos e indivíduos é sempre contextual. Os contextos são diversos, em número e variedade, tais como o contexto ecológico, social, cultural, psicológico e fisiológico. O conceito de inconsciente social refere-se à existência de influências ou pressões de arranjos contextuais, sociais, culturais e comunicacionais, dos quais as pessoas não são conscientes: inconscientes até onde esses arranjos não são percebidos, e se percebidos, não reconhecidos, e se considerados, não problematizados, e se problematizados, não considerados num grau ótimo de detalhamento e objetividade (Hopper, 2003). Embora as pressões sociais sejam às vezes entendidas em termos de mito, ritual e costumes, elas são da ordem do desconhecido, da mesma forma como as pressões dos instintos e das fantasias o são, principalmente em sociedades com alto grau de rigidez. Contudo, as pressões não implicam somente restrições, inibições, ou limitações, mas também facilitação, desenvolvimento e transformação de sensações em sentimento. Para Lawrence (2003), o inconsciente social por sua natureza de “inconsciente” é constituído por elementos beta que ficam disponíveis para transformação em elementos alfa (Bion, 1988), propiciada no trabalho em grupos-analíticos e na “matriz do sonhar social”.

O conceito de inconsciente social pode ser usado para referir os elementos e processos sociais e culturais que existem em três categorias do fenômeno inconsciente. Primeiro, encontramos os fenômenos dos quais as pessoas não têm consciência mas dos quais elas tiveram formalmente consciência, por exemplo, os pensamentos e sentimentos denotados pelo “complexo de Édipo”. Segundo, aqueles fenômenos dos quais as pessoas não têm consciência mas dos quais tiveram parcialmente consciência, por exemplo, a vida de fantasia que ocorreu antes da aquisição da linguagem. E, terceiro, os fenômenos dos quais as pessoas não têm consciência e dos quais elas nunca foram conscientes. Este tipo de informação que foi e é basicamente inacessível ao conhecimento e que não pôde e nem pode ser conhecida diretamente, é chamada de “arcaica”, ou “o conhecido não pensado”, na expressão de Bollas (1997).

O inconsciente social não é apenas uma matéria de pré-consciente, e não pode ser reduzido a questões de consciência. O inconsciente social tem suas “leis” no mesmo sentido em que o inconsciente dinâmico opera de acordo com o “processo primário”, proposto por Freud. Dilemas e contradições estruturais fazem parte do inconsciente social e alguns arranjos e padrões culturais impossibilitam outros (Hopper, 2003, p. 127).

Foulkes atribuiu especial importância ao reconhecimento e análise das forças sociais nos níveis interpessoais e transpessoais, assumindo que a vida psíquica é desde o princípio orgânica e social.

A situação grupoanalítica, ao lidar com o inconsciente no sentido freudiano, traz para o campo de trabalho uma área totalmente diferente da qual o indivíduo está igualmente inconsciente. Além do mais, o indivíduo é compelido tanto por essas forças colossais quanto pelo seu próprio id e defende-se contra o seu reconhecimento sem estar consciente disso, mas de formas e modos muito diferentes. Poder-se-ia falar de um inconsciente social ou interpessoal.¹ (Foulkes, citado por Hopper, 2003, p. 128)

3.5 A REPETIÇÃO DE SITUAÇÕES SOCIAIS: O CONCEITO DE EQUIVALÊNCIA

Em vários tipos de sistemas sociais, as pessoas tendem inconscientemente a recriar situações (em termos de ações, fantasias, relações objetais e afetos) que ocorreram em outro tempo e espaço, de maneira que a situação atual pode ser considerada como “equivalente” à situação anterior. O conceito de “equivalência”, relacionado ao inconsciente social, é análogo à criação pessoal de sintomas ou sonhos em termos de fantasias que emergem da mente inconsciente fundamentada biologicamente (“id”, na concepção psicanalítica), pelo menos do ponto de vista da psicanálise tradicional (Hopper, 2003).

As situações recriadas são comumente aquelas nas quais as pessoas foram traumatizadas, porque as ansiedades conectadas com o trauma, assim como as percepções mesmas do trauma são frequentemente submetidas à negação e outras formas primárias de

¹ Tradução livre do autor. No original: “The group-analytic situation, while dealing with the unconscious in the Freudian sense, brings into operation and perspective a totally different area of which the individual is equally unaware. Moreover, the individual is as much compelled by these colossal forces as by his own id and defends himself against their recognition without being aware of it, but in quite different ways and modes. One might speak of a social or interpersonal unconscious.” (Foulkes, citado por Hopper, 2003, p. 128)

proteção, tais como encapsulamento e dissociações. Além disso, as pessoas necessitam recriar situações traumáticas a serviço da expulsão e do ataque, domínio e controle, numa tentativa de comunicar experiências não-verbais e inefáveis. Esses processos estão associados com a compulsão à repetição e à traumatofilia (Hopper, 2003).

“Equivalência” ocorre através de formas de externalização e internalização, especialmente identificação projetiva e introjetiva. A equivalência pode ser vista como uma espécie de transferência grupal de uma situação inconsciente para o contexto social do grupo em sua situação presente (Hopper, 2003). Resumindo, as pessoas são afetadas profundamente pelos fatos e forças sociais e culturais e tais influências são largamente inconscientes ao longo de toda a trajetória de vida; situações caracterizadas por extrema desesperança são especialmente repetidas.

3.6 ESPAÇO E TEMPO NO CAMPO CLÍNICO

Na tentativa de organizar a percepção sobre a influência dos fatores sociais e políticos sobre a experiência clínica, Hopper apresenta um quadro de referência para o trabalho clínico, propondo articulações das dimensões tempo e espaço. A dimensão do tempo pode ser dividida em “Agora” (*Now*) e “Então” (*Then*), e a dimensão do espaço em “Aqui” (*Here*) e “Lá” (*There*). Compõe-se, então, o seguinte diagrama (Figura 7):

		Espaço	
		Aqui (<i>here</i>)	Lá (<i>there</i>)
Tempo	Agora (<i>now</i>)	1	2
	Então (<i>then</i>)	3	4

Figura 7. Quadro das dimensões do trabalho clínico em termos da articulação do tempo e do espaço para o paciente e o terapeuta (Hopper, 2003, p. 132).

3.6.1 Articulação ‘Aqui e Agora’ (*Here and Now*)

Esta particular articulação de tempo-espço é valorizada nas abordagens analíticas pois é nela que ocorrem os afetos mais intensos. O trabalho na transferência é, por definição, trabalho da relação analítica no “Aqui e Agora” e tem sido frequentemente considerado como o verdadeiro escopo do trabalho analítico, tendo precedência sobre todos os outros elementos (Hopper, 2003). Na perspectiva psicanalítica, a fantasia inconsciente distorce a percepção e a introjeção dos objetos em seu estado “verdadeiro”. Além disso, considera-se que a história pessoal não pode ser narrada com qualquer grau de objetividade. De um ponto de vista existencialista, não há nada além do “Aqui e Agora” e é inevitável que as reconstruções sejam baseadas em projeções retrospectivas. Para Hopper (2003), tais posições representam afirmações óbvias. Contudo, observa o autor, o conceito básico de “Aqui e Agora” não deve ser confundido com um presente a-histórico, o que seria uma posição insustentável que significaria uma situação a-histórica envolvendo os indivíduos. Indivíduos e suas situações estão sempre no presente histórico por definição. Embora a análise da transferência seja a tarefa primária do trabalho terapêutico, ela é menos do que a totalidade do relacionamento entre analista e paciente e, portanto, deve incluir muito mais do que o meramente “Aqui e Agora”.

3.6.2 Articulação “Lá e Agora” (*There and Now*)

“Lá e Agora” refere-se ao que está acontecendo entre o paciente e seus “outros significativos”, uma esposa ou um parceiro, pares, ou pessoas de sua rede interpessoal. De maneira geral, esta é a fonte do material consciente, mas é também onde encontramos o inconsciente social, ou seja, as injunções das circunstâncias e fatos sociais sobre o psiquismo.

3.6.3 Articulação “Aqui e Então” (*Here and Then*)

O “Aqui e Então” inclui o trabalho de reconstrução, por meio do qual tradicionalmente tentamos conectar o que está ocorrendo no “Aqui e Agora” com o que aconteceu na vida precoce da pessoa. Nós podemos voltar indefinidamente para o “Então”. Além disso, o “Aqui e Então” se refere à trajetória do mundo interpessoal do paciente, começando no ventre materno, se não antes. Do ponto de vista do paciente e do analista, contudo, o relacionamento de tratamento, a entrada do analista na vida do paciente, é um evento recente. O

relacionamento de tratamento seria incluído, então, no “Aqui e Então” porque ele se refere ao que aconteceu entre o analista e o paciente ao longo de certo tempo. “Ontem”, ou mesmo “mais cedo, na sessão”, é parte do “Aqui e Então”. Estas três articulações de tempo-espço constituem os três ângulos do clássico triângulo terapêutico (Hopper, 2003).

3.6.4 Articulação “Lá e Então” (*There and Then*)

Todos os terapeutas trabalham no “Aqui e Agora” e tentam conectar esse fenômeno com o “Aqui e Então” e o “Lá e Agora”, e vice-versa. Por exemplo, nós tentamos ajudar um paciente a compreender que ele está se relacionando conosco da mesma maneira como ele se relacionou com seu pai ou sua mãe em uma fase precoce de sua vida e parece que é assim que ele se relaciona com sua mulher ou parceiro. O “Lá e Então” refere-se à experiência precoce dos fatos sociais no contexto social mais amplo, especialmente, mas não exclusivamente, como foi mediada pelos relacionamentos no “Aqui e Então”, tais como a família e outros grupos primários.

Embora sejamos ensinados que num bom trabalho clínico deveríamos evitar discutir material que poderia ser categorizado como “Lá e Então” porque isto seria uma tentativa de escapar das ansiedades – um manejo defensivo, um conluio entre analista e paciente –, Hopper discorda. O autor avalia que a interpretação da transferência no “Aqui e Agora” não é completa sem referência ao “Lá e Então”, pois “devemos ser capazes de ajudar o paciente a juntar as peças de suas comunidades social e psíquica”² (Hopper, 2003, p. 136).

3.7 O INTERCÂMBIO TERAPÊUTICO E OS FENÔMENOS POLÍTICOS E SOCIAIS

Para pensar sobre o material localizado nas articulações “Lá e Agora” e “Lá e Então” de maneira clinicamente útil, Hopper aborda os possíveis intercâmbios clínicos, considerando-se as preocupações manifestadas pelo paciente e as ênfases atribuídas pelo analista (Figura 8).

² Tradução livre do autor. No original: “we must be able to help a patient put together the pieces of both his social and psychic communities.” (Hopper, 2003, p. 136)

		A <u>intervenção</u> do terapeuta <u>ênfatisa</u> as injunções das	
		Realidades Interna	Realidades Externa
A <u>preocupação</u> do paciente é	Associal e Apolítica	1. O material do paciente é conscientemente apolítico e associal, e o analista enfatiza o mundo interno do paciente	2. O material do paciente é apolítico e associal, e o analista enfatiza o mundo externo do paciente.
	Social e Política	3. O material do paciente é conscientemente político e social, e o analista enfatiza o mundo interno.	4. O material do paciente é conscientemente político e social, e o analista enfatiza o mundo externo do paciente.

Figura 8. Quadro das dimensões do trabalho clínico em termos das preocupações do paciente com fenômenos políticos e sociais, e a ênfase do terapeuta sobre a realidade interna ou externa (Hopper, 2003).

Hopper considera que os conceitos de “inconsciente social” e “equivalência” são úteis para se lidar com as dimensões 2 e 4 do intercâmbio analista-paciente, que ocorrem nas articulações “Lá e Agora” e “Lá e Então”, bem como com a interpretação de processos e conflitos intra-psíquicos em termos de processos interpessoais que refletem as influências dos fatos sociais e culturais do presente e do passado. Em seu trabalho com grupos, demonstra como os participantes tornam-se conscientes das influências e pressões do ambiente social e político; às vezes, o material transferencial coletivo e individual apresentado no “Aqui e Agora” conecta-se com as influências sociais no “Lá e Agora” e “Lá e Então”.

3.8 UM MODELO DE MATURIDADE DECORRENTE DAS IDEIAS SOBRE O INCONSCIENTE SOCIAL

Hopper enfatiza que um modelo de maturidade está implicado na teoria dos efeitos inconscientes das influências sociais e culturais. Reporta-se a Fromm (1964) que considera o “caráter revolucionário” expressão da maturidade psicológica:

O “caráter revolucionário” indica alguém que se identifica com a humanidade, transcende os limites estreitos de sua própria sociedade e que é capaz de criticar a sua

ou qualquer outra sociedade. Ele não está preso na cultura paroquial em que nasceu, a qual não é nada mais do que um acidente temporal e geográfico. Ele é capaz de olhar para seu ambiente com os olhos abertos de alguém que está desperto e que encontra os critérios para julgar o que é acidental e o que é não-acidental de acordo com as normas da raça humana. (p. 124)

A pessoa madura é aquela capaz de transcender os limites de sua própria base cultural e, além disso, refletir sobre as circunstâncias, problematizando-as e localizando-as no contexto social, histórico e contemporâneo. Ela é capaz e deseja pensar sobre sua própria vida psíquica e sobre a dos outros, sobre sua própria comunidade interpessoal e a dos outros e sobre sua própria identidade e a dos outros. O caráter revolucionário deve ser capaz de tornar o inconsciente social consciente, o que complementa a tradicional ideia de que a maturidade requer a substituição do id pelo ego (Hopper, 2003).

Dispositivos tais como o da matriz do sonhar social, se forem eficazes em trazer à consciência aspectos negligenciados da realidade social, certamente contribuirão para a promoção da maturidade psicossocial das pessoas envolvidas.

3.9 INCONSCIENTE SOCIAL OU COLETIVO?

Embora muitos junguianos usem o “inconsciente coletivo” como sinônimo para “inconsciente social”, há diferença entre esses dois conceitos. O “inconsciente coletivo” enfatiza aquilo que os junguianos chamam de “arquetipos” e fenômenos arquetípicos, fantasias inconscientes de situações sociais complexas, e também de figuras situadas nesses contextos, as quais são inatas e resultantes de características adquiridas e enraizadas em situações que ocorreram reiteradamente através dos tempos. Outros junguianos contemporâneos usam o conceito de “inconsciente coletivo” a fim de explorar a importância do processo de socialização. Nesse caso, o conceito é quase o mesmo de “inconsciente social” (Hopper, 2006).

Fromm (1992) já enfatizara a diferença entre o “inconsciente social”, tal como proposto por ele próprio, e o “inconsciente coletivo”, definido por Jung: o primeiro relaciona-se com a estrutura da sociedade na qual vive o indivíduo, enquanto que o segundo diz respeito às predisposições arcaicas comuns a todos os seres humanos. Para alguns junguianos, como por

exemplo Jolande Jacobi, colaboradora de C. G. Jung, o inconsciente se apresenta em diferentes níveis de profundidade. Ela descreve uma espécie de árvore genealógica psíquica, estabelecendo relações filogenéticas com o esquema ontogenético (Figura 9). Nas profundezas repousa o incomensurável, a força central da qual a psiquê individual se diferenciou. Acima dessa base incomensurável está o sedimento de nossa experiência animal e, acima dela, aquela de nossos ancestrais. Cada seção resulta de uma diferenciação da psiquê coletiva, e é atravessada por ela, passando por grupos nacionais, nações, tribos, famílias, chegando-se enfim à psiquê individual (Jacobi, 1943). Entende-se, então, como muitos junguianos, às vezes, intercambiam os conceitos de inconsciente social e coletivo.

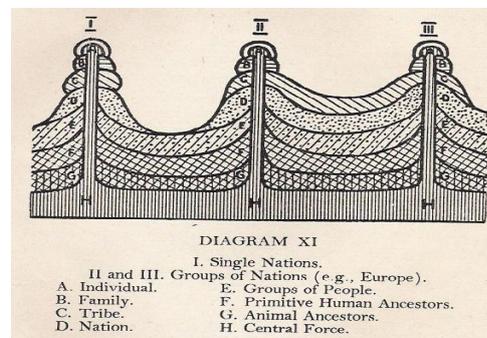


Figura 9. Inconsciente: ontogenia e filogenia”, segundo Jacobi (1943).

Preocupado com o fato de que a ideia de um inconsciente social possa ser tomada como uma afirmação da existência de uma “mente inconsciente” de um sistema social, Hopper (2006), em artigo disponível na internet, insiste na concepção de que o inconsciente social refere-se ao fato de que as pessoas podem desconhecer e frequentemente desconhecem fatores e forças sociais que atuam sobre elas; refere-se também, especificamente, a essas mesmas forças e fatores sociais dos quais as pessoas não se dão conta, da mesma maneira em que a noção de inconsciente geralmente se refere ao fato de que as pessoas podem ignorar uma variedade de fatores e forças biológicas e psicológicas que atuam sobre elas e também pode referir-se, mais especificamente, a esses mesmos fatores e forças. Ou seja, o inconsciente social refere-se à natureza social de um objeto particular do qual as pessoas são inconscientes.

Insiste, ainda, que o “inconsciente social” refere-se às injunções (*constraints*) dos objetos sociais que foram internalizados, ou seja, os aspectos do “mundo social” ou da matriz fundacional, incluindo os aspectos desta matriz que envolvem representações depositadas e

que têm sido projetadas através das gerações. Objetos sociais são internalizados da mesma forma que todos os objetos externos são internalizados, ou seja, com base nos processos negativos que envolvem identificações com agressores de diversas espécies, e de processos positivos que envolvem identificações com objetos amorosos e protetores de várias espécies.

A despeito da crítica que Hopper (2006) faz do uso literal de expressões tais como “inconsciente coletivo” e “inconsciente social”, como se os sistemas sociais tivessem uma “mente”, ou “consciência”, o autor aceita o seu uso como uma expressão metafórica para chamar atenção sobre certos aspectos dos sistemas sociais dos quais as pessoas estão inconscientes. Chega mesmo a afirmar que prefere utilizar o termo “inconsciente compartilhado” ou “inconsciente interpessoal” para designar aqueles aspectos do sistema social dos quais as pessoas estão inconscientes. Segundo Hopper, a primeira designação tem sido preferida pelos psicólogos analíticos junguianos, enquanto que a segunda é utilizada por alguns psicanalistas influenciados pela Escola Britânica das Relações Objetais, e também por analistas de grupo da tradição foulkesiana que mencionam o fato de que Foulkes, na discussão do conceito de inconsciente social teria se referido a processos “interpessoais”.

Em face das preocupações expressas por Hopper, examinaremos no próximo capítulo os conceitos de “polifonia dos sonhos” e de “inconsciente comum e compartilhado” que surgem na obra de René Kâes como expressão do atual estágio das ideias psicanalíticas sobre o sonho e o sonhar, em particular naquilo que diz respeito ao tema deste estudo.

4 A POLIFONIA DOS SONHOS E O ESPAÇO PSÍQUICO COMUM E COMPARTILHADO



Figura 10. Desenho “*People Sitting*”, ícone da cultura aborígene australiana que representa pessoas que se assentam em uma área de acampamento ou em torno de uma fonte de água.

A perspectiva de um espaço onírico comum e compartilhado abre o espaço onírico postulado como fechado, na mesma medida em que se abre o próprio espaço psíquico: dupla abertura, que determina novas condições da experiência onírica, do trabalho do sonho e de sua interpretação na situação psicanalítica.
(Käes, R., em *A Polifonia dos Sonhos*, 2004, p. 20)

As experiências com grupos floresceram após o fim da Segunda Grande Guerra. Os trabalhos práticos e teóricos de Bion e Foulkes são exemplos da tentativa de responder às crescentes demandas por tratamento psicoterapêutico. Não tardou para que o pensamento psicanalítico se debruçasse sobre a questão do fenômeno grupal, contribuindo para a compreensão do funcionamento dos grupos e as conseqüentes retroações sobre os indivíduos, constituindo o que se chamou de pesquisa psicanalítica sobre grupos (Carvalho, 2004).

O psicanalista francês René Käes destaca-se na enunciação de uma “metapsicologia dos conjuntos intersubjetivos” (Carvalho, 2004, p. 15). Em sua mais recente obra – *A Polifonia dos Sonhos* – Käes (2004), além de fazer uma extensa revisão bibliográfica do assunto, apresenta suas ideias a respeito dos dispositivos plurais de tratamento psicanalítico (o grupo, família, casais). O cerne de seu posicionamento consiste na proposição de um modelo do sonho “como evento que se abre ao outro (e a mais de um outro) realizando suas principais funções psíquicas” (Carvalho, 2004, p. 16). Para o psicanalista, o sonho é uma “forma de comunicação arcaica, como produção conjunta de grupos que se investem afetivamente, como função de expressão do sujeito psíquico e da subjetividade dos sujeitos que se apóiam sonhando” (Carvalho, 2004, p. 16). Käes tratará o sonho, conseqüentemente, como um fenômeno polifônico, qual seja, o do entrelaçamento de vozes e de experiências que, ao mesmo tempo em que permite ao sonhador reconhecer-se na sua produção onírica, com suas questões pessoais, possibilita também o reconhecimento do caráter comum e compartilhado dessa produção, referindo-se portanto às questões intersubjetivas de um conjunto de pessoas.

O autor propõe três hipóteses para uma revisão da teoria freudiana sobre o sonhar: o espaço onírico não fechado em si mesmo e no próprio indivíduo, mas como sendo comum e compartilhado; a existência de um segundo umbigo do sonho, em complemento à ideia de Freud sobre o “umbigo dos sonhos” (Freud, 1900/2000) e a organização polifônica do sonho (Käes, 2004, p. 29)

Enquanto que o primeiro umbigo do sonho, descrito por Freud, representa o ponto onde o sonho “assenta no desconhecido” e surge do inconsciente profundo ancorado na experiência corporal, o segundo umbigo, é o *locus* onde o sonho nutre-se do “micélio intersubjetivo” e surge do inconsciente ancorado no espaço psíquico comum e compartilhado (Käes, 2004, p. 29).

À ideia de um espaço psíquico fechado, encapsulado na vida psíquica do indivíduo, Käes (2004) contrapropõe o conceito de espaço psíquico comum e compartilhado. Para isso trata de distinguir o “comum” do “compartilhado”, dizendo que nem tudo que é comum é compartilhado. Algo que é comum só passa à condição de coisa compartilhada – psiquicamente compartilhada – quando envolve identificações, fantasias ou algum mecanismo de defesa entre as pessoas: “O que transforma o comum em compartilhado é o que ativa o vínculo. Ativar o vínculo é entrar na lógica do ‘não um sem o outro’ nas trocas tópicas, dinâmicas e econômicas” (Käes, 2004, p. 56).

Considerando-se o conceito de espaço psíquico comum e compartilhado e incluindo-se nele o espaço onírico, o sujeito que sonha situa-se entre a realização de seu próprio fim – o seu drama psíquico pessoal – e a sua pertinência a um vínculo intersubjetivo – o outro ou os outros, passados, presentes ou futuros – com os quais se vincula.

A noção de polifonia, emprestada de Bakhtin que, por sua vez, a tomou da teoria musical, refere-se originalmente à combinação de uma grande quantidade de vozes ou de sons. Käes a utiliza para descrever a maneira como o “sonho se organiza como uma combinação de várias vozes ou de várias partes de vozes”. Para ele, mesmo o sonho sendo considerado uma produção egoísta, na acepção freudiana do termo, “tece-se na trama polifônica da interdiscursividade” (Käes, 2004, p. 288).

O termo remete também à idéia de “eco” que repete os sons várias vezes (“polífono”). Käes, 2004, citando Lecourt, menciona, ainda, o conceito de “heterofonia”, advindo também do campo musical e que se refere ao fato de uma mesma melodia ser tocada por vários executantes com variantes improvisadas. Lecourt aplicou o conceito de heterofonia ao grupo familiar por considerar este o local por excelência de sua manifestação por intermédio de seus membros. Da mesma forma, o conceito de “fundo entonatório” determinado pelo grupo

social, com suas nuances representacionais e afetivas. Aqui, encontramos uma conexão com as ideias do sonhar social: o trabalho consiste em buscar esse tom de fundo ditado pelas circunstâncias compartilhadas pelos participantes, relativas ao ambiente social mais próximo (grupo social, trabalho, família) ou mais distante (cidade, país, mundo).

A combinação dessas várias vozes, que constituem a polifonia, origina-se do encontro entre os dois umbigos do sonho – pessoal e intersubjetivo – e do que Kães denomina “espaço onírico plural, comum e compartilhado”. O autor justifica a utilização do conceito, avaliando sua aplicação em dois níveis: o primeiro, referindo-se à organização interna do sonho, a partir do relato do sonho que se dá por meio “da linguagem, uma fala e uma destinação” (Kães, 2004, p. 289). O segundo nível refere-se à produção do sonho no espaço psíquico resultante da interpenetração dos espaços oníricos de vários sonhadores, onde “os sonhadores se fazem presentes e se fazem escutar por outros sonhadores, por vários ouvintes, internos e externos” (p. 289). O sonho é, portanto, sustentado por discursos heterogêneos que formam a matéria do próprio sonho, sendo consequência “da diversidade das estruturas do aparelho psíquico, das fontes do sonho, dos procedimentos de sua fabricação e dos destinatários ou dedicatórios do sonho” (p. 290).

Embora o autor refira-se especificamente ao trabalho com os sonhos em situação de psicanálise de grupo, podemos conjecturar que o trabalho com os sonhos relatados na matriz do sonhar social possibilita igualmente a revelação de parte dessa polifonia onírica, por meio do processo associativo e amplificador da interdiscursividade, trazendo à consideração dos participantes vozes e sussurros sociais distantes da consciência dos interlocutores, o “Lá e Agora” e “Lá e Então” de que nos fala Hopper (ver Seção 3).

O conceito de “destinação do sonho”, proposto inicialmente por Ferenczi – “os psicanalistas sabem... que somos inconscientemente impelidos a contar os sonhos à própria pessoa a quem seu conteúdo latente concerne” (Ferenczi, citado por Kães, 2004, p. 35) – amplia-se, no trabalho da matriz do sonhar social, para o conceito de que os sonhos narrados são endereçados ao grupo de participantes, reverberado polifonicamente pelas associações dos ouvintes. A partir daí o sonho já não pode ser visto como um enunciado fechado, encapsulado na psiquê do sonhador individual, mas como algo em transformação, atravessado pelas percepções dos outros e muitas vezes por seus próprios sonhos. Pode-se dizer que a estratégia da matriz do sonhar social retira o sonho do seu status de criação individual para torná-lo um produto social e até mesmo cultural, não só no seu engendramento constitutivo mas também na ressonância de sua narrativa sobre os indivíduos que o compartilham, o que vem ao

encontro da teoria comunicativa do sonhar proposta pelos antropólogos culturais (Tedlock, 2001).

Apreciando os trabalhos de Lawrence e colaboradores, em torno do sonhar social, Kães (2004) propõe, então, o conceito de terceiro umbigo do sonho, que seria aquele formado pela trama da sociedade da cultura, com seus temas e significados. A polifonia dos sonhos, portanto, seria decorrente da existência desses três umbigos – individual, intersubjetivo e sociocultural –, fontes geradoras dos sonhos.

5 O SONHAR SOCIAL: UMA TEORIA EM CONSTRUÇÃO

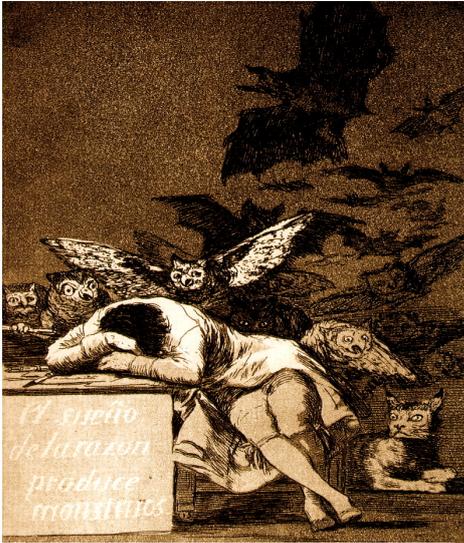


Figura 11. Xilogravura “O Sono da Razão produz Monstros”, de Goya.

Eu tenho um sonho. É um sonho profundamente enraizado no sonho americano. Eu tenho um sonho de que um dia esta nação erga-se e viva o verdadeiro significado de seu credo: “Nós mantemos essas verdades autoevidentes, que todos os homens foram criados iguais”.¹

(Martin Luther King, Jr., *I Have a Dream Speech*, Aug 28, 1963;

<http://www.americanrhetoric.com/speeches/mlkihavedream.htm>)

Os anos 1980 começavam quando dois pesquisadores do Instituto de Relações Humanas de Tavistock, em Londres, empreenderam a primeira experiência contemporânea sobre o “sonhar social”. Wallace Gordon Lawrence, socioanalista e Patrícia Daniel, psicanalista de grupo formada na tradição de Bion, formularam a questão que originaria a primeira hipótese de trabalho daquilo que seria um esboço da “teoria do sonhar social”: É possível ter sonhos que sejam entendidos em termos de conteúdos e significados sociais? O termo “*social dreaming*” não existia, até então, na literatura especializada (Lawrence, 1998).

Para testar essa hipótese, criaram um dispositivo de trabalho grupal, para o qual Patrícia Daniel sugeriu a denominação de “matriz”, com o intuito de “suspender temporariamente as noções usuais sobre processo grupal”, segundo as quais as relações interpessoais ocorridas no âmbito do grupo eram analisadas. Surgia a expressão “matriz do sonhar social” (*social dreaming matrix*) (Lawrence, 1998, p. 17).

Na matriz, procurar-se-ia dar foco aos sonhos e não à individualidade dos sonhadores. Além disso, o termo, derivado do latim *uterus*, associa-se com a ideia de um “lugar no qual alguma coisa cresce”² (Lawrence, 1998, p. 17), o que corresponde à hipótese da emergência

¹ Tradução livre do autor. No original: I have a dream that one day this nation will rise up and live out the true meaning of its creed: "We hold these truths to be self-evident, that all men are created equal." (Martin LutherKing, Jr., *I Have a Dream Speech*, Aug 28, 1963; <http://www.americanrhetoric.com/speeches/mlkihavedream.htm>)

² Tradução livre do autor. No original: “place out of which something grows” (Lawrence, 1998, p. 17).

de significados a partir dos sonhos compartilhados. Foulkes (Foulkes & Anthony, 1967), em seus estudos sobre psicoterapia de grupo, já utilizara o conceito de “matriz”, ou “rede transpessoal” para referir o fato de que:

O grupo é uma matriz de relacionamentos interpessoais e os fatos que nele ocorrem constituem fenômenos interpessoais. Esses relacionamentos e fatos existem literalmente entre duas ou mais pessoas; eles não ocorrem numa pessoa ou em outra, mas só podem se tornar existentes através da interação de duas ou mais pessoas.... A matriz social pode ser considerada uma rede, de maneira bastante próxima à rede de fibras e de células do cérebro, que, reunidas, formam uma unidade complexa. Nessa rede de grupo, ocorrem todos os processos e nela eles podem ser definidos em relação ao seu significado, sua extensão no tempo e no espaço e sua intensidade. (p. 359)

O conceito de matriz transmite a ideia de inibição e facilitação, assim como de “molde” e “matriz fundacional”, significando que pessoas e grupos são enraizadas em espécies, sociedades, culturas e sistemas de comunicação (Foulkes & Anthony, citados por Hopper, 2003, pp. 128-129). Foulkes parte da ideia de que o grupo é um todo, um organismo vivente com seus próprios humores e reações, que possui um espírito característico e gera atmosferas e climas afetivos particulares. Foulkes descreve a matriz como alguma coisa que é comum a todos os membros do grupo e que concerne não somente à dimensão das relações interpessoais, mas também e sobretudo às dimensões transpessoais e suprapessoais. Desta definição de matriz decorrem suas funções mais importantes. Todas as comunicações verbais ou não verbais se reportam à matriz. É da matriz que depende a significação e a importância do que ocorre no grupo (Neri, 2002). Os processos mentais no grupo ocorreriam sobre essa rede que funcionaria como sua base operacional, da mesma forma como os processos mentais do indivíduo utilizam o cérebro como base operacional. As linhas dessa rede passariam pelos indivíduos, considerados como pontos nodais dessa trama, como se nela estivessem suspensos. É nesse sentido que Foulkes considera a “matriz” uma rede transpessoal (Foulkes, 1967). Conceitos semelhantes foram desenvolvidos por Ruesch e Bateson, quais sejam, “rede cultural”, “comunicação intrapessoal” e “comunicação interpessoal no grupo” (Foulkes, 1967, p. 359).

Em outro trabalho (Kadis, Krasner, Winick & Foulkes, 1976), Foulkes aprofunda o conceito de rede de interação, ressaltando que uma mudança em qualquer um dos membros do grupo produzirá mudança em qualquer um dos demais, em maior ou menor grau, e poderá

encontrar, por conseguinte, algum tipo de resistência. Contudo, a resistência de um poderá não ser a de outro, criando-se, assim, a possibilidade da mudança tornar-se consciente para todo o grupo.

Ao discutir a psicoterapia de grupo que leva em consideração em especial as redes primárias dos membros do grupo (membros da família e pessoas de outros grupos próximos), o autor defende a ideia de retirar o indivíduo dessa rede primária, misturando-o com outros, de modo a formar um novo campo de interação “no qual cada indivíduo tem um novo começo.... [O indivíduo] familiariza-se com novas maneiras de sofrimento e novas maneiras de solução, como são representadas por pessoas reais colocadas na mesma sala com ele.” (p. 17)

Lawrence e Daniel apropriam-se, portanto, da noção de “matriz”, referindo-a como o tecido germinativo do qual as imagens oníricas individuais originam-se e do qual surgem as associações e amplificações temáticas que possibilitarão, por sua vez, a emergência dos significados sociais dos sonhos.

5.1 O SONHAR SOCIAL: PRIMEIROS PENSAMENTOS

As ideias iniciais sobre o sonhar social ocorreram no trabalho com grupos quando Lawrence era diretor-adjunto do Programa de Relações Grupais do Instituto Tavistock. Ele desenvolveu uma abordagem de grupo centrada no conceito de “*relationnalité*” (em francês, segundo Neri, 2002), ou “*relatedness*”, em inglês, segundo o mesmo autor (algo como “relacionalidade”, se criássemos um neologismo em português). Por este conceito, Lawrence entende a maneira pela qual a experiência e o comportamento de um indivíduo refletem e são formados pelos fantasmas, ideias, ideologias conscientes e inconscientes do grupo ou da organização que estão presentes em seu psiquismo (Neri, 2002). Na experiência de Lawrence, os sonhos apresentados no curso da vida grupal eram interpretados na perspectiva do sonhador individual, embora muitas vezes se referissem a algo que estava ocorrendo com o grupo. Desejando contemplar os aspectos contextuais do ambiente social e, ao mesmo tempo, desenvolver a autoridade pessoal dos participantes em relação aos sonhos narrados no grupo, Lawrence passou a considerar insatisfatória a abordagem tradicional que vinha praticando. Essa frustração tornou-se um dos motores da busca de uma nova maneira de lidar com sonhos na situação de grupo (Lawrence, 2005).

Além disso, Lawrence apercebera-se que estudos antropológicos com sociedades tradicionais focalizavam a atenção nas relações existentes entre o sonhar e a cultura, e não nos

aspectos relacionados com a personalidade do sonhador, conforme discutido no Capítulo 1 deste estudo. Muitos desses trabalhos remetiam a uma concepção de sonho imbricada com significados sociais. Num contexto mais próximo à cultura europeia, Lawrence impressionou-se com as experiências oníricas relacionadas a eventos políticos anteriores à Primeira Guerra descritas por Jung em seu livro autobiográfico “Memórias, Sonhos e Reflexões”, conforme mencionado na Seção 2 deste trabalho. A experiência de Jung evocava uma possível sintonia – sincronicidade, na concepção junguiana – entre eventos internos e externos, reforçando para Lawrence a intuição de que era necessário avançar em direção à formulação de hipóteses sobre o sonhar social.

5.2 UMA INFLUÊNCIA DECISIVA: SONHOS SOB UMA DITADURA

A única pessoa na Alemanha que ainda tem uma vida privada é aquela que dorme. (Robert Ley, dirigente do III Reich, citado por Beradt, 2002, p. 35)

Deus fala de várias maneiras,
 porém nós não lhe damos atenção.
 De noite, na cama,
 quando dormimos um sono profundo,
 Ele fala por meio de sonhos ou de visões.
 Deus fala aos nossos ouvidos,
 e os seus avisos nos enchem de medo.
 (Jó, 33, 14-16)

Uma importante influência, talvez a decisiva, para o início da teorização sobre o sonhar social, foi o contato de Lawrence com o livro de Charlotte Beradt (1901–1986), *The third reich of dreams*, publicado em 1966. Beradt foi uma jornalista que viveu e trabalhou na Alemanha durante o nazismo. Ela solicitava aos amigos médicos que registrassem sonhos de pacientes como parte do exame clínico. Havia um clima de controle fascista que permeava o pensamento da população alemã. Segundo a autora, os sonhos coletados derivavam do que ela chamou “a existência paradoxal do homem sob um regime totalitário no século XX” (Beradt, 2002, p. 44)³. De acordo com a autora, os sonhos registrados não eram produzidos por conflitos da realidade privada, interior, mas resultavam das realidades políticas da esfera

³ Tradução livre do autor. No original: “... l’existence paradoxale sous un regime totalitaire au XX^e siècle”. (Beradt, 2002, p. 44).

pública e das subsequentes relações humanas perturbadas. Cerca de 300 sonhos foram colecionados no período de 1933 a 1939, quando Beradt deixou a Alemanha a caminho da América (Lawrence, 1998). Em seu livro, enfatiza Beradt (2002):

Nossos sonhadores não se confrontam com os conflitos de sua vida privada, pelo menos não os conflitos do passado que resultarão em doenças, mas aqueles impostos pelo espaço público com seu acúmulo de “meios-conhecimentos” (*demi-connaissances*) e de “meias-suposições” (*demi-suppositions*), de fatos, de rumores e de hipóteses. Esses sonhos tratam de relações humanas perturbadas, mas perturbadas pelo ambiente. Este “liame do sonho com o estado desperto”, esses “pseudo-sonhos transparentes”... mergulham diretamente suas raízes na atualidade política que envolve os sonhadores; eles aí crescem e aí prosperam. São quase sonhos conscientes. Seu plano de fundo não apenas não é invisível mas muito visível. O que aparece à superfície também constitui o fundo. Não há fachada para dissimular as associações, e nenhuma pessoa substitui o sonhador para prover a ligação entre seu sonho e sua existência – ele próprio o faz”⁴. (pp. 44-45)

A experiência de Beradt reforçou para Lawrence a hipótese sobre a possibilidade do sonhar social. Condições sociopolíticas profundamente adversas retirariam o sonho de sua esfera privada, do sonhador individual, e o recolocaria no âmbito de uma produção de sentido coletivo, culturalmente compartilhado. Nas palavras de Beradt (2002), referindo-se aos seus sonhadores: “O homem em vias de tornar-se totalmente assujeitado, aquele que tomará freqüentemente a palavra com seus sonhos, viu mais claro. No sonho, a visão noturna!” (p. 47). Para os pesquisadores, ficava, contudo, a tarefa de formular algumas hipóteses em torno da viabilidade do sonhar social, e criar uma maneira de testá-las.

A experiência inaugural, denominada “Projeto em Sonhar Social e Criatividade” (*Project in Social Dreaming and Creativity*) ocorreu em 1982, no intervalo de oito semanas,

⁴ Tradução livre do autor. No original: “Nos rêveurs ne sont pas confrontés à des conflits de leur vie privée, en tout cas à ceux du passé qui les auraient rendu malades, mais à ceux dans lesquels les a plongé l’espace public avec son accumulation éprouvante de demi-connaissances et de demi-supposition, de faits, de rumeurs et d’hypothèses. Ce rêves traitent bien de relations humaines perturbées mais perturbées par l’environnement. Ce “lien du rêve avec l’état éveillé”, ces “pseudo-rêves transparents” ... plongent directement leur racines dans l’actualité politique qui environne les rêveurs; ils y croissent et y prospèrent. Ce sont presque des rêves conscients. Leurs arrière-plan non seulement n’est pas invisible mais il est très visible. Ce qui est à leur surface en constitue aussi le fond. Il n’y a pas de façade qui dissimule des associations et personne n’a à établir à la place du rêveur les relations entre son rêve et son existence; il le fait lui-même dans son rêve.” (Beradt, 2002, pp. 44-45)

contando com 13 participantes de diversas categorias profissionais. Todos tinham certa familiaridade com a abordagem do Instituto Tavistock. As sessões foram denominadas de “Matrizes do Sonhar Social” e patrocinadas pelo *Group Relations Training Programme of the Tavistock Institute*. Lawrence trabalhou como pesquisador no Instituto de Tavistock no período de 1971 a 1982, ocupando o cargo de diretor-adjunto à época do experimento (Lawrence, 1998).

A tarefa principal do projeto foi definida como “associar e interpretar o conteúdo e o significado social potencial dos sonhos compartilhados entre os participantes”. Pretendia-se colocar em teste a principal hipótese de trabalho, qual seja, a de que as pessoas podiam ter sonhos que se reportavam ao contexto social. Ao final desse evento inaugural, os pesquisadores avaliaram que tal hipótese fora validada, ou seja, o conjunto de associações e de amplificações realizadas a partir dos sonhos compartilhados propiciaram *insights* e percepções sobre dimensões do ambiente social até então fracamente percebidas ou, mesmo, não percebidas (Lawrence, 1998). A partir de então, experiências se sucederam, por meio das quais outras “hipóteses de trabalho”, como Lawrence e seus colaboradores preferem dizer, foram formuladas. Nos idos de 1980, matrizes do sonhar social foram conduzidas em Israel, Suécia, Finlândia, Holanda, Dinamarca, Alemanha, França, Itália, Reino Unido, Irlanda, Índia, Austrália, Estados Unidos da América e Ruanda (Lawrence, 2005). A partir dessas experiências ficou claro para o autor que o sonhar social lança luz sobre a vida das instituições e das empresas, por meio da manifestação do “inconsciente social” que está presente nesses sistemas.

Em artigo publicado em 1991 – *Won from the void and formless infinite; experiences of social dreaming* – e posteriormente incorporado em seu primeiro livro sobre o assunto – *Social Dreaming @ Work* –, Lawrence (1998) narra um sonho que lhe aconteceu no outono de 1990, na Bélgica, antes de uma de suas conferências sobre o sonhar social. O cenário é um jantar na casa de amigos em Paris. Chega um visitante do interior que deseja encontrar uma nova catedral porque estava envolvido com sua construção. Parece que Lawrence é o único que sabe onde ela se situa. O visitante insiste em ir de táxi, como se ele tivesse viajado uma longa distância de trem naquele dia. Lawrence desce a rua com o visitante até o local onde o táxi o aguarda e dá instruções precisas ao motorista. Resumidamente, este é o sonho. Mais tarde, em conversa com amigos, Lawrence se deu conta de que o estranho era um arquiteto cego e lembra-se de ter pensado: “Quem empregaria um arquiteto cego? Um compositor surdo é possível. Beethoven o provou. Mas um arquiteto cego? (Lawrence, 1998, p. 10).

Ocorreu ao autor que os seres humanos precisam tornar-se cegos temporariamente para enxergar os sonhos com novos olhos e desenvolver uma compreensão de uma dimensão da vida que se perdeu em nossa civilização. Na década de 1980, a idéia de que os sonhos pudessem ser analisados contando com a participação ativa de um conjunto de pessoas ainda era considerada muito radical. Pensava-se correntemente que os sonhos somente podiam ser analisados por um psicanalista e um analisando; qualquer outra configuração de trabalho era vista com suspeitas.

5.3 ENTÃO, O QUE É O SONHAR SOCIAL?

O sonhar social recupera a visão tradicional do sonhar como algo que fazia parte do discurso conversacional da vida cotidiana. Aborígenes e povos ancestrais têm usado os sonhos para informar sua vida diária. Clássicos da literatura universal, tais como o Gilgamesh (3000 a.C), a Bíblia e o Corão reportam sonhos que iluminavam a condição de vida das pessoas, destacando os dilemas e problemas enfrentados e oferecendo soluções. O sonho era visto predominantemente como um fenômeno cultural e não como uma ferramenta para a compreensão da psiquê individual. Vimos algo sobre as diferentes formas culturais de se compreender os sonhos na primeira Seção deste estudo. Coube a Freud o trabalho pioneiro de focalizar o aspecto individual, terapêutico do sonho, perdendo-se, em contrapartida, os aspectos culturais e sistêmicos do sonhar (Lawrence, 2005).

O sonhar social se caracteriza como uma atividade de intervenção coletiva sobre sonhos individuais, explorando-os em busca de uma transformação do pensar e de novos pensamentos. Essa intervenção consiste no uso dos métodos da associação livre, amplificação, e pensamento sistêmico, de modo a fazer vínculos e encontrar conexões entre os sonhos. A habilidade humana de transformar o pensamento expressa-se de diversas maneiras: uma palavra é mudada, um conceito é repensado, uma ideia é desenvolvida, um poema é escrito, um trabalho de arte é criado, uma lei científica é formulada (Lawrence, 2005). O sonhar social, ao identificar padrões que conectam os vários sonhos, revela aspectos subjacentes do grupo, organização ou sociedade e coloca questões sobre a natureza social do sonhar.

Seguindo as tradições de Jung e Bion, Lawrence (2005) acredita que o pensar e as produções criativas associadas a ele têm raízes na matriz indiferenciada do imaginário inconsciente que subjaz ao imaginário consciente que usamos no dia a dia. A “matriz do sonhar social” é uma forma e um processo. Como forma, é uma configuração de pessoas que ocupam um único espaço, ou continente, ou receptáculo para pensar sobre o conteúdo dos

sonhos e para considerar e descobrir seu significado oculto e infinito. Como processo, a matriz é “um sistema, ou rede, de emoções e pensamentos, que está presente em todos os relacionamentos sociais mas é inadvertida e não conhecida na maior parte das vezes” (Lawrence, 2005, p. 14). A matriz espelha os processos inconscientes da vida de vigília que provocam o sonhar durante o sono.

O sonhar social torna possível uma mudança da tradicional polaridade “consciente – inconsciente” para “finito – infinito”. Lawrence propõe a distinção entre “conhecimento finito” e “conhecimento infinito” para ressaltar o fato de que os seres humanos, a partir da experiência social, fazem uso de “hipóteses de trabalho” como um método científico para desenvolver cultura e conhecimento. Além disso, neste contexto, a ideia de conhecimento “finito-infinito” faz mais sentido porque é um conceito compartilhado e é potencialmente comum a todos os indivíduos à medida em que mais e mais mentes se relacionam (Lawrence, 2005). Faz sentido usar as categorias de inconsciente e consciente quando se pensa sobre assuntos pessoais. Em contraste, o sonhar social dirige a atenção para a cultura e para o “conhecido não pensado” compartilhado, conduzindo-nos para além das preocupações pessoais ego-centradas (Lawrence, 2005). Nessa perspectiva, altera-se a função do sonhar: de método terapêutico de exploração individual para método de existência no espaço imaginativo no qual torna-se possível explorar novas possibilidades para a vida social e cultural.

A mudança de foco do sonhador para o sonho alivia o sonhador da necessidade de defender seu mundo interior privado, engajando-o na aventura cooperativa de criar conhecimento para compreender o meio social. Convencionalmente, como indivíduos, costumamos analisar os sonhos como entidades separadas, enxergando as partes como símbolos e atuando como detetives para identificar as dimensões psíquicas privadas da vida do sonhador. Na matriz, os sonhos são relacionados sistematicamente, assim como o pensar. Cada sonho é visto como um fractal de outro, pois o sonhar revela-se em padrões repetitivos: um sonho é parte da sequência total de sonhos. Trabalhando com os significados potenciais dos sonhos, atenta-se para os padrões que conectam os sonhos. No sonhar social, o método do pensar sistêmico pode ser usado para encontrar um foco dos sistemas abertos: um ponto de vista mais holístico. Isto é o resultado de uma combinação do pensar analítico e do pensar sintético. O pensamento analítico ganha em discriminação das partes o que perde na compreensão da interação dessas partes; o pensamento sintético, em contrapartida, procura identificar os temas comuns como padrões repetitivos em um sistema ou uma situação e estabelecer conexões. Nas palavras de Lawrence (2005):

O benefício imediato da matriz do sonhar social é que o pensar é expandido e transformado à medida que os participantes reconhecem que nova informação está contida no sonhar. Isto é mais efetivo do que qualquer escrutínio finito, consciente. Como tem sido comprovado experimentalmente, os poderes de busca subliminares do inconsciente são superiores à visão racional consciente. No sonhar social torna-se possível não apenas conectar os padrões conscientes, mas também identificar e explicitar os padrões inconscientes. Sonhar social combina o uso da lógica da consciência e a não-lógica do inconsciente. Assim, os padrões que conectam o pensar finito com o que está no infinito, ou o não-conhecido, são discernidos.⁵ (pp. 15-16)

O pensar pode ser de quatro espécies: o “pensar como ser”, o “pensar como vir-a-ser”, o “pensar como sonho” e o “pensar como o conhecido não-pensado” (Lawrence, 2005, pp. 20-21). O “pensar como ser” é o pensar sobre a condição humana, pano de fundo de tudo o que fazemos, sempre presente. “Pensar como vir-a-ser” é o pensar sobre meios para avançar, transformar, imaginando um futuro desejável e como ele pode ser alcançado. Estes dois modos de pensamento tendem a existir à luz da consciência. Os outros dois, “pensar como sonho” e “pensar como o conhecido não-pensado” (Bollas, 1997) têm origem no inconsciente, ou infinito.

“Pensar como sonhar” é a maneira pela qual os seres humanos experienciam emocionalmente suas ações cotidianas enquanto estão adormecidos. As pessoas acessam sua poderosa vida inconsciente que está presente em seu sonhar e sua cultura. O “conhecido não-pensado” é registrado em nosso mundo interior como resultado de eventos da vida “esquecidos” que evocam uma memória da experiência inicial quando eventos similares são experienciados subsequentemente. Essa mobilização da memória causa o pensar. Assim emerge de nossa memória inconsciente algo que nós sabíamos mas que não sabíamos que sabíamos e sobre o qual não tivemos oportunidade de pensar. Esses quatro modos de pensar relacionam-se sistemicamente.

⁵ Tradução livre do autor. No original: “The immediate benefit of the social dreaming matrix is that thinking is expanded and transformed as the participants begin to recognize that new information is embedded in the dreaming. This is more effective than any conscious, finite scrutiny. As has been proven experimentally, the unconscious, subliminal scanning powers of the unconscious/infinite are superior to conscious, rational vision. In social dreaming it becomes possible not only to link the conscious patterns, but also to identify and make explicit the unconscious ones. Social dreaming combines the use of the logic of consciousness and the no-logic of the unconscious. Thus, the patterns that connect finite thinking with what is in the-infinite, or the not-known, are discerned.” (Lawrence, 2005, pp. 15-16)

5.4 CONCEITOS BÁSICOS RELATIVOS À MATRIZ DO SONHAR SOCIAL

Lawrence (2005) relaciona cinco conceitos-chave do trabalho com o sonhar social: hipóteses de trabalho, importantes para o atual estágio embrionário da teoria; matriz, conceito herdado das proposições de Foulkes sobre grupos; associação livre, conceito originado na teoria psicanalítica de Freud e seus associados; amplificação, que se reporta às contribuições de Jung para o trabalho com o inconsciente, e pensar sistêmico, teoria de ampla influência em todos os campos do saber.

5.4.1 Hipóteses de Trabalho

Lawrence propõe uma atitude de não-controle diante dos sonhos: entrar no sonho tal como ele está sendo narrado; a interpretação, nessa perspectiva, é vista como a morte do “novo” conhecimento, pois ela é sempre fundamentada no “velho” conhecimento (Lawrence, 2005, p. 2). Trata-se, seguramente, de uma atitude inspirada na assertiva de Bion (2006), “sem memória e sem desejo”, ao se referir à condição necessária para a transformação de “O”, a realidade incomunicável, em “K”, o conhecimento (pp. 41-54).

Como vimos, a teorização sobre o sonhar social é muito recente, embora a sua “pré-história” não o seja, como atestam os estudos antropológicos. Por essa razão, os pesquisadores preferem considerar o estudo sob a forma de “hipóteses de trabalho”. A hipótese de trabalho é um esboço da realidade, uma aproximação, à medida em que essa realidade é percebida. Essa hipótese poderá ser ou não confirmada pela experiência com a realidade. Então, outra hipótese pode surgir. Este processo continua até que mapas da realidade mais adequados são construídos (Lawrence, 2005).

Utilizamos diariamente o método científico; aprendemos a partir da experiência (Bion) que nos fica registrada emocionalmente. Mas, periodicamente, alcançamos limites em nossa compreensão da realidade. A tensão diante de problemas na compreensão da realidade suscita a ativação do inconsciente e a emergência de novas imagens sobre essa realidade, frequentemente por meio de sonhos. Um exemplo dessa ativação do inconsciente, em socorro da consciência envolvida com um problema de difícil solução, encontramos na história contada por Friedrich August Kekulé (1829-1896), químico alemão, descobridor do anel de benzeno, descrita na introdução deste estudo.

Poderíamos, então, dizer que o sonho é uma ficção da imaginação inconsciente que captura o infinito enquanto dormimos para fazer frente às hipótese de trabalho que utilizamos

para lidar com as questões e problemas de nossas vidas cotidianas? A partir das experiências com o sonhar social, algumas dessas hipóteses foram formuladas (Lawrence, 2003, 2005):

1. É possível sonhar socialmente. Esta hipótese tem sido validada por meio de diversos estudos, em diferentes países, com diferentes públicos. Por exemplo: Sievers (2007) conduziu trabalho na Áustria com membros do Partido Social-Democrata; Biran (2007) descreve o sonhar social no Oriente Médio com palestinos e israelenses; Hahn (2007) conduziu várias sessões de sonhar social na África do Sul pós-partheid; Ortona, Planera e Selvaggi (2007) trabalharam na Itália com mulheres, refugiadas políticas, oriundas de Rwanda, Eritrea, Nigéria e Albânia; ainda na Itália, Marinelli e Girelli (2007) realizaram trabalhos com estudantes da Universidade de Áquila; Morgan (2007), no Reino Unido, experimentou a condução de trabalho com a Associação Britânica de Psicoterapeutas; Tatham (2007) realizou trabalho com analistas junguianos por ocasião do 13º Congresso da *International Association for Analytical Psychology*, ocorrido em 1995, repetindo a experiência nos congressos internacionais de 1998 e 2001; Michael (2007) foi pioneiro no trabalho sobre sonhar social com igrejas nos Estados Unidos. Outras experiências podem ser encontradas em Lawrence e cols. (1998, 2007).

2. A matriz é um continente *sui generis* para receber sonhos, diferente, por exemplo, do continente terapêutico representado pela sessão psicoterapêutica. A situação terapêutica assume que o sonho é uma posse pessoal do sonhador, referindo-se, portanto, à sua biografia pessoal. Utiliza-se o sonho, então, para uma maior eficiência terapêutica. Em contraste, os sonhos apresentados na matriz expressam preocupações e antecipam questões sociais. O sonhos que demandam ostensivamente tratamento psicoterapêutico, quando relatados na matriz, são ignorados por se apresentarem no vértice do “édipo”, em contraste com o vértice da “esfinge” buscado pela matriz. Lawrence utiliza a distinção de Bion sobre ambos os vértices no trabalho com grupos (Bion, 2006b):

Como psicanalista, me surpreende o fato de que o enfoque psicanalítico, através do indivíduo, e aquele que é descrito por estes estudos, através do grupo, abarcam diferentes facetas do mesmo fenômeno. Os dois métodos proporcionam uma visão binocular rudimentária. As observações correspondem a duas categorias cuja afinidade é percebida através de certos fenômenos que, ao serem examinados com nosso método, centram-se na situação edípica, relacionada com o grupo parental;

quando se examina com o outro, centram-se na esfinge, na relação com os problemas do conhecimento do método científico.⁶ (pp. 11-12)

De acordo com a experiência de Lawrence (2003), os participantes tendem a intuir sobre os sonhos que oferecem à matriz, significando que sonhos com aspectos fortemente centrados no “édipo”, mais apropriados à atenção psicoterapêutica, acabam não sendo apresentados na matriz. Parece, até mesmo, que nos dias que precedem à realização da matriz, os participantes “têm sonhos que a antecipam, principalmente quando o sonhador ainda não teve experiência com a matriz” (p. 619).

Concluindo: uma versão diferente ou mesmo diferentes tipos de sonhos são evocados na matriz. Desenvolve-se uma aprendizagem relativamente à maneira de se lidar com os sonhos apresentados na matriz: o objetivo dos procedimentos visa à explicitação do nexos social embutido nos sonhos. Se o sistema-continente de recepção dos sonhos é alterado, o sonho-conteúdo mudará (Lawrence, 1998). Isto significa que cada sistema de interpretação de sonhos “produz” o tipo de sonho que será interpretado! Esta conclusão confere com a teoria comunicacional dos sonhos proposta por Tedlock (1991), conforme discutido na Seção 1.

3. A matriz oferece uma nova maneira de pensar sobre o sonhar. Assim, é necessário que os praticantes coloquem entre parênteses seus conceitos usuais sobre sonhos e estejam disponíveis para “enxergar” o sonhar social. É necessário um certo “descentramento” em relação à maneira hegemônica de compreender o sonho, proposta pelas diversas abordagens psicanalíticas. Esta é uma das razões para termos antecedido este texto por um capítulo sobre o olhar antropológico a respeito do sonhar. Lawrence (2003) utiliza a analogia com o conhecido dispositivo denominado “Gaiola de Faraday”. Como se sabe, a fim de isolar seus experimentos da interferência eletrostática externa, Faraday os circundava com uma tela metálica aterrada. Da mesma forma, argumenta Lawrence, é necessário proteger a experiência com o sonhar social, de modo a não buscar um refúgio

⁶ Tradução livre do autor. No original: “Como psicoanalista, me sorprende el hecho de que el enfoque psicoanalítico, a través del individuo, y el que describen estos estudios, a través del grupo, abarcan diferentes facetas del mismo fenómeno. Los dos métodos proporcionan una visión binocular rudimentaria. Las observaciones corresponden a dos categorías cuya afinidad se nota a través de ciertos fenómenos que, al ser examinados con nuestro método, se centran en la situación edípica, relacionada con el grupo de emparejamiento; cuando se examinan con el otro, se centran en la esfinge, en relación con los problemas del conocimiento e del método científico.” (Bion, 2006b, pp. 11-12)

premature nas explicações psicanalíticas, fechando-se, assim, à descoberta do que ainda não é conhecido (Lawrence, 2003).

Lawrence intuiu a importância de “cegar-se” temporariamente para as teorias sobre o sonhar já estabelecidas para poder enxergar os sonhos com novos olhos e desenvolver uma compreensão de uma dimensão da vida que se perdeu em nossa civilização.

4. O sonhar social questiona a ideia de que sonhos são posses pessoais, o que de fato são quando estamos lidando com uma situação terapêutica. A preocupação no sonhar social é sociocêntrica, ou seja, considera o contato dos indivíduos com o ambiente e a consciência da totalidade do universo sistêmico que os circunda (Lawrence, 2005). Como sabemos, o enfoque individual dos sonhos é devido a Freud. Hipóteses propostas por ele a respeito dos sonhos têm sido testadas nos trabalhos clínicos realizados ao longo do século XX até hoje. Algumas delas, tais como o sonho como “guardião do sono”, o sonho como “realização de desejos infantis” ou a distinção entre “sonho latente” e “sonho manifesto”, têm recebido reparos por muitos analistas do inconsciente. Meltzer (citado por Lawrence, 1998) questiona se o sonho é o “guardião” ou o “perturbador” de sono. O mesmo ponderava Jung, nos primórdios da psicanálise (as contribuições de Jung a respeito do caráter transpessoal dos sonhos podem ser melhor conhecidas na Seção 2.) Da mesma forma, Fromm (citado por Lawrence, 1998) questionou a hipótese de Freud sobre a realização de desejos:

Ao invés de assumir que o sonho é a apresentação distorcida de um desejo, poder-se-ia formular a hipótese de que o sonho representa qualquer sentimento, desejo, ou pensamento que seja suficientemente importante para estar presente durante nosso sono, e que seu aparecimento nos sonhos é um sinal de sua importância. Em minha observação de sonhos, tenho encontrado muitos sonhos que não contém um desejo mas que oferecem *insights* sobre a própria situação do sonhador ou sobre a personalidade de outros.⁷ (p. 28)

⁷ Tradução livre do autor. No original: “Instead of assuming that the dream is the distorted presentation of a wish, one may formulate the hypothesis that the dream represents any feeling, wish, or thought that is sufficiently important to be present during of the sleep, and that its appearance in dreams is a sign of its importance. In my observation of dreams, I have found that many dreams do not contain a wish but offer insights into one’s own situation or into the personality of others.” (Fromm, citado por Lawrence, 1998, p. 28)

5. A experiência na matriz do sonhar social induz os participantes à tensão entre o finito e o infinito, entre o conhecido e o desconhecido, o consciente e o inconsciente. Lawrence (2003) argumenta que todo conhecimento finito está contido na cultura; já, o conhecimento infinito, ou seja, o desconhecido, localiza-se no inconsciente social. Poderíamos, então, diferenciar o inconsciente pessoal como o “inconsciente” e o inconsciente social como o “infinito”. O que se torna consciente advém do “infinito vazio e sem forma”, para usar uma expressão de Milton (“*won from the void and formless infinite*”), apreciada por Lawrence (2005). O finito é o que conhecemos. O infinito não tem forma, nem categorias, nem número, e é o domínio daquilo que não sabemos. O processo do sonhar é uma das maneiras de trazer o infinito para a apreensão do finito.

Atribuímos significado ao cosmos porque possuímos consciência, ou autoconsciência. Se não houvesse vida no cosmos, ele seria um vazio sem significado. Aliás, a questão mesma do significado sequer estaria posta! Porque existe vida, existe significado, que se expande à medida que os seres humanos aprendem, questionam, e desenvolvem novas hipóteses de trabalho para construir novos significados. Essa ordem de ideias se inscreve na tradição das concepções bionianas de aprendizagem a partir da experiência (Bion, 1980).

6. A experiência do sonhar social leva os participantes à busca do conhecimento e *insights*, utilizando o método científico, ou seja, hipóteses de trabalho. Ela coloca os participantes no campo da Esfinge (conhecimento) em contraposição ao campo do Édipo (a psiquê da pessoa) (Lawrence, 2005).
7. A matriz do sonhar social permite aos participantes a experiência de permanecer no desconhecido, permanecer na dúvida, nos mistérios e incertezas. Keats disse de Shakespeare que ele podia permanecer em mistérios, dúvidas e incertezas sem qualquer desconforto. Keats chamou a essa qualidade de *negative capability* – capacidade de tolerar o desconhecido da vida, aceitando formas aproximativas da verdade –, valorizada por Bion como uma qualidade de saúde psíquica (Bion, 2006a). A matriz encoraja essa disposição mental da “capacidade negativa” pelos participantes ao aceitarem trabalhar na fronteira entre o conhecer e o não-conhecer, ou o finito e o infinito. No “não-conhecer” tudo depende de enxergar padrões que possibilitam o conhecer.

8. O sonhar social, mobilizando a capacidade de pensar dos participantes, leva à apreensão de novos padrões de fatos; pode ser usado oportunamente como uma ferramenta de pesquisa-ação. A pesquisa-ação é baseada na ideia de que todo participante de um sistema tem percepção de seu papel e do próprio sistema, a partir de sua perspectiva pessoal. A matriz do sonhar social torna o inconsciente social disponível para análise. Seguidores da tradição de Tavistock acreditam na existência do inconsciente em sistemas sociais, conforme já antecipara Erich Fromm no final dos anos 1960 (ver Seção 3).
9. Os sonhos são fonte de criatividade e solução de problemas. Esta hipótese tem sido evidenciada em situações de descoberta científica, produção cinematográfica, criação musical, nas quais sonhos têm tido importante papel (Lawrence, 2005).
10. Na matriz do sonhar social a transferência é para o sonho e não para o terapeuta-analista. Bejarano (citado por Neri, 1999), distingue quatro objetos transferenciais no *setting* analítico de grupo: o primeiro, refere-se ao coordenador ou psicoterapeuta do grupo, na sua encarnação da imago paterna ou pai arcaico; o segundo, o grupo, como imago materna ou mãe arcaica; terceiro, os outros participantes, como imago fraterna e, por último, o mundo exterior, como lugar de projeção de eros e tánatos. Para os teóricos do sonhar social, a matriz inibe as transferências dos três primeiros tipos, restando aquela relacionada à realidade sociopolítica, configurada pelos sonhos compartilhados.
11. A matriz do sonhar social é um fenômeno transicional que facilita a conversão do sonho experienciado subjetivamente em realidade objetiva. A matriz é conduzida no sentido de manter o estado de *rêverie* que tem seus fundamentos no contato emocional original da mãe com seu bebê; no espaço entre mãe e bebê, crescem as ideias à medida em que o bebê distingue realidade e ilusão. Nesse espaço intermediário, o bebê deposita seus sentimentos e a mãe os dela. Esses sentimentos criam um espaço cultural entre ambos no qual realidade e ilusão são diferenciados; a mãe sente a “verdade” nos sentimentos da criança e os retorna numa feição tolerável e a compreensão da verdade é essencial para o crescimento mental. Para a psicanálise, o analista simboliza a mãe, incorporando a mesma função do pensar; na matriz do sonhar social os sonhos de outros participantes cumprem essa função: os sonhos relacionam-se à realidade coletiva à medida em que ela está sendo construída por todos os sonhos como reflexões sobre essa realidade. Além disso, a experiência de trabalhar em uma ambiência de pensar onírico possibilita ao

indivíduo uma aprendizagem que o auxiliará a produzir mudanças nos diversos âmbitos sua vida (Lawrence, 2005).

12. O sonhar social pode ser usado como ferramenta de pesquisa e de consultoria (pesquisa-ação). Segundo Barbier (2004), a pesquisa-ação parte do reconhecimento pelo pesquisador de que o problema vivido por um grupo em crise surge num contexto preciso. Cabe ao pesquisador constatá-lo com a utilização de recursos instrumentais de pesquisa e auxiliar a coletividade a discriminar os detalhes cruciais ligados ao problema, “por uma tomada de consciência dos atores do problema numa ação coletiva” (p. 54). Uma característica distintiva da pesquisa-ação em relação a outras abordagens é a de que as questões essenciais dizem respeito à coletividade inteira e não apenas a uma amostra representativa, os instrumentos de pesquisa são mais interativos, gerando maior implicação das pessoas envolvidas, tais como discussões em grupo, desempenho de papéis, conversas aprofundadas. Embora os experimentos sobre o sonhar social se reportem geralmente a grupos parciais de organizações e grupos, podemos conjecturar sobre os efeitos sinérgicos que uma estratégia baseada na matriz do sonhar social poderia causar ao envolver simultaneamente os vários segmentos de um sistema. As informações obtidas durante o trabalho retornam aos participantes, possibilitando-lhes uma avaliação mais implicada, possibilitando a redefinição dos problemas e a busca de soluções. Nas pesquisa-ação, ainda, a interpretação e a análise do material surgido resultam das discussões em grupo – etapa cumprida, na matriz do sonhar social, pelo “diálogo reflexivo sobre os sonhos”. A linguagem utilizada é a do próprio grupo, linguagem essa explicitada desde o início do processo associativo, inclusive por meio de imagens e ampliações. O retorno dos resultados da pesquisa a seus coautores – os participantes – é fundamental para que o grupo possa lhe conferir aquiescência e significado compartilhado, possibilitando à comunidade pensar em estratégias de ação. A matriz do sonhar social tem se revelado como um dos recursos de pesquisa-ação, favorecendo a tomada de consciência de aspectos olvidados, desapercibidos, ou fracamente percebidos do ambiente social, segundo metodologia com as características acima descritas, tendo sido testada em experiências na Austrália, Estados Unidos, Grã-Bretanha e Itália, com organizações e instituições diversificadas (Lawrence, 1998, 2005; Lawrence & cols., 2007).

5.4.2 Matriz

Matriz é o nome do espaço no qual o sonhar social ocorre; ela é composta por pessoas, num número que pode ir de seis a 60 participantes, que se encontram com o propósito de usar a associação livre e a amplificação dos sonhos trazidos para o encontro. A meta é estabelecer conexões entre os sonhos, utilizando o pensar dos participantes (Lawrence, 2005).

A matriz é um espaço que espelha o espaço do sonhar adormecido, dando forma a imagens, metáforas, analogias e símbolos. Reproduz, de certa maneira, o espaço entre mãe e bebê, no qual o pensar tem sua origem. Ela é também uma representação do infinito, ou seja, do não-saber.

A matriz como espaço do pensar e da origem de pensamentos é também uma tentativa de mobilizar imagens e símbolos inconscientes para informar nosso pensar consciente. É um “continente” no qual são contidos todos os pensamentos que constroem as sociedades, grupos e organizações e que os sustenta em sua existência. Para realizar as tarefas lógicas de sobrevivência, os seres humanos construíram grupos e organizações para produzir civilização. Nesse processo, o comportamento humano foi simplificado, regularizado e codificado logicamente de modo que ele pudesse ser “contido” pelo pensamento e utilizado na prática. Aquilo que excede as necessidades de sobrevivência fica oculto e não-pensado. Este é o sentido da expressão “pensamento infinito” utilizado por Lawrence, parafraseando a expressão bioniana de “pensamentos à espera de um pensador que os pense”. Poder-se-ia estender tal afirmação para os sonhos e pensar, então, em “sonhos à espera de sonhadores que os sonhem”? Por hipótese, a matriz do sonhar social pode ser esse espaço.

A matriz é também uma experiência de ambiente democrático. A associação livre, ou seja, dizer o que vem à mente, não é sujeita ao controle racional. Associações livres são isentas de julgamento, produzindo um senso de espontaneidade e liberdade (Lawrence, 2005). Lawrence (2003, 2005) distingue “matriz” de “grupo”, ressaltando que o segundo constitui um espaço no qual os indivíduos possuem uma tarefa primária e exercitam seu senso de propósito e suas necessidades de segurança e poder, em um mundo finito dominado pela realização da tarefa, enquanto que o primeiro é um conjunto de mentes abertas e disponíveis para novas possibilidades. Para o autor, a matriz demanda uma espécie diferente de liderança – inspirada no reconhecimento do infinito, do não-saber, do ser na dúvida e incerteza (“capacidade negativa”, de Keats/Bion), de modo oposto ao conhecer e repetir fatos banais. Assim, para “ver” o que ocorre na matriz deve-se ficar temporariamente cego para o que é

conhecido do grupo. Parece-nos um tanto forçada tal distinção; segundo a experiência propiciada por este estudo, pode-se observar que a “matriz”, sobretudo quando constituída por um número pequeno de pessoas, configura-se como um grupo, com reconhecimento face a face de seus membros e uma tarefa específica – narrar sonhos, fazer associações, descobrir vínculos entre sonhos e associações, encontrar nexos sociais –, e regras definidas de funcionamento. Sem dúvida, as demais características apontadas por Lawrence são distintivas para a matriz do sonhar social: ela pressupõe, ao mesmo tempo que desenvolve, a “capacidade negativa” de seus integrantes.

5.4.3 Associação-livre

O método da associação livre busca revelar os pensamentos latentes ocultos pela racionalidade ostensiva dos pensamentos manifestos. Falando livremente, a pessoa revela uma linha de pensamento sustentada por uma lógica oculta que conecta ideias aparentemente desconexas. Esta é, na verdade, a forma de funcionamento de nossa mente no cotidiano da vida: um pensamento levando a outro e a outro e a outro.

No entendimento de Bollas (2005), a associação livre tem o estatuto de uma atividade subversiva que abala toda a estrutura da epistemologia ocidental. O caminho para o conhecimento, ditado pelo cânone do pensamento moderno, tende a ser linear e racionalmente dirigido, exigindo uma disciplina ausente no fluxo ordinário de pensamentos. A associação livre rompe esses processos de pensamento, aproximando-se da verdade por meio da renúncia do esforço de encontrá-la, adotando uma atitude relaxada e expressando o que passa pela mente a cada momento. Bollas (2005) propõe que se redefina a associação como “fala livre”, “nada mais do que dizer o que vem à mente, passando de um tópico para o seguinte numa sequência espontânea, sem seguir um plano” (p. 11). Quando duas ou mais pessoas conversam livremente, surgem linhas de pensamento inconsciente que fluem de forma associativa à medida em que passam de um para outro assunto. E, assim, cada um dos interlocutores é afetado pelas associações feitas pelo outro, criando propriamente o fluxo da conversa.

No encontro analítico, ao tempo em que se pede ao analisando que apresente os pensamentos que espontaneamente lhe ocorrem, espera-se que o analista adote a postura relaxada da atenção flutuante, um certo estado de *rêverie*, no dizer de Bion, que possibilite acompanhar o fluxo associativo do parceiro analítico. Mas, o que ocorre quando temos uma reunião de sujeitos associando livremente?

“A cadeia associativa é o livre curso dos acontecimentos do dizer e do não dizer”⁸ (Käes, 1994, p. 55). O processo associativo articulado por diversos sujeitos torna o espaço interdiscursivo complexo. Essa complexidade surge da mobilização de prazeres, angústias, defesas e modos particulares de mentalização, decorrentes do face a face da situação grupal; além disso, ocorre a comunicação de formações psíquicas inconscientes dotadas de propriedades distributivas e permutativas, às quais o autor denomina de “grupos internos”, e que se estabelecem por meio da construção de um aparato psíquico grupal. O entrecruzamento dos discursos individuais forma uma trama, ou rede, um “tecido associativo” que constitui um conjunto semiótico amplo e complexo. Käes se pergunta de onde surgem as ideias que aparecem no grupo. Referem-se a qual inconsciente? Como se produz a interdiscursividade, os efeitos transferenciais, e demais fenômenos psíquicos relacionais, na dupla economia do discurso: a do sujeito singular e a dos sujeitos agrupados?

Para os investigadores do sonhar social, é possível captar-se na interdiscursividade do grupo, contida pelo aparato da “matriz”, as restrições do inconsciente social. Um conjunto de associações deixará de fora outro conjunto de associações e, potencialmente, surgirão tantas quantos forem os membros da matriz, possibilitando a emergência de um “multiverso” de significados, com a participação dos “sonhadores” que buscam conferir significado social aos sonhos narrados. Admite-se que não há resposta certa ou resposta errada, mas apenas uma ideia que conduz a outra ideia, que conduz a outra ideia e assim por diante. Um sonho que se prolonga em outro sonho.

5.4.4 Amplificação

Segundo Pieri (2002), Jung propôs a amplificação como método para o desenvolvimento em amplitude e em intensidade das expressões inconscientes, com o intuito de favorecer uma possível leitura psicológica. O método funciona e acréscimo e, parcialmente, em contraposição ao da associação livre. Para Jung, a amplificação contrapõe-se ao método redutivo focalizado nos aspectos pessoais do material onírico, ampliando um pensamento, uma proposição, ou uma imagem, relacionando-os com diferentes contextos com os quais esses elementos podem estabelecer uma relação de significado (ver Seção 2). A amplificação respeita a integridade do sonho, ou seja, respeita a sua totalidade, colocando-a em um contexto (histórico, mitológico, cultural) mais amplo. Na matriz do sonhar social, os

⁸ Tradução livre do autor. No original: “La cadena asociativa es el libre curso de los acontecimientos (das Geschehen) del decir y el no decir” (Käes, 1994, p. 55).

participantes fazem associações – dizem livremente o que lhes ocorre – mas, frequentemente, amplificam temas quando ouvem ou contam um sonho, buscando paralelos em histórias conhecidas, filmes, etc. No diálogo reflexivo sobre os sonhos – etapa de busca de nexos sociais para o material apresentado – o coordenador pode contar com a amplificação como recurso de atribuição de significado.

5.4.5 Pensar Sistêmico

O pensamento sistêmico tem uma longa história (Capra, 1997). Pode ser rastreado desde a filosofia grega clássica, com Heráclito (“tudo flui”), chegando ao século XX por meio de pensadores tais como Ludwig von Bertalanffy, com sua teoria geral dos sistemas e a teoria dos sistemas abertos, chegando à cibernética de Norbert Wiener e Ross Ashby e, posteriormente, na física, à “teoria dos sistemas dissipativos” de Ilya Prigogine. Para o que nos interessa no presente trabalho, relembremos algumas das características do pensamento sistêmico: a) os sistemas são totalidades integradas cujas propriedades não podem ser explicadas simplesmente pelo somatório das propriedades de suas partes. Tais propriedades “sistêmicas” resultam das relações organizadas entre as partes e são destruídas ao se dissecar o todo. As propriedades das partes é que passam a ser compreendidas em relação às características do todo. Significa que o pensamento sistêmico é “contextual”, ou seja, refere-se sempre ao meio ambiente no qual a parte e o todo estão contidos. b) os sistemas podem se organizar em diferentes níveis de complexidade, contendo subsistemas que, por sua vez, possuem propriedades emergentes e decorrentes das relações entre suas partes. Cada nível de organização possui suas propriedades emergentes que surgem nesse nível em particular.

Assim, para o pensamento sistêmico, os objetos perdem relevância e as relações ganham destaque: “Na visão mecanicista, o mundo é uma coleção de objetos.... Na visão sistêmica, compreendemos que os próprios objetos são redes de relações, embutidas em redes maiores.” (Capra, 1997, p. 47). Assim, o pensamento sistêmico é um pensamento “de rede”, na qual os objetos representam os pontos nodais, ou seja, padrões específicos. Na matriz do sonhar social, o pensar sistêmico revela-se na procura por padrões que conectam os sonhos. O conjunto de sonhos é visto como um sistema e, como tal, apresenta conexões internas que apontam para padrões. Assim, relacionam-se todos os elementos do sistema dos sonhos, agrupam-se os elementos similares, por meio da extração de ideias contidas nos sonhos e, a partir desses elementos, identificam-se os temas comuns (Lawrence, 2005).

5.5 DISPOSITIVOS DO SONHAR SOCIAL

Uma matriz do sonhar social existe para descobrir aquilo que somente uma matriz do sonhar social pode descobrir. Esta é sua única razão de ser.⁹ (Lawrence, 1998, p. 31)

Lawrence (2007) resume a experiência de pessoas que têm participado da matriz do sonhar social: o sonhar social é uma fonte da inteligência organizacional; é um antídoto para a arrogância; é adaptativo, flexível e aberto; situa o presente em relação ao passado e ao futuro, oferece um espaço no qual a autoridade é fundamentada no sonho e não no sonhador; é gerador de aprendizagem; provê um espaço e habilidades para o questionamento reflexivo; desafia os modos usuais de compreensão; constrói altos níveis de confiança e independência; auxilia processos de mudança; encoraja o pensamento lateral e divergente; é um discurso colaborativo e dignificante e que fala da experiência; é um quadro mental baseado na ideia de jogo. A hipótese de trabalho de que a emergência de possibilidades criativas de um sistema é favorecida pela experiência na matriz do sonhar social talvez seja um dos principais aspectos enfatizados pelos estudiosos do dispositivo.

Para potencializar o caráter facilitador da emergência de novos significados, a metodologia do sonhar social enseja duas formas de intervenção: a matriz do sonhar social (*social dreaming matrix*) e o grupo de reflexão sobre sonhos (*dream reflection group*) (Lawrence, 2007). Em alguns textos o segundo dispositivo é denominado diálogo reflexivo sobre sonhos (*dream reflection dialogue*), por exemplo, em <http://www.socialdreaming.com>, sítio oficial da organização Social Dreaming Limited, criada por Lawrence e colaboradores para dar continuidade à construção da teoria sobre o sonhar social e conduzir pesquisas sobre dispositivos fundamentados na teoria em construção. No trabalho empírico empreendido neste estudo, optei pela segunda denominação, por esta denotar o caráter dialógico do processo.

A tarefa primordial da matriz do sonhar social é, portanto, transformar, por meio da associação livre e da amplificação, o pensamento dos sonhos, estabelecendo ligações e encontrando nexos entre os sonhos, a fim de propiciar novos pensamentos. A segunda forma de intervenção – grupo de reflexão sobre os sonhos ou diálogo reflexivo sobre os sonhos – consiste em criar a oportunidade de elaborar síntese dos temas expressos nos sonhos, procurando os contextos mais amplos aos quais os sonhos e as associações se referem.

⁹ Tradução livre do autor. No original: “A social dreamind matrix exists to discover what only a social dreaming matrix can discover. That is its sole *raison d’être*.” (Lawrence, 1998, p. 31)

O uso sistemático das técnicas da associação livre e da amplificação temática e emocional abrandam o pensamento lógico-racional do dia a dia e busca dar forma aos “ecos do pensar e dos pensamentos que existem no espaço entre as mentes dos indivíduos que vivem no ambiente social” (Lawrence, 2005, p. X). Diferentemente do encontro terapêutico, essas técnicas são utilizadas a serviço da aprendizagem coletiva. Enquanto estratégia de trabalho, a matriz não se preocupa com a dinâmica grupal que focalizaria as relações interpessoais dos participantes por meio de recursos racionais e analíticos de compreensão; em vez disso, na matriz, a principal ocorrência é o sonho.

No que se refere ao enquadre psicanalítico tradicional e ao enquadre da psicoterapia de grupo, Neri (2002) coloca em evidência que as associações livres são estimuladas não apenas por uma linha de pensamento ou por aquilo que dizem os outros membros do grupo, mas também pela atmosfera emocional que está presente e, de maneira mais geral, por aquilo que é percebido como presente na sessão. Essa observação aplica-se igualmente ao sonhar social: imagens, sonhos e fantasias são conectados uns aos outros graças à contribuição de todos os participantes. Evidencia-se que sonhos diferentes podem ter alguns pontos em comum.

Durante todo o trabalho, cria-se uma atmosfera onírica, imitando-se a própria lógica do sonho; de certa maneira, os sonhos são sonhados uma segunda vez. Embora o sonhador narre seu sonho para outros participantes da matriz, o sonho não é considerado uma posse pessoal pois, segundo a perspectiva da teoria nascente do sonhar social, a matriz captura os aspectos sociais, políticos, institucionais e espirituais do ambiente social do sonhador. Nos diálogos reflexivos sobre os sonhos, os participantes pensam e interagem de uma nova maneira, discernindo os padrões que conectam os sonhos, e novas perspectivas emergem sobre os temas sonhados.

O diálogo reflexivo sobre os sonhos ocorre em pequenos grupos e busca identificar os sonhos e os temas que emergiram na matriz, bem como o padrão que os conecta. Formulam-se, então, hipóteses de trabalho sobre o estado de ser do sistema em estudo (lembramos que o sistema pode ser um grupo de trabalho, uma organização, uma família). A principal tarefa do grupo é compartilhar pensamentos, sentimentos e emoções que foram evocados na etapa de narrativa de sonhos e associações. Segue-se uma síntese do estado atual do sistema, com seus dilemas e desafios, utilizando-se os sonhos e suas associações, para intuir o estado de vir a ser (emergência) do sistema, ou seja, suas possibilidades de transformação. Nesta etapa, tem lugar a amplificação temática dos sonhos, complementando os significados por meio da referência a eventos culturais e políticos contemporâneos, por exemplo, e também outros

sonhos, pinturas, novelas e peças teatrais, situando mais uma vez o sonhar em seu contexto social.

5.5.1 Funcionamento da Matriz do Sonhar Social

1. A participação é voluntária. Pode ser apropriado enviar previamente um texto aos participantes informando a tarefa da matriz do sonhar social e a agenda de realização dos encontros. Neri (2002) propõe que se distribua um texto escrito aos participantes, contendo as informações essenciais, para ser lido na semana que antecede a primeira sessão da matriz. Uma outra possibilidade consiste em fazer uma conferência antes de realizar o trabalho propriamente dito.
2. O arranjo das cadeiras é feito em forma de “flocos de neve” (Figura 12), de modo a evitar que os participantes fiquem diretamente face a face; procura-se romper o padrão de interação grupal usualmente conhecido. Supostamente, essa disposição ajudaria a criar um ambiente mais livre de pensamento, centrado nos sonhos. Na experiência realizado no âmbito deste estudo, constatei que essa disposição, adotada em um dos grupos, gerou certa estranheza e algum ruído na condução do encontro; em outro grupo, decidi utilizar a formação circular, sem desvantagens.

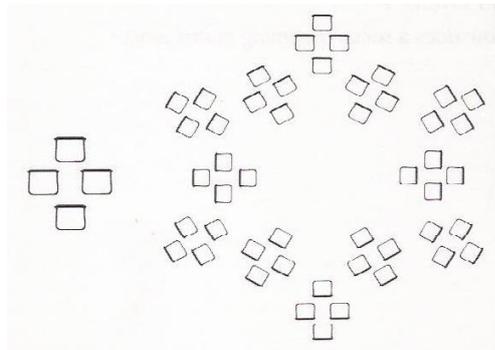


Figura 12. Diagrama do arranjo das cadeiras para a Matriz do Sonhar Social (Lawrence, 2005, p. 96)

3. Os facilitadores se distribuem e assentam-se entre os participantes.
4. Um dos facilitadores dá as boas-vindas aos participantes e explica a tarefa da matriz. De acordo com Neri (2002), costuma-se começar cada sessão com uma fórmula de abertura bem precisa: “A tarefa principal é fazer associações o mais livremente possível com seus próprios sonhos e com os sonhos dos outros – quando eles emergem na matriz – a fim de criar as ligações e encontrar as conexões. Quem tem o primeiro sonho?”

5. Um participante narra um sonho que pode ser seguido imediatamente por um outro sonho ou por uma associação livre de um dos participantes.
6. O facilitador ouve a narrativa do sonho e tenta discernir os pensamentos-sonhos que estão contidos na história.
7. Quando os participantes constatarem que não há “especialistas” no sonhar social, descobrem a própria autoridade para lidar com seus sonhos e dão-se conta de que a associação livre e a amplificação são liberadoras. Eles também aprendem a tolerar o não-saber, ou seja, não esperam que alguém lhes dê uma resposta definitiva.
8. O condutor do grupo encarrega-se de fazer respeitar as regras do enquadre (Lawrence, 1998, 2005; Neri, 2002). Deixa aos participantes a tarefa de associar, de buscar as significações e de identificar alegorias e símbolos. Ele intervém para facilitar o trabalho, mas não propõe interpretações relativas à dinâmica do grupo ou à formação de sub-grupos. Suas intervenções são totalmente balizadas por aquilo que está evidente. Nas primeiras sessões, notadamente, pode ser necessário explicar aos participantes o modelo do sonhar social, que é abstrato e de compreensão não imediata. Em geral, as intervenções do condutor remetem-se aos sonhos. Por exemplo: “As pessoas podem controlar seus sonhos?”, ou “Os sonhos aparecem por conta própria?” Em certos casos, a interpretação pode visar o estabelecimento de uma ligação entre um elemento do sonho e o conjunto do discurso desenvolvido na sessão ou numa série de sessões. O condutor pode estimular ocasionalmente um participante a agregar uma associação a um sonho que ele mesmo narrou. Por vezes, pode solicitar também aos participantes que ofereçam associações a uma imagem ou a uma palavra determinada que aparece num sonho. Na eventualidade de um participante começar a interpretar, dirigindo a atenção para o sonhador, ao invés de se ater ao sonho, o facilitador procura estimular os participantes a retornarem à tarefa da matriz; a experiência continuada gera confiança no processo e favorece a adesão à tarefa proposta.
9. O comportamento do condutor na matriz funciona como um modelo para os participantes, os quais rapidamente passam a atuar em seus papéis como sonhadores e como pessoas comprometidas com a compreensão do sonho.
10. Assumir o papel de sonhador na matriz como um sistema é um paradoxo. Comparado aos outros papéis que alguém assume nos sistemas, na matriz a pessoa não está assumindo o

mesmo papel mas saindo dele, ficando livre para associar e pensar sem obstáculo, algumas vezes de maneira bizarra, sem monitorar os processos de pensamento. Isto é uma espécie de papel reverso, mas apesar de tudo um papel na matriz como sistema.

11. A experiência de ter participado de sessões da matriz do sonhar social é indispensável para aqueles que desejem compreender o funcionamento da matriz antes de conduzi-la. Não foi o que aconteceu no presente estudo, uma vez que o dispositivo, tal como aqui concebido, não é conhecido entre nós; fez parte do escopo deste trabalho aplicá-lo pela primeira vez.

Diferentemente de Lawrence e alguns de seus colaboradores que aplicam a matriz em eventos únicos, Neri (2002) recomenda evitar a realização de uma única sessão, por considerar que um dos aspectos importantes do método consiste no desenvolvimento de um processo que diz respeito tanto à capacidade dos participantes de funcionar como um grupo quanto aos sonhos em si mesmos. O autor acrescenta que, em geral, o plano de trabalho é denso: três a cinco sessões com duração de aproximadamente 1h30 cada, agrupadas em dois ou três dias e com intervalo de uma ou duas noites. Durante essas noites, novos sonhos surgem, referindo-se ao grupo e à situação vivida pelos participantes. Outros planos de trabalho menos densos são igualmente utilizados, tais como, por exemplo, um esquema que prevê uma sessão por semana durante quatro ou seis meses. A documentação relativa a esses planos de trabalho ainda é escassa. Na presente pesquisa, utilizei o esquema de três e quatro sessões, com intervalo de uma semana entre elas e com duração de 1h a 1h30 cada uma.

Algumas regras recomendadas por Neri (2002) para assegurar o bom funcionamento das sessões são: permitir a cada participante falar durante no máximo 10 minutos (em minha experiência, os participantes raramente se estendem além de alguns poucos minutos), evitar responder questões que lhe são feitas diretamente e ficar atento para não entrar em discussão com somente uma pessoa. O objetivo dessas indicações é abrir uma discussão que possibilite a participação de todos, em vez de um discurso centrado em uma pessoa ou limitado a duas ou algumas pessoas.

5.5.2 Funcionamento do Diálogo Reflexivo sobre os Sonhos

Escriban los sueños para no olvidarlos

Vivanlos para crearlos

Sean guerreros para cumplirlos

(Hebe Liz Scheistein, 12/11/2007, escreveu na parede de um restaurante em Buenos Aires; colhido por este autor em julho de 2009)

Concluída a etapa de compartilhamento de sonhos, com suas associações e eventuais amplificações, todos os participantes da matriz do sonhar social são convidados para o grupo de reflexão sobre os sonhos. Explica-se a tarefa a ser realizada: identificar os sonhos que foram narrados, os temas que surgiram, as ligações e nexos entre os sonhos, e os aspectos emergentes (novas possibilidades) nos sistemas sociais (grupo profissional, organização, instituição, família) dos quais participam.

A seguir, os participantes são convidados a se dividirem em grupos de quatro pessoas a fim de trabalhar sobre esses quatro aspectos. Pode-se usar *flip-chart*, ou anotar cada sonho em uma folha de papel. Mesmo nessa etapa, associação livre e amplificação podem ser usados pelos participantes para expandir os significados dos sonhos. Como dissemos, os participantes podem ser oriundos de algum sistema social compartilhado, por exemplo, uma empresa, uma instituição e, nesse caso, podem formular hipóteses de trabalho a respeito do estado atual da companhia e as possibilidades futuras. Se os participantes são oriundos de contextos sociais distintos, cada qual pode efetuar o mesmo procedimento tendo em vista seu caso particular. Eventualmente, o foco pode vir a ser aspectos da sociedade mais ampla da qual todos participam (no limite, até mesmo a sociedade planetária).

5.5.3 Para uma Definição Operacional do Sonhar Social

Parece-me que Lawrence (2007), ao distinguir precisamente os dois dispositivos relacionados ao sonhar social – a “matriz”, propriamente dita, e o “diálogo (ou grupo) reflexivo sobre os sonhos” – deseja ressaltar o clima de continuidade onírica que se busca com a narrativa de sonhos e o processo associativo, reduzindo as luzes, por assim dizer, da atividade reflexiva mais racional. O autor parece considerar que esse estado oniróide é o que caracteriza essencialmente a matriz que busca, então, transformar, por meio da associação livre e da amplificação, o pensamento dos sonhos, estabelecendo ligações e encontrando

nexos entre eles, a fim de propiciar novos pensamentos. A atividade reflexiva que virá a seguir já caracteriza um segundo dispositivo – o diálogo reflexivo sobre os sonhos – por meio do qual esses novos pensamentos ganharão forma e tornar-se-ão manipuláveis em função dos interesses e intenções do grupo. Na experiência do presente estudo, verificou-se que a matriz, tal como concebida pelos teóricos do sonhar social, oferece, de fato, uma vivência de liberdade imaginativa, uma experiência da possibilidade conectiva entre sonhos, o surgimento de uma linguagem própria do grupo, por meio de imagens, ampliações, e modos de expressão que, sem dúvida, tornam-se a matéria prima para o trabalho reflexivo. Parece-me, contudo, que a atividade reflexiva, característica do segundo dispositivo, é que consolida o caráter social dos sonhos e de suas associações. Aplico aqui a perspectiva da teoria comunicativa do sonhar, tal como proposta por Tedlock (1987a, 1987b, 1991), e considero o “sonhar social” como o conjunto dos intercâmbios sociais relacionados à narrativa dos sonhos, às associações, às conexões entre sonhos e à emergência de significados sociais. Em resumo, penso ser útil definir processualmente o sonhar social, em termos de uma sequência que envolve: a) o compartilhamento de sonhos individuais, b) as associações livres dos participantes, c) as conexões entre sonhos, d) a identificação de padrões associativos e temáticos, e) a emergência de significados sociais. As etapas “a”, “b” e “c” referem-se ao conceito de matriz e as etapas “d” e “e” ao conceito de diálogo reflexivo sobre os sonhos.

5.6 UTILIZAÇÕES DO SONHAR SOCIAL

As experiências com o sonhar social demonstram o caráter eclético dos sonhos, tornando-o objeto de enfoques científicos, filosóficos e espirituais. No âmbito da ciência, outros tantos vértices concorrem para a compreensão do fenômeno onírico, tais como a perspectiva neurológica, a psicológica, social e antropológica. Desde as origens da psicanálise, conhecemos o seu valor para as práticas psicoterapêuticas e, hoje, vislumbramos suas potencialidades para expressar o fenômeno do sonhar social. Se o sonho é a expressão de um desejo individual, como quis Freud, ele é igualmente a expressão de um desejo no sentido coletivo e visionário do termo, tal como expresso na frase de Martin Luther King: “*I have a dream...*” (Neri, 2002).

Além disso, lembra-nos Neri (2002), diversos psicanalistas começaram a considerar os sonhos não como apresentações disfarçadas de desejos do sonhador, mas antes como representações verídicas de seus sentimentos, desejos, fantasmas e pensamentos. Diz-se igualmente que certos sonhos oferecem *insights* sobre determinados aspectos da

personalidade do sonhador e sobre aquilo que é vivido em certo instante de sua vida. Outros sublinham a importância que os sentimentos e os pensamentos contidos nos sonhos podem ter para sua vida afetiva. Certos psicanalistas pensam que os sonhos fornecem informações importantes sobre as crenças, as esperanças, as ideias presentes no ambiente social onde vive a pessoa que sonha. Partindo dessa perspectiva, um certo número de psicanalistas italianos – Riolo, Corrao, Vallino Macciò, Ferro, Correale, citados por Neri (2002), consideram o sonho como expressão de uma situação determinada (ou de um campo determinado). Estes psicanalistas acreditam que o sonho adquire um sentido quando colocado nessa situação ou campo, o que reforça a hipótese de trabalho de Lawrence e colaboradores de que a “matriz” é um continente específico que permite a emergência do significado social do sonho.

O método do sonhar social coloca em relevo a importância de narrar e compartilhar os sonhos, favorecendo o estabelecimento de uma relação cooperativa e lúdica entre os membros de um grupo. Neri (2002), citando Friedman, acredita que mesmo no contexto psicanalítico tradicional, compartilhar a narrativa de um sonho de maneira participativa, antes de interpretá-lo, pode contribuir para um bom acordo da relação entre o paciente e o psicanalista.

Segundo Neri (2002), a vida das instituições, das organizações e das associações profissionais pode ser representada em três níveis: o primeiro compreende o trabalho prático, administrativo e burocrático; o segundo se reporta às ideias e às teorias; o terceiro está ligado à vida fantasmática e onírica. A inadequação do nível onírico estabelece um fosso entre o nível prático da organização e o nível ideal-visionário, em detrimento dos dois. O método do sonhar social permite concentrar a atenção sobre os sonhos e ativar o nível onírico que deveria estar presente em todas as organizações.

A partir das experiências iniciais com a “matriz do sonhar social”, Lawrence e outros pesquisadores se deram conta de que para melhor compreender as organizações é necessário levar em consideração a vida onírica das pessoas que as constituem. As tensões e conflitos das organizações contemporâneas podem chegar a um ponto culminante, exigindo respostas. Para isso é necessário que haja um “continente” onde as questões possam ser formuladas e desenvolvidas, permitindo aos indivíduos fazerem contato com elas e elaborá-las. A Matriz pode ser esse continente e o sonhar social a técnica apropriada para isso.

5.6.1 Outras Utilizações Possíveis

As experiências com o sonhar social têm demonstrado que o dispositivo pode ser utilizado com grupos formados por pessoas que não se conhecem ou que se conhecem muito

pouco. Neste caso, o ambiente comum é representado pelo fato de partilhar o mesmo contexto social, com a amplitude e diversificação que isto implica.

A participação no sonhar social tem por efeito fazer emergir entre os membros dessas instituições um sentimento de intimidade, de integridade e de entusiasmo por projetos comuns, ao lado de uma ampliação da disponibilidade para exprimir sentimentos de reconhecimento e de acolhimento caloroso em face dos esforços dos outros. Quando uma pessoa conta um sonho em um encontro de sonhar social e um outro participante o acolhe, propondo suas próprias associações ou demonstrando simplesmente – por uma expressão não-verbal ou um movimento do corpo – que há uma ressonância, esta pessoa experimenta uma sensação de realidade e de compartilhamento. Durante as sessões, as pessoas entram em contato umas com as outras em um nível íntimo, tocante e obscuro (condição generativa e envolvida em uma dimensão inconsciente). Este contato, contudo, não é massivo e nem intrusivo: trata-se do encontro de pessoas que sonham juntas, compartilhando despreocupadamente o pensamento associativo (Neri, 2002).

Oficinas do sonhar social têm sido conduzidas em igrejas nos Estados Unidos. Na Alemanha o dispositivo é utilizado na Universidade de Bergischen como parte de um programa de treinamento em pesquisa-ação e o Partido Social-Democrata da Áustria também faz uso da estratégia. Desde 1995, o sonhar social tem feito parte do Programa da Associação Internacional de Psicologia Analítica (Lawrence, 2005).

Estes resultados sugerem que a técnica do sonhar social, além de configurar um possível dispositivo organizacional ou institucional para se lidar com aquilo que é “conhecido” mas não suficientemente “pensado”, poderia ser experimentada em outras situações de intervenção clínica e psicossocial, como, por exemplo, com pessoas traumatizadas ou emigrantes, realizando-se sessões semanais durante vários meses (Neri, 2002). Podemos, ainda, visualizar possibilidades de aplicação dessa estratégia em grupos de pesquisa-ação no contexto de intervenções de psicologia comunitária, grupos de pacientes em processo psicoterapêutico individual ou em grupo, trabalho psicoterapêutico com famílias, psicologia educacional, que precisariam ser investigadas.

Tendo em vista o caráter inusitado da metodologia em nosso meio (não encontrei referências à metodologia da matriz do sonhar social em pesquisas realizadas em nosso país), decidi aplicar o dispositivo com dois grupos de pessoas, a fim de explorar as potencialidades da matriz como dispositivo de intervenção clínica e psicossocial. O estudo empírico é descrito nas seções a seguir.

6 O SONHAR SOCIAL EM CAMPO – MÉTODO



Figura 13. Gravura do “Mutus Liber”, de La Rochelle.

A teoria e o problema – que carregam em si os preconceitos do pesquisador – serão responsáveis pela seleção e categorização dos materiais do texto, tanto implícita, como explicitamente. Ser explícito é uma virtude metódica.

(Bauer, 2002)

6.1 OBJETIVOS DO ESTUDO

Meu interesse pela identificação de dispositivos orientados para a captação das circunstâncias comuns e compartilhadas de um grupo, e que pudessem favorecer algum tipo de elaboração conjunta – produção de pensamentos – que retroagisse sobre a subjetividade dos indivíduos, direcionou-me para a pesquisa do sonhar social e, em particular, para a experiência prática com a matriz do sonhar social proposta por Lawrence (1998, 2001, 2003, 2005, 2007). Esse interesse materializou-se na formulação de um problema: O dispositivo, tal como concebido pelos teóricos do sonhar social, pode ser utilizado com efetividade em estratégias de intervenção clínica e psicossocial? Os estudos disponíveis fazem referência à utilização do sonhar social em estratégias de pesquisa-ação em intervenções organizacionais, institucionais e grupais. Não há referência, contudo, quanto a sua viabilidade e efetividade no contexto de processos clínicos psicoterapêuticos. Dado o caráter inusitado da metodologia em nosso meio, optei pela aplicação do dispositivo, nos moldes previstos pela literatura científica sobre o assunto (Lawrence & cols., 1998, 2003, 2007; Lawrence, 2005; Neri, 2003), procurando identificar potencialidades da metodologia para o trabalho clínico e psicossocial. O problema em questão gerou outras perguntas de pesquisa, conforme Tabela 1 abaixo:

Tabela 1 – Perguntas geradoras da pesquisa

-
- O dispositivo “matriz do sonhar social” presta-se a ser aplicado com pessoas situadas em distintos espaços sociais?
 - Como funciona o dispositivo “matriz do sonhar social”?

Tabela 1 – Perguntas geradoras da pesquisa (continuação)

-
- A expectativa de participar de encontros do sonhar social favorece a recordação de sonhos?
 - A participação em encontros do sonhar social influencia a iniciativa de fazer associações?
 - Como os participantes se sentem para apresentar sonhos em encontros do sonhar social?
 - Como os participantes se sentem para fazer associações com seus próprios sonhos e com os de outros participantes?
 - Como os participantes se sentem em relação às associações feitas por outros a respeito de seus sonhos?
 - Quais são os temas que surgem a partir dos encontros do sonhar social?
 - Como os encontros do sonhar social influenciam a vida pessoal dos participantes?
 - Como a atuação do coordenador é percebida pelos participantes?
 - As hipóteses de trabalho estabelecidas pelos teóricos do dispositivo “matriz do sonhar social” podem ser verificadas na aplicação efetuada no presente estudo?
-

Essas perguntas, se respondidas, deverão oferecer respostas ao problema suscitado. Para orientar a pesquisa empírica, formulei um objetivo geral e três objetivos específicos que descrevo a seguir.

6.1.1 Objetivo Geral

Identificar potencialidades da matriz do sonhar social como dispositivo de intervenção clínica e psicossocial.

6.1.2 Objetivos Específicos

6.1.2.1 – Aplicar o dispositivo “matriz do sonhar social” com dois grupos de pessoas situadas em contextos sociais diferenciados, com vistas à experimentação de sua metodologia.

6.1.2.2 – Avaliar a aplicabilidade do dispositivo, visando sua utilização em estratégias de intervenção clínica e psicossocial.

6.1.2.3 – Com base na experiência realizada, avaliar as hipóteses de trabalho utilizadas pelos teóricos do sonhar social.

6.2 *CORPORA* DE PESQUISA

Adotei para o presente estudo o conceito de *corpus* (plural: *corpora*) de pesquisa proposto por Bauer e Aarts (2002). Os autores, citando Barthes, definem *corpus* como “uma coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, com (inevitável) arbitrariedade, e com a qual irá trabalhar” (p. 44). A escolha, contudo, respeita critérios racionais alternativos àqueles adotados na amostragem estatística aleatória. A construção de um *corpus* equivale, para efeito de caracterização do todo, à amostragem representativa tradicional, desde que seguidos os critérios próprios para esse método, expostos pelos autores (Bauer & Aarts, 2002). No caso do presente estudo, a “coleção finita de materiais” consiste nos textos originados da gravação de encontros do sonhar social realizados com sujeitos selecionados pelo pesquisador, segundo critérios que veremos mais adiante. Bauer e Aarts (2002) relacionam quatro regras para a construção racional de um *corpus*: a primeira, adotada no presente estudo, refere-se à relevância, homogeneidade e sincronicidade do material escolhido. O critério de relevância exige que o material recolhido refira-se especificamente ao tema estudado e não a qualquer outro; homogeneidade refere-se à substância material dos dados, não misturando-se materiais textuais com materiais visuais, por exemplo; sincronicidade relaciona-se com o momento em que o material foi colhido, levando-se em conta o seu ciclo natural de estabilidade e mudança; define, portanto, o intervalo de tempo dentro do qual um *corpus* de material relevante e homogêneo deve ser selecionado. A construção do *corpora* do presente estudo atendeu a essas exigências: os textos examinados (um para cada encontro realizado) referem-se a narrativas de sonhos, associações realizadas pelos sujeitos, intervenções do coordenador e elaborações de sínteses temáticas (relevância); utilizou-se para análise apenas os textos resultantes da gravação, sendo que o registro em vídeo foi utilizado apenas para a identificação dos sujeitos e compreensão das respectivas falas, conforme descrito a seguir, no tópico 6.3 (homogeneidade); o material de cada *corpus* foi recolhido em um número limitado de encontros (três ou quatro), realizados em intervalos de no máximo uma semana entre um e outro (sincronicidade). As demais regras enumeradas por Bauer e Aarts (2002) para a construção de *corpora* de pesquisa qualitativa não foram adotadas, tendo em vista que não se buscou “saturação informacional”. Segundo os autores,

“saturação é o critério de finalização da investigação: investigam-se diferentes representações apenas até que a inclusão de novos estratos não acrescente mais nada de novo” (p. 59).

O estudo se revestiu de caráter exploratório e não se pretendeu, na seleção dos participantes, uma representação da totalidade do estrato do qual os sujeitos fazem parte, buscando-se a caracterização, compreensão e interpretação dos fenômenos observados nos dois grupos estudados. Buscou-se, em especial, evidências da funcionalidade do dispositivo estudado, bem como a análise das hipóteses de trabalho que vêm sendo utilizadas pelos estudiosos do assunto. Contudo, ao realizar o número de três ou quatro encontros com cada um dos grupos, pode-se avançar, ainda que de maneira modesta, na busca de certo grau de saturação de informações nos espaços sociais especificamente estudados. Poder-se-ia ter acrescentado um número maior de sessões, distribuídas em um período relativamente mais longo (por exemplo, dois, três, ou mais meses), e diferentes representações poderiam ter sido detectadas. Infelizmente, a limitação de recursos inviabilizou tal ampliação do *corpora* de pesquisa.

O projeto de pesquisa foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, em Reunião Ordinária realizada em 5 de dezembro de 2008 (Anexo 1). Os participantes receberam carta-convite na qual constaram as principais informações sobre os encontros a serem realizados (Apêndices A e B); foi colhido, também, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a participação na pesquisa (Apêndices C e D). Protegeu-se o sigilo sobre a identidade dos participantes, adotando-se, na versão textual das informações, nomes fictícios.

6.2.1 Sujeitos da Pesquisa

O conjunto de informações a serem analisadas (*corpora* da pesquisa) foi construído a partir de dois *corpus* distintos, tendo como fonte informantes escolhidos por conveniência, segundo critérios relacionados com o espaço social que ocupam:

Grupo I – Profissionais de gestão de pessoas

As informações do primeiro corpus foram fornecidas por 14 profissionais da área de gestão de pessoas de uma instituição financeira nacional (10 mulheres e quatro homens, com idades entre 30 e 52 anos, média de 44,6 anos), que foram convidados a participar de três encontros, com periodicidade semanal. Interessou ao pesquisador realizar experiência com

peçoas que, compartilhando um mesmo ambiente social – uma organização financeira fortemente estruturada – não estivessem vivenciando um momento de crise claramente identificável. O *corpus* resultante desses encontros foi considerado piloto para experimentação do formato do dispositivo (duração, regras de funcionamento, consignas do coordenador, instrumentos de avaliação de reação).

Embora fosse esperado que todos os participantes comparecessem aos três encontros, isso não ocorreu devido a dificuldades na liberação dos profissionais durante a jornada de trabalho. Assim, dois dos participantes estiveram em todos os encontros; três participaram dos dois primeiros encontros e dois dos dois encontros finais. Seis participantes compareceram em apenas um encontro (dois do primeiro, dois do segundo e dois do terceiro) (Figura 14).

Participante	Sexo	Idade	Participou do 1º encontro	Participou do 2º encontro	Participou do 3º encontro	Quantidade de encontros
Joana	F	45			√	1
Xandra	F	48	√			1
Quércia	F	30		√	√	2
Xênia	F	51	√	√	√	3
Miriam	F	39	√	√		2
Beatriz	F	43	√	√		2
Olga	F	42		√		1
Sofia	F	52		√	√	2
Dina	F	40		√		1
Elza	F	48			√	1
Dario	M	40	√	√		2
Oswaldo	M	49	√			1
Mário	M	48	√	√	√	3
Guilherme	M	50			√	1

Figura 14. Quadro dos dados sociodemográficos dos integrantes do grupo de profissionais de gestão de pessoas e da frequência de participação nos encontros.

Grupo II – Psicólogos formandos e recém-formados da Universidade de Brasília

As informações que constituíram o segundo corpus foram fornecidas por seis estudantes de psicologia (quatro mulheres e dois homens, com idades entre 22 e 27 anos, média de 23,7 anos), recém formados (nos últimos seis meses) ou em fase de conclusão

(prevista para os próximos seis meses) do curso de Psicologia da UnB, que foram convidados a participar de quatro encontros do sonhar social, com periodicidade semanal. Interessou ao pesquisador experimentar o dispositivo com indivíduos que estivessem vivenciando um momento crítico relacionado com a assunção de um novo papel profissional, no caso, o de psicólogo. Além disso, dadas as características desse público – recém formados e formandos em psicologia – interessava observar como jovens habituados à visão psicológica-interpretativa dos sonhos reagiriam diante de um dispositivo que requer contenção na análise psicológica individual para dar destaque aos temas sociais emergentes. Uma das participantes (Irma) participou apenas de três dos encontros, em virtude de compromisso acadêmico que impossibilitou sua presença (Figura 15).

Participante	Sexo	Idade	Participou do 1º Encontro	Participou do 2º Encontro	Participou do 3º Encontro	Participou do 4º Encontro
Giulia	F	24	√	√	√	√
Irma	F	22	√	√		√
Maria	F	23	√	√	√	√
Úrsula	F	22	√	√	√	√
Ítalo	M	27	√	√	√	√
Marcos	M	24	√	√	√	√

Figura 15. Quadro dos dados sociodemográficos dos participantes do grupo de psicólogos e da frequência de participação nos encontros.

6.3 COLETA DE INFORMAÇÕES

Encontros do “sonhar social”, com duração de cerca de uma hora a uma hora e meia, foram realizados, de acordo com a metodologia proposta por Lawrence e colaboradores (1998, 2003). As sessões foram conduzidas pelo próprio pesquisador, configurando uma situação de observação participante e sistemática, na qual “o observador assume um determinado papel e participa nas atividades que o caracterizam” (Moura & Ferreira, 2005, p. 56).

6.3.1 Estrutura dos Encontros e Procedimentos

Os encontros foram conduzidos em etapas: 1) o coordenador explicava a natureza do trabalho a ser realizado; 2) solicitava que um voluntário apresentasse um sonho; 3) após a narrativa do sonho, o coordenador solicitava aos participantes que oferecessem associações com o sonho narrado; 4) após certo período de tempo (aproximadamente 45 minutos), o coordenador iniciava o “diálogo reflexivo sobre os sonhos”, momento no qual o grupo identificava os temas recorrentes sugeridos pelo universo associativo dos sonhos narrados. Quando possível, o encontro foi finalizado com uma avaliação de reação informal do trabalho realizado.

6.3.2 Papel do Coordenador

O papel do coordenador consistiu em: oferecer explicações sobre o estudo, conduzir os encontros, intervindo nos momentos considerados oportunos, quer por meio de esclarecimentos sobre a tarefa a ser realizada, quer por meio da proposta de elaboração de sínteses. Como pode-se constatar na apresentação dos resultados, e pelas razões que ali estão expostas, a atuação do coordenador variou de uma atuação discreta, na condição de um observador-participante restrito ao papel acima descrito, à de um líder de pesquisa-ação, situação na qual ocorre um grau maior de intervenção daquele que coordena, oferecendo informações e opiniões.

6.3.3 Registro dos Encontros

Registraram-se, em áudio e vídeo, as narrativas dos sonhos individuais, as séries associativas e as amplificações temáticas oferecidas para cada sonho, a disposição afetiva dos participantes em face da tarefa a ser realizada, as sínteses elaboradas pelos grupos, a identificação de temas sociais emergentes e a atuação do coordenador como condutor e facilitador do processo.

6.3.4 Instrumentos de Pesquisa

Com o intuito de obter informações a respeito das percepções dos participantes sobre o trabalho realizado, foi aplicado, para o grupo que originou as informações do *Corpus I*, o

instrumento de Avaliação de Reação Final (ver Subseção 7.4), ao término do 3º encontro. Para o grupo que originou as informações do *Corpus II*, foram aplicados o instrumento de Avaliação de Reação Parcial (ver Subseção 7.10.1), ao final do 2º encontro, e o instrumento de Avaliação de Reação Final (ver Subseção 7.10.2), ao término do 4º encontro.

6.4 TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES

Os encontros foram gravados em áudio e vídeo e posteriormente degravados para texto impresso, resultando nos dois *corpus* textuais que foram analisados. Os nomes adotados na versão textual são fictícios, respeitando-se a caracterização de gênero do participante.

No relatório de pesquisa, as narrativas oníricas foram integralmente preservadas e sofreram apenas pequenos ajustes de edição. As associações de cada um dos sonhos foram recortadas e resumidas, preservando-se o seu núcleo de sentido (imagens, ideias, emoções); quando optou-se por preservar determinada frase, ela aparece entre aspas e seguida pela identificação do autor entre parênteses; ao conjunto de associações de cada sonho atribuiu-se a denominação de universo associativo do sonho. O mesmo tratamento dado às associações foi aplicado às informações geradas pelo diálogo reflexivo sobre os sonhos (recorte, resumo e redução às unidades de sentido), inclusive no que diz respeito à transcrição integral de eventuais falas (Laville & Dione, 1999).

6.5 DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Para o exame do material, adotei o método de análise de conteúdos, orientada pela revisão da literatura efetuada por Bauer (2002). Segundo o autor, a validade da técnica a ser utilizada deve ser julgada em termos de sua “fundamentação nos materiais pesquisados e sua congruência com a teoria do pesquisador, e à luz de seu objetivo de pesquisa. Um *corpus* de texto oferece diferentes leituras, dependendo dos vieses que ele contém” (Bauer, 2002, p. 191). O procedimento adotado neste estudo ampara-se nas várias definições oferecidas pelos autores referenciados por Bauer em sua revisão: a) descrição objetiva, sistemática do conteúdo manifesto da comunicação; b) inferência através da identificação objetiva e sistemática de características específicas de mensagens; c) processamento da informação em que o conteúdo da comunicação é transformado, através da aplicação objetiva e sistemática de

regras de categorização; d) produção de inferências replicáveis e práticas partindo dos dados em direção a seu contexto (Berelson, Holsti, Paisley, Krippendorff, citados por Bauer, 2002).

Neste estudo, considerei cada um dos sonhos e respectivas associações como uma unidade temática; dediquei atenção especial à interligação dos sonhos e das associações realizadas, assim como às intervenções do coordenador. Ao final de cada encontro, considerei o conjunto de todos os sonhos e suas associações como uma totalidade, buscando, através do exame das informações originadas pelo diálogo reflexivo sobre os sonhos, identificar a unidade temática afetiva e social, ancorando-a em alguma dimensão social considerada relevante para o grupo. Sempre que julguei oportuno, inseri comentários após uma série associativa ou ao longo do resumo do diálogo reflexivo, os quais utilizei como subsídios à análise na subseção “discussão”; o mesmo procedimento foi adotado em relação a todos os encontros. As conclusões são apresentadas ao final da análise de cada um dos *corpus* (ver subseções 7.5 e 7.11).

Busquei uma “construção iterativa [repetida, reiterada] de explicação”: “Diz-se que um processo é iterativo quando progride por aproximações sucessivas” (Laville & Dione, 1999, p. 227). A explicação que emerge é resultado do exame das unidades de sentido (por ex., associações, ampliações), as interrelações entre essas unidades (por ex., séries associativas dos sonhos) e entre as categorias nas quais essas unidades se reúnem (por ex., universo associativo e temas-síntese). Analisei, ainda, as informações obtidas por meio dos instrumentos de avaliação de reação aos encontros, parcial e final e, por fim, procedi à análise das hipóteses de trabalho para cada *corpus*.

7 O SONHAR SOCIAL EM CAMPO – RESULTADOS, DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Os resultados são apresentados e discutidos em distintas subseções, conforme discriminado no quadro abaixo (Figura 16). Os encontros são numerados sequencialmente e identificados por um código que os vincula ao respectivo *corpus* (por exemplo, C1E1 significa “primeiro encontro que gerou informações para compor o *Corpus I*”, C2E1 significa “primeiro encontro que gerou informações para compor o *Corpus II*”, e assim por diante).

Corpus	Encontro	Subseção
C1	Resultados e Discussão (C1E1)	7.1
C1	Resultados e Discussão (C1E2)	7.2
C1	Resultados e Discussão (C1E3)	7.3
C1	Avaliação de Reação (Grupo I)	7.4
C1	Conclusões (<i>Corpus I</i>)	7.5
C2	Resultados e Discussão (C2E1)	7.6
C2	Resultados e Discussão (C2E2)	7.7
C2	Resultados e Discussão (C2E3)	7.8
C2	Resultados e Discussão (C2E4)	7.9
C2	Avaliação de Reação (Grupo II)	7.10
C1 + C2	Conclusões (<i>Corpus I e II</i>)	7.11
C1 + C2	Avaliação das Hipóteses de Trabalho (<i>Corpus I e II</i>)	7.12

Figura 16. Quadro de codificação dos *corpus*, encontros e respectivas subseções do relatório de pesquisa de campo.

7.1 RESULTADOS E DISCUSSÃO (C1E1)

O primeiro encontro do primeiro grupo de pesquisa contou com a participação de quatro mulheres e três homens (Xandra, Miriam, Oswaldo, Dario, Xênia, Beatriz e Mário), teve duração de 85 minutos e foi coordenado, tal como os seguintes, pelo próprio pesquisador. Foram narrados sete sonhos, por cinco dos participantes (Xandra e Dario narraram dois sonhos cada um; Miriam, Oswaldo e Mário, um sonho cada; Xênia e Beatriz não relataram sonhos) (Tabela 2).

Tabela 2 – Sequência dos sonhos e respectivos narradores (C1E1)

Sequência de sonhos	Sonho narrado	Narrador
1	O submarino	Xandra
2	A queda	Miriam
3	O tanque voador	Oswaldo
4	Atravessando a parede	Dario
5	A águia	Xandra
6	O padeiro	Dario
7	Cortando a unha do pé	Mário

O encontro foi realizado em três etapas: a primeira (9 minutos), foi reservada às explicações a respeito do encontro; a segunda (35 minutos), dirigiu-se à narrativa dos sonhos e ao processo de associação livre; a terceira (33 minutos), destinou-se ao diálogo reflexivo sobre os sonhos, no qual buscou-se os temas emergentes e recorrentes e a quarta (8 minutos), relativa ao processo de avaliação de reação.

Conforme explicitado nas subseções 6.4 e 6.5, as narrativas oníricas foram integralmente preservadas e sofreram apenas pequenos ajustes de edição; as associações de cada um dos sonhos foram recortadas e resumidas, preservando-se o seu núcleo de sentido (imagens, ideias, emoções); quando se optou por transcrever literalmente a fala, ela aparece entre aspas e seguida pela identificação, entre parênteses, do autor. O mesmo tratamento dado às associações foi aplicado às informações geradas pelo diálogo reflexivo sobre os sonhos (recorte, resumo e redução à unidades de sentido), inclusive no que diz respeito à transcrição

integral de eventuais falas. Sempre que oportuno, inseri comentários de minha autoria – após uma série associativa ou ao longo do resumo do diálogo reflexivo – que são analisados na subseção “discussão”.

7.1.1 Narrativa de Sonhos e Associações dos Participantes

O coordenador agradeceu a presença dos participantes, informou sobre os objetivos da pesquisa, explicou o conceito de sonhar social, as características do processo de associação livre, as etapas da oficina; informou sobre o tempo destinado para cada encontro, a confidencialidade, o registro dos encontros em áudio e vídeo, e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

As explicações oferecidas pelo coordenador foram rapidamente acolhidas, não exigindo explicações mais detalhadas. Como constataremos mais adiante, a configuração das cadeiras em formato “floco de neve” definida pelo coordenador foi preliminarmente aceita pelos participantes, mas requereu explicações adicionais no fechamento do encontro. Como o conceito de “sonhar social” não faz parte do repertório usual desses profissionais, o coordenador procurou explicá-lo de maneira acessível:

O que é o sonhar social? A gente parte do pressuposto de que cada um de nós sonha. Nós temos os nossos sonhos noturnos – quando a gente fala em sonho eu estou me referindo aqui ao sonho noturno, aquele que a gente sonha dormindo, porque nós usamos a expressão sonho para falar das nossas aspirações, dos nossos projetos de transformação social. Mas eu utilizo aqui o sonho no sentido do sonhar noturno. Então, nós partimos dos sonhos individuais que são apresentados no grupo e para o grupo. A partir desse momento, os sonhos passam a ser propriedade do grupo; não é mais uma propriedade, uma posse individual, vamos encará-los como algo que pertence ao grupo. Na medida em que os sonhos forem sendo apresentados, nós vamos fazer associações com os sonhos. O que é fazer associações com o sonho? Na verdade, é dizer aquilo que lhe passa pela cabeça quando você ouve aquele sonho. Qualquer ideia que lhe passe pela cabeça e que foi suscitada pelo fato de você ter ouvido o sonho. Esse é o processo de associação. É um livre processo de imaginar. Eu escuto o sonho e digo aquilo que está me ocorrendo.

Comentário 1: O coordenador faz uma distinção entre duas formas usuais de referência aos sonhos: o sonho como processo psíquico que ocorre durante o sono e o conceito metafórico que se refere à realização de uma situação vígil considerada ideal. Como o conceito de “sonhar social” pode ser facilmente associado à segunda acepção, ou seja, a idealização de uma situação desejada, o coordenador trata de esclarecer o sentido da expressão no contexto do encontro. Aproveita, ainda, para explicar como se dará o processo de associação livre.

Sonho 1 – O Submarino (Xandra)

Esse sonho me deixou muito impressionada. Eu estava em uma espécie de submarino. Lembro assim até pelo submarino da capa do disco dos Beatles. Aquele submarino padrão. Eu estava em um submarino, só que o submarino estava não submerso. Ele estava navegando. Estava por cima da água. Só que não era água, era como se fosse um mar de nuvens. Eram nuvens muito cinzas, muito escuras. Era um sonho meio aterrorizante. E então, em um determinado momento esse submarino começava a subir como se fosse um balão, um dirigível. Ele começava a subir, subir, subir... E quando eu chegava a uma determinada altura, eu caía lá de cima. Era um sonho meio assustador. E na hora que eu caía nessas nuvens escuras e cinzentas, elas se transformavam em mar. E aí eu ia afundando, afundando, afundando, afundando, afundando e acordava com aquela sensação... Não cheguei ao fundo, mas acordava com aquela sensação: “que bom que eu acordei.”

Associações dos participantes: Queda, terror, conversa com o irmão no dia anterior, necessidade de fazer armário em área aberta e que possa pegar chuva, um submarino, Beatles, submarino amarelo, tragédia, um carro atropelando os Beatles na faixa de pedestre, ouvir música, nuvens escuras no céu, lindas nuvens. [Miriam apresentou o sonho “A Queda”]

Comentário 2: O sonho, segundo a sonhadora, ocorreu antes dela saber que participaria do encontro do sonhar social. O universo associativo do sonho de Xandra é constituído por imagens relacionadas a queda, terror, inesperado, trágico. A série é finalizada com a apresentação de um segundo sonho - “A Queda” - por Miriam. A série associativa resulta na apresentação de um novo sonho, dando continuidade ao processo associativo em torno do tema “queda”.

Sonho 2 – A Queda (Miriam)

Lembrei de um sonho que eu tive, muito tempo, muitas vezes, quando eu era pequena. Não lembro até que idade, mas eu sei que depois de adulta, eu não tive mais. Eram variadas as cenas, mas o sonho se repetia muito. Muito, no pátio do meu avô, que era um pátio que tinha uma distância... Era muito alta a casa dele. Nesse pátio tinha uma grade. Eu sempre ia me escorar e a grade caía. E eu caía. E eu acordava com aquele frio na barriga e aquela coisa: “Ai, era um sonho!” Mas eu acordava assustada. De vez em quando eu sonhava com um penhasco, alguma coisa.

Associações dos participantes: Despencar, assustar-se, insegurança, afundar, relação boa com a água, água perigosa, sensação de afogamento, de perda de ar, dificuldade de respirar, prisão, depressão, coisa nebulosa, obscura, tragédia, pesadelo, angústia. [Beatriz aproxima os dois sonhos “O Submarino” e “A Queda”: falta de controle, queda]

Comentário 3: O universo associativo gira em torno de perigo, afogamento, prisão, dificuldade de respirar, depressão, pesadelo, obscuridade, angústia. Beatriz faz uma conexão entre os dois sonhos em torno do tema “falta de controle” e “queda”. Parece que a tarefa proposta – associar e estabelecer conexões entre sonhos - foi compreendida pelo grupo. Um tema começa a se delinear: falta de controle, impotência, queda.

Sonho 3 – O Tanque Voador (Oswaldo)

Eu sonhei que estava em um tremendo meio de transporte. Era um avião, só que era uma piscina do avião. Era um tanque, uma represa enorme. Ele estava voando e eu em cima. Era um avião que estava voando, mas era um tanque voador aberto.

Associações dos participantes: Sonho bom. [Dario associa este sonho com os sonhos “O Submarino” e “A Queda”: subia, caía, virava barco. Lembra-se de um sonho: “Atravessando a Parede”]

Comentário 4: Um novo sonho é apresentado por Oswaldo que apresenta a primeira e única associação (“sonho bom”); seguiram-se duas perguntas de esclarecimento sobre o sonho.

Dario interliga os sonhos apresentados até o momento em torno dos temas “subida, descida, transformação”, oferecendo um novo sonho (“Atravessando a Parede”). Parece que o grupo encontrou uma maneira de transitar de um para outro sonho, destacando a temática em comum.

Sonho 4 – Atravessando a Parede (Dario)

Eu tive um sonho uma vez, muito bom. Bom demais! Eu fui até uma parede e eu botei a mão, sem querer. E aí eu vi que a mão passou. Gente, mas eu senti a parede na mão. Foi muito bom. Aí, eu botei a mão e disse: “não, se a mão passa, o corpo também passa.” E aí eu passava na parede. Era muito bom, porque eu sentia a parede... Aí eu disse que se eu passo a parede é porque eu sou eu sou quase leve. Uma coisa meio como uma nuvem... E aí eu dei um salto e voei. Voei alto, mas eu conseguia ficar no chão, também. Eu não flutuava. Eu saltava. [...] Aí, era um prédio com vários andares. Eu tinha entrado no prédio e pensei: “bom, não vou pegar elevador, porque ele está demorando. Não vou subir escada. Vou dar um salto”. Aí eu dei um salto e fui parar lá aonde eu queria. Foi uma coisa muito engraçada. Mas o mais interessante foi a sensação das paredes, das coisas. Isso foi mais interessante. De poder voar, de saltar. De poder passar por uma parede. Aí, eu acordei e disse assim: “Nossa, mas foi uma vida muito boa essa que eu tive.” Porque a sensação foi muito real.

Associações dos participantes: Chegar no banheiro do vizinho, superar obstáculo, transpor barreiras, superar limites, o sonho possibilita fazer coisas que normalmente não se pode fazer, sensação de expansão, sem limites, atravessar paredes, respirar debaixo d’água, sentimento bom trazido pelo sonho, sair da tridimensionalidade, superar limites no dia a dia, os desejos motivam a superação, limites intransponíveis (vida, morte), limites transponíveis pelas condições, capacidades, esforço, os atletas, os desejos, mobilização no dia a dia, luta para superar limites e deficiências, limite, características pessoais, proporcionar prazer, proporcionar prazer às pessoas, cada qual ao seu modo; frustração ao terminar um projeto, necessidade de começar algo novo. [Miriam associa com o sonho de Dario, “Atravessando Paredes”: sonho que parece realidade; Xandra lembra-se de um sonho: “A Água”]

Comentário 5: Este sonho representa um salto na quantidade de associações apresentadas em relação aos anteriores. Cinco dos sete participantes manifestaram-se; o tema recorrente é o de

“superação de limites”. O sonho mobiliza fortemente o grupo; é possível que por se tratar do quarto sonho o grupo tenha se sentido mais confortável e disponível para o processo associativo. A série associativa é finalizada por Xandra que lembra do sonho “A Águia”.

Sonho 5 – A Águia (Xandra)

Mas, eu tive um sonho com um apartamento em construção. Eu visitava essa obra e a obra não estava pronta. Eu, impaciente... “Puxa, esse apartamento não está pronto ainda?” Aí, naquela parte que seria o elevador, na construção, fica um buraco, não é? Eu me lembro que eu chegava e olhava aquele buraco, eu via aquele buraco. “Mas não está pronto ainda? Isso aqui não está pronto?” E aí, vinha a águia, subindo lá de baixo. Eu ficava, assim parada, dizendo: “Isso é uma resposta. Então, é isso?” Aí, eu olhava e chamava alguém para ver a águia. Quando eu me voltava, não era mais essa águia, enorme, voando. Era um filhote de águia, num canto. Lembro que acordei com a sensação de que esse meu projeto ainda não estava pronto. “Esse meu sonho de mudança não é agora”. Então, é um filhote. Ainda está no começo, mas vai acontecer. E me lembro que esse foi um sonho que me deu essa tranqüilidade. O tempo vai chegar, não é? Fiquei muito com essa sensação. Não é agora. Está embrionário. Aquele filhote, mas isso ainda vai abrir as asas. Ainda vou conseguir realizar.

Associações dos participantes: Águia = visão sistêmica, ampla, destemida, destreza, a águia aparece muito no sonho e isso é bom, águia = poder = Estados Unidos, mobilização da quarta frota, policiamento da América do Sul; desculpa das drogas, invasão de um país para combater o terrorismo, autonomia dos países; os Estados Unidos fazem isso há muito tempo, desde a ditadura; América Latina, Colômbia, cartel das drogas, intromissão dos Estados Unidos; Eduardo Galeano, veias abertas da América Latina, Gabriel Garcia Marques; Portela, Carnaval no Rio, sentimento gostoso, alegria, sem medo, sem perigo, sentimentos associados ao Rio; incidente ocorrido recentemente, polícia mata garoto, sentimento de absurdo, “área nobre da Tijuca!” (Beatriz), mulher com duas crianças em um carro [Mário identifica-se com o pai do garoto morto], carro suspeito, policiais atiram, “foi um rio que passou em minha vida!” (Oswaldo), “não consigo conceber um negócio desse!” (Mário). Beatriz compara o sonho com a realidade: “o sonho faz sentido para quem sonha, às vezes dá resposta que não se tem quando acordado; sonhar é importante para que as coisas se arrumem, o sonho tranquiliza; a realidade às vezes é um pesadelo, mundo ilógico, maluco, sem sentido, mundo

real”, pesadelo sem controle, como no sonho, onde não se tem controle; ilusão de controle na vida real; sensação de desamparo; sonhos agradáveis como compensação para uma realidade ruim. Dario narra um novo sonho – “O Padeiro”.

Comentário 6: Este sonho apresenta o maior número de associações do encontro, realizadas por seis participantes. Elas aparecem relacionadas a aspectos sociais mais amplos: “águia” como representação do poder político-militar (referência aos EEUU), intervenção da potência americana em países do hemisfério sul, ofensiva contra drogas. Em contrapartida, surgem associações com prazer e alegria (“águia” como representação da escola de samba da Portela), a possibilidade de alegria, sem medo e perigo, normalmente associados ao Rio de Janeiro, para retornar, em seguida, e até o final do processo associativo, ao tema da violência, inclusive a violência do poder constituído (polícia) contra o cidadão.

Surge a comparação do sonho com a realidade: para Beatriz o sonho faz sentido para quem sonha, às vezes dá respostas para o que não se tem explicação no estado de vigília; sonhar é importante para “que as coisas se arrumem”, o sonho tranquiliza; a realidade às vezes é um pesadelo, o mundo é ilógico, maluco, sem sentido. O coordenador resume parte da fala de Beatriz: “o pesadelo é real!” Beatriz acrescenta: (a vida real) é um pesadelo sem controle, como no sonho, onde não se tem controle. Enfatiza a ilusão do controle na vida real e a sensação de desamparo. Segundo a lógica que emerge, os sonhos agradáveis seriam uma compensação para uma realidade brutal. Dario apresenta a seguir um sonho que expressaria esse caráter “compensatório” (“O Padeiro”).

Novamente, o grupo parece encontrar-se muito à vontade para o processo associativo, que resulta no aumento do número de associações apresentadas. A temática emergente também parece estimular o processo associativo: brutalidade da realidade social e política planetária, violência, inclusive dos poderes constituídos que teriam por missão proteger o cidadão, o sonho com uma função compensatória à angústia e insegurança da vida de vigília, indicando a necessidade de sonhar com um mundo melhor.

Sonho 6 – O Padeiro (Dario)

Eu fui a uma padaria. Gente, estava cheio de pão saindo. Aquele pãozinho fresco, gostoso. Ai você pegava, assim, aquele pão. A menina pegava com uma garra, ela meio que amassava, assim. E eu sentia aquela vontade. Ai eu dizia: “não, aquele lá você amassou demais.” Ai, ela pegou.... “Não, aquele ali está escuro”... queimado em cima. Não quero

assim branquinho, mas que ele seja douradinho. Pegou um saco de pão. Parece que quando eu pegava aquele saco de pão, fazia assim com a casquinha. Aí eu olhei assim, “ai, que pão bonito!”... “Ah, isso eu faço na máquina lá de casa”.

Associações: Dia do padeiro [Dario, o sonhador, admira-se com a coincidência da associação feita por Beatriz], cheiro de pão, quentinho, “sonho bom” x “realidade ruim” (Dario), 11 de setembro, a queda das torres gêmeas, a realidade que parece filme, sensação de terror, constatação de que coisas ruins acontecem no mundo real, o filme é realidade [Miriam, reportando-se ao que Beatriz havia dito anteriormente sobre “sonho” e “realidade”], “o piloto estava cego?” [Xandra, referindo-se a 11 de setembro e como ela minimizou a “realidade” do fato], “estava comprando peixe para um jantar e tudo parou... tudo perdeu a graça” [Mário, que passa a narrar o sonho “Cortando a Unha do Pé”].

Comentário 7: O sonho “O Padeiro”, sonhado na noite anterior e narrado por Dario, foi assim intitulado em virtude da “coincidência” com o Dia do Padeiro, lembrado por Xandra, informação desconhecida pelo sonhador. O universo associativo do sonho, oferecido por seis dos participantes gira em torno de aspectos agradáveis, tais como “cheiro de pão quentinho”. O sonhador retoma a ideia de “sonho bom” vs “realidade ruim”. Miriam reporta-se ao que Beatriz havia dito anteriormente sobre “sonho” e “realidade”. Lembra de “11 de setembro”, a queda das torres gêmeas em Nova Iorque, a realidade que parece filme, a sensação de terror, constatando que coisas ruins acontecem no mundo real, o filme é realidade. Xandra e Mário também se recordam da ocasião que lhes pareceu surreal. As associações dos participantes deste sonho dão prosseguimento à temática surgida no anterior; o sonho como compensação para uma realidade angustiante, quase inacreditável.

Sonho 7 – Cortando a Unha do Pé (Mário)

Na semana passada eu tive um [sonho] muito parecido com um pouco do dia a dia, com a realidade. Eu tenho problema de diabetes e uma coisa que gente tem que cuidar é a questão da unha. Fui na semana passada em uma... Eu tenho que cuidar dessa unha, porque eu peguei uma micose em uma praia do nordeste, não sei onde. Eu estava cortando minha unha aqui no local de trabalho. A unha do meu dedão do pé. [...] Eu peguei a minha unha e botei na primeira lixeira. A Beatriz surgiu no sonho e falou assim: “Mas Mário, oh! seu Mário! Você não tem vergonha de botar a unha nessa lixeira, você vai contaminar todo

mundo com a micose!” Eu fiquei, assim, super-envergonhado. Não porque ela tinha me chamado a atenção, por causa do jeito carinhoso que ela sempre tem de falar com as pessoas. Mas era o que eu tinha causado. O transtorno que eu tinha causado. E aí, o sonho acabou. A unha ficou na lixeira. Eu não sei o que é que eu fiz, mais. Eu fiquei sem ação.

Associações dos participantes: “O sonho ocorria no banheiro?” (Beatriz), “retiraram as lixeiras das salas de trabalho” (Oswaldo), procurar lixeiras, preocupação com as unhas [Oswaldo esclarece ao coordenador que as lixeiras foram retiradas das salas de trabalho], as lixeiras estão localizadas em pontos específicos do andar, “setorizadas” (Miriam), “não se tem mais lixeira ao lado da mesa” (Mário), “passei a jogar o lixo no chão e isto foi motivo de repreensão” (Oswaldo), “queria que vocês me ajudassem a compreender o sonho” (Mário).

[Beatriz, citada no sonho de Mário, e colega de trabalho deste, aponta a coincidência entre a conduta dela no sonho e as mudanças que vem observando em sua atitude no dia a dia; menciona uma possível comunicação inconsciente de Mário com ela. Dario diz que Beatriz foi escolhida por Mário para estar em seu sonho. Escolha de pessoa muito quieta para dizer algo assertivo. Por que não escolher outra pessoa mais assertiva? Beatriz e Dario concordam.]

Comentário 8: Sonho ocorrido na semana anterior. Cinco dos sete participantes produzem associações para este sonho narrado por Mário, diretamente conectadas com o ambiente social mais próximo dos participantes. De fato, as imagens sugerem sentimentos de desajuste em relação ao ambiente profissional. “Cortar a unha do pé” - um cuidado pessoal -, em ambiente profissional, parece ser algo inadequado. Recentemente, as lixeiras foram retiradas das salas de trabalho e colocadas em locais específicos (conforme informado pelos participantes), obrigando os trabalhadores a se deslocarem até elas. O acontecimento surge nas associações, revelando o desconforto vivido pelos profissionais. O assunto é tratado com certa ironia (“lixeiras setorizadas”, na expressão de Miriam).

Não fica claro se a demanda de Mário para que o ajudem a entender o sonho é por esclarecimento na “vertente do Édipo”, ou na “vertente da esfinge”, conforme distinção feita por Bion (ver Seção 5). O coordenador deixa passar a oportunidade de ratificar as instruções para a realização da tarefa: fazer associações e não interpretar o sonho ou o sonhador. A conversa entre Beatriz, Mário e Dario parece resvalar para algo semelhante a uma análise de grupo. O coordenador intervém, concluindo essa etapa do trabalho.

Nota-se que a quantidade de associações permanece alta (a segunda maior ocorrida no encontro), com a participação da maioria dos participantes. Elas conduzem para o tema da

adaptação ao ambiente de trabalho e sentimentos de inadequação, relacionados ao ambiente social mais próximo dos participantes. Talvez por isso mesmo tenha ocorrido o esboço de tentativa do sonhador (Mário) para conduzir o trabalho na direção de um exame “psicológico”, individual, do sonho (“vértice do Édipo”, na linguagem deste estudo), ou de uma análise da dinâmica grupal, na figura de Beatriz.

7.1.2 Diálogo Reflexivo sobre os Sonhos

O coordenador iniciou a síntese do trabalho transcorrido até então, solicitando ajuda ao grupo para relacionar os sonhos apresentados, atribuindo-lhes uma denominação. Dario questionou a configuração das cadeiras em formato de floco de neve. O coordenador respondeu rapidamente ao questionamento de Dario sobre a configuração das cadeiras, dizendo que daria mais detalhes a seguir. Essas explicações somente foram retomadas na etapa de avaliação final do encontro. O coordenador continuou a fazer o levantamento dos sonhos apresentados, estimulando o grupo a identificar temas recorrentes nas associações e sonhos.

Xênia disse que as sensações que surgem nos sonhos continuam a ser percebidas na situação de vigília. Oswaldo concordou. O coordenador parafraseou a fala de ambos: uma espécie de continuidade do sonho na vida acordada. Miriam disse que a sensação boa perdura mais do que a ruim e que, na maioria dos sonhos, as pessoas buscam uma mensagem orientadora para a vida. Dario apontou uma relação direta de alguns fragmentos do sonho com a realidade: o sonho busca algo, a gente busca a realidade no sonho, o vínculo entre o sonho e a realidade. Dario inverteu o raciocínio, complementando: o sonho busca transcender a realidade.

Comentário 9: Os participantes falam de sensações que continuam na vida de vigília. O coordenador interpreta a afirmação como uma “espécie de continuidade do sonho na vida acordada”. Isto parece remeter ao caráter onírico assumido pelo processo de narrativas e associações – um modo de continuar a sonhar coletivamente aquilo que foi sonhado individualmente. Este entendimento é reforçado pelo surgimento da ideia de que o sonho busca transcender a realidade.

O coordenador destacou alguns temas que surgiram nas associações: queda, depressão, medo, superação desses medos, visão sistêmica mais abrangente, superação de obstáculos. Mário complementou, apontando a ilogicidade da vida cotidiana, o fato do sonho ser melhor do que a realidade e que a realidade é um sonho. O coordenador procurou entender se o sentimento é o de não ter controle sobre o real. Mário confirmou: não ter controle, não ter sentido, impossibilidade de ter uma conduta lógica.

Beatriz apontou a busca de racionalização na vida e no trabalho: o sonho indicaria que há limites para o controle. Mário ratificou: busca de explicação para tudo. O coordenador sintetizou: o sonho faz contraponto com a realidade. Beatriz retomou dizendo que as coisas são maiores do que a gente pensa, o sonho está sempre presente, surpreendendo a consciência e temos apenas controle parcial da vida. Para Dario, o sonho é tão importante quanto os aspectos práticos da vida, o sonho traz uma vivência real.

Comentário 10: As falas dos participantes remetem à valorização da vida onírica como contraponto ao anseio de controle da vida vígil e indicam a atribuição de um estatuto de “realidade” à experiência do sonho. A realidade vígil às vezes se parece com o sonho, até mesmo em sua aparente ilogicidade. Os comentários deixam transparecer um certo sentimento de impotência diante da realidade vivida.

O coordenador voltou a questionar o grupo sobre sensações agradáveis e desagradáveis suscitadas pelos sonhos. Mário apontou sentimentos desagradáveis. Outros discordam, lembrando o sonho “O Padeiro”.

O coordenador estimulou o grupo a identificar regularidades nas associações. Vários participantes ressaltaram que as associações foram positivas. Oswaldo fez contraponto a essa visão positiva dos sonhos, ressaltando que as associações sugeriram aspectos negativos: violência no Rio, atentado às torres gêmeas, a questão da vigilância americana sobre a América Latina. O coordenador agregou: falta de lixeiras no trabalho, sentimentos de inadequação, de fazer algo inadequado no trabalho (como cortar a unha do pé), sentimento de vergonha.

Comentário 11: Os participantes percebem tanto sentimentos agradáveis quanto desagradáveis nas associações apresentadas. O coordenador aproveita a referência feita a sentimentos

desagradáveis e chama a atenção dos participantes para aspectos do ambiente de trabalho que foram mencionados.

Xandra brincou com o sonho de Mário (“Cortando a Unha do Pé”), Mário perguntou se alguém já viu pessoas cortando unha no trabalho e vários participantes admiraram-se com essa possibilidade. Xandra reforçou dizendo que já viu outros comportamentos “inadequados” (tal como “usar fio dental” no ambiente de trabalho).

O coordenador assinalou o clima bem humorado que se instalou no grupo com o sonho da unha e esboçou uma hipótese sobre o sentido que aquilo teria para o grupo: algo inusitado na situação de trabalho, cuidados de si no trabalho, sentimento de inadequação. Convidou o grupo a falar a respeito.

Comentário 12: O coordenador, aproveita o humor do grupo em relação ao sonho “Cortando a Unha do Pé”, aponta a relevância das associações para o ambiente de trabalho dos participantes. Daqui para diante, os participantes passam a focalizar sua realidade social imediata, qual seja, a vida profissional na organização em que trabalham.

Mário respondeu ao estímulo falando do incômodo no trabalho, ruídos no ambiente, uso de tampões para poder trabalhar e se concentrar, muito falatório, interferências constantes na rotina de trabalho (ginástica laboral), dispersão, sentimento de inadequação pessoal, tentativa de se adequar, mudando a atitude, fazendo barulho também, poluindo sonoramente o ambiente para não ficar isolado.

Dario assinalou que talvez as pessoas não estejam conseguindo falar a respeito do que as incomoda (inclusive ele próprio), que as pessoas se sentem inadequadas e que as baias de trabalho parecem um mercado público, “coisa de americano e não de brasileiros”. Mário também apontou o que ele considera como a incompatibilidade do uso de baias com a cultura brasileira, criticando o modo de relacionamento das pessoas nas baias, “uma grita para falar com a outra”. Beatriz ratificou o comentário de Mário; ela própria quase havia gritado naquele dia.

Dario provocou Mário para que ele iniciasse um movimento de mudança do hábito de falar alto entre os profissionais de diferentes baias. Mário reagiu dizendo que prefere se isolar, e esquecer a confusão; a situação é desagradável e o sentimento é de inadequação. Miriam

expressou sua opinião de que as pessoas ultrapassam os limites, não têm percepção de como seu comportamento afeta os outros, falta a noção de espaço público.

Dario apontou o que ele chama de “neurose da comunicação” que conduz à ideia de que é suficiente, para garantir a comunicação, retirarem-se as paredes das salas. Miriam referiu-se ao desejo que as pessoas manifestam de fazer as coisas rapidamente e de poupar trabalho, locomovendo-se menos e gritando à distância.

Dario deslocou a análise do comportamento individual para a questão sistêmica: “a responsabilidade é do modelo e não culpa das pessoas”. Beatriz complementou dizendo que o modelo de baias tem mais a ver com controle do que com a melhoria da comunicação.

O coordenador aproveitou a análise feita por Beatriz, relacionando-a com uma das associações feitas no sonho “A Águia”, a quarta frota americana que surgiu com a conotação de controle. Dario reiterou que as pessoas se incomodam mas pouco fazem, sentem-se impotentes. Beatriz lembrou, então, que a situação anterior da área em que trabalham também não era favorável: havia “guetos” restritos a cada uma das salas. Xandra reforçou dizendo que os “guetos” de antes continuam a existir no modelo de baias.

Dario voltou ao tema do barulho no ambiente de trabalho que dificulta o pensamento. Xandra destacou o fato de trabalhar perto do auditório, onde o barulho é maior. Mário enfatizou a exaustão sentida ao final do dia, o desejo de ficar parado, em silêncio total, sem disposição nem para ouvir TV ou ir ao cinema.

O coordenador relacionou o tema emergente com o sonho “Atravessando Paredes”. Oswaldo lembrou que, no sonho, passar pela parede trazia sensação agradável. Xandra relembrou a primeira vez em que se deparou com as baias: sentimento de desafio, por não ter paredes, nem divisórias. Oswaldo comentou que foi “despejado” de sua baia. O coordenador manifestou espanto e pediu mais explicações. Oswaldo continuou relatando o evento do “despejo” mas disse que não se comoveu com a situação, embora tenha começado a conversa manifestando seu espanto por ter sido “despejado” após 31 anos de trabalho na organização.

Mário fez piada com o congestionamento nos corredores das salas de trabalho, comparando-os com uma rua do Rio de Janeiro. O tom é de ironia. Em desabafo, Dario expressou o sentimento de que o “poder” (referiu-se ao fato de que o escritório de uma autoridade pública vem ocupando um espaço no prédio onde o participante trabalha) vale mais do que qualquer estudo de psicologia organizacional ou de estruturação de espaço de trabalho.

Mário referiu-se ao ambiente externo privilegiado no qual se localiza o prédio onde trabalham; expressou o receio de ter que sair dali (cedendo espaço provavelmente ao

“poder”). Miriam reforçou, observando que o prédio foi construído para ser o centro de treinamento da instituição e todos receiam que tenham de sair do prédio e questionou a falta de importância atribuída pela organização. Mário se lembrou das expectativas que tinha quando entrou no prédio pela primeira vez, considerando aquele local como uma “usina de ideias”. Miriam associou os sentimentos de sair do prédio com a subida e queda no sonho “A Queda”, ou seja, a construção do prédio onde trabalham para servir de espaço de educação e, agora, a sua perda.

Dario demonstrou sua decepção com a realidade organizacional: ideias geniais são concebidas naquele ambiente e as pessoas que tomam as decisões na organização passaram pela influência da Universidade Corporativa. Concluiu que as universidades [corporativas] estão concebendo o mundo de uma forma errada, insatisfatória.

O coordenador procurou identificar o tema que estava em pauta: a queda do sonho para a realidade, do desejado para o vivido, a impotência do sonho para afetar a realidade. Beatriz reagiu à fala do coordenador, mencionando o desamparo individual e de grupo, a falta de mobilização do grupo, a falta de manifestação de discordância, de insatisfação, falta de dizer “Vocês podem tomar a decisão que vocês quiserem, mas a gente não compartilha.”

Xandra fez reparo à fala de Beatriz, evocando a fala de um alto dirigente que calou qualquer reivindicação: “O que é mais importante? O Banco ou o País?” Beatriz protestou, questionando se não se trata apenas do desejo de uma pessoa com poder e o que teria sido feito do sonho coletivo, que é “o projeto e sentido da área de gestão de pessoas”.

Dario generalizou a reflexão para outros aspectos da realidade social. Beatriz especificou, incluindo a Universidade [Corporativa]. Dario, retomando sua fala, estendeu seu protesto às universidades, tanto do mundo externo à organização quanto do mundo corporativo: ausência de participação dos interessados no projeto, sonho “narcísico-liberal”, um “sonho onde eu sou e vocês não são”, uns “fazem” (concebem), outros executam. Quando se assume o poder, repete-se a mesma coisa. Criticou o individualismo: o sonho (coletivo) é múltiplo, necessita do outro (faz referência ao sonho “Atravessando Paredes”).

O coordenador procurou sintetizar a fala de Dario, dando ênfase ao sentimento de expropriação do sonho coletivo: “realizando sonhos que não foram sonhados por nós”. Dario confirma a síntese, referindo-se à racionalidade cartesiana, dando a entender que quanto mais se fala em liberdade, menos se tem. Nesse sentido, o sonho possibilita ter sentimentos mais nobres diante da difícil realidade.

Aprofundando a crítica, discutiu-se a ocupação de espaços no prédio onde os participantes trabalham por escritório de uma autoridade pública, gerando o temor de que a

área de gestão de pessoas seja retirada do local. Evocaram-se as relações entre educação e poder e a perda de sentido da missão da área educacional da instituição. Os sonhos de projeção de futuro foram associados à ideia de fracasso dos projetos da educação corporativa. Desse momento em diante, manifestaram-se críticas ao ambiente profissional e às condições de trabalho.

Comentário 13: Os participantes se concentram nos incômodos ambientais, a existência de ruídos decorrentes do “falatório” propiciado pelo sistema de “bairas” (separações das equipes por divisórias baixas, onde todos vêem todos e acabam se comunicando a distância, muitas vezes gritando). Os funcionários adotam, frequentemente, o isolamento como estratégia de afastamento da confusão reinante. Surge a crítica sobre o sistema organizacional mais amplo que condiciona o comportamento dos profissionais, a propósito do sistema de bairas que, sob pretexto de facilitar a comunicação, na verdade representaria economia de espaço e controle visual do que se passa no ambiente.

Surgem elementos relacionados à articulação “Lá e Então” de Hooper (2003), ou seja, injunções fora do contexto imediato dos participantes, mas que afetam a autoestima dos participantes no contexto da organização: o prédio, concebido originalmente para abrigar a área de educação corporativa, e que simbolizava a importância atribuída pela organização ao trabalho dos profissionais ligados ao desenvolvimento humano, sofre o risco de ter que acolher outros departamentos, reduzindo, na visão dos participantes o espaço necessário para o bom desenvolvimento de suas atividades. A ameaça é vista como uma perda de status e de importância desses profissionais.

O grupo aprofunda gradativamente suas referências ao ambiente social mais imediato no qual vive – a Organização – verbalizando os sofrimentos decorrentes dos arranjos organizacionais específicos (disposição espacial, comunicação, estresse, crise de sentido). O coordenador procura, ao longo de todo o processo de fechamento, estimular o grupo a identificar temas recorrentes nos sonhos e nas associações, perguntando sobre a tonalidade das emoções que surgiram durante o processo e referenciando sonhos que lhe pareceram conectados com as falas dos participantes. O grupo participa ativamente, mobilizado pelo fato de estar discutindo uma realidade que lhe faz sentido.

7.1.3 Avaliação Informal do Encontro

O coordenador retomou as explicações sobre o motivo da configuração do grupo em “floco de neve” e como seriam as próximas etapas do trabalho, caso fosse possível realizá-las. Essas etapas consistiriam em utilizar as informações obtidas nesta primeira etapa como insumos para “sonhar” novas possibilidades emergentes para a realidade social imediata dos participantes, qual seja, o ambiente organizacional onde trabalham. A seguir, apresentamos a avaliação feita pelos participantes sobre a experiência vivida.

Mário referiu-se ao fato de que ouvir o sonho do outro, aproxima-o, tornando-o mais familiar; considerou que embora se fale de multidimensionalidade do ser humano, isto não é praticado; o encontro possibilitou intimidade, carinho, mexeu com as emoções. Miriam reforçou dizendo que o encontro foi prazeroso, possibilitou proximidade e criação de vínculo. Ao colocar seus sonhos, Xandra sentiu-se acolhida. Apreciou conhecer diferentes visões sobre o sonho, foi bom relembra-los.

Comentário 14: Temos aqui três depoimentos sobre o sentimento de acolhimento e proximidade entre as pessoas propiciados pelo trabalho.

Miriam referiu-se ao desejo que surgiu durante o processo associativo de fazer uma pergunta que poderia parecer terapia de grupo. Tratava-se de algo em relação a ela mesma, propiciado pelo sonho ou por alguma associação. A participante teria percebido, contudo, que se trataria de um enfoque no nível psicológico pessoal (“vértice do Édipo”), mais do que na perspectiva social (“vértice da “esfinge”), deixando de fazer o comentário.

Comentário 15: A “regra fundamental” da matriz do sonhar social foi apreendida pela participante, levando-a a renunciar ao enfoque psicológico individual sugerido pelo sonho/associações.

Xênia manifestou curiosidade de ver como se chegaria aos assuntos corporativos a partir dos sonhos. Ficou satisfeita ao perceber que isto foi possível. Ao ouvir o posicionamento de Xênia, Oswaldo pediu confirmação do coordenador a respeito do objetivo do encontro. O coordenador demorou alguns instantes para responder, causando risos no grupo. Aparentemente, o grupo reagiu à reticência do coordenador que, de alguma maneira,

revelou certa estranheza em relação à pergunta de Oswaldo, como se este não tivesse compreendido os objetivos expostos ao início do encontro.

O coordenador retomou os esclarecimentos sobre o conceito de sonhar social, ou seja, a possibilidade de emergirem aspectos do ambiente social mais amplo, ou do ambiente mais próximo, a partir dos sonhos individuais, como de fato parece ter ocorrido.

Oswaldo discordou das manifestações anteriores sobre os efeitos da experiência do sonhar social sobre os participantes. Ao contrário, sentiu-se distante das pessoas (“talvez pelo momento de vida pelo qual estou passando”); percebeu uma dissonância entre o que está vivendo e o que as pessoas sentem. Por exemplo, as mudanças organizacionais que foram objeto da conversa são vistas por ele como sendo mais positivas do que as demais pessoas percebem. O coordenador argumentou que a diferença de visões é compreensível. Lançou mão da metáfora do “voo da águia”, um dos sonhos apresentados, associado à visão sistêmica.

Oswaldo voltou a mencionar o tema da “baia”, expressando sua avaliação positiva da mudança e o coordenador, por sua vez, voltou a enfatizar a linha de raciocínio sobre a diferença de perspectivas sobre a mesma realidade.

Beatriz percebeu a experiência como sendo agradável, representando um espaço de construção, a possibilidade de pensar juntos e de ter visões diferenciadas sobre a realidade. Dario também achou a experiência agradável, pois gosta de discutir, de pensar e de relacionar, (“sonhamos juntos, quem não sonha, não vive; o sonho passa muita coisa, poder sonhar com outras realidades, outros ambientes”).

Comentário 16: A pergunta de Oswaldo coloca em dúvida sua compreensão dos objetivos da atividade; talvez estivesse ironizando a conclusão de Xênia de que o trabalho na matriz de fato acabava conduzindo aos temas da organização. Seja como for, o coordenador aproveita para recolocar os objetivos da tarefa. Diante da insistência de Oswaldo em defender a funcionalidade das baias, apresentando argumentos, o coordenador lança mão da metáfora do “voo da águia”, valorizando a multiplicidade de opiniões. Outros participantes manifestam a opinião de que a participação na matriz fora agradável, representando uma experiência de construção e de pensar conjunto. Oswaldo diz ter se sentido distante das pessoas, evocando o momento particular que está vivendo.

7.1.4 Discussão

Neste primeiro encontro, a experiência com o sonhar social é percebida, de maneira geral, como agradável e produtiva, propiciando novas perspectivas sobre a realidade social. Parece não ser difícil para o grupo compreender a tarefa proposta para o encontro – narrar sonhos, fazer associações, estabelecer ligações entre sonhos e encontrar nexos - bem como sua “regra fundamental” – evitar incursionar por “interpretações” psicológicas, biográficas ou relacionadas à dinâmica do grupo. É importante ressaltar que todos os participantes convivem na mesma área profissional e se conhecem, o que poderia, em princípio, favorecer a atitude interpretativa voltada para o funcionamento grupal. Mas, ao contrário, parecem ter se envolvido ludicamente no processo associativo, manifestando humor, muitas vezes ironia, e capacidade reflexiva. Podemos nos perguntar se o fato de se tratar de um grupo de pessoas que se conhecem e que vivem uma mesma realidade social de trabalho não terá possibilitado a emergência desse sentimento de intimidade expresso pelo grupo. Narrar sonhos para os demais parece ter sido visto como a entrega de algo muito pessoal. Oferecer associações sobre os sonhos ouvidos pode ser percebido como um gesto de reciprocidade e reconhecimento do outro – o sonhador – fortalecendo laços sociais.

A disposição dos participantes em configuração formato “flocos de neve” revela-se mais dificultadora do que facilitadora do processo, suscitando sentimento de estranheza, pelo menos de acordo com um dos participantes. A justificativa de Lawrence (2005) de que essa maneira de arranjar as cadeiras evita que os participantes fiquem diretamente face a face e tem por objetivo romper o padrão de interação grupal usualmente conhecido, propiciando a criação um ambiente mais livre de pensamento, centrado nos sonhos, não parece ter sido ratificada por esse primeiro encontro. Talvez a disposição de cadeiras proposta funcione melhor quando se tratar de grupos com um número maior de participantes; em pequenos grupos, como foi o caso, sugeriu distanciamento. Além disso, esse formato não é usual nos trabalhos grupais realizados por esses profissionais no seu dia a dia. Evitar a tendência de que o trabalho com o sonhar social derive para uma análise das relações interpessoais grupais parece ser mais dependente do papel de coordenação do que consequência da disposição espacial dos participantes.

Na etapa de narrativa de sonhos e oferecimento de associações, o papel do coordenador focaliza a compreensão e cumprimento das regras de funcionamento da matriz, a amplificação e pontuação em relação às associações. Durante o “diálogo reflexivo sobre os sonhos” ganha relevância o “garimpo” de temas que foram recorrentes no processo

associativo. Nesta etapa, o grupo concentra-se em discutir aspectos do ambiente organizacional relevantes para suas vidas profissionais. É compreensível que aspectos sociais mais amplos – tais como a violência nas cidades, a hegemonia militar dos Estados Unidos sobre o sul – relacionados à articulação “Lá e Agora” de que nos fala Hopper (2003), tenham perdido relevo diante daquilo que emergiu mais fortemente, ou seja, a realidade do dia a dia, ao “Aqui e Agora” dos participantes. Os participantes aprofundam gradativamente suas referências ao ambiente social mais imediato no qual vivem – a Organização – verbalizando os sofrimentos decorrentes dos arranjos organizacionais específicos (disposição espacial, comunicação, estresse, crise de sentido). O coordenador procura, ao longo da etapa de diálogo reflexivo, estimular os participantes a identificar temas recorrentes nos sonhos e nas associações, perguntando sobre a tonalidade das emoções que surgiram durante o processo e referenciando sonhos que lhe pareceram conectados com as falas dos participantes. A manifestação de percepções distintas, às vezes contrárias, da realidade social pode levar ao sentimento de “desencaixe” do participante em relação aos demais; contudo, representa importante fonte de novas possibilidades de compreensão do ambiente. A fala de Oswaldo citada no comentário 16, por exemplo, manifestando discordância na avaliação da funcionalidade das baias no ambiente de trabalho, poderia vir a ser explorada em desenvolvimento posterior do trabalho.

A mobilização dos participantes na primeira etapa do trabalho – narrar sonhos, associar, fazer conexões – parece estar associada ao caráter lúdico da atividade, enquanto que na etapa seguinte – diálogo reflexivo sobre os sonhos – a participação ativa dos profissionais parece vincular-se ao fato de discutirem uma realidade que lhes é próxima e carregada de sentido. É possível que o fato de o grupo em questão ser constituído por membros habituados à reflexão, análise e discussão sobre as realidades organizacionais tenha facilitado o processo de transição dos sonhos e associações para o exame da realidade social. Estes achados parecem confirmar as experiências de Lawrence e cols. (2007) com a “matriz do sonhar social” aplicada a situações organizacionais e de grupo.

7.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO (C1E2)

O segundo encontro, com duração de 75 minutos, contou com a participação de sete mulheres e dois homens (Miriam, Dario, Xênia, Beatriz, Mário, Nora, Sofia, Quércia, Dina); quatro das mulheres não participaram do encontro anterior (Quércia, Nora, Sofia e Dina) (Tabela 3).

Tabela 3 – Sequência dos sonhos e respectivos narradores (C1E2)

Sequência de sonhos	Sonho narrado	Narrador
1	A lanchonete	Miriam
2	O automóvel	Quércia
3	A tempestade de areia	Nora
4	A borboleta na gaiola	Beatriz

O encontro ocorreu em três etapas: a primeira (2 minutos), reservada às explicações a respeito do evento; a segunda (35 minutos), relativa à narrativa dos sonhos e o processo de associação livre (matriz, propriamente dita); a terceira (38 minutos), dedicada ao diálogo reflexivo sobre os sonhos, no qual se buscou a identificação de temas. Devido a escassez de tempo, não foi realizada avaliação de reação ao final do encontro. O tratamento e a análise das informações ocorreram de acordo com o disposto nos tópicos 6.4 e 6.5.

7.2.1 Narrativa de Sonhos e Associações dos Participantes

O coordenador lembrou as orientações sobre a atividade, explicando as características do processo de associação livre, a não obrigatoriedade de apresentar sonhos, a possibilidade do sonhador apresentar associações com seus próprios sonhos ou com os de outros participantes e a possibilidade de apresentar sonhos sonhados na noite anterior ou em qualquer outro momento.

Comentário 1: Embora quatro dos participantes não tivessem participado do encontro anterior, o coordenador optou por oferecer explicações rápidas sobre a tarefa de narrar sonhos e fazer associações. Dada a presença de novos participantes, seria recomendável que as explicações

fossem mais detalhadas. Aparentemente, a abreviação das instruções não representou obstáculo à compreensão da tarefa pelos participantes.

Sonho 1 – A Lanchonete (Miriam)

Eu tive um sonho depois de nosso encontro. Meio confuso, mas eu ainda fiquei lembrando dele e disse: “Ah, vou contar lá”. Eu estava num barzinho, num restaurante, não sei, com amigos, e aí eu me servi de... Acho que eram pãezinhos, sanduichinhos, não sei o que era. E deixei na mesa, mas não estava com fome. Então ficou ali do lado, e conversa daqui, conversa dali, quando eu olhei para comer, tinham comido o meu sanduichinho.

Aí, eu fiquei meio assim e digo: “Ah, quer saber, vou lá pegar de novo.” Aí eu cheguei lá mesa do bufê, sei lá o que era, e não tinha mais comida, tinham tirado a comida. Aí eu fiquei possessa. Eu disse: “Quem comeu o meu sanduíche?” Aí, quando eu estou voltando para a mesa, uma amiga que eu não conheço, era minha amiga, mas eu não sei quem é aquela pessoa que estava lá no sonho. Aí, eu a vi olhando e dizendo assim: “bem feito, ela quis deixar para depois e ficou sem.” Eu ouvi. Aí, eu cheguei perto dela, eu não lembro se eu fui lá esganar ou sei lá... “Eu ouvi o que tu falou.” E ficou essa confusão toda. De repente, acho que eu fiquei de mau humor, não sei o quê foi e fui embora.

Peguei a chave do carro e não achava o carro. Eu disse: “mas eu estacionei aqui.” Cheio de carros, milhões de carros no estacionamento. Eu ia para um lado, ia para outro, tentava disparar aquele alarme para achar o carro e não achava e fiquei naquela angústia atrás do carro, de um lado para o outro. Eu disse: “roubaram. Como é que pode?” E nisso, o cara da garagem, do estacionamento disse: “ah, seu carro é um carro assim?” A gente guardou. Agora, não lembro o motivo. [...] Eu acho que não foi essa noite, acho que foi na noite passada o sonho.

Associações dos participantes: “Quem comeu tudo foi o meu estagiário” (Xênia), “gente, mas será que o dono desse carro não se dá conta?” (Dario, comentando o fato de que no dia anterior o alarme de um carro havia disparado o dia todo), “será que esses guardas cobram seu crachá milimetricamente e não sabem de quem é?” (Xênia), “a gente põe um passo para fora e quer botar para dentro e não pode, tem que por o crachá” (Dario), compartilhamento; falta cultura de colaboração, “é, essa pessoa que apareceu falando ‘bem-feito’, né?” (Xênia), “a gente coopera, coopera porque existe verticalmente uma relação que é instituída da gente cooperar, mas colaborar, no sentido espontâneo, do abrir totalmente, a gente tem muito

medo...” (Mário), “quando você falou daquela menina que falou “bem-feito”, sabe do que eu me lembrei? Daqueles filmes, assim, de gordo... daquela época assim, uma gordona assim sentada com um vestido... aquela bochechinha rosa, aquele cabelão” (Dario); coisa sovina, de maldade, de vaidade, de inveja, avarento; mediocridade, “no trabalho a gente é tudo isso” (Dario); fuinha de desenho animado; fuinha que anda de chapeuzinho só implicando com o outro... ela é maldosa... cheia de picuinha... está louca para armar uma intriga. “Essa imagem da mulher gorda eu acho que combina tão bem, combina tão bem!” (Quércia) (risos).

Comentário 2: Miriam apresentou um primeiro sonho, sonhado após o primeiro encontro, e que foi seguido por associações relativas a falta de colaboração, compartilhamento, controle, maldade, vaidade, inveja, mediocridade, intriga. Dario estabelece relação entre o que ocorre no sonho e na situação de trabalho. A série de associações termina com risos a respeito da figura de mulher “fuinha”, ou seja, alguém que faz intrigas. Quércia lembra-se de um sonho (“O automóvel”). Elementos transferenciais parecem surgir projetados sobre colegas de trabalho (o estagiário que comeu o lanche), seguranças da empresa que cobram crachás e, em seguida, sobre imagens do sonho, a mulher com cara de fuinha.

Sonho 2 – O Automóvel (Quércia)

Eu estava dirigindo um carro, como se estivesse indo pela W3, L2. Eu tinha que seguir reto e o bendito carro cai... Ele entra numa rua sem saída, que vai dar na emergência de um hospital. E a única forma de sair dali com o carro é subindo com o carro numa escada. E o sonho sempre termina assim: eu sabendo que tenho que ir reto, eu dirigindo o carro (inaudível) e ele cai na frente da emergência desse hospital.

Associações dos participantes: O que me move no mundo, onde estacionei o que me move no mundo, para onde eu estou dirigindo aquilo que me move (Quércia), se o carro é o que me movimenta, que bom que guardaram, “não preciso sair daqui, não preciso fazer nada” (Dario); perda do xale, desespero, mal humor, festa estragada, recuperação do xale, não conseguir ver o xale.

Comentário 3: Quércia, a sonhadora, lembrou-se de um sonho, associado com o elemento “carro” que apareceu no sonho anterior; e apresentou a primeira associação (“aquilo que me

move no mundo, para onde estou me dirigindo?”). Seguiram-se outras associações relacionadas ao alívio ao encontrar algo perdido, de não ter necessidade de agir, de não conseguir ver o que está à vista.

Sonho 3 – A Tempestade de Areia (Nora)

Agora, eu lembrei de um sonho que eu tive recentemente: uma tempestade de areia. Não sei o motivo. Só que eu estava muito bem protegida. Estava indo tudo muito bem, até que eu vi três pessoas totalmente desprotegidas, eu não conseguia ajudá-las e comecei a entrar em angústia, porque assim, eu disse: “meu Deus essa tempestade vai matá-las”. [...] eu tinha que sair para ajudar, só que eu não sabia como... “Eu tenho que criar alguma forma de ajudar. Não posso ficar aqui só assistindo...”. Aí, daqui a pouco, do nada, aparecia um caminho e abria esse contato com essas pessoas e eu conseguia puxar. E aí eu vinha para esse lugar, que estava super protegido.

Associações dos participantes: “O céu que nos protege”, tempestade de areia, mulher de costas (Dario, lembrando-se de um filme); “a Nora (a sonhadora) me passa essa imagem, de pessoa que está sempre protegendo a gente. Está sempre harmonizando o grupo, contemporizando os conflitos, amenizando as tempestades, me passa muito essa imagem no trabalho” (Mário); sentimento de proteção.

[O coordenador instiga Dario a falar um pouco mais sobre o filme: “Alguma imagem apareceu quando nós falamos do filme?”]

“Imagem que ela fica de costas, toda cheia de panos; céu meio laranja... começa aquela tempestade; a viagem que ela faz com o marido, quando ela é raptada por aquele beduíno... relação super bonita, assim, de culturas diferentes; o amor dos dois, uma coisa só dos dois... nada é tão certo e concreto assim. Uma fala do filme: eu não nasci do casamento, que a gente fica preso. Na verdade, a gente apenas caminha. Do sentimento da gente, ninguém é dono” (Dario); “tempestade de areia se move, coisas saem do lugar, você se perde, porque muda toda a paisagem, não é? Você acha que está segura, mas a paisagem muda, o vento leva tudo embora. Aí é a coisa do xale, o xale estava no mesmo lugar, ou estava próximo, e foi levado um pouquinho mais talvez à esquerda ou à direita e você perde, você perde a referência. E aí as coisas não estão sempre no mesmo... Quer dizer, tudo que é sólido desmancha no ar (Beatriz) (risos)”; “tudo que é sólido se desmancha no ar” (repete Dario); “o que se falou no nosso encontro anterior, essa coisa do sonho real ou não real, concreto e não concreto, pode se

realizar e no irreal que a gente sente e que acontece no sonho...” (Beatriz); “areias atravessam continentes. Elas cruzam o oceano, parece uma coisa de louco, né?” (Xênia); “elas saem com o vento” (Dario); “é forte, é como se transpusesse o deserto, a música do Caetano fala das areias do Saara” (Xênia); transferência, transposição, mudança. “Engraçado, areia, não é?... parece tão insignificante e ter essa dimensão toda, de mudar de continente, de pegar outros ares” (Mário); perigo da desertificação, “o Rio Grande do Sul está se desertificando” (Xênia); “por isso que estão [as areias] vindo para cá” (Dario).

Comentário 4: Sonho recente. As associações foram realizadas por cinco dos participantes e giraram em torno da imagem de “tempestade de areia”, remetendo a movimento, mudança e transitoriedade.

Sonho 4 – A Borboleta na Gaiola (Beatriz)

Eu lembrei de um sonho, depois do grupo. Parecia aquelas danças de mil e uma noites, aqueles palácios. Sei que eram dois irmãos, eles tinham que escolher duas pretendentes. Só que eles não podiam vê-las.; eles tinham que escolher, mas não podiam vê-las. Havia uma que era muito bonita e uma que nem tanto, eu acho que inclusive ela tinha algum problema na perna, alguma coisa. E aí, eu sei que tem uma coisa de uma armação entre esses irmãos. Um queria ficar com a mais bonita e ele sabia. Então ele tem que fazer uma armação para que o outro fique com a menos desprovida de encantos. E aí, eu não esqueço nunca: o sonho termina com uma borboleta azul, linda, belíssima, presa numa gaiola. E isso retorna, e essa coisa assim de que o outro escolheu a mais bonita, talvez eles tenham se escolhido, porque ele também era o mais bonito, só que o sonho termina com essa coisa de uma borboleta linda, mas presa numa gaiola. E a sensação é de que os outros continuaram a vida e aqueles dois presos, essa coisa da perfeição, da beleza.

Associações dos participantes: “Será que, em verdade, o que nós estamos vivendo aqui, não é um sonho e o sonho não é uma realidade?” (Dario); “estamos todos vivendo um grande sonho?” (Quércia); “acho que tem a ver com as ilusões. A ilusão da perfeição, a ilusão da beleza e que a gente se aprisiona a essas coisas. E às vezes deixa de viver determinadas emoções, situações, porque é feio, porque não pode não, o quê é que os outros vão falar” (Beatriz); temor da desaprovação; “pensei na borboleta saindo da gaiola” (Nora), pessoa mais desprovida de beleza, “ela [a borboleta] estava presa naquela gaiola, desprovida de beleza,

mas ela era linda, maravilhosa. Engraçado, você falou isso para mim e eu continuei sonhando. Acho que eu me apossei do seu sonho, desculpa” (Quércia); princesa Diana, Camila Parker, beleza, juventude, estar solteira, estar livre, “de repente ele (o príncipe) se apaixonou pela Camila, que era casada” (Nora).

[Nora, Xênia, Mário e Dario passaram a conversar sobre a história de Diana, Camila e Charles, em torno do tema das restrições impostas pelas expectativas do papel social de cada um dos personagens].

Sofia lembra-se de um filme – Patty Adams – cena da borboleta, quando ele perde a namorada: “Borboletas são maravilhosas e representam uma coisa muito bonita. Me deu vontade de avançar e te dar uma porrada para você sonhar e soltar a borboleta” (todos riem). “É uma cena tão linda, que fico com raiva da borboleta estar presa. Então, eu peço para você voltar a dormir e soltar ela” (Sofia).

[O coordenador estimula Sofia a continuar com suas associações: “Parece que ele pede um sinal, não é?” (referindo-se ao personagem)].

Sofia: “Isso. Ele pede um sinal se ela está bem. Porque ela estava de borboleta. Ela falou uma frase da borboleta. Então, você vai dormir e vai soltar a borboleta”.

As associações continuam: metamorfose, mudança de paradigma, metamorfose presa, padrão, talvez rígido, que é uma gaiola, “como você cria em cima de um papel A4?” (Dario); “estrutura extremamente rígida, não dá muita abertura, só uma portinha pequena para você não fugir, não tem janela” (Mário); “imaginei uma gaiola de pássaro. Não combina, porque uma borboleta consegue sair dali, a borboleta é quase o supra-sumo da sutileza e ela consegue sair tranquilamente de um lugar com barras, não é?” (Xênia)

[O coordenador comenta: “Essa borboleta vai escapar de qualquer jeito”].

“Imaginei uma gaiola de pássaro, mas uma borboleta imensa dentro dela. E azul, verde, vermelha, esse verde lindo, maravilhoso, entendeu? Um laranja. Eu estou olhando o sapato dela e fiquei imaginando...” (Sofia); “borboleta de sapato?” (Nora); coisas que chamam atenção, borboleta presa, gaiola grande, mas a borboleta também era imensa; “muita sacanagem a bichinha estar presa lá” (Sofia); “a borboleta, na minha cabeça era enorme, tomou conta dessa sala” (Dina, que se lembra de outro filme: O Senhor dos Anéis, terra dos elfos, amplitude, sutileza, magia beleza, cura, domínio dos elementos da natureza, harmonia de convivência entre eles, hierarquia com respeito).

Dario (referindo-se à fala de Mário sobre criatividade): “No banco as pessoas pedem para a gente ser criativo. Daí, dá uma folha de papel A4... criatividade enclausurada. Gente, se a gente realmente pudesse ser criativo no banco, acho que a gente explodiria esse banco”.

Dario continua: “Se você fica em cima do papel A4, por mais que você seja criativo muita coisa não pode sair, não é? E é uma criatividade calculada: não, essa pontinha aqui o pessoal não vai gostar, então tira essa pontinha. Então, quando você vai “criativando”, na verdade é uma repetição, uma reprodução dos 200 anos de história. E sempre que alguém fala em criatividade, essa coisa me liga diretamente com a empresa. Na universidade e em casa eu sou criativo, na empresa eu sou essa coisa, a metamorfose enclausurada”.

Mário: “Na gaiola”.

[O coordenador ratifica: “Borboleta na gaiola”].

Dario: “Eu me sinto borboleta na gaiola, quando se fala em criatividade no banco. [...] Eu acho que nós somos extremamente... Falta criatividade. Vou pontuar o que eu acho de negativo, não o que a gente tem de bom: quadrados, retrógrados. Eu digo assim: “cadê a área do banco que pensa?” Na educação, não tem. Será que tem na propaganda, no marketing? Eu também não vejo, porque as propagandas do banco são... E aí eu fico pensando: “cadê essa criatividade que a gente tanto sonha?” Ou realmente, a criatividade nas empresas é isso mesmo, entendeu?”

Continuam as associações: necessidade de mudança de paradigma, ideias novas, criatividade, necessidade de segurança para aplicar o dinheiro em uma instituição que seja estável, criatividade não está relacionada à falência, uma instituição que está permanentemente em mutação traz novos riscos, as relações de autoridade (superior e subordinado) parecem que estão mudando, mas não mudam, na realidade; “a borboleta é linda, voa, mas às vezes, as pessoas vivem situações que é uma mentira” (Beatriz); “se relações autoritárias já não existem mais na empresa, como afirma o discurso oficial, então as pessoas não deveriam mais senti-las” (Dario); “essas situações continuam a existir”; “trata-se apenas de discurso, porque as pessoas continuam a perceber situações de autoritarismo” (Dario).

Comentário 5: Este sonho, o quarto, sonhado após o primeiro encontro, foi o que mais catalisou o interesse dos participantes. As associações foram feitas com a participação de todos, girando em torno de “limitação de movimentos”, “restrição à criatividade”, “desejo de liberdade”, “revolta pelo aprisionamento”, “fachada” que oculta a realidade. A discussão se dirigiu gradativamente para a vida dos participantes na organização. Dario assumiu, na primeira pessoa, a crítica da realidade social da organização (“Eu me sinto borboleta na gaiola, quando se fala em criatividade no banco”). Falou-se no autoritarismo e em como a realidade resiste às mudanças propostas no discurso. O aspecto mais destacado no sonho foi a

imagem de aprisionamento da borboleta, deixando de lado outros que poderiam ser considerados sugestivos, por exemplo, a trama entre os dois irmãos, denotando que a série de associações realizadas tocou em uma questão muito importante para os profissionais. O sonho em questão configurou-se como um “sonho-atrator”¹, ou seja, um sonho que captura elementos vivenciais comuns aos participantes e que, por isso, funciona como um atrator que organiza o universo associativo. O grupo brinca poeticamente com as noções de sonho e realidade, intercambiando-as; Sofia exemplifica esse trânsito entre realidade e sonho – o espaço onírico criado na matriz – dizendo: “Me deu vontade de avançar e te dar uma porrada para você sonhar e soltar a borboleta”... É uma cena tão linda, que fico com raiva da borboleta estar presa. Então, eu peço para você voltar a dormir e soltar ela”.

7.2.2 Diálogo Reflexivo sobre os Sonhos

O coordenador, ao perceber que o grupo já se afastava do processo associativo, passando a discutir temas ligados à realidade do ambiente profissional, propôs o início do diálogo reflexivo em busca da identificação dos temas emergentes:

Vou pedir para a gente parar agora porque, na verdade, já estamos fazendo o movimento no sentido de trazer as associações para nossa realidade social, mais imediata, que é a situação da empresa. Vocês perceberam esse movimento do grupo? Nós saímos de um processo associativo, muito imaginativo, e já fomos puxados, fomos ancorados na realidade. E é natural que isso aconteça porque a realidade tem um poder de atração. Ela é um atrator muito poderoso, quer dizer, nos traz para o chão.

¹ Cunhei a expressão “sonho-atrator”, utilizando o termo “atrator” extraído da geometria e da teoria do caos, nas quais ele tem o significado de “ponto, curva ou superfície do espaço de fase, para onde todas as trajetórias são conduzidas” (Houaiss, 2001). Embora os conceitos não tenham nenhum ponto de coincidência (pelo menos no atual estado de conhecimento), considere o termo sugestivo para denotar o caráter de convergência de associações que certos sonhos apresentam quando relatados na matriz. São características do “sonho-atrator: o fato de tornarem-se foco de atenção dos participantes, atraírem grande quantidade de associações, catalisarem o processo de conexão das associações com as circunstâncias vivenciais comuns aos participantes e favorecem a construção de um sentido compartilhado pelo grupo e, por último, tenderem a ser incorporados no “idioma” do grupo.

Miriam interrompeu, insistindo para apresentar ainda uma nova associação: borboleta azul, Cinderela, ratinhos e borboletas estão fazendo o vestido da Cinderela. Tratava-se de uma ideia que lhe ocorreu momentos antes do grupo começar a discutir sua realidade social. Miriam afirmou que não se sentiu à vontade para expressar sua associação no momento em que ocorreu. O coordenador acolheu a imagem apresentada por Miriam: “imagem de fantasia, de embelezamento, eles estão preparando esse vestido?” Miriam: “o vestido da Cinderela, pra ela ir ao baile...”

O coordenador deu início à identificação de temas, recapitulando os sonhos que foram narrados: “Bom, vocês viram conexões entre os sonhos? Passa pela cabeça de vocês algum tipo de ligação entre um sonho e outro? Qual sonho se liga com qual?”

Comentário 6: O coordenador propõe a passagem de uma para outra etapa do trabalho, evocando o caráter “atrator” da realidade em relação ao processo associativo, pois o grupo já estava em processo de estabelecer conexões entre os sonhos, as associações e a realidade vivida pelos participantes. Surge uma associação de “última hora”, a do “vestido da Cinderela”. Veremos que essa associação será considerada pelo grupo em certo momento do diálogo.

Para Dario os sonhos pareciam se referir à “relação com o outro, uma relação meio direta: o outro que guarda meu carro, o outro que come minhas coisas, a paisagem que muda, por conta do outro. Como é a minha relação com o outro? Como eu me mostro para o outro? Como eu me manifesto?” Miriam acrescenta: “Como eu me sujeito ao outro?” Dario concorda. Nora acrescenta a ideia de transformação, movimento e escolha.

Xênia recordou o sonho da comida que some, enquanto alguém diz “bem feito”, em contraponto direto com a imagem expressa pelo sonho “A Tempestade de Areia” no qual a personagem salva as pessoas. Apontou, então, a contraposição de sentimentos: mesquinha vs disposição para salvar os outros. O coordenador procurou sintetizar a contradição: “mesquinhez e altruísmo”.

Comentário 7: Xênia faz uma conexão entre o sonho “A Lanchonete” e “A Tempestade de Areia”, contrastando-os e sugerindo a contradição “mesquinhez vs altruísmo”. O coordenador assinala a existência concomitante das duas atitudes como tema que emerge.

Beatriz percebeu a questão das escolhas: “a escolha de não comer, a escolha da direção que eu vou tomar, a escolha se eu vou salvar ou não vou salvar, de quem eu vou escolher pra ser meu parceiro, não é?” Sofia discordou, aparentemente contradizendo-se: “Eu pessoalmente não vejo ligação nenhuma. Eu acho que tudo na vida é uma escolha, tudo. Então, eu queria contar um sonho que eu lembro, mas falei assim: ‘Não, eu não vou contar não. Porque os outros estão tão imaginativos, contentes, alegres, tristes. Não vou contar não, porque eu acho o meu [sonho] tão real que eu achei assim, como você se sentiu meio infantil eu também estou me sentindo um “peixe meio fora d’água” com o meu sonho. Eu não vi ligação em nenhum deles, acho que tudo na vida é uma escolha, tudo na vida é uma procura. Muito obrigada pela atenção”.

O coordenador procurou esclarecer a aparente contradição na fala de Sofia: “Mas você viu... Foi perceptível para você que esse tema apareceu nas associações dos sonhos? A questão da escolha?”. Sofia discordou: “Não. Ela que me chamou a atenção porque ela falou: “Ah, eu associei, através da escolha. Não me pareceu. Me pareceu: o sonho dela é a borboleta presa, o sonho dele... Eu estou aqui, imaginando aqui o carro que subiu a escada... Ai, maravilhoso. Entendeu? Eu não vi associação nenhuma. Foi quando ela falou da escolha, eu acho que tudo na vida é escolha. Se você está com vontade de ir no banheiro, você escolhe ir ou não.

O coordenador voltou a insistir: “Está ok? Mas nós estamos nos reportando diretamente ao que aconteceu aqui. Aos sonhos e as associações. O quê que a gente está tentando fazer agora? Você não precisa concordar ou discordar”. E Sofia continuou: “Ah, entendi. Eu estava achando que você estava me perguntando se eu achei que tem alguma associação...”.

O coordenador procurou reconduzir a atividade, esclarecendo o propósito desta etapa:

Nós estamos propondo agora... verificar se um sonho faz ponte com algum outro sonho. E quais são os temas que os sonhos sugeriram, por meio das associações, é claro. As pessoas fizeram associações. Então nós vimos: algumas pessoas acham que o assunto, o tema da escolha apareceu com uma certa recorrência, apareceu aqui e acolá, não é? A questão do movimento, também. A relação com o outro parece que também é um tema que surge: certo contraste entre uma atitude voltada para si mesmo, que foi caracterizada aí como mesquinhez, avareza, e uma atitude altruísta.

Comentário 8: A fala de Sofia é desconcertante: parece ser uma reação à manifestação de Beatriz sobre a questão das escolhas. Sofia manifesta discordância, mas não fica claro exatamente sobre o quê! Diz que pensou em contar um sonho, mas inibiu-se por julgá-lo muito infantil. Têm-se a impressão de que Sofia não compreende muito bem a tarefa proposta para o “diálogo reflexivo sobre os sonhos” (é a primeira participação de Sofia na série de encontros). O coordenador resolve reconduzir o objetivo da atividade.

Beatriz lembrou da imagem de um dos sonhos: “daquela que falava ‘bem-feito”. O coordenador reforçou: “Isso. Um aspecto meio de bruxa, que ficou representado pela figura da mulher gorda de rostinho pintado, do século 16...” Beatriz fantasiou, lembrando da última associação apresentada por Miriam sobre o vestido da Cinderela: “Eram as irmãs da Cinderela”. O coordenador: “É, a Cinderela, que acabou de aparecer agora”. Dario acompanhou a fantasia: “Que era linda e maravilhosa. Foi presa numa gaiola e se tornou uma borboleta”.

O coordenador sintetizou: “É o tema da prisão, da liberdade e da criatividade”. Beatriz ratificou: “O tema da prisão, eu achei recorrente, porque por mais que ela esteja protegida, você está em um quadrado. Você está num ambiente restrito... Dentro do carro, eu estou presa naquele caminho que o carro insiste em fazer um caminho, que não é o que eu quero. Tu está presa no estacionamento. Você não localiza seu carro. Você quer ir embora e você não localiza seu carro. E a borboleta completamente presa”.

Comentário 9: Beatriz lembra-se da imagem da mulher que falava “bem-feito” no sonho “A Lanchonete”, conectando-a com a imagem apresentada por Miriam sobre o vestido da Cinderela. Dario, por sua vez, associou a Cinderela com a borboleta presa na gaiola. Parece haver um movimento dos dois participantes no sentido de dar prosseguimento ao pensamento onírico, iniciado com as associações, agora no diálogo reflexivo.

O coordenador procurou identificar o tom emocional dos sonhos apresentados: “Na verdade a gente está conhecendo o sonho no meio das associações que foram feitas. Qual foi o tom emocional que vocês perceberam?”

Beatriz não entendeu e perguntou: “Você fala de quem relatou o sonho, do grupo?”. O coordenador procurou esclarecer: “Do trabalho feito pelo grupo. Das associações feitas pelo grupo. Desse conjunto de associações...” Beatriz diz, então: “Impasse”. O coordenador,

estimulando que Beatriz continue: “Impasse?” E Beatriz: “Todos tem um impasse. Eu peguei meu carro, quero ir para casa, estou presa aqui. Uma coisa assim, de impasse”.

Dario interveio: “Se a gente faz uma relação com a outra sessão... Eu fiquei pensando assim, eu não sei se é porque eu tinha um sonho bom, que eu contei, que para mim era bom. Mas eu senti, hoje, uma coisa muito presa... A outra vez, por mais que a gente trouxe a morte do menino, eu achei mais agradável. Hoje eu achei uma coisa assim meio pegajosa... O coordenador: “Pegajosa? Como é que é isso?” Dario: “É... pegajosa; eu fiquei preso aqui, fiquei preso ali... [referindo-se às imagens dos sonhos]. Mário aderiu à fala: “Travada, não é?” Dario: “É. Eu estou valorando os sonhos, não é?”

Miriam: “Eu tenho uma coisa meio de angústia, assim: cadê o carro? Eu quero ir pra lá e não vou, o outro passando a perna...” E Nora: “Eu não estou conseguindo traduzir em sentimento. Mais essa questão dual: prisão e liberdade, o que é bom e o que não é bom, sabe? Eu não vou conseguir traduzir isso num sentimento. Mas estou vendo essa coisa do antagonismo, da dualidade...”

O coordenador procurou resumir as falas em torno do tema “prisão e liberdade”, “criatividade e enclausuramento”. Continuou:

Qual foi a imagem que mais prendeu a atenção do grupo e sobre a qual o grupo mais se debruçou? Foi uma imagem forte. Surgiram ideias que oscilaram, transitaram, na verdade, entre a ideia de algo que é livre e belo, mas que está preso, ideias de que tem como escapar, mas, num outro sentido, não dá para escapar porque é muito grande. A própria majestade da borboleta. A grandiosidade da borboleta impede que ela escape pelos vãos da gaiola... Isso também foi uma imagem, que apareceu aqui, não é? Que mais? Borboleta, sem dúvida, foi o tema que mais catalisou a conversa aqui, do grupo”.

O coordenador continuou a propor uma síntese em torno da imagem da borboleta que apareceu de modo significativo para os participantes, amplificando a imagem da borboleta:

É curioso porque a borboleta, o Mário apontou essa ideia, é um símbolo da metamorfose, da transmutação, pelo próprio processo biológico dela. Mas ela também é um símbolo, vocês todos sabem disso, da alma. E alma é a coisa viva, é aquilo que anima, é aquilo que movimenta, tema que também apareceu aqui no grupo.

Movimento sempre barrado, sempre restringido. Não apareceu o movimento livre, houve até uma indignação pelo aprisionamento da borboleta.

Comentário 10: O coordenador procura identificar o tom emocional dos sonhos, surgindo as ideias de “impasse”, “estar preso”, “situação travada”, “prisão vs liberdade”, “criatividade vs enclausuramento”. Propõe, então, uma amplificação em torno da imagem da borboleta.

Mário trouxe uma nova questão, ainda relacionada com o tema “liberdade x restrição”: “Eu queria falar uma coisa, porque esse assunto está me deixando... Que é uma coisa que eu tenho falado muito ultimamente para as pessoas que eu conheço. Eu já estou me preparando para ter o que fazer fora do banco. E aí, eu estou percebendo que algumas pessoas, elas voltam depois de aposentadas, de volta para o banco. E me parece que há uma contradição nisso. Porque as pessoas sempre falam do banco, que têm restrição, que têm isso, que têm aquilo. Depois, quando elas se sentem livres, elas têm que voltar. Por quê? É um questionamento que faço comigo. Eu falo assim: “eu não quero voltar, porque eu não quero ficar preso mais, a essa rigidez, a esses padrões tão rígidos. Você quer fazer acontecer e não pode, porque existem gaiolas. Mas, ao mesmo tempo, essas pessoas também falavam isso quando estavam pensando em sair do banco. No entanto, estão voltando...”

Beatriz procurou oferecer uma explicação: “Você está em uma gaiola de porta aberta, ou seja, as pessoas podem sair quando quiserem”. O coordenador reforça a imagem: “É uma gaiola, mas é uma gaiola de porta aberta”. Beatriz continuou: “Quando você é funcionário, você está, de certa forma, em um ambiente protegido, porque a gaiola te aprisiona, mas ela te dá referências. Ela, de alguma forma, te protege. A hora em que você se aposenta, você tem oportunidade de entrar e sair da gaiola a hora que você quer”.

Mário prosseguiu em seu questionamento: “Porque, realmente eu não tenho dúvida da referência que [o trabalho no Banco] é para a constituição da própria identidade. Mas o que acontece, então, que a pessoa não encontra um outro caminho para ter outras referências para a sua identidade? O que é que faz isso?” Nora lembrou de um filme, “Um Sonho de Liberdade” que ela resumiu:

Tem essa questão do cara que está lá há 30, 40 anos. Ele já pagou a pena e aí eles usam o termo “institucionalizado”. Então, o cara que já está perto de ser livre, tenta matar um colega, de quem ele até gosta demais, porque assim, se ele tentar matar ele vai voltar para a prisão, não é? E tem vários casos que estão presos lá há muito

tempo... E tem um que vai para a prisão inocente, que é o protagonista. O sentimento dele sempre foi de sair de lá. Ele prepara a liberdade dele e não a prisão. Ele se prepara todo, ele passa 20 anos preparando a liberdade dele. E ele fica preso, porque aparece um preso que lembra ele. Que lembra a história dele. Através daquela pessoa, ele tenta recuperar os 20 anos perdidos. E aí quando esse personagem é morto, para ele ali, então, quebrou tudo: “agora eu posso ir embora”. O filme é lindo: “Um Sonho de Liberdade”. E me passou muito isso, essa questão de institucionalizar. E de repente não mais uma coisa fora de mim, sou eu. De repente, impregnou-se. Eu sou bancário do Banco.

Mário sensibilizou-se com a fala de Nora: “É uma identidade muito forte, essa”.

Comentário 11: Mário focaliza uma situação muito usual vivida por funcionários da organização que se aposentam e continuam a prestar serviços mediante contrato. Aponta a contradição entre o desejo de se libertar das restrições e a necessidade de continuar vinculado à organização. Beatriz procura explicar a aparente contradição apontada por Mário: quando funcionária, a pessoa está em um ambiente protegido que lhe dá referências, embora seja restritivo. A aposentadoria permitiria um movimento de entrar e sair sob controle do aposentado. Essas reflexões induzem Nora a lembrar-se de um filme “Um Sonho de Liberdade” no qual um personagem assume a identidade de “aprisionado” e quando está perto de ser libertado comete um novo crime para assegurar sua permanência na prisão. Aplica o mesmo raciocínio da “institucionalização” para o caso do funcionário que se aposenta. Mário expressa seu espanto diante da força dessa identidade (de bancário dessa organização).

Dario, provavelmente provocado pela questão emergente sobre a identidade profissional, diz:

Uma coisa que me irrita muito é quando dizem que bancário não é uma profissão... porque eu acho que se profissão é simplesmente abrir uma gaveta, ficar naquela gaveta e achar que aquilo ali é bom... Por exemplo, eu só sou um profissional se eu sou um advogado, que fiz direito, fiz OAB, então eu sou um profissional. Então, eu posso dizer: mas advogado também não é uma profissão. Porque ele pode fazer direito, ele pode não tirar carteira da OAB ou não fazer psicologia, sociologia ou ele fazer tudo isso e ser advogado. Ele escolheu, assim como escolhi ser bancário, porque eu sou

advogado, sou contador e sou bancário. Quer dizer, eu escolho uma profissão. É um dos discursos que mais me afetam. Eu penso, então: “O que é que eu estou fazendo aqui, então, se eu não sou funcionário [bancário]?”

Miriam, Dario e Nora continuaram a discutir o incômodo relacionado com a identidade profissional de bancário, tendo em vista que todos eles são formados em nível superior de Psicologia, exercendo atividades na área de gestão de pessoas, distinta das típicas funções bancárias. Nora finalizou referindo-se ao fato de que a despeito dos estereótipos associados à profissão de bancário é possível fazer diferença. Mário interveio: “Fazer diferente é criatividade!”

Comentário 12: A conversa sobre vinculação à organização conduz à questão da identidade profissional do bancário, especificamente da organização da qual os profissionais participam. Uma explicação sobre a institucionalização da identidade do profissional dessa organização é evocada com o auxílio de um filme (um “filme-sonho”). Dario protesta diante da ideia corrente de que bancário não seria uma profissão; Miriam manifesta o desconforto de ser considerada bancária quando a natureza de seu trabalho não é a do serviço bancário (ela trabalha em planejamento educacional). Nora tornou-se psicóloga quando já trabalhava no Banco e estranha a mudança de identidade profissional – de bancária para psicóloga. “Eu nem sei mais o que sou”. Mas acha que pode fazer diferença no exercício de seu papel. E Mário aproveita para lembrar que fazer diferente é criatividade.

O coordenador fez uma intervenção mais longa, em torno do tema do aprisionamento em estereótipos :

Parece que a conversa está se dirigindo para a questão dos estereótipos. O que é o estereótipo do bancário? Por quê é que, de alguma forma, a pessoa acaba não se identificando com esse papel? Porque existe uma representação social de menos valia, em relação a bancário, como a que existe em relação ao servidor público, por exemplo, não é? Quem é a pessoa que chega e fala “Eu sou servidor público”. Deveria ser algo notabilíssimo. “Eu sou servidor público, estou a serviço da população”. Do cidadão, não é? Mas não. Ao contrário, existe uma representação social de menos valia. Mas eu queria fazer uma ponte com uma imagem que apareceu aqui, sobre o aprisionamento em relação aos estereótipos. No caso do sonho, apareceu o

aprisionamento em relação ao estereótipo de beleza. O que é bonito? Bonito não é ser bancário, bonito, talvez, seja ser psicólogo. Morre todo mundo de fome, mas tudo bem. Bonito é ser psicólogo, não é? Porque não se conhece as agruras de fazer psicologia, ou qualquer outra profissão. O tema está girando em torno do aprisionamento em estereótipos.

Para Dario, os estereótipos sociais são criados pelo “poder”, os bancários são desvalorizados diante do banqueiro, que possui o dinheiro, o psicólogo exercendo o seu papel dentro de uma instituição bancária também é desvalorizado.

O coordenador: “Vocês acham que nós estamos no tema da borboleta ainda, com essa reflexão sobre a identidade do profissional do banco?” Dario responde:

De certa forma, sim. Porque a borboleta não nasceu para ficar aprisionada em uma gaiola de passarinho. Ela nasceu para voar. Então, se eu a aprisiono, ela está modificando seu contexto, seu meio, e não é nem por má vontade dela, assim como estou me sentindo [como] bancário agora. Quando alguém vem dizer que eu não sou um profissional, “eu sou uma borboleta. Então, me tira daqui”.

Comentário 13: A conversa se dirige para a questão dos estereótipos profissionais. Dario acredita que a menos valia em relação à profissão de bancário seja produzida ideologicamente com o intuito de desvalorizar o profissional e remunerá-lo mal. O coordenador questiona o grupo se ainda estariam no tema da borboleta, ao discutir a identidade profissional do funcionário do Banco. Dario confirma.

Quércia: “Isso me lembra um outro aspecto da borboleta. Apesar de linda, maravilhosa, ela é frágil e a vida dela é curta, é efêmera. Um vento mais forte leva a borboleta”. Dario: “Pois é. Mas no contexto, ela está livre. Eu posso morrer ao vento, mas morrer na prisão? São coisas completamente diferentes”.

O coordenador: “O que é que te evoca essa ideia de fragilidade, de duração precária?”
E Quércia:

Na verdade, o que me evocou isso foi a fala do Dario em relação a se sentir mal com o que falaram de bancário não ser profissional. Podem falar o que quiser, eu sou profissional, me sinto profissional, problema é de quem fala que eu não sou

profissional. Essa fala te impactou tanto (dirigindo-se a Dario), eu vejo que ela te impactou muito, mas em mim ela não causa nada. Eu fiquei pensando como de repente o vento, a fala de uma pessoa pode impactar a outra de uma forma tão dura. Porque eu me sinto feliz sendo bancária e me sinto feliz sendo psicóloga. Eu não acho que não sou profissional, não. Assim, não me sinto “não-profissional”, sabe? Sou feliz com o cadastro dizendo que sou bancária. Se eu for para um congresso de psicologia eu preencho feliz o meu cadastro, dizendo que eu sou psicóloga.

Xênia, por sua vez:

Aí, no nosso caso, o que é que é ser bancário? Não tem uma posição muito específica. Uma vez eu estava olhando na lista, na página de imigração do Canadá, uma série de profissões, que você se enquadra ali. Mas, o nosso bancário não se enquadra ali. Bancário, quando se fala bancário é o cara da agência. Então, na verdade, que competência eu tenho para me enquadrar numa daquelas coisas ali? Gente, eu não sou nada porque, cara, eu não sou aquela bancária que eles estão falando ali, entendeu? Foi estranho aquilo.

Mário manifestou sua opinião:

Eu confesso que eu também tenho uma certa crise, na hora de preencher um documento. Tem hora que eu coloco bancário, automaticamente, tem hora que eu boto professor, tem hora que eu coloco *marchand*, tem hora que eu coloco crítico de arte. Então, eu não sei exatamente assim... Poucas vezes eu coloco bancário. Eu acho que antigamente tinha outra coisa, havia o funcionário do Banco X (nome da instituição), que era o funcionário, e havia o bancário. O funcionário do Banco X (nome da instituição), que funcionava como bancário. Isso mudou ao longo dos anos, ao longo da história. E tudo isso, eu acho que vem acumulando nessa questão desse estereótipo, do que é ser bancário. Eu acho que também tem essa coisa que a Xênia fala e que não tem uma competência assim, muito concreta.

As falas seguintes de Miriam, Mário, Dario e Beatriz reiteraram posições similares sobre a identidade do bancário. Quêrcia fez um reparo à voz corrente de decepção com a falta de uma identidade consistente do profissional bancário, dizendo que por ser nova na

organização já sabia que iria assumir o papel de bancária. O que lhe dá sustento é o Banco, portanto sua profissão é ser bancária!

Comentário 14: A discussão continua a girar em torno da identidade do profissional bancário em face às outras profissões. Os participantes, de maneira geral manifestam desconforto em se anunciarem como bancários, uma vez que a maioria deles tem formações outras que não aquelas associadas ao fazer bancário. Quércia, no entanto, discorda e diz que não fica em conflito ao exercer as duas profissões – bancária e psicóloga.

O coordenador encaminhou o encontro para seu término, ressaltando os temas que emergiram do diálogo reflexivo: escolhas, liberdade de movimento, liberdade e criatividade, clausura, opção pela clausura, como se lida com a questão da liberdade. Informou, ainda, qual seria a próxima etapa, caso o trabalho prosseguisse: o grupo elegeria um foco para trabalhar ou utilizaria esse conjunto de informações para uma leitura da organização, por exemplo.

Em seguida, perguntou ao grupo sobre qual seria o tema escolhido como foco, caso o trabalho prosseguisse para uma etapa de intervenção sobre a realidade. Mário sugeriu a metáfora da prisão: “Eu acho que seria um tema que vale a pena explorar, porque a gente não gosta muita de falar dessa prisão”. Dario complementou: “... essa prisão livre, mas que você está sempre sendo vigiado, controlado, observado”.

O coordenador lembrou que a imagem da vigilância permanente também apareceu no encontro anterior. As falas seguintes de Dario reiteraram os elementos relacionados à vigilância e controle dos funcionários dentro da organização. Beatriz evocou uma situação na qual um grupo ficou temporariamente sem gerente, “ingerente” (sic). O grupo começou a se reunir para tentar dar um rumo e, enquanto grupo, decidir o que fazer. A imagem percebida pelos demais funcionários foi a de um grupo que se rebelava. Para Beatriz, no entanto, o grupo estava começando a construir uma possibilidade enquanto grupo.

O coordenador: “Então, o que está sendo colocado vem em reforço desse ponto de vista. Porque esse é o tema: o tema da prisão psíquica, da eterna vigilância; seria o tema pertinente para ser aprofundado no sentido de dizer: “bom, como é que está a organização e para onde que ela poderia caminhar? Que aspectos emergentes poderiam se destacar, a partir dessa constatação? Alguém apontaria algum outro foco?”

Para Xênia, um contraponto seria o tema “espaços de construção”. Para Quércia, o tema da “criatividade”. O coordenador procurou sintetizar: “a ideia de espaços de construção, como um elemento de emergência, de possibilidade”. Quércia acrescentou: “Porque não é só

o sistema que está nos aprisionando, mas nós mesmos estamos nos aprisionando. Porque a gente pode criar, também”.

Comentário 15: Ao final, mediante clara demanda do coordenador, dois temas-síntese são identificados: “a organização como prisão psíquica” e “organização como espaço de construção”, o primeiro apontando para um aspecto atual e o outro como possibilidade emergente, dualidade bem expressa pela última frase de Quércia: “Porque não só o sistema está nos aprisionando, mas nós mesmos estamos nos aprisionando. Porque a gente pode criar, também”.

7.2.3 Discussão

Este encontro caracteriza-se pela variação na composição do grupo: participam sete profissionais, sendo que quatro deles não participaram do primeiro encontro. Quatro sonhos são narrados, sendo que dois deles por duas das participantes novatas. Embora o coordenador tenha optado por oferecer explicações rápidas sobre a tarefa de narrar sonhos e fazer associações, seria recomendável que as explicações fossem mais detalhadas, tendo em vista a mudança de composição do grupo. Aparentemente, a abreviação das instruções não representou obstáculo à compreensão dos participantes, pelo menos na etapa de narrativa de sonhos e associação livre. Já no diálogo reflexivo sobre os sonhos surgiu um descompasso de uma das participantes novatas que parece não ter entendido bem a natureza da atividade, exigindo a intervenção do coordenador para esclarecimentos.

O universo associativo gerado pelo primeiro sonho gira em torno dos temas: falta de colaboração e de compartilhamento, controle, maldade, vaidade, inveja, mediocridade, intriga. O segundo sonho propicia associações com os temas: alívio ao encontrar algo que foi perdido, não necessidade de agir, não conseguir ver o que está à vista. O terceiro sonho: movimento, mudança, transitoriedade. O quarto, certamente o que mais envolveu os participantes, produziu o maior número de associações, contando com a participação de todos, excetuando-se Dina (uma das novas integrantes): limitação de movimentos, restrição à criatividade, desejo de liberdade, revolta pelo aprisionamento, fachada que oculta a realidade. É na composição do universo associativo desse sonho que surge a imagem de aprisionamento da borboleta, tornando-o um “sonho-atrator”, ou seja, um sonho que constela aspectos críticos da existência social dos participantes, favorecendo a proliferação de associações.

A partir desse sonho a discussão se dirige gradativamente para a vida dos participantes na organização, fazendo com que um participante assuma mesmo a crítica da realidade social da organização a partir de si mesmo (“Eu me sinto borboleta na gaiola, quando se fala em criatividade no banco”). Surge o tema do autoritarismo e a resistência da realidade em relação às mudanças propostas no discurso oficial da empresa. A experiência nesse encontro sugere que a realidade social vivida pelos participantes assume um caráter “atrator”, levando o grupo a buscar conexões entre os sonhos, as associações e aspectos do real vivido. Eventualmente, alguns participantes estabelecem conexão entre imagens de diferentes sonhos (“A Lanchonete” e “A Tempestade de Areia”, por exemplo) para contrastar atitudes de individualismo e solidariedade (“mesquinhez x altruísmo”), também relacionados com a vivência na organização. Ou, então, entre a imagem da mulher-fuinha do sonho “A Lanchonete”, e uma associação apresentada por outra participante sobre o vestido da Cinderela, sugerindo a outro, ainda, a ideia da Cinderela como a borboleta presa na gaiola. Aparece um movimento, em pleno diálogo reflexivo, no sentido de dar prosseguimento ao pensamento onírico iniciado na etapa de associação.

A identificação do tom emocional apresentado pelos sonhos, provocada pelo coordenador, faz com que surjam novas ideias (impasse, estar preso, situação travada, prisão vs liberdade, criatividade vs enclausuramento). O trabalho reflexivo evoca uma situação usual vivida por funcionários que se aposentam e continuam a prestar serviços para a organização mediante contrato, acompanhada por sentimentos contraditórios: desejo de se libertar das restrições e necessidade de continuar vinculado à organização. Surgem também explicações para essa aparente contradição: quando funcionária, a pessoa está em um ambiente protegido que lhe dá referências, embora seja restritivo; a aposentadoria permite um movimento de entrar e sair sob controle do aposentado, ou seja, uma nova experiência de liberdade, uma espécie de “gaiola aberta”. A lembrança de um filme (podemos considerar o filme como um sonho cultural, no sentido de que se trata de uma construção imaginativa do diretor que convida os expectadores a compartilhar o “seu sonho”) – “Um Sonho de Liberdade” – favorece o processo reflexivo do grupo, gerando uma hipótese explicativa para o caso do funcionário que se aposenta e permanece vinculado à organização. Temos aqui o exemplo de um “filme-sonho” – atribuí esse nome à amplificação do tema por meio de um filme – que oferece analogias para alimentar o processo de pensamento sobre a realidade social. O trabalho com imagens cinematográficas pode ser um instrumento importante no sentido de gerar metáforas que possibilitem informações inconscientes passarem pelo filtro da língua de que nos fala Fromm (1970), como um dos geradores do inconsciente social.

A conversa sobre vinculação à organização conduz à questão da identidade profissional do bancário, especificamente da organização da qual os profissionais participam. Surgem diferenças de autopercepção entre os participantes sobre suas identidades profissionais. Os participantes, de maneira geral, manifestaram desconforto em anunciar-se como “bancários”, uma vez que a maioria tem formações outras que não aquelas associadas ao fazer bancário. A conversa se dirige, então, para a questão dos estereótipos profissionais e sentimentos de menos valia em relação à profissão de bancário.

A continuidade do processo de reflexão a respeito do universo associativo gerado no trabalho com os sonhos parece favorecer o afrouxamento dos filtros sociais dos quais nos fala Fromm (1970), facilitando a emergência de aspectos sociais recalcados ou fracamente percebidos pelos participantes. Certamente não é fácil para os participantes perceberem-se como borboletas vivas e belas aprisionadas em uma gaiola! Pode-se conjecturar que a percepção de sentimentos de cerceamento e de falta de liberdade sejam tornados inconscientes como forma de assegurar o funcionamento das organizações sociais, afinal, o inconsciente social é “rigidamente prevenido contra o enriquecimento da consciência”, como nos adverte Fromm (1992), razão pela qual pode ser difícil a emergência de tais sentimentos na consciência ordinária do dia a dia. O compartilhamento reflexivo oferecido pela matriz do sonhar social pode oferecer suporte emocional para enfrentar essas ideias inconscientes ou fracamente percebidas, bem como ajudar a encontrar as palavras que possam expressá-las.

Ao final deste segundo encontro, dois temas-síntese foram formalizados: “a organização como prisão psíquica” e “organização como espaço de construção”, o primeiro apontando para um aspecto atual e o outro como possibilidade emergente. Este resultado parece confirmar o potencial da matriz do sonhar social e de seu complemento – o diálogo reflexivo sobre os sonhos – como dispositivo efetivo não apenas para a explicitação de situações sociais atuais mas, também, para a geração de ideias embrionárias que podem ser utilizadas para o desenvolvimento futuro do sistema em questão, confirmando os estudos de Lawrence e cols. (1998, 2003, 2007).

7.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO (C1E3)

O terceiro encontro, com duração de 66 minutos, contou com a participação de cinco mulheres e dois homens (Xênia, Joana, Elza, Sofia, Quércia, Mário e Guilherme) (Tabela 4). Joana, Elza e Guilherme participaram pela primeira vez.

TABELA 4 – Sequência dos sonhos e respectivos narradores

Sequência de sonhos	Sonho narrado	Narrador
1	As cobras voadoras	Mário
2	A casa desconhecida	Elza
3	O hospital e a casa	Quércia
4	O homem que voa dentro da sala	Guilherme

O encontro foi realizado em três etapas: a primeira (3 minutos), reservada às explicações a respeito do evento, tendo em vista o fato de que três dos participantes não estiveram presentes nos encontros anteriores; a segunda (30 minutos), relativa à narrativa dos sonhos e ao processo de associação livre; a terceira (33 minutos), constituída pelo “diálogo reflexivo sobre os sonhos”, em busca do tema-síntese. Devido à limitação do tempo disponível (o encontro foi realizado durante a jornada de trabalho dos participantes), não se realizou a avaliação de reação ao encontro. O tratamento e a análise das informações ocorreram de acordo com o disposto nos tópicos 6.4 e 6.5.

7.3.1 Narrativas de Sonhos e Associações dos Participantes

O coordenador agradeceu a presença dos participantes, explicou sucintamente o conceito de sonhar social, bem como as características do processo de associação livre, e descreveu as duas etapas da oficina. Seguem as informações oferecidas pelo coordenador:

Obrigado a vocês por estarem aqui participando desta terceira sessão da oficina do sonhar social. Esse trabalho parte do princípio de que nós podemos ter sonhos de natureza social. Todo sonho, na verdade, pode ter um componente, pode ter um aspecto que remete a situações do ambiente social, no qual os sonhadores vivem. Essa oficina foi criada exatamente pra isso. Para tentar capturar o significado social dos nossos

sonhos. Esses sonhos, que nós sonhamos à noite, enfim, os sonhos que sonhamos dormindo, não é?

E como é que funciona então, essa oficina? Alguém conta um sonho que pode ter ocorrido na noite anterior ou, eventualmente, um sonho já ocorrido há mais tempo. A pessoa conta o sonho e todos são convidados a fazer associações com esses sonhos. O que é fazer associações com esses sonhos? É dizer o que é que passa pela sua cabeça, quando você ouve o colega narrar o sonho, ou até mesmo um sonho que você mesmo sonhou. Quais são os sentimentos, quais são as ideias, com o que é que você liga esse sonho. A primeira parte do nosso trabalho é isso.

Na segunda parte, nós vamos tentar identificar o que é que um sonho tem a ver com o outro, se esses sonhos se comunicam de alguma forma, quais são os temas que aparecem nesses sonhos e como esses temas se ligam com aspectos da nossa realidade. Qual a realidade? Qualquer realidade. Uma realidade social mais próxima, que pode ser o trabalho que nós fazemos, pode ser uma realidade mais ampla, que é a grande sociedade da qual nós participamos. Qualquer aspecto social. Isso é na segunda parte. A primeira parte se trata disso: eu vou pedir a alguém que conte um primeiro sonho. Quem se sentir à vontade para contar o primeiro sonho para que, então, os demais possam começar a fazer associações. Quem é que tem um sonho para nos contar?

Comentário 1: O coordenador explica rapidamente a ideia do “sonhar social”, utilizando três formulações aproximativas do conceito: “podemos ter sonhos de natureza social”, “todo sonho pode ter um aspecto que remete a situações do ambiente social, no qual os sonhadores vivem”, “vamos tentar capturar o significado social dos nossos sonhos”. A seguir, explica o que é associação livre e como se dará o processo e, por fim, anuncia a tarefa da segunda parte do encontro, qual seja, identificar as ligações entre os sonhos, os seus nexos e os temas emergentes que se ligam com a realidade social dos participantes. Para falar sobre o diálogo reflexivo sobre os sonhos, utiliza expressões tais como: “o que é que um sonho tem a ver com o outro?”, “esses sonhos se comunicam de alguma forma?”, “quais são os temas que aparecem nesses sonhos e como esses temas se ligam com aspectos da nossa realidade”, “uma realidade social mais próxima, que pode ser o trabalho que nós fazemos ou pode ser uma realidade mais ampla, que é a grande sociedade da qual nós participamos. Qualquer aspecto social”.

Essas explicações, embora muito rápidas e sucintas, parecem ter sido suficientes para situar os três novos membros do grupo. Mário, que participou dos três encontros, tomou a

palavra e narrou um primeiro sonho. Parece que a “cultura” de compartilhamento de sonhos e associações foi assimilada pelo participante, predispondo-o a tomar a iniciativa e a demonstrar o funcionamento do grupo para os novos integrantes.

Sonho 1 – As Cobras Voadoras (Mário)

Na semana passada eu tive um sonho. É minha terceira presença aqui. Na semana passada eu tive um sonho e lembrei logo de contar no dia seguinte, porque eu sonhei que eu estava sendo atacado por cobras e eu tentava fugir dessas cobras, mas elas voavam. Voavam e eu não tinha muita escapatória, não tinha como fugir, porque não eram cobras que rastejavam, eram cobras voadoras.

Associações dos participantes: Inadequação no trabalho, medo, terror, em contraposição à saúde, lixo, fedor, coisas deterioradas, ratos, “daqui a pouco teremos cobras e lagartos aqui dentro” (Xênia, referindo-se ao ambiente de trabalho).

[O coordenador estimulou a continuidade do processo associativo, intuindo algum significado social para as imagens evocadas: “cobras e lagartos, é uma expressão, não?”). As associações continuam: local de trabalho, pressão, beco sem saída, incômodo, prisão, falta de solução, pressão, dificuldades, medo, fecundação, gravidez, cobra = ameaça conhecida, cobra voadora = ameaça por algo desconhecido, novo; sabedoria, conhecimento, símbolo da medicina.

[O coordenador ofereceu uma amplificação da imagem das cobras, lembrando de Esculápio, deus da cura na mitologia grega; em seguida, interveio lembrando que um outro sonho poderia ser associado ao anterior. Além disso, observou que o sonho ao ser narrado passa a ser propriedade do grupo].

Comentário 2: Sonho ocorrido no período de realização dos encontros, narrado por Mário que participou dos três encontros. As associações, apresentadas por seis participantes, se referem, de modo geral, ao ambiente de trabalho, mencionando-se sentimentos de angústia, medo, pressão, deterioração, ansiedade diante do desconhecido. Uma das participantes evocou imagem de conhecimento, sabedoria, cura. O coordenador atuou explicitamente em três momentos: primeiramente, lembrando de uma expressão popular que denota “confusão” (“cobras e lagartos”); em um segundo momento, amplificando a imagem de cobras, associadas à medicina e à cura (“cobras de Esculápio”), em apoio a uma associação

apresentada por um dos participantes; em um terceiro momento, já ao final da série associativa, orientando o trabalho de associações e recordando as regras da tarefa.

Sonho 2 – A Casa Desconhecida (Elza)

Eu tenho um sonho recorrente. Vez por outra, ele acontece: que eu tenho uma casa enorme, muito grande, que eu nunca consigo conhecer a totalidade dela. Então, sempre tem alguma coisa nova na casa. Tem os cômodos antigos, que eu já sei... “Nossa, tem uma porta nova aqui”. Aí, eu abro a porta e é um novo cômodo, é um quarto, é uma sala, é uma copa, um banheiro... É sempre eu e a casa. E a casa, ela sempre tem cortinas em tom vinho... Muita cortina. Parece mais castelo do que casa. É cheia de portinhas, que aparecem. Cada vez, é uma porta diferente. É a mesma casa, mas eu não sei o aspecto externo dela. Só sei o aspecto interno. Vez por outra, ela aparece lá e eu saio andando pela porta. Não tem situação de stress. Não vinculo esse sonho a uma situação: “Ah, toda vez que acontece tal coisa eu sonho com a casa”. Não tem. Pode passar meses sem eu sonhar.

É uma casa de época, os móveis, então... Quando você entra, é um salão, por exemplo. Você entra no salão, é enorme, tem peças de arte... Eu adoro colecionar coisas. Então, de repente, essas pecinhas têm alguma coisa. Então, tem muitos espelhos, muitas cortinas, muitas pecinhas, muitos aparadores, muitas mesinhas.

A casa é enorme e tem degraus. Você desce, sobe... Às vezes, abro a porta e tem três degraus. Você desce, aí você entra num outro salão, num quarto maravilhoso. Às vezes, eu vou, olho e digo: “não, nessa eu já passei, vou para aquela. Acho que aqui tem um quarto. Esse quarto, eu já vi”. Já tem até expectativa da novidade, de encontrar coisa. Às vezes, chega na sala grande e eu olho assim pra ver se está faltando alguma coisa, se tem coisa nova...

Mas quando eu vejo que eu já conhecia, eu fico olhando se está faltando alguma coisa.

É como se não fosse minha a casa.

Sempre tem coisa nova. Sempre é diferente. Nunca teve nada igual. Eu conto sempre esse sonho para os meus filhos... “Mas você não muda essa casa?”. Eu falo: “mas como é que eu vou mudar a casa? ela muda sozinha. Eu não tenho como mudar a casa”. Todo mundo me pergunta: “é a mesma casa?”. Eu digo: “sempre é a mesma casa. Não sei como ela é fora, só sei como é dentro, eu só apareço dentro da casa”.

[Os blocos narrativos descritos separadamente indicam que a narrativa do sonho foi intermitente, estimulada por perguntas dos demais participantes.]

Associações dos participantes: Descoberta, reinvenção, desejo de coisas novas, quebra da rotina, fazer coisas diferentes, ainda que num esquema cotidiano rotineiro, prazer em mudar; hábito do colecionador, que procura o novo, que acumula até não ter espaço para mais nada; manter as coisas como estão, conservação, não-mudança; aprendizagem contínua, crescimento; harmonia, proteção, tranquilidade, segurança.

Elza, comentando o próprio sonho: não há medo, não espera muitas novidades, nada de assustador como um rato, um monstro, um beco sem saída. Xênia admirou-se diante das imagens e sentimentos expressos por Elza, a sonhadora, que acabou por assumir um início de interpretação no “vértice do Édipo”, ou seja, intrapessoal: “acho que seja minha [casa, eu mesmo]”. Guilherme continua: valorizar o já conhecido e buscar o que é novo. Quêrcia lembrou um sonho que associa com o sonho de Elza.

Comentário 3: A sonhadora narra o sonho em seis blocos, agregando novas informações a cada pergunta feita pelos demais participantes. O sonho catalisa a atenção do grupo; todos os participantes contribuem com associações. Analisando-se a posteriori, conclui-se que talvez fosse interessante que o coordenador interviesse estimulando os participantes a fazerem associações, mais do que pedirem informações sobre o sonho. Uma participante, Xênia, esboça uma interpretação subjetiva para a sonhadora, mas parece lembrar-se da observação feita pelo coordenador de que o trabalho não visa interpretar a pessoa do sonhador mas expor as ideias que ocorrem a quem associa. Temos aqui um exemplo de “aprendizagem” da regra de focalizar o sonho e não o sonhador: a participante pensa em esboçar uma interpretação no “vértice do Édipo” e muda a direção de sua fala, expondo suas associações (“descoberta, reinvenção”). As associações seguintes giram em torno do surgimento do novo, mudança, manutenção e, também, aprendizagem contínua, tranquilidade, segurança. Ao final da série associativa, Elza faz uma auto-interpretação (“acho que talvez a casa seja eu mesma”). As interlocuções em torno da “casa grande e desconhecida” remetem ao tema do conhecido-desconhecido, conservação-mudança, mudança-aprendizagem.

Sonho 3 – O Hospital e a Casa (Quércia)

Um sonho que eu tive hoje, que meu pai estava tendo um ataque cardíaco. Minha mãe indo com ele para o hospital. Eles estavam indo e eu não podia ir, tinha que ficar em casa com minha família, meu marido, minha filha. Meu pai e minha mãe indo para o hospital, minhas irmãs indo para o hospital. Um hospital lindo e eu não podia entrar no hospital. Tinha que ficar em casa. Me trouxe essa ideia. Você falou em segurança e essa ideia, gente, eu tenho que ficar na segurança, quando outros estão passando por momentos de alguma necessidade, não é? E me trouxe muito essa... Quando falou na questão da segurança, me trouxe meu sonho.

O sonho dela (Elza), da casa, falava de segurança e me lembrou esse sonho. E eu lembro que eu achei engraçado que o hospital era muito bonito, dava vontade de entrar no hospital, sabe? E era muito bonito. Mas era basicamente isso. Não tinha uma sensação. Só essa sensação de querer estar em dois lugares ao mesmo tempo. Tinha necessidade de eu ficar. Eu sabia que eu precisava ficar em casa e ao mesmo tempo eu queria estar com a minha família.

Querida estar no hospital, com meu pai. Eu via os médicos fazendo a massagem cardíaca... Muito engraçado. Mas, ao mesmo tempo, não tinha aquela sensação de desespero: “ai, meu pai está morrendo!”. Uma coisa tranquila. Estava no hospital, tendo um ataque cardíaco, mas é como se isso fosse uma coisa normal, sabe? Natural. Ah, foi um ataque cardíaco. Ele nunca teve ataque cardíaco. Até acordei pensando: “gente, será que ligaram de noite?”. Olhei para o celular, para ver se tinham me ligado, se tinha acontecido alguma emergência. Mas foi só um sonho.

Associações dos participantes: Segurança, sentimentos ambivalentes de estar segura e se envolver; ataque cardíaco-pânico, oposto de tranquila, calma; tranquilidade psicológica, manter a calma, paz interior; o inesperado, o desconhecido tratado com racionalidade; a sonhadora do sonho “A Borboleta na Gaiola” poderia ter sonhado novamente para libertá-la (Sofia). Guilherme (provavelmente estimulado pela associação de Sofia) narrou um sonho: “O Homem que Voa Dentro da Sala”.

Comentário 4: Sonho sonhado na noite anterior ao encontro. Cinco participantes apresentam associações direcionadas a sentimentos ambivalentes de segurança e pânico e o desejo de enfrentar o inesperado com tranquilidade. Uma das participantes lembra do sonho ocorrido na

sessão anterior, manifestando o desejo de que a borboleta possa ser libertada da gaiola. Outro participante narra um sonho que também se refere a voo num espaço fechado.

Sonho 4 – O Homem que Voa dentro da Sala (Guilherme)

Posso falar de um sonho, que para mim também é recorrente? Assim, vira e mexe eu sonho que estou numa sala vazia e que eu consigo voar. Eu consigo voar e eu acho isso a coisa mais natural do mundo. Eu não tenho pena, nada, mas eu, batendo meus braços, eu consigo voar. E esse sonho para mim, ele sempre se repete. E eu sonho gostando, afinal de contas eu posso voar.

Associações dos participantes: Sala fechada, estranheza. [O coordenador apontou a conexão entre esse sonho e o sonho “A Borboleta na Gaiola”]; “atravessando a parede” (Xênia, lembrando de um sonho apresentado no primeiro encontro); liberdade de ação; bater contra as paredes; tristeza, movimento cerceado, possibilidade de voar fora da sala, na natureza; passarinho preso na gaiola (conectando com o sonho “A Borboleta na Gaiola”).

Comentário 5: Parece que o sonho é narrado por associação com o sonho do encontro anterior (“A Borboleta na Gaiola”). Seis participantes fazem associações. O coordenador atua em um único momento, indicando a conexão entre o sonho em pauta e aquele apresentado no encontro anterior. A conexão parece fazer sentido para o grupo porque as associações seguintes seguem o mesmo tema: liberdade de ação, limitações, prisão, cerceamento, possibilidade de voar.

7.3.2 Diálogo Reflexivo sobre os Sonhos

O coordenador procurou estimular o grupo à identificação de um ou mais temas que sintetizassem o trabalho realizado. Elza procurou estabelecer conexão entre todos os sonhos (“desconhecido”, “o que vem a seguir?”). Xênia apontou o fato de todos os sonhos “terem paredes”. Mário complementou: “lugar fechado”.

O coordenador questionou se as paredes têm sempre o mesmo sentido nos sonhos. Xênia respondeu que não: um trazia angústia, outro tranquilidade, outro, prazer. As ações é que estavam contidas entre paredes. O coordenador questionou sobre o tom emocional dos

sonhos. Mário referiu-se a medo e pânico. Joana falou em tranquilidade, leveza, serenidade na forma de lidar com o pânico, fazer algo novo, inusitado, novidade, ser diferente.

Mário recordou a conclusão do encontro anterior, ou seja, os dois temas-síntese levantados pelos participantes. O coordenador auxiliou Mário. Xênia reportou-se também ao encontro anterior, lembrando que o tema “organização e trabalho” surgira espontaneamente, o que não teria ocorrido neste encontro, com exceção do sonho “As Cobras Voadoras”. Os sonhos teriam sido mais “pessoais” (questões pessoais) ou relacionados ao “ambiente social mais amplo” (sociedade).

Comentário 6: Diante da demanda do coordenador, três participantes tentam encontrar algo em comum nos sonhos narrados, chegando às ideias de desconhecido, imprevisto e limites. Mário procura estabelecer uma conexão com os temas definidos no encontro anterior, enquanto que Xênia aponta o fato de que o tema “organização e trabalho” não surgira nas associações que se referiram a aspectos mais individuais. O coordenador poderia ter solicitado mais explicações sobre esses dois tópicos, mas, infelizmente, não o fez.

Quércia retomou associação feita por Joana momentos atrás: “a forma de ver o novo”, “como o novo se apresenta”. Xênia ratificou: “o novo como possibilidade”, “como fazer diferente”. Joana complementou: “fazer diferente pode trazer bem-estar, felicidade, satisfação”. Guilherme trouxe algo novo: o desafio com dupla face, prazer e temor. Diante da insistência do coordenador para que o grupo apresentasse um tema-síntese, Xênia propôs “o novo”, com a concordância de Guilherme.

O coordenador procurou dar forma um pouco mais elaborada para o tema-síntese: “Como lidar com o novo, o inusitado, o desconhecido?” “A gente procura o novo” (Mário); “sair do quadrado” (Elza); “buscar saída para o novo” (Mário); “permitir que o novo surja” (Xênia); “aceitar o novo, ele está aí” (Mário). O coordenador tentou sintetizar: “emergência do novo, aceitação do novo”.

Elza continuou: “O novo é inevitável, a questão é estar preparado pra recebê-lo”; seguida por Xênia (“serenidade diante do novo”) e por Mário (“todos querem o novo, querem criar, mas criar faz sofrer porque implica confronto com o já estabelecido, exige determinação, desafio, persistência, coerência”).

Mário agregou: “O prazer vem depois com o reconhecimento social pelo que foi realizado”. Quércia, dizendo que “o processo de criação é motivador”, lembrou do sonho “O Homem que Voa Dentro da Sala” e o fato de ele sentir satisfação em voar. Mário

complementou - “a satisfação de criar compensa o sofrimento” - e Elza - “quanto maior o obstáculo, maior a persistência.” Exemplificou com a vivência do artista. Mário concordou com Elza.

O coordenador identificou um tema que engloba as várias falas do grupo: resiliência, capacidade de suportar o sofrimento e empreender ações de transformação, de mudança. Contudo, continuou insistindo para que o grupo definisse o tema-síntese do trabalho.

Comentário 7: O coordenador não se dá por satisfeito com os temas levantados e continua a insistir, gerando dúvida para uma das profissionais – Elza - que não havia participado de nenhum dos encontros anteriores. Tem-se a impressão de que, diante da insistência do coordenador, a participante acaba trazendo outras questões organizacionais percebidas por ela e não conectadas com as associações feitas até então, conforme a seguir.

Elza demonstrou não compreender a insistência do coordenador para que o grupo identificasse temas recorrentes e pediu esclarecimento: “dentro de nossa organização?” O coordenador respondeu:

É. Um tema, a partir do qual se poderia pensar o estado atual da organização e o que é que tem de novidade que pode surgir, a partir daí? Não só o que está posto... é importante reconhecer o que está posto. Mas, o que é que está evocando uma imagem de fecundidade, que foi mencionada aqui, a propósito de um sonho aterrorizante de cobras voadoras, ameaçadoras. Surgiu também, a ideia de que a ameaça pode representar, também, um elemento fecundante, reprodutivo, generativo, não é?

Elza manifestou, em fala um tanto confusa, a percepção de que a empresa no atual momento é muito demandada por novo desafios e muitas pessoas não estão engajadas. Reclamou liberdade, autonomia, e seu aproveitamento pela organização em algo significativo. O coordenador tentou sintetizar a fala, destacando as ideias de criação, limite, espaço apropriado para criar o novo e pergunta: “Qual é o tema relevante, que tem nessa questão? Elza reforçou, então, a necessidade de aproveitamento do conhecimento do profissional pela organização. Guilherme concordou com Elza (“aproveitamento de aptidões, das habilidades”).

Diante da insistência do coordenador para chegarem a um tema-síntese, Guilherme retomou a ideia de juntar satisfação pessoal com produtividade, colocar o profissional numa posição em que ele goste de atuar. Xênia interveio, dizendo: “criatividade mesmo com

limitações. Elza: “fazer o melhor possível”, “reconhecimento e alegria”, “novas oportunidades profissionais”.

O coordenador insistiu, ainda, em encontrar um tema-síntese de todo o encontro, resumindo: “fazer o possível dentro dos limites impostos”, “como produzir o novo dentro das limitações existentes”, “atitude de resiliência diante das dificuldades”. Elza agregou ao comentário do coordenador: “utilização do capital intelectual, das habilidades do funcionário”.

O coordenador voltou a insistir na definição de um tema-síntese. Joana veio em socorro do coordenador e propôs o tema-síntese na forma de uma questão, um problema: “Como inovar ou ser criativo, tendo limitações impostas?” O coordenador reforçou a proposta e Joana agregou: “... limitações, definições, padronizações”. Quércia complementou: “Como se encara o novo”?

Comentário 8: A percepção de que, agora, dois dos participantes trazem novos elementos a partir de suas percepções sobre a organização, não conectados com a rede associativa precedente, faz com que o coordenador insista na delimitação do tema-síntese. É auxiliado por Joana que propõe uma pergunta: “Como inovar ou ser criativo, tendo limitações (definições, padronizações) impostas?”. É complementada por outra participante, Quércia, com a pergunta: “Como se encara o novo?” Essas perguntas desdobram-se a seguir.

O coordenador resumiu, então, a proposta: “Como lidar com o novo?” Quércia adicionou um novo elemento: “Como lidar com projetos que se conflitam?” Elza: “Como compartilhar o novo entre muitas pessoas?”. O coordenador se reportou ao tema-síntese levantado no segundo encontro: “espaços de construção”. Elza: “a resistência ocorre por falta de participação na construção desse espaço”.

O coordenador tentou identificar um sonho que tivesse uma forte conexão com o tema-síntese proposto. Quércia respondeu prontamente: o sonho “Homem que Voa Dentro da Sala”, “fazer uma coisa nova dentro de um espaço limitado”. Elza, por sua vez, lembrou do sonho “As Cobras Voadoras” e “Homem que Voa Dentro da Sala”. Propôs modificação no sonho: “uma janela para as cobras irem embora e o homem poder voar livremente”.

O coordenador lembrou uma das associações feitas com as cobras voadoras: “saúde”, “criatividade”, “sabedoria”. Elza retomou a “modificação” do sonho, expressando um desejo de que “se apresente uma janela”, para que a construção continue.

Comentário 9: O coordenador procura fazer uma conexão dos temas-perguntas formulados com os temas propostos no encontro anterior. Lança mão de um “sonho-atrator” que represente uma imagem dessas questões. Dois sonhos são apontados. Elza, participante de deste único encontro, propõe uma modificação (evolução?) da imagem onírica, nos moldes da imaginação ativa junguiana¹, representativa talvez de uma possibilidade emergente da organização, uma possibilidade de encaminhamento para as questões levantadas, algo sobre o que trabalhar. O trabalho poderia ser desdobrado em novas perguntas do tipo: a) O que fazer para abrir a janela e liberar cobras e o homem para voar?; b) Qual a vantagem para a organização ao abrir essa janela?; c) O que essa liberação pode ter a ver com a criatividade e a saúde das pessoas na organização, e por aí adiante.

O coordenador procurou sintetizar as conclusões do grupo. Destacou os dois sonhos-atrator: “Homem que Voa Dentro da Sala” e “As Cobras Voadoras” e os dois temas-sínteses: “Como ser criativo diante dos limites colocados” e “Como lidar com o novo”. Anunciou o que poderia vir a ser um desdobramento do trabalho: uma leitura sobre o estado atual da organização orientada por esses dois focos e, após, a elaboração de propostas de ações modificadoras da situação. Em suas próprias palavras:

Se fôssemos dar continuidade ao trabalho, o próximo passo seria pegar essas imagens que foram escolhidas pelo grupo – o voo dentro da sala e as cobras voadoras, e os dois temas que foram elencados, ou seja, como ser criativo diante dos limites colocados e como lidar com o novo – e daí sim, fazer uma leitura de como vocês enxergam a organização diante desses dois temas e o que pode emergir a partir daí. Quais são os sinais de novidades que poderiam surgir, a partir do estado atual? Então, não é propriamente buscar soluções ainda, não seria isso, mas um trabalho de compreensão sobre a realidade da qual nós estamos participando. Não vamos fazer isso, a gente precisaria ter um tempo maior para poder passar para essa outra etapa.

¹ “Método dirigido a desenvolver a imaginação do paciente durante a psicoterapia, a fim de acelerar os processos de formação de símbolos e de imagens individuais e coletivas. Mais precisamente, tal método é usado para extrair os conteúdos inconscientes, a fim de que, uma vez que se tenham tornado visíveis, o Eu possa confrontar-se com eles em vez de ser de diversos modos assediado por eles” (Pieri, 2002, p. 236). Para um exemplo esclarecedor do próprio Jung, ver Jung (1935/1998, pp. 174 a 185).

Comentário 10: O trabalho resulta na identificação de dois sonhos-atrator – “Homem que Voa Dentro da Sala” e “As Cobras Voadoras” – e de dois temas-sínteses – “Como ser criativo diante dos limites colocados” e “Como lidar com o novo”. A última fala do coordenador aponta para o tipo de intervenção organizacional que poderia resultar do trabalho realizado pelo grupo até esse instante.

7.3.3 Discussão

Cinco participantes participaram ativamente do diálogo reflexivo sobre os sonhos (Sofia e Quércia não se manifestaram). Tratando-se de um grupo pequeno, o coordenador poderia ter estimulado a manifestação dessas participantes. Dina, que compareceu somente ao segundo encontro, não retornou para o terceiro. Chama a atenção o fato de que ela teve uma participação modesta no encontro do qual participou e não apresentou sonhos. Além disso, não entregou a avaliação de reação solicitada ao final. É possível que fenômenos grupais não explicitados tenham influenciado sua decisão de não participar do encontro seguinte. Embora o pesquisador tenha insistido para que a participante enviasse sua avaliação, ela não o fez. Ficamos sem saber o que se passou.

Destaca-se claramente o surgimento de um universo associativo direcionado para o ambiente de trabalho. O coordenador poderia, ao observar tal tendência, solicitar essa ligação (dos sonhos e associações com as situações de trabalho) desde o princípio do diálogo reflexivo sobre os sonhos, favorecendo aos participantes a definição de um foco de atenção. De toda sorte, parece que aos poucos o grupo chega a uma síntese aceitável por todos.

Os quatro sonhos apresentados recebem associações feitas por quase todos os participantes, o que denota o alto grau de interesse do grupo. Evidencia-se a importância do papel exercido pelo coordenador como auxiliar do grupo na experiência de “permanecer no desconhecido, na dúvida, nos mistérios e incertezas” (capacidade negativa de Bion), tal como formulado por uma das hipóteses de trabalho da matriz do sonhar social (ver Seção 5). De fato, navegar pelo emaranhado de associações oferecidas pelo grupo, buscando regularidades e identificando temas sociais representativos é um exercício de tolerância à frustração diante daquilo que ainda não está dado e que se encontra ainda em estado nascente.

O coordenador insiste na formulação clara de um tema-síntese: pede esclarecimentos sobre o sentido de certas imagens apresentadas, questiona sobre o tom emocional predominante nos sonhos, promove sínteses das falas dos participantes, recorre a imagens que

surgem nos sonhos, conectando-as com algumas das falas dos participantes, instiga o grupo a identificar sonhos emblemáticos (“âncoras”) de todo o trabalho realizado e que resumam, por assim dizer, o conjunto das associações realizadas. Talvez se tivesse utilizado um recurso auxiliar de notação, como, por exemplo, um *flip-chart*, poderia mais facilmente compor um quadro de temas parciais que conduziriam, finalmente, a uma síntese. Ao final, o grupo consegue chegar à definição de dois temas-sínteses – “Como ser criativo diante dos limites colocados?” e “Como lidar com o novo?”, acompanhados por dois sonhos-atrator – “Homem que Voa Dentro da Sala” e “As Cobras Voadoras”. O trabalho orientado por esses dois focos poderia oferecer, em futuros desdobramentos (caso houvesse a oportunidade de mais encontros), uma leitura sobre o estado atual da organização e sobre maneiras possíveis para se lidar com as novidades que decorrem da dinâmica própria dessa organização. Poderia ainda, estimular a elaboração de propostas de ações modificadoras da situação atual, com a participação das pessoas que vivem essas circunstâncias, conforme sugerido por trabalhos de intervenção organizacional empreendidos por pesquisadores do sonhar social (por ex., Bain, 2007; Eisold, 1998; Lawrence, 1998; Michael, 1998; Morgan, 2007). Para isso, a estratégia de procurar identificar um ou mais sonhos cujas imagens sejam representativas (“âncoras”, como denominei acima) das questões emergentes, pode ser interessante; sobretudo, quando surgem “evoluções” espontâneas das imagens, tal como pudemos observar nesse terceiro encontro. Podemos nos perguntar se, numa etapa posterior de trabalho, seria cabível orientar uma “evolução” das imagens originais dos sonhos em busca de possibilidades de transformação da situação atual enfrentada pelo grupo. Nesse sentido, recursos como a técnica de imaginação ativa proposta por Jung (Jung, 1935/1998; Pieri, 2002) poderiam ser cogitados.

Lawrence e colaboradores ressaltam em seus trabalhos o caráter profícuo da matriz do sonhar social como instrumento de pesquisa-ação. O desenvolvimento deste encontro apresenta aderência aos princípios metodológicos da pesquisa-ação (Barbier, 2004), conforme descrito na Subseção 5.4.1 (hipótese de trabalho nº 12), quais sejam: o dispositivo favorece o surgimento de questões psicossociais contextualizadas, o pesquisador/coordenador auxilia o grupo a identificar aspectos cruciais do problema, as informações são compartilhadas por meio do diálogo reflexivo sobre os sonhos, o grupo utiliza a linguagem estruturada a partir dos intercâmbios ocorridos ao longo do processo, podendo se cogitar que o grupo, a partir da tomada de consciência de suas questões, possa pensar ações de transformação de sua realidade social. Corrobora-se, então, a utilização da “matriz do sonhar social” como

dispositivo de pesquisa-ação, conforme proposto em trabalhos de Lawrence e colaboradores (Lawrence, 1998, 2005; Lawrence & cols., 2007).

7.4 AVALIAÇÃO DE REAÇÃO AOS ENCONTROS (*CORPUS I*)

Dos 14 profissionais que participaram de pelo menos um dos encontros, nove responderam o instrumento de avaliação de reação (Apêndice E), manifestando sua opinião sobre a experiência. Os outros cinco não devolveram o formulário de avaliação; o instrumento foi distribuído somente ao final do terceiro encontro, para ser posteriormente respondido e devolvido ao pesquisador, o que, infelizmente, prejudicou a taxa de retorno. A seguir, apresento um resumo das avaliações e discuto os resultados obtidos.

7.4.1 Resumo das Avaliações

Pressupus que a expectativa de participar dos encontros poderia influenciar na recordação dos sonhos e estimular sua narrativa; apenas uma das participantes, Miriam, que participou dos dois primeiros encontros, confirmou essa hipótese (Questão nº 1). Pretendi, também, verificar a contribuição de cada participante para a narrativa de sonhos e identificar eventuais obstáculos percebidos pelos participantes. Dos nove respondentes, apenas dois não narraram sonhos. As referências ao conforto para apresentar sonhos foram unânimes (Questão nº 2).

Procurei saber de eventuais sonhos que, embora disponíveis à memória do participante, não tivessem sido narrados e, principalmente, o motivo para não fazê-lo. As respostas mais significativas foram as de duas participantes, Quércia e Miriam. A primeira avaliou que o tempo foi escasso e, mesmo assim, narrou um sonho; a segunda, disse que o processo associativo a envolveu a ponto de optar por deixar de narrar sonhos. Não surgiram referências a outras inibições (Questão nº 3).

Os participantes negaram ter sentido qualquer inibição para oferecer associações aos sonhos de outros participantes. Apenas Quércia, referiu-se a certo cuidado ao falar sobre questões relacionadas com o ambiente de trabalho. Infelizmente, a participante não explicitou exatamente em que consistia essa preocupação (Questão nº 4).

Seis dos depoimentos referiram-se positivamente à experiência de ouvir associações a respeito de seus sonhos feitas por outras participantes. Dina manifestou estranheza inicial, associada provavelmente com a maneira usual de se considerar o sonho como posse individual. Em seguida, surgiu a percepção de que é possível extrair um significado social para o sonho, tornando-o posse coletiva (Questão nº 5).

Desejei identificar reações emocionais relacionadas com o fato de apresentar um sonho que ficasse “flutuando na matriz”, sem associações. Observou-se que nenhum sonho ficou sem associações: o sonho com menor número de associações foi “O Tanque Voador”, narrado no primeiro encontro; o sonho com maior número de associações foi “A Borboleta na Gaiola”. Uma única participante, Miriam, especulou sobre a possibilidade de ficar chateada, caso algum sonho seu ficasse sem associações (Questão nº 6).

Os participantes declararam ter identificado temas sociais relevantes a partir do trabalho na matriz, o que pode ser observado no registro dos intercâmbios ocorridos nos encontros (Questão nº 7). Os participantes foram unânimes na declaração de que o diálogo reflexivo sobre os sonhos propiciou a emergência de temas-síntese relacionados com o ambiente social no qual vivem: uma participante, Joana, reconheceu a dificuldade na eleição dos temas, outros conseguiram nomear alguns dos temas, uma outra, ainda, Xênia, manifestou admiração pela constatação de que tenha sido possível a transição do sonho individual para aspectos sociais (Questão 9).

Desejei identificar a percepção dos participantes sobre a emergência de informações consideradas relevantes sobre a organização em que trabalham ou a sociedade em que vivem. As respostas se dividiram: cinco participantes concordaram com a afirmação de que surgiram informações relevantes, três disseram que não, sendo que dois destes apontaram o surgimento de questões interessantes sobre a sociedade e/ou a organização e um disse que os encontros levaram à reflexão sobre temas relevantes. O uso do termo “informações” pode ter gerado certa ambiguidade no entendimento da pergunta. De fato, “informação” pode ser entendida como “afirmação de fatos objetivos”. Talvez a expressão mais adequada fosse “questões” (a respeito da sociedade ou da organização). Mas, de maneira geral, todos dão a entender que aspectos relevantes foram colocadas à reflexão (Questão 10).

As opiniões dos participantes se dividiram em relação a se as informações surgidas durante o trabalho podem estimular ações transformadoras da realidade. Quatro participantes responderam afirmativamente; quatro apontam uma utilidade potencial do dispositivo para a transformação da realidade e uma, mesmo participando de dois encontros, não se sentiu segura para responder, aguardando uma etapa seguinte (anunciada pelo coordenador, mas que acabou não acontecendo por falta de tempo) na qual poder-se-ia trabalhar propostas de transformação no ambiente social (Questão 11).

Houve unanimidade na avaliação positiva sobre a atuação do coordenador, no sentido de favorecer o trabalho realizado na matriz: percepção de seriedade, ética e vínculo de confiança, decorrentes do fato de que o coordenador é um profissional reconhecido pelo

grupo; sentimentos de segurança, acolhimento, descontração, informações claras, organização do trabalho, elaboração de sínteses, pouca diretividade, respeito às contribuições, facilitação do processo associativo, associados com a condução das atividades (Questão nº 8).

De maneira geral, as opiniões valorizaram a oportunidade de participação nos encontros, identificando benefícios psicológicos ou profissionais decorrentes. Percebeu-se uma ênfase maior nos ganhos profissionais: aprender uma metodologia de trabalho, perceber e observar comportamentos organizacionais “camuflados”, discutir sobre o “fazer/pensar” o trabalho e as relações profissionais. Do ponto de vista psicológico, mais diretamente, surgiram: o prazer de participar, ouvir, perceber opiniões diferentes, ouvir pontos de vista diversos sobre os próprios sonhos (Questão nº 12).

No comentários finais, oito participantes valorizaram positivamente a experiência com o sonhar social, sendo que três deles manifestaram o desejo por uma nova oportunidade de participação. Um avaliou a importância do espaço de discussão estabelecido no “diálogo reflexivo sobre os sonhos”; outro, ainda, manifestou a surpresa pelo trabalho realizado a partir dos “sonhos sonhados” e as conexões estabelecidas com os anseios de transformação no ambiente. Pode-se conjecturar que um número maior de sessões teria possibilitado uma avaliação mais precisa por parte dos sujeitos da pesquisa (Questão nº 13).

7.4.2 Discussão e Conclusões

A hipótese de que a expectativa de participar dos encontros influencia na recordação dos sonhos e estimula sua narrativa não se confirma; dos nove informantes, cinco participaram de dois ou três encontros e dentre estes apenas um que, por sinal, participou dos dois primeiros encontros, respondeu afirmativamente. Podemos verificar, contudo, a partir dos registros dos encontros, que do total de 14 participantes que estiveram em pelo menos um dos encontros, apenas quatro não o fizeram (70% dos participantes – 10 dos 14 – apresentaram pelo menos um sonho). No total, cerca de 14 sonhos foram apresentados, resultando na média de um sonho por participante. No grupo que respondeu à avaliação de reação, sete dos nove narraram pelo menos um sonho, ou seja, 78%. A situação configurada pela matriz parece estimular a narração de sonhos. Não se detectam obstáculos à iniciativa de narrar sonhos, excetuando-se uma referência à escassez de tempo e outra que se refere ao envolvimento da pessoa com o processo associativo, ambas advindas, curiosamente, de duas participantes que apresentaram dois sonhos cada uma. Parece também que fazer associações não apresenta dificuldades inibitórias, assim como ouvir associações a respeito de seus

próprios sonhos parece não suscitar reações negativas. Constata-se a tendência de nenhum sonho ficar sem receber associações.

A emergência de temas sociais a partir das associações foi atestada por todos, principalmente no que se refere a questões relacionadas ao contexto do trabalho profissional; isto já era esperado: parece que as circunstâncias de vida, comuns e compartilhadas, acabam tendo forte influência na organização do universo associativo dos participantes, conforme documentado pelos teóricos do sonhar social.

De maneira geral, o grupo percebe o diálogo reflexivo sobre os sonhos como propiciador de sínteses relacionadas com as circunstâncias sociais dos participantes. Os participantes entendem que os encontros fazem surgir elementos sociais relevantes para a reflexão, seja em relação à organização na qual trabalham, seja em relação à sociedade mais ampla. Quanto ao potencial transformador da realidade a partir das informações surgidas, as opiniões se dividem: metade responde afirmativamente, a outra metade faz algum reparo. Talvez a realização de um número maior de sessões possibilite ao grupo sair do plano das idéias para transformá-las em ações.

Os participantes percebem mais nitidamente benefícios pessoais relacionados à profissão advindos da participação na matriz: aprender uma metodologia de trabalho, perceber e observar comportamentos organizacionais “camuflados”, discutir sobre o fazer e o pensar a sobre as relações profissionais. Mais especificamente, do ponto de vista psicológico, surgem: o prazer de participar, ouvir o outro, perceber opiniões diferentes, ouvir pontos de vista diversos sobre os próprios sonhos. A avaliação final da experiência é positiva, com participantes manifestando desejo de vivenciar novamente a matriz do sonhar social. O diálogo reflexivo sobre os sonhos é particularmente valorizado e é percebida a conexão dos “sonhos sonhados” com os anseios de transformação do ambiente social.

A participação do coordenador revela ser um fator importante na condução do processo, tal como ocorre em outros processos grupais. São destacados atributos importantes para o papel de coordenador: demonstrar seriedade e atitudes éticas, ser indutor de clima de confiança, favorecendo sentimentos de segurança, acolhimento, descontração; oferecer informações claras, organizar o trabalho, elaborar sínteses, atuar com baixa diretividade, respeitar as contribuições diversas, estimular o processo associativo.

7.4.3 Avaliação do Instrumento de Avaliação de Reação

A partir da experiência com este instrumento de avaliação de reação, foram concebidos dois outros instrumentos – “Avaliação de Reação Parcial” (Apêndice F) e “Avaliação de Reação Final” (Apêndice G) –, mais sintéticos, que foram aplicados com os participantes do segundo grupo de pesquisa. Não obstante, dada a riqueza das percepções que foram obtidas por meio do instrumento em validação, decidi incluí-las no estudo.

7.5 CONCLUSÕES (*CORPUS I*)

Três encontros da matriz do sonhar social foram realizados com 14 profissionais ligados à área de gestão de pessoas de uma grande organização financeira nacional. O número de participantes em cada encontro variou de sete a nove, sendo que dois participaram de todos os encontros, cinco participaram de dois encontros (três estiveram nos dois primeiros e dois estiveram nos dois últimos) e sete pessoas participaram de apenas um encontro. Constatou-se, então, que, embora de maneira não intencional, a composição do grupo variou significativamente a cada encontro.

Certo cuidado parece ser requerido nos casos em que novos participantes se agregam à matriz, a fim de que todos possam compreender claramente a dinâmica do sonhar social. Podemos pensar que se por um lado a manutenção da composição original do grupo pode representar uma vantagem para assegurar uma compreensão homogênea das regras pelos participantes, por outro, a variação dos membros pode trazer maior complexidade e abrangência do contexto social no qual o grupo vive.

De maneira geral, a experiência com a matriz do sonhar social é percebida como agradável e produtiva, propiciando novas perspectivas sobre a realidade social dos participantes, mais especificamente, o contexto organizacional no qual trabalham. É fácil para os membros do grupo compreenderem a tarefa proposta para o encontro – narrar sonhos, fazer associações, estabelecer ligações entre sonhos, encontrar nexos e atribuir significado social – bem como sua “regra fundamental” – evitar incursionar por interpretações psicológicas, biográficas ou relacionadas à dinâmica psicológica do grupo (“vértice do Édipo”). A matriz assume as características de um grupo de trabalho, na acepção adotada por Bion (1963/2006), ou seja, um grupo que focaliza a tarefa a ser realizada, mediante laços cooperativos; os participantes envolvem-se ludicamente no processo associativo, manifestando humor, muitas vezes ironia, e capacidade reflexiva.

A disposição dos participantes em configuração “flocos de neve”, com vistas a dificultar o estabelecimento de uma “dinâmica de grupo”, conforme previsto por Lawrence e colaboradores, revela-se mais dificultadora do que facilitadora do trabalho na matriz, gerando certo desconforto, talvez por se tratar de um grupo pequeno e constituído por pessoas que em certo sentido se conhecem. Grupos maiores, como os reportados nos estudos do sonhar social, com 20 ou mais participantes, talvez aceitem mais facilmente o formato.

Parece ser útil que o coordenador adote comportamento caracterizado de modo geral pela contenção, evitando fazer associações, salvo excepcionalmente, e focalize a compreensão

e o cumprimento das regras de funcionamento da matriz, oferecendo ampliações e pontuando as associações. Durante o diálogo reflexivo sobre os sonhos, o coordenador pode assumir postura mais ativa no sentido de obter dos participantes informação sobre os temas recorrentes no universo associativo dos sonhos. Na experiência em questão, ganham destaque aspectos do ambiente organizacional no qual trabalham os profissionais. Aspectos sociais mais amplos – tais como a violência nas cidades, a hegemonia militar dos Estados Unidos sobre o sul – embora aparecendo, perdem relevância diante da realidade do dia a dia dos participantes.

A mobilização dos integrantes na primeira etapa do trabalho – narrar sonhos, associar, fazer conexões – mostrou-se relacionada ao caráter lúdico da atividade, enquanto que na etapa seguinte – o diálogo reflexivo sobre os sonhos – a participação ativa dos profissionais parece vincular-se ao fato de discutirem uma realidade que lhes é próxima e carregada de sentido. É importante ressaltar que o grupo em questão foi constituído por profissionais habituados à reflexão, análise e discussão sobre aspectos organizacionais, o que deve ter facilitado o processo de transição dos sonhos e associações para o exame da realidade social.

Observa-se que certos sonhos apresentam-se como fortes atratores associativos, catalisando a atenção do grupo e favorecendo o salto para a análise das circunstâncias. Atribuí a estes a denominação “sonhos-atrator”, ou seja, sonhos que constelam aspectos críticos da existência social dos participantes, levando o grupo a produzir grande número de associações, estabelecer conexões entre os sonhos, as associações e aspectos do real vivido e a incorporar as imagens oníricas à linguagem do próprio grupo. Por exemplo: no segundo encontro, tivemos o sonho-atrator “A Borboleta na Gaiola”. No terceiro encontro, identificamos dois sonhos-atrator – “Homem que Voa Dentro da Sala” e “As Cobras Voadoras”.

Outro aspecto interessante que surge dessa experiência é a amplificação de temas por meio de filmes, caracterizando-os como “filmes-sonho”, que apresentam a característica de prolongar o estado oníróide propiciado pelo processo associativo. O cinema, tal como outras formas de arte (literatura e artes plásticas, por exemplo), é uma expressão cultural que parece favorecer o sonhar social, qualidade com interessante potencial a ser explorado.

Certas características parecem ser exigidas de quem se dispõe a participar da matriz: a capacidade para navegar pelo universo associativo criado pelo grupo, buscando regularidades e identificando temas sociais representativos é um exercício de tolerância à frustração diante daquilo que ainda não está dado e que se encontra em estado nascente, algo que se aproxima da “capacidade negativa” proposta por Bion (2006). Não se pode saber de antemão quais

aspectos da realidade social serão constelados, embora se possa supor que as circunstâncias mais próximas sejam favorecidas.

A formulação dos temas-sínteses constitui-se na questão-chave do diálogo reflexivo sobre os sonhos; às vezes uma exagerada insistência do coordenador para que o grupo formule a síntese pode ser interpretado como uma exigência excessiva, gerando certo estresse. Recursos auxiliares, como um bloco de anotações do tipo *flip-chart*, que não foram utilizados nessa experiência, podem facilitar a visualização dos pontos temáticos recorrentes.

Pretendia-se, inicialmente, que o trabalho na matriz fosse sucedido por um trabalho de aplicação das descobertas feitas pelo grupo, formulando-se propostas de ação para a transformação da realidade social dos participantes, no caso, o ambiente organizacional. Isto revelou-se impossível de ser realizado no contexto da experiência em virtude da escassez de tempo para o trabalho. A partir do trabalho associativo e do diálogo reflexivo sobre os sonhos, poder-se-ia fazer uma leitura do estado atual da organização e estimular a elaboração de propostas de ações modificadoras dessa situação, envolvendo as pessoas que vivem essas circunstâncias. A estratégia de identificar um ou mais sonhos cujas imagens sejam representativas das questões emergentes (“atrator”, como denominei acima), pode ser interessante; sobretudo, quando surgem “evoluções” espontâneas das imagens que podem apontar para possíveis soluções, como foi o caso, por exemplo, da imagem de libertação da borboleta no segundo encontro.

A experiência com esse grupo de profissionais parece confirmar o potencial da matriz do sonhar social e de seu complemento – o diálogo reflexivo sobre os sonhos – como dispositivo efetivo para a explicitação de situações sociais atuais e para a geração de ideias embrionárias que podem ser utilizadas para o desenvolvimento futuro do sistema em questão. Corrobora-se, então, a utilização da “matriz do sonhar social” como dispositivo de pesquisa-ação, conforme proposto em trabalhos de Lawrence e cols. (2003, 2007).

7.6.1 RESULTADOS E DISCUSSÃO (C2E1)

O primeiro encontro do segundo grupo de pesquisa contou com a participação de quatro mulheres e dois homens (Giulia, Irma, Maria, Úrsula, Ítalo e Marcos), teve duração de 1h40min e foi coordenado, tal como os seguintes, pelo próprio pesquisador. Foram narrados 15 sonhos, por todos os participantes: Irma, Maria, Úrsula e Ítalo narraram três sonhos cada um; Giulia, dois sonhos e Marcos um sonho (Tabela 5).

Tabela 5 – Sequência dos sonhos e respectivos narradores (C2E1)

Sequência de sonhos	Sonho narrado	Narrador
1	O terreno das setecentos	Ítalo
2	Sonhos de aventura	Maria
3	O castelo do drácula	Giulia
4	A casa da avó	Marcos
5	O samurai	Úrsula
6	O dia em que morri	Úrsula
7	Guerra	Ítalo
8	Guerra de <i>paintball</i> na esplanada	Irma
9	A morte do tio	Giulia
10	A morte do sogro	Úrsula
11	A morte dos pais	Maria
12	A morte da irmã	Irma
13	A morte do pai e da irmã	Ítalo
14	A morte de toda a família	Maria
15	Cabeça de letrinhas	Irma

O encontro foi realizado em três etapas: a primeira (6 minutos), reservada às explicações a respeito do encontro; a segunda (40 minutos), à narrativa dos sonhos e ao processo de associação livre (matriz, propriamente dita); a terceira (54 minutos), ao diálogo reflexivo sobre os sonhos, no qual buscou-se os temas emergentes ou recorrentes. O tratamento e a análise das informações ocorreu de acordo com o disposto nas Subseções 6.4 e 6.5.

7.6.1 Narrativa de Sonhos e Associações dos Participantes

Sonho 1 – O Terreno das Setecentos (Ítalo)

O meu sonho se passava num terreno que ficava lá na setecentos da Asa Sul, naquelas casas, sabe? Só que era um terreno grande, maior que um campo de futebol. Ou, então, do tamanho de um campo de futebol. E, então, era muito maior que os terrenos normais de lá. Era cercado por uma cerca bem rústica. Eu não sei de que material especificamente, mas era uma coisa bem antiga. Era um lugar primitivo, como se fosse uma cultura tradicional, antiga.

Tinha um espaço, um terreno na frente assim, de terra, de areia. Areia como se fosse de praia, areia fina, branca. Com folhas secas espalhadas nessa areia branca. E eu pensei, “não, aqui deve ter água”. Eu achei muito bonito o lugar, aqui deve ter água, eu fui chegando mais pra frente, eu fui andando nesse terreno e tinha um lago. E dentro desse lago surgiam umas árvores milenares, enormes. E tudo remeteu a coisa antiga. E na extremidade desse terreno, ao longo, no comprimento dele, tinha como se fossem choupanas, oca de índio, só que não é uma oca bem brasileira, é uma oca de povo tradicional, uma oca, uma choupana, várias choupanas, uma do lado da outra. A parede de uma fazendo parede pra outra. Ai eu percebo que esse terreno era do meu avô. E está tendo uma briga [não sei se eu posso falar isso, mas está tendo uma briga entre dois tios meus na minha família hoje. São nove tios, dois deles estão brigados e está uma confusão na família por causa disso]. Eu sei que uma choupana era de um e a outra era do outro. Eram vizinhas essas choupanas. E um dos meus tios estava fazendo aquela tecelagem de, tear, não é? Aquela coisa que tem no Brasil. Mas era uma coisa que fazia assim, descia, fazia um tecido de algodão.

É, não sei o que é aquele material. Eram bem pequenas as choupanas individuais. E o outro tio estava arrumando, batendo assim na cama dele, arrumando, tirando a poeira pra poder se deitar. E eu me lembro que tinha muita fruta também, eu comia as frutas do lugar. E eu me sentia muito bem nesse ambiente, muita natureza, com a família reunida, com muitas pessoas amigas da família. E o sonho acaba com as pessoas que estão nesse terreno, compartilhando, festejando. Elas estão numa espécie de arquibancada, todo mundo batendo palma e gritando “paim”. Paim é como minha mãe chama o meu avô, que é nordestino, não é, painho. Mas todo mundo gritando “paim, paim”. Ai é esse o meu sonho, que eu tive a um mês atrás mais ou menos.

Associações dos participantes : Irmãos separados, mas juntos, um ao lado do outro; areia branca, com folhinhas e lago; árvore grande e “estroncosa” nascendo do lago; ambiente de resolução; imagem forte da natureza; ambiente muito grande e desabitado; conflito; solidão.

Comentário 1: Ocorrem algumas poucas associações que apontam para sentimentos de separação familiar, conflito, solidão, mas também resolução. O sonho de Ítalo suscita a lembrança de um sonho por Maria que pergunta se pode apresentar outros sonhos que lhe vêm à cabeça. O coordenador diz que sim.

Sonho 2 – Sonhos de Aventura (Maria)

Desde a infância eu sempre sonhei assim, questões de aventura, sabe? Que tem, como Indiana Jones mesmo, uma árvore caída e o abismo lá embaixo, as tribos em conflito e um correndo atrás do outro. Então eu sempre tive esse tipo de sonho de aventura. Toda a vida na verdade assim. Eu não estou me lembrando de um sonho específico, acho que eu estou me lembrando desse conjunto de sonhos de aventura e floresta, que tem a ver também com essa coisa rústica de que você falou, muito de tradicional, de rústico. Lembrou-me dos meus sonhos de infância. Eu lembro que uma vez eu assisti um filme, Willer na terra da magia, um filme fantástico, de fantasia, aventura mesmo, que tem essas figuras mitológicas, figuras fantásticas. E também tem esse ambiente de natureza, de rio, de conflito e toda essa trama. E aí eu sonhei, depois de ter visto esse filme, eu sonhei várias vezes com esse cenário, sabe? Esse cenário de selvagem, natureza, de aventura, Indiana Jones. Indiana Jones pra mim assim. Eu sonhava que eu corria, corria, corria. E caçava e cortava e preparava e brigava com outras tribos. Mas não era uma índia, sabe? Eu sonhava muito isso. Eu era uma personagem que estava inserida nesse mundo fantástico e queria ficar ali. Acho que eu queria ficar no mundo da fantasia mesmo. Remeteu-me a isso, a um conjunto de sonhos. Até hoje eu tenho isso. Eu nunca sonhei assim, com uma coisa parada.

Comentário 2: Maria faz referência a um conjunto de sonhos, envolvendo aventura, natureza e conflito. Sua narrativa é seguida imediatamente por Giulia que diz lembrar-se de dois sonhos, apresentando, no entanto, somente um.

Sonho 3 – O Castelo do Drácula (Giulia)

Eu nunca assisti um filme de Drácula. Mas eu via a propaganda, na TV, e eu morria de medo. Aí eu sonhei que um dia eu estava, parecia que estava nos anos 80, a rua em que eu morava, só que na casa tinha um castelo. Assim, eu estava numa rua que tinha o castelo do Drácula. E o Drácula estava conversando com aqueles dois personagens, a menina e o menino. Os meninos começaram a sair correndo e eu estava passando. E aí ele me confundiu com a menina. (risos) Aí ele começou a sair correndo atrás de mim e eu comecei a sair correndo. Eu não sou, ele me chamava pelo nome da gurria. “Eu não sou fulaninha, meu nome é Giulia”. Eu corria, corria, corria e ele correndo atrás, “não, é você”. Eu pedia socorro e as pessoas na rua não me ajudavam. Lembro que eu entrei num prédio, comecei a subir as escadas, entrei numa casa, fechei a porta. As pessoas perguntaram o que estava acontecendo, ficaram com medo e deixaram o Drácula entrar. O final é eu saindo da casa e descendo a escada; ele vem e fala “ah, te peguei”.

Associações dos participantes: Casas, conventos, castelos, escadas quebrando e caindo; escadas da UnB; acordar sem estar com o olho aberto; correr sem sair do lugar; projeção astral; falar dormindo; alívio; estar preso, paralisado; desespero.

Comentário 3: As associações relacionam-se com paralisia de movimentos; Marcos lembra-se de um sonho, narrado a seguir, a partir da associação com “castelos”.

Sonho 4 – A Casa da Avó (Marcos)

Na hora que você falou castelo, me veio um sonho, mas depois percebi que também tem a ver com o seu (apontando para Ítalo), que não sei se é coincidência. É na casa da minha avó, lá era um castelo também, uma casa de vários andares, muito antiga, muito velha, verde. E ao mesmo tempo era um templo de passagem da vida pro além, uma coisa muito forte. Meu sonho era aquilo e a sensação era de muita seriedade em relação à vida, aquele era um lugar cabuloso, forte e já havia acontecido acesso ao desconhecido. Na hora que você falou castelo, me veio a imagem. Depois eu percebi que era na casa da minha avó também.

Associações dos participantes: Filmes de terror na infância.

Comentário 4: A associação com filmes de terror na infância é seguida da lembrança de um sonho por Úrsula.

Sonho 5 – O Samurai (Úrsula)

Um samurai corria atrás de mim e jogou a katana [espada japonesa]. Ela veio em minha direção e na hora que eu sentia que ia morrer, eu acordava. Isso sempre acontecia. Eu ia levar um tiro e acordava. Eu ia cair e acordava. Sempre acontecia alguma coisa assim.

Associações dos participantes: Entrar para o budismo na adolescência, morrer e pensar que ainda está sonhando, chamar por *Mahakala* que vai ao inferno para te salvar, morrer e não saber que morreu, pesadelo; autocontrole; mantra “*Om-mani-padme-hum*”.

Comentário 5: O tema da própria morte lembra outro sonho à Úrsula.

Sonho 6 – O Dia em Que Morri (Úrsula)

Eu estava em casa dos meus pais, eu ainda morava lá e eu morria no sonho. Várias pessoas morriam. Era como se tivesse tido algum tipo de meteoro, alguma coisa assim, eu morria. E eu voltava pela rua, da minha quadra. E várias pessoas também. E estava o meu, hoje marido, na época namorado, estava com a minha irmã e com minha família, várias pessoas, e a minha irmã me viu. E falava assim “Úrsula” e eu falei “nossa, que bom que você consegue me ver”. Eu falava, e o Leo [o namorado] estava do lado dela, e eu falava assim, “avisa pra ele, que ele pode continuar a vida dele, não tem problema”. Eu chorava muito no sonho, de forma desesperada e fiquei muito feliz da minha irmã ter conseguido me ver, ter conseguido dar essa última [notícia], era a única coisa que eu queria falar, que o meu desespero era do Leo não seguir a vida dele. Eu me lembro de uma foto de uma criança, lá na Asa Sul, que o pessoal fala que é a minha filha e dele [Leo]. Aí eu lembro que eu falei pra minha irmã “fala pra ele que a nossa filhinha é aquela da foto” que tudo o que a gente tinha pra ter nessa vida a gente teve. Aí ela falou isso, eu lembro que eu acordei desesperada, chorando. Tipo assim, “nossa, eu morri, não, eu não morri”.

Associações dos participantes: Passagem para o além, *Minority Report* (um filme), emoção forte, morte iminente, morrer antes do namorado, desespero; fim do mundo.

Comentário 6: O sonho de Úrsula ocorreu antes dela ser convidada para participar dos encontros. Ítalo pergunta se há algum problema em contar sonho após sonho. O coordenador explica que faz parte do processo. Parece ter chamado a atenção de Ítalo o fato de cada sonho apresentado até o momento ter estimulado a narrativa de outro sonho, como, de fato, é esperado que aconteça na matriz do sonhar social. Como se trata de um primeiro encontro com este grupo, parece haver um interesse grande dos participantes em apresentar sonhos, em detrimento de associações conectadas diretamente com o sonho narrado; contudo, as associações começam a delinear um tema, o da “morte”.

Sonho 7 – Guerra (Ítalo)

Eu sonhei também com coisas caindo do céu, mas na verdade eram bombas, era uma guerra que estava acontecendo em Brasília. Eu estava ali perto da torre de TV, mas foi muito real também. Porque caía a bomba e as pessoas... vinha aquela explosão e eu corria, fugindo daquilo. Era muito surreal, mas muito real, como que deve ser.

Associações dos participantes: Não ter para onde fugir, ninguém tem porão; não tem nem garagem (associação feita pelo coordenador); brincadeira.

Comentário 7: O coordenador deixa escapar uma associação pessoal. A referência a bombas lembra mais um sonho a Irma. Cada sonho parece suscitar o próximo.

Sonho 8 – Guerra de *Paintball* na Esplanada (Irma)

Estava rolando uma guerra na Esplanada e era uma época da luta contra a Alca, lembra? [comentário geral: “nossa!”]

O grêmio da escola. A gente estava dentro de uma marcha, na época eu estava meio que envolvida com coisas da Esplanada. Nessa época eu sonhei com isso. Que estava rolando essa manifestação, esse ato político e todo mundo estava com uma arminha de paintball. E o objetivo uma guerra de brincadeira que fosse muito séria. Só que ninguém queria atirar um

no outro, porque ia doer e tal. E aí a gente começou a atirar nos pratinhos do Congresso, colorido. E caraca, ficou lindo (os participantes riem)

A gente ficava “tu, tu, tu, tu” (barulho dos tiros). Todo mundo, era muita gente.

A sensação que deu era que eu ia pegar o ônibus, e o ônibus faz a Esplanada, e eu ia ver amanhã o Congresso todo pintadinho.

Associações dos participantes: Aprovação (“legal!”); acertar no alvo; polícia; notícia no jornal; realizar o sonho; boa ideia; possibilidade; tentativa; protesto contra a Alca; situação engraçada.

Comentário 8: O sonho de Irma propicia um clima lúdico, bem humorado, no grupo. Ítalo chega a pensar que não se trata de sonho e sim de fato ocorrido; Maria brinca dizendo que no sonho “tudo pode”. Parece que o clima “oniróide” do trabalho favorece a “confusão” entre sonho e realidade. Maria retorna ao sonho de Úrsula (Sonho 6 – O Dia em que Morri).

Novas Associações dos participantes com o Sonho 6, de Úrsula - O Dia em que Morri: Irmãs gêmeas; pacto com a meia-irmã sobre contar o que acontece após a morte, a telenovela “A Viagem” (dois irmãos, um morre e volta para atormentar todo mundo); clima de velório, realidade da morte, sentimento de união decorrente da inevitabilidade da morte; todo mundo sabe que vai morrer, mas não se fala a respeito.

Comentário 9: As associações feitas com o sonho de Úrsula, em torno do tema da morte, faz com que Giulia lembre de outro sonho.

Sonho 9 – A Morte do Tio (Giulia)

Eu via o acidente (com meu tio) acontecendo, eu não lembro o lugar, mas no meu sonho era a ponte, [em] que foi o acidente, caía no rio. Aí ele estava já fora do carro, ele já estava morto, fora do carro, e eu estava lá no rio com ele. Fui conversar com ele e falei, “tio, mas o que aconteceu?”, daí, ele, “não, Giulia, olha, eu só quero que você fale pra, pra sua mãe, pro seu pai, pra todo mundo, que eu estou bem, que está tudo bem”. Aí eu falei “não...” aí, o nível da água do lago começou a subir. Aí eu falei, “gente, vamos embora, a água está subindo”. Sabe o que meu tio falou? “Não, Giulia, eu não vou, você vai, você vai falar que

está tudo bem comigo, eu vou ficar aqui”. Eu via também o amigo dele, que estava no carro, o amigo ainda estava vivo e aí eu fui; a hora em que a água começou a subir e ele mandou eu ir embora foi a mesma hora em que tinha polícia, o povo chegou na ponte, aí eu me despedi e falei, “ah, então tá”, e fui embora.

Associações dos participantes: O sonho de Úrsula (a pessoa morre e a vida continua); árvore no lago do sonho do Ítalo. Úrsula lembra-se de um sonho, referindo-se a ideias premonitórias em relação à morte do sogro.

Comentário 10: As associações continuam a girar em torno de sonhos já narrados, evocando o tema da “morte”; e Úrsula acrescenta um novo sonho.

Sonho 10 – A Morte do Sogro (Úrsula)

Eu só lembro que me avisavam, eu sonhei, devo ter sonhado mais ou menos umas quatro horas da manhã e depois o sonho foi de quatro da manhã até umas não sei o quê, até o momento que eu acordei. As pessoas me avisando que o meu sogro havia falecido.

Sonho 11 – A Morte dos Pais (Maria)

Eu já sonhei que as pessoas morrem, foi horrível, eu não lembro de detalhes não, mas eu já sonhei que meus pais morriam...

Sonho 12 – A Morte da Irmã (Irma)

O sonho mais desesperador que eu tive de morte foi a minha irmã, eu também tenho muita conexão com ela, ela é seis anos mais nova que eu. E ela estava toda maquiada, como uma grande (inaudível). A pele dela estava azul; ela estava deitada na cama dela. Eu lembro que o jeito que eu fiz pra descobrir se ela estava viva foi pegar o pé dela e subir de uma forma que a perna dela ficasse paralela ao corpo, o pé bem aqui (mostrando a altura acima da cabeça). Tipo, muito molinho, sei lá, não sei. Aí quando eu fiz isso eu descobri que ela estava morta. Foi um desespero pra mim, cara.

Sonho 13 – A Morte do Pai e da Irmã (Ítalo)

Eu já sonhei que o meu pai tinha morrido também, acho que minha irmã também; muito ruim.

Associações dos participantes: Desespero.

Comentário 11: Os sonhos 9 a 13 tem por tema a morte de familiares, bem como o sonho a seguir.

Sonho 14 – A Morte de Toda a Família (Maria)

Eu também já sonhei que a minha família toda tinha morrido de uma vez. Eu só lembro que eu era a única sobrevivente, eu chorava muito, muito, muito mesmo.

Associações dos participantes: Coisa ruim; sonhar que morre e continuar sonhando.

Comentário 12: O sonho a seguir é lembrado por Irma em associação com o Sonho 5 – O Samurai, de Úrsula.

Sonho 15 – Cabeça de Letrinhas (Irma)

Eu estava entrando numa caverna com a minha mãe e meu irmão mais velho. Eu não sei o que aconteceu ou o que a gente estava fazendo nessa caverna. Tinha um esqueleto com uma pena enorme parecida com a katana [a espada japonesa que aparece no sonho “O Samurai”]. Uma pena branca. E com essa pena ele me partia ao meio, assim (faz o movimento no próprio corpo).

Ela cortou. Ela tinha o formato de uma espada. Dessa retinha, assim, que tem um fio só (desenha o formato com a mão). Ele me cortou ao meio e eu caí, cara. Eu lembro que caí como se fosse um coco, assim, “tuc, tuc, tuc, tuc” (faz o movimento com as mãos, risos), sacou? Você abre o coco, ele faz “tuc, tuc, tuc, tuc, tuc”. E eu era oca, assim como uma cabaça.

É, parecia realmente uma cabaça. E de dentro dessa cabaça saíam letrinhas voando, assim, em formato cursivo. E era uma caligrafia linda assim, umas letrinhas, um “a”, um “b”, várias letrinhas coloridas voando.

Associações dos participantes: Fragilidade; máscaras; nascimento de algo bonito.

7.6.2 Diálogo Reflexivo sobre os Sonhos

O coordenador solicita ao grupo que o auxilie na rememoração da ordem em que os sonhos foram apresentados. Propõe, então, que o grupo identifique os temas que emergiram do processo associativo. Um primeiro tema foi o da “morte”; surgem, ainda: família, tradição, morte, conflito, resolução de conflito, morte na família. O coordenador procurou explorar o tema “morte” (“o tema morte apareceu com muita frequência, não?”). Surgem as ideias de: mistério, morte com água, naturalidade da morte, desprendimento, despedida, desconexão, continuar vivendo, transição.

Ítalo lançou uma hipótese sobre o tema unificador dessas associações, referindo-se ao fato de se tratar de um grupo de pessoas que estão se formando. Os colegas riem, como que assentindo. O coordenador pediu que Ítalo explicitasse sua fala, sendo antecipado pelos demais participantes: morte do graduando, da *persona* do graduando. Ítalo confirmou: “A morte, a gente está saindo de um período de faculdade e está nascendo uma outra... está indo pra... outra passagem, um outro mundo, outra vida”.

Iniciou-se uma discussão sobre a identidade dos formandos: bacharel ainda é estudante? É psicólogo? Giulia expressou emblematicamente a crise de identidade, referindo-se a uma conversa com sua mãe: – “Mãe, ano que vem, quando me perguntarem minha profissão, eu vou falar psicóloga” (todos riem). Surgiu, então, o tema da independência e do desligamento (“morte”) da família.

Ítalo questionou o fato de que vários dos sonhos foram sonhados em outros tempos distantes dos acontecimentos atuais, mas surgiram argumentos sobre as razões de terem surgido nesse encontro e nesse momento específico. Úrsula reforçou chamando a atenção para o fechamento de um ciclo vivido pelos participantes (“despedida”).

Ítalo mencionou o fato de ter acolhido o convite para participar dos encontros porque sabia que todos estavam vivendo a mesma situação, a do término da graduação em psicologia. Denotou com isso uma expectativa de que esse tema emergisse no trabalho. Irma admirou-se:

– “isso funciona mesmo, não?” – referindo-se ao trabalho realizado na matriz. O coordenador reforçou a *gestalt*:

É uma circunstância, na verdade, em comum [o que está sendo vivido pelo grupo].... Tem elementos relacionados com a questão do conflito, e também com a resolução do conflito, com a superação do conflito. Elementos ligados com a ideia de morte, morte de família, desligamento de família, separação.... Morte de uma identidade, surgimento de uma outra identidade, uma árvore que aparece no meio de um lago, não é? – fazendo referência ao primeiro sonho da série, “O Terrenos das Setecentos”, que dá a ideia de algo que surge, algo que nasce ali no lago.

O coordenador chamou a atenção também para elementos persecutórios que aparecem nas associações (drácula, bomba, samurai, morte de si, ansiedade), recebendo confirmação de alguns participantes. Alguém lembrou do *Mahakala*, o deus mencionado no Sonho 5 – O Samurai – de Úrsula, e que protege aquele que o invoca. O coordenador aproveitou o mote: “Qual será o deus que o recém-formado tem que evocar?” Todos riram e a conversa passou a girar em torno do deus *Mahakala* que faz a ponte com o inferno, ou seja, tira o evocador do inferno; falou-se também de outras figuras protetoras (*Chenrezig* e *Tara*).

O coordenador perguntou sobre o que havia chamado mais a atenção do grupo. Alguns referiram-se a coisas antigas que apareceram nos sonhos, tais como castelo, ocas, samurais, caverna, esqueleto, drácula. Úrsula retomou o tema da morte para dizer que parece que depois das mortes tudo ficava bem, a vida seguia em frente. O coordenador perguntou se isto poderia ser a presença de um elemento de superação; o grupo confirmou. Surgiu, então, o tema da destruição, suscitado pelas associações com vampiro, bombas, guerra; ou seja, nem tudo fica bem. O coordenador lançou mão de uma hipótese sobre o significado para o grupo: – “É, porque, destrói, não é? De alguma forma, altera uma situação... Para uma situação se alterar, ela precisa ser desconstruída também, destruída, de certa forma”. Úrsula e Ítalo concordaram. Maria concluiu a ideia: – “Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma. Nada morre” – (todos riem).

Como o grupo retomou a ideia de coisas antigas, originárias, o coordenador perguntou sobre o que isso significava para eles: – “A ideia de coisa originária, antiga, parece se conectar de alguma forma com essa circunstância que vocês colocaram, de transição, de mudança, de final de uma etapa e início de uma outra etapa de vida?”

Comentário 13: O coordenador lança uma hipótese de trabalho na forma de uma pergunta que procura estabelecer uma conexão entre a ideia de coisas antigas e originárias e a “coisa nova” que é o exercício da profissão de psicólogo.

Ítalo apontou a questão da escolha da psicologia como profissão, expressando dúvidas em relação ao que fará a seguir, agora que está formado; questiona o que é desejo dele, dos pais e as expectativas sociais sobre a atuação do psicólogo. O coordenador procurou estimular que o tema “expectativas sociais em relação à profissão de psicólogo” sugerido por Ítalo emergisse mais claramente: – “A profissão... está crivada de expectativas sociais, não é?... O próprio conceito de profissão... é uma forma de inserção dentro do social. É uma forma de ocupar um lugar dentro do social, não é?”. Todos concordaram.

Irma manifestou o sentimento de compromisso por estar se formando em uma universidade pública e que uma conduta medíocre significaria desperdício de investimento. Sente que deve ser brilhante, ter alto desempenho, pois sua formação fez uso de dinheiro público. Ítalo e Maria concordaram com ela. Ítalo acrescentou o sentimento de responsabilidade de mudar o mundo em que vivem. Giulia disse que a exigência não vem apenas da família, mas também do paciente com o qual ela se defronta. Sente certa ambivalência na expectativa da sociedade por transformação e o descrédito em relação à profissão. Maria referiu-se ao estereótipo da jovem que faz psicologia enquanto espera para casar. Úrsula, recém-formada, e que já trabalha, contestou, dizendo que se casou após começar a trabalhar. Irma também protestou, dizendo da importância de ter um trabalho.

Úrsula queixou-se da expectativa das pessoas de que ela seja psicóloga “100% do tempo”. As trocas que se seguiram relacionaram-se com essa percepção. Giulia lembrou que o juramento do psicólogo, tal como o do médico, talvez reforce essa expectativa. Irma contestou, dizendo que, afinal, o psicólogo é uma pessoa e tem o direito de não estar sempre disponível. O coordenador chamou a atenção para o fato de que a conversa remetia ainda à questão da identidade profissional do psicólogo, com suas peculiaridades e complexidades que a distinguem de outras identidades profissionais.

Instigados por Ítalo, os participantes prolongaram-se na discussão sobre uma possível “vocação” para tornar-se psicólogo, surgindo ideias sobre os determinantes socioculturais para a escolha da profissão *versus* disposições individuais. Falou-se de psicólogo “cuidador” e “não-cuidador”; os participantes referiram-se aos vários departamentos da psicologia na universidade, destacando o fato de que nem todos trabalham com psicologia voltada para os cuidados. O coordenador ressaltou o caráter complexo da profissão e as discussões sobre o

que é e o que não é psicologia. Falou-se sobre o estereótipo de que psicologia não dá dinheiro e as jovens brincaram com a história de “casar com um engenheiro e então fazer psicologia”, revelando ansiedades relacionadas com a sobrevivência econômica na profissão.

Giulia referiu-se a uma experiência de psicodrama na qual emergiu a percepção de que o papel do psicólogo não teria uma definição clara. Parece que a multiplicidade de possibilidades de atuação, diferentes abordagens terapêuticas ou locais de atuação, por exemplo, geram insegurança sobre o papel a ser exercido. Falaram de suas experiências em atendimentos diversos, de suas preferências e dificuldades; os exemplos são todos relacionados com a atenção ao ser humano, identificado com o fazer clínico. O coordenador chamou a atenção para o objeto peculiar do trabalho psicológico: o ser humano. O coordenador afirmou, então, que a identidade de psicólogo não se define apenas por um fazer mas por um “sentir-se fazendo”. A expressão pareceu fazer sentido para os participantes que identificaram nela um núcleo de significado afetivo em relação à profissão, resumida por Ítalo: – “Não é fazer, é sentir.” Todos concordaram.

O coordenador prosseguiu na instigação: – “É por isso que a gente tem essa sensação de que a técnica não resolve a nossa questão.... você se especializa para depois dizer: tudo bem, só que agora você tem que criar uma coisa especial, uma coisa que é para essa pessoa, para essa circunstância, não é?”. Ítalo ressaltou a importância da experiência e o grupo brincou fazendo analogia da experiência do psicólogo com o envelhecimento adequado do vinho, que o torna mais saboroso e especial.

Comentário 14: O grupo reflete a respeito dos limites da formação de psicólogo que, na percepção dos participantes, não elimina as inseguranças sobre o fazer psicológico. O coordenador procura estabelecer umnexo entre o fazer (“a técnica”), o sentir-se fazendo (“a identificação com o fazer”) e a necessidade de estar continuamente aberto à experiência única vivida com a pessoa com a qual o psicólogo está se relacionando.

O coordenador referiu-se, então, a um livro que leu recentemente – trata-se de “*Outliers*”, ou “Fora de Série”, Gladwell (2008) –, no qual é realçada a importância da variável “oportunidade” ao lado do “talento” e que a expertise relaciona-se com a prática, com o exercício (“a regra das dez mil horas”). Irma observou que uma graduação dá as dez mil horas e Ítalo fez o reparo de que na graduação estuda-se de tudo, concordando que um bom clínico se faz com dez mil horas de atendimento. O coordenador reforçou: “Não é só talento, não é só formação, é experiência”. A conversa foi concluída com algumas

considerações sobre o papel político da universidade pública e o senso de compromisso gerado em alguns estudantes por terem sido formados com recursos públicos.

Comentário 15: O coordenador manifesta-se incisivamente nesta segunda etapa, seja questionando o grupo sobre temas recorrentes que emergiram a partir das associações, seja apresentando hipóteses de possíveis significados desses temas no que diz respeito à situação vivida pelos participantes de serem recém formados ou estarem na iminência de concluírem a formação de psicólogo. Os participantes do grupo envolvem-se intensamente com as questões que vão surgindo ao longo do diálogo; cada qual, no seu ritmo e com suas características, participa das discussões (Marcos destaca-se pela participação parcimoniosa, embora presente). As ideias giram em torno de morte, separação da família, independência, mudanças pessoais, mas também de superação, de seguir em frente. Surgem ansiedades relacionadas com a identidade do psicólogo, o exercício do papel, a preocupação com a excessiva identificação com esse papel, as expectativas sociais, a valorização da profissão; também com a percepção de que a intensa formação teórica não é suficiente para sentir-se confortável na profissão: a experiência profissional a ser adquirida é bastante valorizada. E, por fim, preocupações mais amplas relacionadas com o uso de recursos públicos para a própria formação e o compromisso de retorno do investimento à sociedade.

7.6.3 Discussão

A narrativa dos sonhos e das associações é assumida pelos participantes com bastante naturalidade, fato demonstrado pela quantidade de sonhos narrados (15), contando com a participação equilibrada de todos os participantes (narração de pelo menos um sonho e, no máximo, três). As regras de funcionamento e o ritmo de trabalho parecem ter sido facilmente assimilados pelo grupo. A participação do coordenador, nessa primeira etapa, foi muito discreta, apenas esclarecendo as poucas perguntas sobre o funcionamento da matriz. O clima é de descontração, favorecido provavelmente pelo fato dos participantes já conhecerem uns aos outros e o coordenador que foi professor de uma disciplina da graduação. Os sonhos surgem uns após outros, como decorrência do processo associativo, confirmando experiências relatadas na literatura (por ex., Neri, 2002) de que se estabelece um clima onírico envolvente que estimula os participantes a narrar seus sonhos em conexão com os de outros.

No segundo momento do encontro – diálogo reflexivo sobre os sonhos – o grupo explicita gradativamente temas evocados pelas associações efetuadas no trabalho da matriz.

Nesta etapa, o papel do coordenador é requerido com maior intensidade; o grupo responde às instigações do coordenador que não se distanciam da experiência emergente do grupo. O diálogo reflexivo enseja, como observado em outros estudos, o surgimento de hipóteses interpretativas sobre o sentido social dos sonhos e das associações, por exemplo, o momento de transição, vivido pelo grupo, de um ciclo de vida marcado pelo papel de estudante para outro caracterizado pelo exercício do papel profissional de psicólogo. Essa transição caracteriza-se também pelo desligamento em relação à família e à afirmação de suas próprias escolhas. A expectativa em torno da circunstância de serem os participantes formandos ou recém-formados deve suscitar questões peculiares, como de fato acontece; essa expectativa parece representar também estímulo motivacional para a participação nos encontros.

O tema da morte – com inequívoco sentido de término de um ciclo de vida e busca de independência e de afirmação de uma nova identidade – aparece de maneira recorrente, conforme se pode observar na Tabela 5 (sonhos 5, 6, 9 a 14), confirmando a hipótese de que questões da vivência social imediata dos participantes emergem no processo associativo e na elaboração reflexiva sobre os sonhos. A atuação do psicólogo aparece fortemente identificada com as atividades de atenção à saúde psicológica. Por fim, questionamentos sobre o papel político da universidade pública e as responsabilidades daqueles que são formados por ela ganha espaço de questionamento. Observa-se aqui a emergência de aspectos sóciopolíticos mais amplos, o “Lá e Então” do tempo e espaço social mais amplo (Hopper, 2003) que impacta as ansiedades e preocupações dos participantes, tal como a preocupação com a utilização de recursos públicos para a própria educação e, conseqüentemente, a autoexigência ética de retornar os benefícios à sociedade.

O papel do coordenador é relevante para elaborar hipóteses que estejam em sintonia com as manifestações dos participantes, apontando as ansiedades e dúvidas relacionadas com o preparo para o exercício profissional e o sentido social da profissão; às vezes, a intervenção volta-se para a elaboração das inseguranças manifestadas, lembrando, por exemplo, a importância da vivência profissional e a experiência daí decorrente para o sentir-se confortável com a profissão. O diálogo reflexivo sobre os sonhos exige uma participação mais incisiva do coordenador, seja por meio do questionamento sobre temas recorrentes que emergiram das associações, seja apresentando hipóteses de possíveis significados desses temas no que diz respeito à situação vivida pelos participantes.

7.7 RESULTADOS E DISCUSSÃO (C2E2)

O segundo encontro contou com a participação de quatro mulheres e dois homens (Giulia, Irma, Maria, Úrsula, Ítalo e Marcos) e teve a duração de 2h21min. Foram narrados sete sonhos, por quatro dos participantes: Irma narrou três sonhos, Maria dois, Úrsula e Giulia um sonho cada (Tabela 6).

Tabela 6 – Sequência dos sonhos e respectivos narradores (C2E2)

Sequência de sonhos	Sonho narrado	Narrador
1	Ser mãe	Maria
2	Grávida	Irma
3	Velha e miserável	Irma
4	Descasada	Úrsula
5	O ataque do leão	Maria
6	Figura do mal	Giulia
7	A prancha de Rorschach	Irma

O encontro foi realizado em três etapas: a primeira (1 minuto), foi reservada à retomada do processo a partir do encontro anterior e na qual o coordenador convidou os participantes a apresentarem sonhos que eventualmente tivessem ocorrido no intervalo entre o encontro anterior e o atual, explicando o interesse por saber o que acontece com a produção onírica dos participantes à medida em que os encontros vão se sucedendo; a segunda (47 minutos), à narrativa dos sonhos e ao processo de associação livre (matriz, propriamente dita); a terceira (56 minutos), ao diálogo reflexivo sobre os sonhos, no qual buscamos os temas emergentes ou recorrentes. O tratamento e a análise das informações ocorreu de acordo com o disposto nos tópicos 6.4 e 6.5.

7.7.1 Narrativa de Sonhos e Associações dos Participantes

Sonho 1 – Ser Mãe (Maria)

Eu sonhei que eu era mãe. Foi um sonho parado, mintou, porque era a mesma cena o

tempo todo, mas o sentimento era muito intenso. Eu sonhei que eu estava amamentando o bebê. Era tão real, tão real, que eu sentia o leite sendo sugado. Era um sentimento de simbiose, parecia que ele fazia parte de mim, sabe? Parecia que era uma extensão de mim. Parecia que tinha uma ligação muito forte, muito forte.

Associações dos participantes: Curiosidade de saber como é amamentar um bebê; dor; amor de mãe.

Comentário 1: Irma lembra-se de um sonho sobre ter filhos, aparentemente ligado à cadeia de associações apresentadas.

Sonho 2 – Grávida (Irma)

Cara, eu sonhei que eu estou (sic) grávida, eu sonhei que eu, que eu tenho (sic) filhos. Qualquer coisa relacionada a ter um bebê. A mesma sensação que você falou... (olhando para Úrsula e colocando a mão sobre o peito).

Associações dos participantes: “Deus me livre”; desespero; maravilhoso, desejo de ser mãe; ser mãe por um dia (ironia); lindo, significativo, vontade de proteger, nutrir uma criança; ser pai (vivência em biodança), preparo para ser pai, vivência muito forte; crianças carentes; cedo para ser mãe; muita responsabilidade, necessidade de entrega total, necessidade de ter ajuda para ser mãe; carência das crianças; amor de mãe que tudo supera; mães que nunca sentiram o desejo de ser mães; ser mãe não é uma necessidade “natural”; mito da Virgem Maria, exemplo de mãe; amor de mãe não é automático, é construído; música do Renato Russo (“você culpa seus pais por tudo e isso é um absurdo. São crianças como você. O que você vai ser quando você crescer?”), não estar no clima de ter filho, nem casamento, marido; mãe que teve filhos muito jovem; sentir-se mais filha do que mãe; teve filho tem que cuidar; sofrimento e terapia; objetivo imediato não é ser mãe, é ser uma especialista em reabilitação; incompatibilidade entre profissão e maternidade; ter filho e deixar com babá; para o homem é possível conciliar profissão e paternidade; função feminina de cuidadora; excessiva dedicação do pai ao doutorado, falta do pai; dedicação dos pais à profissão prejudicando o contato com os filhos; impossibilidade de conciliar vida profissional e cuidado com os filhos; família dividida.

Comentário 2: O sonho propicia grande quantidade de associações em torno do dilema “maternidade/paternidade versus profissão”; o grupo fica fortemente catalisado pela questão. O coordenador decide perguntar por algum outro sonho que se vincule às associações realizadas até então. Irma narra o sonho a seguir.

Sonho 3 – Velha e Miserável (Irma)

Eu me lembro de ter sonhos comigo mais velha, bem velha mesmo, com uma vida miserável. Do tipo, solidão, abandono. E eu lembro de que na época [do sonho] eu estava trabalhando com suicídio. Então, muito recorrente essa temática do suicídio. Não de eu me suicidando, mas com a sensação de que eu ia morrer. No sonho. Eu lembro de ter uns dois sonhos desses. Eu lembro da sensação que eu tinha quando eu acordava, sabe? Quando você só lembra da sensação que você teve, não lembra de cenas, imagens ou fatos. Eu lembro da sensação de estar velha, e velha no sentido de não ter mais nada pra fazer, não ter mais tempo hábil para fazer coisas. E miserável, infeliz e sozinha e meio suicida e tal. E isso ficou rodando na minha cabeça na época. Ter que escolher ou família ou carreira acadêmica, sacou? E uma escolha para ser feita logo.

Associações dos participantes: Escolher entre família e vida acadêmica (associação da própria sonhadora); aula de psicologia e cultura sobre o papel da mulher pós-moderna, relacionamento afetivo versus profissão, professora que consegue conciliar os dois aspectos, fenômeno da pós-modernidade, posicionamento diante da questão para criar recursos de enfrentamento, casamentos que não deram certo.

Comentário 3: Na continuidade das associações realizadas com o sonho anterior, o grupo passa a discutir a possibilidade de conciliar família e profissão: alguns manifestam descrédito, outros assumem que conciliação não significa ausência de conflitos o tempo todo, que também não é saudável ser mãe em tempo integral, e falam da importância qualitativa da relação mãe-filho. Surgem referências da própria experiência dos participantes com seus pais.

Sonho 4 – Descasada (Úrsula)

Eu sonhei no sábado anterior ao início do grupo. Eu não estava mais casada, parecia que tinha sido uma coisa muito recente. Fazia um tempo que eu não estava mais casada, mas um período curto. Eu não sei porque cargas d'água eu levei a minha família ao prédio de um ex-namorado; eu não sei porque eles estavam lá. Depois eu fui saber se eu queria que eles estivessem comigo, porque eu já imaginava o que ia acontecer, ou porque eles que inventaram de ir junto, eu não sei o que aconteceu. Enfim, eu só lembro de chegar nesse prédio, que na verdade não era o prédio em que ele morava, até porque eu não tenho lembranças de como era esse prédio. Enfim, eu fui a esse prédio e lembro que fui lá para poder voltar com ele [o ex-namorado]. Falar alguma coisa para ele. E quando eu cheguei, ele não estava. Ai quando eu estava indo embora, ele estava chegando com os irmãos, que não existem, um ou dois irmãos, não lembro, uns amigos e ele estava já com uma namorada. E estava todo mundo acompanhado. Lembro que fiquei muito triste no sonho e falei, “não, eu só vim aqui dizer que eu quero que você seja feliz”. E lembro que depois eu vi – foi nesse momento que eu tive noção de quem da minha família estava lá –, minha irmã que mora na Argentina não estava. É por isso que eu tive uma noção de que era uma coisa realmente por aqui, porque a minha irmã já não mora mais com a gente há mais de um ano. E, enfim, ali estavam os meus pais e as minhas duas irmãs que moram aqui no Brasil e lembro que eu estava muito feliz, com a sensação como se tivesse terminado o casamento para falar aquilo para aquela pessoa. E eu fui falar aquilo e não fazia sentido nem à medida em que eu falava, mas meus pais estavam ali assim, sabe? Minha mãe com uma cara de quem não estava aprovando e meu pai com uma cara de que estava ali porque, sabe? (Risos de todos). Depois que essa parte do sonho acabou, eu encontrei vários amigos que me falavam assim “ai, Úrsula, que viagem a sua, sabe? Você ter ido lá, nada a ver e tal”. E duas pessoas me deram conselhos; lembro que acordei e falei “gente, se alguém terminar namoro, é isso que eu tenho que falar” (risos).

Associações dos participantes: Relacionamentos que terminam e reiniciam (associação da própria sonhadora, referindo-se ao sonho anterior), pai que sempre trabalhou muito, mas que sempre esteve presente; despedida do ex-namorado (associações feita pelo coordenador na forma de pergunta à sonhadora); separação, corte, despedida, com o conhecimento da família (feita pelo coordenador, na forma de comentário); resolver alguma situação, coisas resolvidas [Úrsula, a sonhadora, fez sinal para que Maria apresentasse seu sonho].

Comentário 4: O coordenador permite-se fazer uma associação em forma de comentário o que, em princípio não estava previsto. Maria lembra de um sonho mas é interrompida por Úrsula que retifica a percepção do coordenador sobre o sonho referir-se a despedida.

Sonho 5 – O Ataque do Leão (Maria)

Eu tinha uns cinco, seis anos de idade e aí eu sonhei que a gente morava numa casa parecida com a casinha de João e Maria. É, a casa, não a casa de chocolate, mas a casa deles mesmo no meio da floresta. E que, a gente estava lá, todo mundo reunido, à luz de velas e a candelabros, aquela coisa bem rústica. E de aventuras, não é? (risos). Aí a gente estava lá reunidos, brincando, acho que jantando, aquela coisa assim bem gostosa, sabe? Eu e meus três irmãos, na época não tinha a caçula. E estava a minha mãe, meu pai. E, subitamente, a porta é arrombada, a cabana de um cômodo só, a porta é arrombada e aparece um leão enorme, faminto, salivando de fome. Esse leão começa a correr atrás de todo mundo.

E aí ele arrombou a porta, caiu assim, do teto. E ele rosnou, o rosnado dele, eu lembro que a sensação foi de muito medo. E eu tremia, tremia, suava frio e tinha medo, medo, medo. Desespero. Na verdade era pavor. Tinha um pavor muito grande. E aquela correria toda, sabe? Todo mundo correndo, fugindo do leão. E eu lembro que eu me escondi debaixo da cama com o meu irmão. Aí me veio a imagem da proteção. Porque ele me protegeu, ele é meu irmão mais velho. E ele me protegeu, ele falou para eu ficar caladinha, tampou minha boca e eu era novinha. E pela sombra eu via o leão devorando cada um dos meus familiares. Meu pai e minha mãe. Só eu e o meu irmão mais velho que sobrevivemos. [Meu pai e minha mãe] estavam desde o início. E a gente estava num clima descontraído, entendeu? Um dia normal e esse leão devora todo mundo. Eu vejo sangue escorrendo, sangue escorrendo na roupa. E foi esse sonho que eu falei que eu matei todo mundo em família. Eu lembro que a gente ficou caladinho, que o leão ficou rugindo, rugindo, rugindo, procurando. E até sentir a respiração dele assim, querendo pegar a gente assim, perto assim, sabe? Como aquele negócio de parque do dinossauro, Jurassic Park (faz o barulho da respiração). Era uma coisa horrível. E, depois que ele foi embora, eu chorava, chorava, chorava, chorava, chorava, chorava. Desesperadamente. E o João não chorava. Ele dizia: “calma, vai dar tudo certo”. E pela sombra eu tinha visto o leão devorar todo mundo da minha família.

Comentário 5: O grupo divertiu-se com a pergunta de Úrsula sobre se o leão teria batido na porta. O coordenador perguntou se é um sonho antigo e Maria confirma ser um sonho de infância (ocorrido aos 5 ou 6 anos) e que é o primeiro sonho do qual tem lembrança.

Associações dos participantes: Família que morreu em sonho narrado por Maria no encontro anterior; “você mata as pessoas” (associação de Úrsula, brincando; o grupo se diverte).

Sonho 6 – Figura do Mal (Giulia)

[Eu estava] meio que dormindo. Aí foi como se aparecesse essa figura do mal. E ele veio para me levar para o lado dele. Eu estava deitada e comecei a ficar paralisada. Ele começou a paralisar o meu pé. E ele estava subindo. E aí o que eu fiz como proteção foi rezar. Fiquei rezando o Pai Nosso e Ave Maria fervorosamente hora atrás da outra e falando assim para a figura: “Você pode tentar fazer o que quiser que não vai conseguir isso. Eu não vou deixar, você não vai me pegar, eu não vou ficar do seu lado”. Rezando, rezando, rezando. Tem uma hora que passou, assim. Eu desparalizei. Aí eu acho que foi nessa hora que a minha mãe virou e me perguntou se estava tudo bem, ou eu fui e falei com a minha mãe. Depois dessa desparalização, depois que eu falei com a minha mãe, voltei, deitei e dormi... dormi ou continuei dormindo, não sei (risos).

Comentário 6: O coordenador pergunta se é um sonho ocorrido na infância; Giulia diz que é da adolescência (16 anos). O grupo prossegue especulando sobre o que foi sonho e o que poderia ter sido um fenômeno paranormal.

Sonho 7 – A Prancha de Rorschach (Irma)

Era a mancha [do Rorschach] quatro de cabeça pra baixo, meio que em movimento, assim. Ela é preta e é toda esquisita. É a do bicho papão. Só que de cabeça pra baixo. Aquela parte do meio, era a cabeça. E aí as pernas do bicho papão eram as asas do dragão. E os braços do bicho papão era o rabo (risos).

Associações dos participantes: Cabuloso, sinistro, sensação de demônio se mexendo (associação da própria sonhadora); monstruosa; gigante, ocupando todo o universo.

Comentário 7: Por um momento, o coordenador se confundiu com a narrativa e procurou distinguir o que era sonho e o que era realidade; a sonhadora esclareceu: aplicação do Rorschach – sonho com a mancha – demônio.

Continuação das associações dos participantes: Sensações no corpo quando está estressada e se deita (associação da própria sonhadora), língua inchada que ocupa todo o espaço da boca, todo o quarto, sensação de algo cortando a boca, ou dedos. Marco comenta que o Rorschach “tem uma história ligada ao espiritismo” (sic).

Comentário 8: Os três últimos sonhos suscitaram associações com caráter persecutório.

7.7.2 Diálogo Reflexivo sobre os Sonhos

Como ocorrido no encontro anterior, o coordenador solicitou ao grupo que ajudasse na rememoração da ordem dos sonhos narrados. Pediu, em seguida, que o grupo identificasse as regularidades surgidas no processo associativo. Surgiram: família, mãe, paternidade, diabo, maternagem, nutrição, proteção e outros aspectos sintetizados pelo coordenador: bem estar, satisfação, sentimento de realização, rejeição, preocupação, sentimento de muita responsabilidade, compromisso, de ter que dar conta. Ítalo confirmou a síntese e Irma acrescentou “cobrança”. O coordenador continuou:

Foram imagens que apareceram aqui, não é? Ter filho, portanto, ter que assumir. Ter uma responsabilidade a cumprir. Isso aparece em toda uma fase inicial, não é? É, depois aparece outras imagens. Novamente, morte. O tema da morte já apareceu quinta-feira passada. E agora tornou a aparecer, não é?”

Giulia, Maria e Úrsula brincaram com a história de morrer e sobreviver. A seguir, surgiu o tema do demônio, figuras tenebrosas, malignas e sombrias, o leão, desespero solitário da criança, desamparo, medo paralisante. O coordenador resumiu: “(Medo) de solidão, de ficar sozinho, desamparado diante de forças malignas, não é?”. Maria e Marcos concordam. O coordenador ressalta o tema da imobilização, já surgido no encontro anterior (“querer gritar e não conseguir, querer se mexer e não conseguir”). Irma perguntou se é usual aparecerem essas imagens nos sonhos porque para ela é. O coordenador respondeu assinalando que na

experiência do grupo foi o que aconteceu. Marcos chamou a atenção para o fato de que, no início das associações, o intercâmbio entre os participantes consistira numa “discussão, um debate”. O coordenador apontou o surgimento do dilema vida familiar *versus* vida profissional. Aproveitou para trazer novamente o tema da maternidade *versus* profissionalização, papéis, carreira, conflito, maternidade como algo mais afetivo e profissionalismo algo mais racional, a incompatibilidade dessas duas dimensões da vida. Novamente, surgiu o tema do desamparo, mas a possibilidade de um desamparo assistido por alguém da família. O coordenador lembrou que na semana anterior também surgiram imagens de perda da família e, ao mesmo tempo, a “família como um lugar para o qual se pode voltar”. Ítalo questionou a leitura que o grupo fez de que a presença da família representa amparo e suporte. Úrsula, Giulia, Maria e Marcos contestaram. Ítalo insiste: “Às vezes a família não representa nada, ela está ali mas, o sonho está mostrando isso”. O coordenador interveio: “Um momento só Ítalo, nós estamos trabalhando as imagens que surgiram e as associações que foram feitas, não é?” E, Ítalo: “Eu acho que... o sonho pode estar mostrando que a família não representa... a sensação que você teve, não sei, não sei de nada, a sensação que você teve pode ser ‘ah, a minha família está aqui, mas não está adiantando nada’. O sonho pode estar mostrando isso pra você”. O coordenador interveio, novamente, apontando para a necessidade de evitar a tentativa de interpretar o que o sonho poderia indicar sobre a psicologia do sonhador. Giulia tratou de mostrar que as associações explicitaram a presença do sentimento de desamparo, a presença de pessoas da família e um sentimento de assistência. O coordenador decidiu avançar e convidou o grupo a estabelecer conexão entre os temas emergentes e o contexto vivido pelos participantes:

Que ponte nós podemos fazer para nossa realidade, para o nosso contexto? As nossas circunstâncias de vida? Vou ser um pouco mais diretivo neste momento, coisa que não fiz na sessão passada. Esse grupo foi um grupo escolhido, na verdade, segundo o critério de que vocês vivem uma circunstância, muito peculiar, própria de vocês, que é exatamente um momento de transição, não é? Um momento em que vocês encerram um curso e transitam para a vida profissional, não é? É mais ou menos isso que todos estão vivendo, não? Isso apareceu um pouco que provocado pelo Ítalo na sessão passada. O Ítalo levantou [a questão] e aí o grupo aderiu a essa proposta. Hoje eu estou propondo que isso seja feito. De que maneira esses temas que apareceram aqui se conectam com as circunstâncias que vocês estão vivendo?

Maria respondeu imediatamente: “Tudo!”. Irma referiu-se a uma imagem que surgira durante a fase de associação, mas que ela não expôs ao falarem do dilema entre maternidade de profissão: paciente igual a filho. O coordenador pediu que Irma explicitasse a analogia. Irma referiu-se ao fato de que a psicologia é uma profissão de cuidador, social e historicamente construída; e cuidadoras são as mulheres, mães. Giulia lembrou que ela e Úrsula chamam os pacientes do Hospital onde trabalharam juntas de “filhos”, pelo menos, aqueles com os quais elas têm maior afinidade. O coordenador comentou que isso não é usual entre terapeutas homens, Úrsula, Irma e Giulia acham que é porque o trabalho é com crianças, o que reforça a analogia. Giulia falou de um caso atendido por ela no qual ela manifestou um intenso desejo de amparar o paciente criança. O coordenador provocou: “E o desamparo pessoal de vocês? Vocês estão falando do desamparo do outro, não é? O outro como criança, o outro como filho, você com a responsabilidade de cuidar, não é? Mas e vocês como desamparados, como filhos também?”

A conversa que se seguiu tratou do desamparo pessoal, da necessidade de cuidar de si em face do cuidar do outro, Úrsula se deu conta de que o atendimento dual não combina com ela, prefere o trabalho hospitalar. Maria lembrou-se de quando fazia orientação vocacional para o exercício da escolha profissional; o coordenador ressaltou, então, que antes ela, Maria, era a pessoa a ser orientada e que hoje ela está assumindo esse papel. Giulia disse que ainda não se sente como psicóloga. O coordenador lembrou de uma imagem surgida no encontro anterior: “sou mais filha do que mãe”, proferida por Irma. Maria concordou. O coordenador decidiu explorar a imagem: “Ainda sou mais filha do que mãe. Como é que isso soa pra vocês?”. Giulia disse que só vai se sentir no papel de psicóloga no dia em que encontrar uma “base teórica, ou mesmo vivencial” da própria vida e que, embora tenha planos para a continuidade de sua vida profissional, ainda não se sente pronta.

Comentário 9: Diante da dificuldade expressa por Ítalo de distanciar-se, no processo associativo, do “vértice do Édipo”, o coordenador assume maior diretividade e pede explicitamente que os participantes estabeleçam conexão do que está sendo dito com as circunstâncias vividas pelo grupo. Embora nas falas seguintes possa parecer que o coordenador, ele próprio, esteja enveredando para um questionando no “vértice do Édipo”, referindo-se aos cuidados da participante consigo mesma, sua intenção foi a de atrair a atenção para a conjugação dos sentimentos vivenciados pelos participantes e o contexto social.

Marcos trouxe a questão do papel de cuidador assumido pelo psicólogo, associando-a à ideia de nutrição e sustentação (imagem de mãe), questionou se o fato de “encarnar essa relação de cuidador e paciente” não terá por objetivo trazer segurança para o psicólogo, ao colocar o outro no papel de paciente. O coordenador perguntou: “E como você vê isso? Como um recurso positivo ou como uma forma de ignorar suas fragilidades e sua vulnerabilidade?”. Marcos disse que essa diferenciação entre o psicólogo e o paciente serve para afirmar um papel social, uma identidade, ao que Giulia respondeu dizendo que se trata de uma relação de poder com a qual deve-se ter muito cuidado: o psicólogo acaba tendo uma imagem de manipulador, podendo fazer o bem ou o mal para o paciente. Úrsula considera isso muita prepotência. O coordenador perguntou, então, se não se trata de uma representação social do papel do psicólogo que necessita de uma crítica. Aproveitou para assinalar o retorno do tema abordado no encontro anterior: as representações sociais sobre o papel do psicólogo: “um sujeito que consegue enxergar através, que sabe das coisas, se supõe que o sujeito seja um sujeito muito equilibrado... o que nem sempre somos, não é verdade?”. Úrsula deu um testemunho de sua experiência em um hospital de reabilitação neurológica no sentido de demonstrar uma atitude de humildade em relação aos resultados produzidos com a atuação do psicólogo, de como aprender e ensinar estão fortemente associados na experiência prática e da necessidade de identificar o que é demanda do paciente e o que é necessidade do profissional. Irma respondeu: “Oh, Úrsula, você tem que entender, cara, que socialmente falando, está estabelecido que você é a pessoa que sabe mas não sente e eu sou a pessoa que sinto mas não sei. E é por isso que eu vou procurar você”, sintetizando como ela vê a expectativa social em relação à profissão. O grupo começou a discutir sobre a psicologia como um saber instituído e que leva a uma expectativa de solução de problemas. O coordenador sintetizou, apontando o surgimento novamente das representações sociais sobre a profissão de psicólogo, mas ressaltando que ao fazer isso os participantes estão se colocando em questão, como futuros profissionais.

Irma lembrou sua fala sobre “sentir-se mais como filha do que como mãe” para dizer que encontra-se num momento de vida em que suas relações estão se transformando e ela precisa falar disso. Maria disse que se sente impotente, desamparada, sendo ratificada por Irma que ressalta que embora seja um desamparo assistido por supervisores, pela família, é algo que ela própria tem que enfrentar. O coordenador fez um breve resumo do que foi dito e trouxe à discussão um dos dilemas surgidos nas associações e ainda não mencionados no encontro: maternidade, constituição de família e profissão.

Comentário 10: Os últimos depoimentos expressam a imbricação de fatores psicológicos subjetivos com as circunstâncias sociais: Irma e Maria defrontam-se com a necessidade de amadurecer em face de novas demandas do ambiente externo, como é o caso do ingresso na vida profissional, na qual deverá contar com seus próprios recursos psicológicos. O coordenador exerce cada vez mais intensamente o papel de elaborador de síntese daquilo que o grupo expressa.

Úrsula brincou com a história de não querer ser mãe, provocando risos no grupo; Giulia retomou o tema da insegurança como psicóloga, da incerteza sobre os resultados produzidos com a intervenção do psicólogo. Para Irma, até quando o paciente demonstra melhora, não se pode saber se foi produzida pelo trabalho do psicólogo. Giulia lembrou da obra “Cartas a um jovem terapeuta”, de Contardo Calligaris, que se refere a 50 erros passíveis de serem cometidos, o que chocou Úrsula, Maria e Irma. A conversa girou em torno das dificuldades de ser terapeuta. Úrsula, participante que já trabalha em uma instituição hospitalar, comparou o ser psicóloga a ser mãe (“desespero”), colocando ambas as situações no mesmo nível de dificuldade, embora tenha feito referências positivas ao exercício profissional; ambas as situações sofrem as expectativas sociais. O coordenador procurou resumir as questões colocadas, referindo-se à necessidade de desenvolvimento da competência profissional e de encontrar um lugar da profissão no contexto da vida pessoal (“a vida é maior do que a profissão”).

Maria questionou se de fato a vida é maior que a profissão, sendo contestada por Úrsula. O coordenador referiu-se à fala de Marcos: “Isso apareceu na fala do Marcos quando ele falou sobre essa coisa muito estranha, não é? Uma demanda aqui, outra demanda lá. Mas tudo isso é demanda da vida. Tudo isso tem que caber na vida”. E complementou:

O casamento e a profissão, ter filhos ou não, é uma questão que tem que ser resolvida na vida das pessoas. E não estamos normatizando o que é e como deve ser. Nós estamos dizendo que é uma questão. Que precisa encontrar um encaminhamento, não é? Para não dizer uma solução, é um encaminhamento. Qual é, como é que você lida com isso, não é? Parece que esses dilemas já apareceram. Quer dizer, da profissão, do exercício de papel, da competência. De como conciliar aspectos diferentes da vida, não é?

Diante das questões sobre família e profissão, Giulia disse que está muito preocupada com a conclusão do curso e que deixa outras aspectos de sua vida de lado; ser uma boa

estudante funciona como afirmação pessoal. Irma ironizou: “O que você é? Eu sou uma excelente universitária (risos)”. Giulia não vê possibilidade de conciliar a vida estudantil, e a dedicação exigida pelo curso, com a vida afetiva. O grupo passou a discutir a dificuldade de ter relacionamentos afetivos com outra pessoa também psicóloga, a questão das interpretações mútuas, a rotina das conversas “psicológicas”, de como é bom se relacionar com pessoas “mais racionais” (ou seja, não psicólogas!), em tom de brincadeira.

Passou-se a discutir a questão da arrogância no exercício da profissão. Úrsula fez uma longa narrativa de sua experiência dramática em um hospital com uma paciente que se recusava a comer, conseguindo após três dias que ela voltasse a ingerir alimentos; embora ficasse a dúvida sobre a relação causal existente entre a ação das psicólogas e o retorno à ingestão de alimentos, Úrsula ficou com o sentimento de que sua atuação fez diferença na situação (“fiz o meu trabalho”). O coordenador reforçou a ideia do valor da atuação do psicólogo: “Quer dizer, o fato é que foram vocês que ficaram [junto à paciente]. Ninguém mais, foram vocês que ficaram, não é? E isso é uma diferença”. Os demais concordaram. O coordenador continuou:

Quer dizer, tem uma sensibilidade aí, não é? Voltada pra essa questão do acolhimento, da presença humana, do respeito à subjetividade. Isso é psicologia, não é? Isso é trabalho psicológico; se somente o psicólogo pode fazer isso, é uma outra questão. Seria muito legal se toda a área da saúde, todo mundo que lida com gente, tivesse essa sensibilidade para a subjetividade, tivesse sensibilidade para a relação, não é? Ocorre que esse discurso é um discurso... quando é um discurso encarnado, um discurso efetivo, vivido, é um discurso da psicologia, não é?

O coordenador expande o argumento citando a obra de Balint:

Não sei se vocês conhecem ou leram ou estudaram no curso de vocês, sobre Balint, um psicanalista inglês. Existe um livrinho muito bom chamado “Seis Minutos para o Paciente”. Balint criou grupos para trabalhar com médicos. Então era para treinar os médicos a terem uma escuta psicológica que, no caso dele, era psicanalítica... E... por que seis minutos? Porque era o tempo que o profissional da saúde tinha pra atender o paciente. Ou seja, não era muito diferente da nossa realidade aqui. Isso na Inglaterra, não é? Na década de 50.

Comentário 11: Aqui, o coordenador intervém claramente expressando sua opinião sobre o tema em pauta, assumindo um papel psicoeducativo, oferecendo informações aos participantes. De alguma forma, acredita ajudá-los a elaborar as peculiaridades do papel profissional a ser exercido.

O grupo manifestou interesse pela obra de Balint e pediu mais informações. Ítalo retornou à questão da arrogância do saber; Giulia equiparou essa arrogância à dos médicos. O coordenador observou que a psicologia tem seus “antídotos” contra a arrogância: “Dada a natureza do trabalho, dada a multiplicidade de formas de ver a mesma coisa, que deixa todo mundo desorientado. Aquilo que a gente estuda, estuda, estuda, para depois dizer, ‘olha, essa caixa de ferramentas não serve para todo mundo’, não é?” Irma concordou. Ítalo questionou se certa arrogância não seria necessária para se realizar um bom trabalho. O coordenador tratou de relacionar “arrogância” com “desespero, descrença”. Maria, Ítalo e Úrsula concordam que é necessário julgar ser capaz de fazer algo e não ficar impotente e isso é diferente de arrogância. O coordenador referiu-se a Jung e Bion sobre a questão da “fé” no ato terapêutico ou analítico, aproveitando a experiência narrada por Úrsula sobre a paciente que se recusava a comer.

Ítalo contestou se é “fé” ou se a experiência tem importância no processo terapêutico. O coordenador respondeu: “A experiência é um dos antídotos pra arrogância... Quer dizer, é necessária uma certa arrogância? Não é necessária arrogância nenhuma! Porque não se trata de arrogância. Se trata, na verdade, de cada vez mais ter uma percepção mais clara dos seus limites”. Ítalo contestou o foco dado pelo coordenador na impotência: “É, calma aí, mas tem as suas potências também”. Maria interveio: “Eu acho que a dificuldade é a gente não saber quais são os limites. Então, quanto mais a gente conhece os limites, mais a gente sabe lidar com eles.”. Ítalo cobrou a opinião do coordenador sobre o que foi dito por Maria e o coordenador respondeu:

Ela está colocando nas palavras dela essa mesma percepção. O Bion tem uma expressão chamada “capacidade negativa”, não é?... ele fala em relação ao analista, mas vale para todos os terapeutas. Então, a capacidade negativa, o que é? Conviver com o desconhecido, com a incerteza e com a dúvida. Essas são as condições para você fazer terapia. Você tem que ser capaz de conviver com o desconhecido, com a incerteza e com a dúvida. Nada mais oposto à arrogância do que isso... Porque a arrogância não permite a dúvida, a arrogância não permite a incerteza.

O grupo continuou a discutir sobre a diferença entre arrogância (“tudo saber”) e a necessidade de assegurar-se de que ‘pode fazer’, de poder exercer a profissão com alguma segurança, a partir dos conhecimentos e experiências adquiridos nos anos de formação, concluindo o encontro.

Comentário 12: Ao levantar os temas surgidos no processo de associação de ideias, Marcos aponta que, no início, o processo associativo assumira a forma de uma discussão cujo tema foi “vida familiar, exercício da paternidade/maternidade *versus* vida profissional”, discutindo-se as supostas incompatibilidades do exercício simultâneo desses papéis. O tema catalisa a atenção dos participantes, conferindo ao intercâmbio o caráter de discussão que deveria, em tese, ser apenas associativo. O tema do desamparo pessoal também ganha espaço. Em certo momento, Ítalo esboça uma interpretação de imagens oníricas aparentemente comprometida por questões que me parecem de natureza transferencial – a maneira como ele próprio percebe a figura da mãe – distanciando-se das associações que haviam sido apresentadas pelos companheiros. Esse movimento interpretativo já ocorrera no encontro anterior e, embora possa se justificar pela natureza do público participante – todos psicólogos – , o fato é que aconteceu apenas com Ítalo, o que leva a crer que se trata de uma idiosincrasia pessoal. Contudo, o ocorrido ilustra a possibilidade da emergência de aspectos transferenciais na realização da matriz do sonhar social. O coordenador explicita o convite para que os participantes estabeleçam relação dos temas emergentes com o momento de transição para a vida profissional, discussão que, no encontro anterior, havia sido instigada por Ítalo. O grupo responde positivamente e a discussão concentra-se no dilema “vida familiar *versus* profissão” e no sentimento de desamparo vivido pelos participantes. Daí até o final, a conversa orienta-se para questões relacionadas com as expectativas sociais em relação ao papel do psicólogo, à dificuldade de deixar de ser estudante para ser profissional, às dúvidas sobre a competência necessária para o exercício da profissão *versus* a atitude de arrogância profissional. Destaca-se a intervenção bastante ativa do coordenador, seja instigando a realização da tarefa proposta para essa etapa do trabalho, seja reconduzindo a tarefa, como aconteceu diante da tentativa de “interpretação no vértice do Édipo” esboçada por Ítalo, seja, ainda, oferecendo sua compreensão pessoal a respeito dos dilemas apresentados. Dado esse caráter interventivo, o coordenador assume significativamente o papel de pesquisador-participante o que, em princípio, não fora planejado.

7.7.3 Discussão

São narrados sete sonhos: os três primeiros (Ser Mãe, Grávida, Velha e Miserável), narrados por mulheres, evocam associações relacionadas à incompatibilidade da maternidade (“ser mãe”) com a vida profissional. O quarto sonho (Descasada) evoca a ideia de fim de relacionamento e fechamento de situações. O quinto sonho (O Ataque do Leão), também narrado por uma participante, retorna ao tema de morte de família, já surgido no encontro anterior, evocando emoções persecutórias, assim como os sonhos seguintes, “Figura do Mal” e “A Prancha de Rorschach”. Os sonhos são narrados em sequência, um evocando o outro, sem interrupções, o que denota o caráter de encadeamento associativo entre os sonhos relatado pelos estudiosos do dispositivo (Lawrence & cols., 1998, 2007; Lawrence, 2005). No diálogo reflexivo sobre os sonhos, essas ideias são desdobradas em argumentos a respeito do dilema vida familiar x vida profissional, questões relacionadas ao desamparo pessoal, ainda que assistido pela família, diante da nova realidade vivida pelos participantes, qual seja, o início da vida profissional como psicólogos. Discute-se também expectativas sociais relacionadas com a profissão, bem como a questão da atitude profissional em relação ao conhecimento e competências específicas do psicólogo. Os temas discutidos relacionam-se diretamente com os dilemas e questões vivenciadas pelos participantes. Aspectos relacionados com o contexto social mais amplo – as dimensões “Lá e Agora” e “Lá e Então” de Hopper (2003) – aparecem com forte influência sobre as percepções e sentimentos expressos pelos participantes, conjugando expectativas sociais e o momento de transição vivido pelos participantes. As imagens sociais de profissão, a natureza do trabalho psicológico, as vicissitudes do mercado de trabalho profissional, são questões que se impõem à consideração do grupo. Embora não se possa dizer que elementos sociais completamente inconscientes tenham emergido, aspectos fracamente percebidos recebem realce, propiciando reflexão mais profunda aos participantes.

A participação do coordenador é bastante ativa, não apenas no que se refere à condução da atividade mas, também, oferecendo sua opinião a respeito das questões apresentadas, configurando uma estratégia de pesquisa-participante, mais do que mera observação-participante. É importante ressaltar que essa atuação não foi planejada para ser tão interventiva e que foi suscitada pela natureza das questões emergentes, bem como pela identificação do coordenador com seus parceiros de trabalho. O fato dos participantes serem todos ex-alunos do pesquisador-coordenador, pode ter favorecido a assunção de um papel mais “educativo” por parte do coordenador essa experiência evidencia diferentes

possibilidades para a coordenação do dispositivo. Por exemplo, com o grupo de profissionais de gestão de pessoas, objeto deste estudo, o coordenador buscou uma atuação mais contida, limitando-se a explicitar as regras de funcionamento da matriz, orientando a procura por temas recorrentes e fazendo síntese, embora pudesse opinar sobre aspectos organizacionais, os quais conhece por ter trabalhado muitos anos com tais temas. Caso o propósito da realização dos encontros fosse um trabalho de intervenção, nada obstaria a que o coordenador levantasse hipóteses de trabalho, a partir do material oferecido pela matriz, a serem submetidas à apreciação dos participantes; mas, não foi o caso. Tudo leva a crer que as intenções estratégicas do trabalho com a matriz ditará as ênfases no estilo de condução. Lawrence e cols. (2007), no livro *Infinite possibilities of social dreaming*, exemplifica diferentes possibilidades de condução da matriz exigidas por distintos contextos sociais. Em todas elas, contudo, o papel interventivo de propor “hipóteses de trabalho”, com maior ou menor ênfase, é um lugar comum reservado ao condutor do trabalho.

7.8 RESULTADOS E DISCUSSÃO (C2E3)

O terceiro encontro contou com a participação de três mulheres e dois homens (Giulia, Maria, Úrsula, Ítalo e Marcos) e teve a duração de 1h24min. Foram narrados quatro sonhos: Giulia e Ítalo narraram um sonho e Úrsula dois; Marcos não narrou sonhos (Tabela 7).

Tabela 7 – Sequência dos sonhos e respectivos narradores (C2E3)

Sequência de sonhos	Sonho narrado	Narrador
1	A aula	Giulia
2	O tigre	Ítalo
3	A morte do Marc	Úrsula
4	Sádicos	Úrsula

O encontro foi realizado em três etapas: a primeira (42 minutos) referiu-se à narrativa dos sonhos e ao processo de associação livre; a segunda (42 minutos), ao diálogo reflexivo sobre os sonhos, no qual buscou-se os temas emergentes ou recorrentes. O tratamento e a análise das informações ocorreu de acordo com o disposto nos tópicos 6.4 e 6.5.

7.8.1 Narrativa de Sonhos e Associações dos Participantes

Sonho 1 – A Aula (Giulia)

O lugar era a noite, era uma faculdade, uma sala de aula. Era [uma aula] sobre processos cognitivos (risos), que foi a minha prova de hoje. Só que o professor chegou para mim e falou: “Giulia eu não posso dar aula! Você vai dar aula hoje”. Aí eu, “como assim?” E os alunos não eram alunos de Psicologia, eram de engenharia, tinha uns 3, 4, 5 alunos. Aí eu comecei a dar a aula, só que eu não entendia, eu estava insegura de dar a aula, mas eu estava dando a aula do jeito que eu conseguia, e um aluno começou a se revoltar! Levantou-se e saiu da sala. Começou a falar que era tudo errado o que eu estava falando, que eu não estava falando nada direito! E a turma toda levantou e começou a ir embora e eu comecei a querer contrargumentar e fui atrás, aí foi nessa hora que entra o Lucas. O Lucas estava lá chegava e falava, calma Giulia! (risos) Aí, eu falava para ele: Mas ele não entende! Ele não está entendendo o que eu estou falando! O Lucas era aquela figura, não falou muito mas foi

aquela coisa de tranqüilidade. Aí eu acordei (risos), e fui estudar para a prova! Eu não estava segura, mas eu sabia que o que eu estava colocando no quadro não estava errado. Não estava colocando um absurdo no quadro. Eu estava falando e desenhando as coisas dos processos, porque a gente tem uma comparação dos processos com o modelo de informação da computação muito forte. E aí ele começou, “porque eu sou engenheiro, eu sei que não é assim!”

Associações dos participantes: Sonhos de escola, com amigos, rodas de conversas, interações sociais; tensão por não estudar direito e ter que fazer prova, branco mental; pesadelo com prova, acordar no meio da madrugada; insegurança.

Sonho 2 – O Tigre (Ítalo)

Eu estava numa fila, no primeiro andar de um prédio, várias pessoas na fila, descendo, a fila em direção ao andar de baixo ia direto para uma porta que saía do prédio. Muitas pessoas no ambiente, uma confusão assim. Aí, de repente, aparece um tigre dente de sabre, só que meio filhote ainda. Aí eu vou em direção a esse tigre e ele vem em direção, pego ele, as pessoas com um pouco de medo, mas eu conheço ele, ele já me conhece, só que eu fico com muito medo, eu fico um pouco assustado. Alguns pessoas dão sugestões, “toma cuidado porque ele é um animal selvagem, tem que ter um pouco de cuidado”. Eu coloquei uma coleira nele e as pessoas ficam do meu lado, ficam confiando em mim e no tigre, aí a gente vai descendo a escada, o tigre me morde. O tigre dente de sabre é um animal super feroz, tem aquelas duas garras para fora. Ele me morde, uma mordida de brincadeira, brinca assim, morde a minha mão, uma pessoa fala, “ah você tem que lavar a sua mão, porque tem muitas bactérias na boca dele”, eu confio, vou descendo com o tigre e chego numa guarita de polícia, entro junto com ele nessa guarita. Lá fora, no vidro de fora da guarita estava tendo uma confusão, uma guerra e tinha uns amigos meus, conhecidos meus que eram de galera, de gangue de Brasília, essas gangues. Eles são conhecidos meus, eles estavam no meio dessa confusão, dessa guerra. Eles voltavam e me avisavam sobre o que estava acontecendo e eu pego o tigre... mas fico imaginando “o que eu vou fazer, será que o tigre vai atacar meus amigos ou vai atacar os inimigos? Como vai ser isso? Será que ele vai saber distinguir?”

Associações dos participantes: Angústia, pesar; figura forte (o tigre), energia que vai não se sabe pra onde, fazer estragos sem querer; proteção, possibilidade de atacar amigos e inimigos,

mas não o sonhador; brincar de morder; potencial para machucar; proteger do mal; animal guia, espírito, guardião (associação feita pelo coordenador); filme 10000 A.C; tigre que salva.

Comentário 1: A angústia que aparece no sonho lembra à Úrsula um sonho que ela passa a narrar.

Sonho 3 – A Morte do Marc (Úrsula)

Sábado estávamos o Marc, o José e uma mulher que limpa onde eu trabalho, e eu nunca prestei muita atenção na existência dela. Quando eu a vi no sonho eu achei meio estranho porque ela limpa outro lugar. Ela limpava essa casa em que a gente estava, [havia] um outro cara que eu devo ter visto alguma vez na minha vida mas eu não sei quem ele é, e o Breno. A gente estava numa casa, que no sonho era a casa do Marc mas que na verdade não é a casa dele, nenhuma das duas casas, não sei que casa era essa mas estava lá no sonho e fazia sentido que era dele. E tinha muita coisa minha lá, roupa, umas coisas “muito viagens”, uma porta que lembra a porta de um armário que tinha na casa dos meus pais, e era tão bagunçado quanto o da casa dos meus pais. Alguém falou “ah, vamos fazer não sei o que, eu falei “está bem, só vou buscar umas roupas aqui”, como se fizesse sentido ter roupas minhas lá. Por algum motivo eu sai de lá, e quase todo mundo, quer dizer o Breno e eu viemos para a UnB, mas eu decidi que não ia almoçar com ele, nem com as outras pessoas que estavam lá. Decidi que ia ligar para o Marc para almoçar comigo no Hospital. O Marc quer distância do Hospital, literalmente, eu estava ligando só para sacanear. Então eu liguei para ele para sacanear, e eu não consegui falar com ele, eu senti que tinha alguma coisa muito errada, e de alguma forma eu consegui mobilizar a mãe, o pai, os amigos dele, meus, uma galera, e falei, “não gente, tem alguma coisa errada, a gente tem que encontrar ele!”. Aí, do nada, já era noite, só que era uma noite meio esverdeada, era uma coisa meio Harry Potter mesmo. E a gente ia, a mãe do Marc estava com uma roupa muito engraçada, do tipo mergulhadora, com uns capacetes grandes, escuros, parecido com aqueles esquemas radioativos. E ela falou, “vou procurar o Marc aqui no fundo desse lago”, já estava procurando o corpo do Marc, era um negócio muito tenso! Eu sei que tinha um lago e a mãe dele foi, e de alguma forma eu conseguia ver o que a mãe dele estava vendo. E não acharam nada, era uma coisa muito escura, tinha uma iluminação muito pequena, mas não acharam. De repente, já era dia, eu estava na casa dos meus pais aqui na Asa Norte, meus pais moram no segundo andar, de frente ao parque Olhos D’água, tem várias árvores, a gente estava

conversando. Eu estava de frente para a sala, de frente para a janela, caiu um saco de lixo grandão, cheio de folhas do outono e eu, não sei como, senti que o Marc estava lá dentro, o negócio caiu do alto, eu não vi a árvore, árvore alta, eu sentia que o saco tinha caído na árvore alta. Na hora eu senti que era o Marc que estava lá dentro, e o saco estava meio entreaberto. Lembro de olhar pela janela desesperada, lembro que gritei, “é o Marc!”. Eu entrei e o saco estava uns 30% aberto, eu vi um pedaço de uma camisa verde que o Marc tem, vi um pedacinho do rosto e do cabelo. Ai eu comecei a gritar desesperada, “é o Marc, é o Marc! O Marc morreu!”. Saí da janela e meus pais tentavam me consolar e eu gritava desesperada. Eu não lembro se voltei para a janela, mas eu sei que vi o Marc movimentando as mãos, e gritei “o Marc não morreu! O Marc não morreu!”. Desci correndo as escadas desesperada e ele estava vivo. [Parece que] a moça que estava limpando a casa dele e o caseiro o haviam sequestrado.

Associações dos participantes: Crime, caseiros que mataram uma menina; lago do filme do Harry Potter; zumbis; cor esverdeada do filme *Matrix*; agonia; mãezona; alguém que já viveu e sabe das coisas; mulher centrada; Iemanjá; lago escuro e denso, frustração por não encontrar nada;

Comentário 2: O sonho é narrado em várias etapas, em resposta a perguntas que os demais participantes fizeram; recebe grande número de associações e catalisa a atenção dos participantes. Ítalo expressa ansiedade por não poder dizer algo que lhe parece ser uma interpretação psicológica do sonho de Úrsula. O coordenador pergunta se ele deseja interpretar o que o sonho significa para Úrsula. Ítalo confirma. O coordenador: – “Como é que você pode fazer isso se você nem sabe, nem conhece direito a Úrsula?” – chamando a atenção para a regra da não interpretação psicológica. Ítalo concorda. O coordenador aproveita para mostrar a diferença entre a tentativa de interpretar psicologicamente e o fazer associação, mencionando a associação com Iemanjá que o mesmo Ítalo já apresentara. O grupo se diverte com a expressão “comichão interpretativo” utilizada pelo coordenador. Maria e Giulia esboçam também uma tentativa de interpretar o significado do sonho para Úrsula. O coordenador denuncia novamente o movimento – “Agora, isso é na verdade tentar interpretar o sonho da Úrsula!”. Trata, então, de redirecionar a tarefa do grupo: – “Vocês estavam dando imagens associativas mesmo! Ah!, lembrou o Harry Potter; ah! lembrou o lago do Harry Potter; ah!, lembrou o fulano lá bebendo o negócio que eu nem sei o que é mais (risos). Essas são associações mesmo, elas não são de cunho... uma tentativa de interpretar o que o

sonho significa para a Úrsula. Na verdade é você que está sonhando, porque no final das contas a proposta é essa mesmo, é como se vocês estivessem entrando no sonho e produzindo mais imagens oníricas, porque no final associação não deixa de ser isso, não é?”. O grupo continua apresentando associações fortemente conectadas com a relação mãe-filho, nascimento e morte.

Associações dos participantes: Boa mãe, amor incondicional pelo filho, desespero; Iemanjá, como a boa mãe (Ítalo); Adolescentro (instituição que atende adolescentes), responsabilidade pela mudança, não abandono; noite, lago escuro; reviver; filme “O Jardim Secreto” (castelo, crianças brincando, porta para um jardim secreto, lago, mistério, beleza, natureza, vida), sombrio, morte; esperança, conversa relaxada; mãe que dá vida; folhas de outono; cor azul do bebê quando nasce; placenta; cor do bebê parecida com a cor do saco que aparece no sonho; líquido amniótico azulado; líquido transparente, placenta, renascimento; bebê que nasce não chora, choro que chama a atenção das pessoas; parque “Olhos d’Água” de frente para os pais, acolhimento; sensibilidade, sentimento.

Sonho 4 – Sádicos (Úrsula)

Então, no outro [sonho] eu também me senti angustiada, na casa dos meus pais, estava conversando com eles, olhando eles arrumarem a área de serviço, que é uma coisa possível de acontecer, por que as vezes, agora nem tanto, mas quando eu morava lá tinha muito esse negócio de um estar conversando na cozinha e o outro estar arrumando a área de serviço, enfim, eu não lembro qual era o motivo, mas comecei a discutir com eles, pela primeira vez eu havia decidido que não ia escutar o que minha mãe havia dito, eu não lembro o que ele havia me dito, lembro da sensação, de pensar no sonho, “eu não vou aceitar isso dessa vez!”. Comecei a contrargumentar, uma coisa que na minha família a gente aprendeu é que a gente nunca levanta a voz para os pais. E minha irmã que hoje mora na Argentina nunca seguiu direito essa regra, não está nem aí. Lembro que no sonho eu pensava muito nisso, “dessa vez eu não vou ouvir isso”, e comecei a contrargumentar. Então, começamos a discutir e eu comecei a ficar com uma voz de choro, sabe quando você fica segurando o choro só que você tem que argumentar? Você não quer mostrar que está segurando o choro, você engole o choro e argumenta. E meus pais começaram a me sacanear como se eu tivesse fazendo tempestade em copo d’água. Porque lá em casa isso é normal, isso acontecia. Eu comecei a falar, vocês são... vocês são... vocês são... e não conseguia achar a palavra, aí a

minha irmã gritou do quarto, “sádicos”! Eu achei muito engraçado. Aí, num “piti” eu falei para eles, “vocês se divertem com o sofrimento alheio”. E fui para um outro cômodo que fica ligado à área de serviço e continuei argumentando, mas eu sentia que aquela argumentação estava completamente vencida, que eu não ia conseguir vencer e se eu continuasse essa discussão a minha mãe iria dizer, “ah, mas você é assim mesmo, depois você vai ficar com a cara emburrada”, e realmente isso acontece. Quando ela começa a discutir comigo eu fecho a cara e falo, não fala mais comigo! Então eu continuei argumentando, mas sentindo que aquela discussão não ia dar em nada; então, eu pensei que eles nunca iam mudar, aí acordei.

Associações dos participantes: Família; pais “tirando onda”, brincando, sacaneando; dificuldade de falar de si, vontade de chorar; Adolescentro (conseguir falar, expressar a mágoa, Giulia lembra conversa com a mãe na qual consegue dizer o que pensa); adolescente, revolta, sentimento de desrespeito, criança desrespeitada, indignação; criança; (Giulia, Maria e Ítalo falam de suas dificuldades de conversar com os pais).

Comentário 3: O universo associativo é composto por sentimentos de revolta diante do desrespeito dos pais. As trocas que se seguem adquirem um caráter de apoio mútuo em torno das experiências com os pais (Ítalo, Maria, Giulia). Ítalo chama a atenção de Giulia para o fato de que ouvir Maria parece ser terapêutico.

7.8.2 Diálogo Reflexivo sobre os Sonhos

O coordenador fez uma breve recapitulação dos sonhos apresentados. Em seguida, solicitou que os participantes identificassem temas recorrentes ou emergentes nas associações realizadas.

Úrsula identificou proximidade entre o terceiro e quarto sonho, em torno do tema “desqualificação”, “dos saberes dela (Giulia) e o dos meus sentimentos”. Marcos mencionou “desamparo”, Maria referiu-se a “desrespeito”. Marcos lembrou o sonho de Ítalo e este referiu-se ao fato de estarem se formando, tornando-se independentes para enfrentar a vida. O coordenador sintetizou as contribuições: “Tem as duas coisas, tem os dois sentimentos não? O desamparo misturado com um pouco de proteção, parece isso não é? A história da desqualificação e da presença do Marcos, tranquilizadora. Essa dualidade aparece, o desamparo e a proteção. A desqualificação, mas também a superação da desqualificação, não

é?”. O processo encaminhou-se para algo mais próximo a uma terapia de grupo, com Úrsula, Giulia e Ítalo manifestando-se. O próprio coordenador entrou nessa dinâmica, assinalando elementos da dinâmica subjetiva de Úrsula: “Foi dado um nome para aquilo que você disse – “sadismo” –, de alguma forma é verbalizado mesmo que através da boca de outra pessoa. Isso se dá com a manifestação de um bloqueio de comunicação, de expressão, de sentimento. Então, tem a história da desqualificação e desrespeito, mas tem também a questão de superação disso”.

Comentário 4: O intercâmbio sugere a dificuldade que terapeutas apresentam para resistir a hipóteses elaboradas no “vértice do Édipo”! O coordenador pretende, na verdade, ressaltar a emergência do tema “desqualificação x superação” que emerge do discurso dos participantes.

Ítalo deu prosseguimento à identificação de temas, mencionando “morte e nascimento”. Giulia destacou que, pela primeira vez, “morte” aparecia junto com “renascimento”. O coordenador chamou a atenção para o surgimento novamente da imagem da mãe protetora.

Ítalo lembrou do “lago e da água” e voltou a mencionar o sonho de Ítalo do primeiro encontro (árvore, símbolo de segurança, fortaleza). A imagem “lago” recebeu atenção (“lago lindo”, filme do “Pequeno Príncipe”, “lago todo espelhado”, filme “Lagoa Azul”, “filme “Senhor dos Anéis”). Os participantes voltaram ao processo associativo suscitado pelo sonho “Morte do Marc” (lagoa preta, areia branca, folhas secas). O coordenador arriscou uma amplificação do tema da morte: “Folhas secas... É sim, processo de transformação, que lembra aquela operação alquimia da *mortificatio*, quer dizer, é necessário fazer uma mortificação. A morte como um processo para possibilitar o renascimento”. Ítalo confirmou e Giulia fez uma síntese do que ela julga estar acontecendo ao longo dos encontros: “Era uma coisa que eu ia falar, a gente veio morrendo nos últimos encontros, aí hoje a gente morreu, mas a gente teve um renascimento e a gente teve até um espaço de superação, de tomar um lugar do outro. Antes a gente estava morrendo, hoje a gente está até conseguindo sair”.
Diálogo entre Ítalo, Giulia e Úrsula:

Ítalo: – “Mas eu acho que sempre teve transformação aqui dentro do grupo”.

Giulia: – “Eu acho que não era desse nível. A gente parava na morte, a gente tinha sobrevivência”.

Úrsula: – “A gente parava na morte. A morte é o fim e o início, porque é o fim de alguma coisa e o início de outra, mas a gente nunca pegou o início como esse”.

Ítalo: – “Mas a morte para mim é um momento de transformação”.

O coordenador ressaltou o surgimento do tema do renascimento, sintetizou o que surgiu até então – angústia, morte e renascimento, desamparo, proteção – e solicitou ao grupo que identificasse outros temas. O grupo reiterou os temas do desamparo da criança e do adolescente, da ansiedade e angústia. Giulia incluiu a agressividade. O coordenador fez conexão com a situação vivida pelos participantes, a de serem recém-formados ou formandos.

Giulia tornou a mencionar a questão da agressividade que, segundo ela, é uma exigência da sociedade contemporânea, de ter que ir à luta. Ítalo confirma com ênfase: – “Ir á luta! – mas considera a agressividade uma coisa boa, desde que saiba ser usada; Maria concorda. O coordenador chamou a atenção para o caráter de exigência social apontado por Giulia. O sucesso parece estar condicionado à agressividade. Maria fechou, então, uma *gestalt*:

Nossa! Isso tem muito a ver com o sonho da Úrsula, em relação ao desrespeito dos pais, desse sentimento de angústia e humilhação, e tem tudo, tudo, tudo a ver também com essa passividade em relação a mim. Porque nesse momento de formatura, meus pais estão..., na verdade, me colocando contra a parede. Eles estão falando, olha... você não tem força suficiente, você não é agressiva o suficiente para manter a sua decisão, de manter o seu curso, entendeu? Então faça o que a gente quer. Eu estou vivendo muito esse momento agora, de me sentir aquela criança que chora, que chora e corre e se esconde debaixo da cama, porque os adultos não estão respeitando aquele sentimento, aquele sofrimento dela que é genuíno, verdadeiro. Então eu estou me sentindo uma criança. Porque eu me sinto, às vezes, passiva mesmo em relação aos meus pais, meio impotente. Então a questão profissional de que você está falando e tudo mais, de tomar decisões, de que essas decisões sejam reconhecidas – porque eu tenho essa necessidade de reconhecimento – é uma questão muito fundamental, para mim agora! Não é que eu esteja sendo passiva, mas é que às vezes eu tenho a impressão que eles exercem uma influência tão forte sobre mim, que eu tenho medo de sucumbir, de ser passiva.

Ítalo perguntou se Maria acreditava que agressividade não é importante, ao que ela respondeu que a agressividade é necessária para ocupar um lugar na sociedade. O coordenador enfatizou: – “Ocupar o seu lugar. Garantir o seu lugar no contexto social. Parece que é essa a expectativa”. Giulia concordou que parece ser um requisito para quem deseja alcançar o sucesso. Marcos disse acreditar que sendo agressivo a sociedade “blinda a pessoa”. Ítalo e Maria concordaram que a agressividade empodera as pessoas. Ítalo disse que está trabalhando o tema da agressividade em sua terapia. O coordenador sintetizou as falas:

Na verdade como usar essa agressividade, foi isso que você questionou aqui, não é (fazendo referência a uma fala de Ítalo)? Se há uma dimensão positiva dessa práxis de agressividade, esse é o seu questionamento. O que Giulia está trazendo é algo que ela sente de uma certa ideologia social que valoriza sobretudo a agressividade. A agressividade muitas vezes assume as posturas mais antiéticas, é um pouco do valeduto, se for necessário desalojar um outro para garantir o seu espaço, faça isso.

Ítalo e Giulia continuaram a falar de suas experiências com a agressividade. O coordenador relacionou o tema com o momento de mudança pelo qual os participantes passam, referindo-se à autoafirmação necessária para a inserção no meio social e profissional da psicologia. É exigida certa agressividade psicológica importante, no sentido de vencer obstáculos, de buscar possibilidades, e alternativas de ação.

Maria concordou, lembrando do sonho em que o leão entrou e matou toda a família (sonho de Marcos) em outro encontro. O coordenador ressalta que os pais, ao dizerem que a filha não é suficientemente agressiva para bancar a decisão de ser psicóloga, não estão falando só por eles, mas estão sendo mensageiros de um contexto mais amplo que é a sociedade. É como se dissessem: “Olha, minha filha, você tem que ser agressiva porque nessa sociedade, nesse mundo, quem não é agressivo está ferrado, então encontre o seu lugar. Essa mensagem social tem um cunho ideológico”.

Giulia ratificou, dizendo: – “Capitalismo selvagem!”. Ítalo acrescentou: – “Individualismo, repressão”. O coordenador voltou a enfatizar a diferença entre a agressividade estimulada ideologicamente e a necessária agressividade psicológica para lidar com os obstáculos da vida. Como Giulia retomou sua questão pessoal com a agressividade, o coordenador ressaltou que embora haja um aspecto pessoal importante a ser trabalhado, ele não se desconecta da circunstância vivida pela participante, que sai de uma posição, em tese, um pouco mais passiva para uma posição que é um pouco mais ativa, como profissional:

“Esses termos não são absolutos, não quer dizer que os estudantes são passivos. Quer dizer que é o papel que ele está desempenhando, de ocupar um lugar, de atender a uma expectativa social, de uma demanda de serviço. É para isso é que servem as profissões, atender a uma demanda das sociedades, se não, não seria uma profissão”.

Ítalo referiu-se a um conflito com uma professora que, segundo ele, o desqualificou, usando da autoridade como professora. Como se trata de uma pedagoga, Ítalo e Giulia sentem que ela desqualifica os psicólogos: – “Eu passei 5 anos [estudando] pra vir uma pedagoga aqui me falar que eu tenho que, ou deixo de ter que... isso é muito forte!”. A própria Giulia, contudo, contrapôs-se dizendo que a professora não é passiva, que ela cobra uma reflexão sobre o papel social do psicólogo e que isso traz incômodo. Ítalo concordou, mas disse que ela se coloca como dona do saber, num certo tom normativo de como o psicólogo deve ser. Úrsula também se manifestou; visivelmente, a fala crítica da professora gerou nos alunos um certo sentimento de impotência, de não saber. Continuaram a falar da experiência de desinstalação causada pela professora em questão. O coordenador aproveitou uma imagem do sonho de Ítalo: – “É uma experiência inquietante, não é. Dá pra dormir? Eu acho que não dá nem para dormir, não é? A instigação é tão grande que dá vontade de levar o tigre junto, não é? Eu vou assistir essa aula, mas só vou assistir se for com esse meu amigo aqui!”

Ítalo sente-se exigido a fazer citações de autores e ele gostaria de falar o que está sentindo; Giulia também disse que não fala na aula porque não consegue fazer citações. O assunto passou para a questão da teoria versus prática, o quanto se acumula de teoria e o quanto é difícil transpô-la para a realidade. O assunto retornou às aulas nas quais se discute o papel do psicólogo na sociedade contemporânea; todos se envolveram em críticas à forma como os professores em questão deixam os alunos com a sensação de que não sabem muita coisa. Ítalo é quem mais criticou a atitude dos professores, enquanto que Giulia procurou ressaltar a intenção dos professores de desenvolver uma atitude crítica por parte dos alunos.

Comentário 5: Úrsula identifica prontamente a semelhança entre os sonhos 3 (“A Morte do Marc”) e 4 (“Sádicos”), destacando o tema comum em torno da desqualificação e desrespeito, ao que Marcos agrega a ideia de todos estarem se formando e tornando-se independentes. O coordenador aponta as dualidades “desamparo x proteção” e “desqualificação x superação”. O sonho de Úrsula – Sádicos – catalisa a atenção dos participantes para uma dinâmica que pode se encaminhar para um processo psicoterapêutico em grupo, mas o coordenador procura focalizar o tema emergente. Surgem os temas de morte e renascimento. O coordenador propõe amplificação em torno do tema “morte”, por meio da evocação da imagem alquímica da

operação “*mortificatio*”, etapa necessária para o renascimento, ao que Giulia respondeu com uma síntese: as pessoas estavam “morrendo”, para em seguida vivenciarem um renascimento e um espaço de superação. As trocas seguintes enfatizam essa síntese: transformação ocorrida durante o trabalho na matriz, ou seja, morte como possibilidade de renascimento. Outros temas que surgem são o de desamparo, ansiedade, angústia e agressividade. O coordenador decide, então, formular uma questão que conecte diretamente os temas emergentes com a situação específica vivida pelos participantes, ou seja, a condição de formandos e recém-formados, prestes a exercer o papel de psicólogo. O tema da agressividade é retomado e a discussão refere-se à exigência social de agressividade para inserir-se no mundo profissional.

7.8.3 Discussão

O tempo dedicado ao processo associativo é utilizado em sua maior parte para a narrativa dos sonhos, todos eles apresentados com detalhes. O terceiro sonho narrado – “Morte do Marc” – assume as características de um “sonho-atrator”. O grupo apresenta associações fortemente conectadas com a relação mãe-filho, nascimento e morte. Um participante manifesta ansiedade por não poder dizer algo que lhe parecia ser uma interpretação psicológica do sonho de Úrsula. O coordenador intervém no sentido de reconduzir a tarefa a ser realizada pelo grupo, mostrando a diferença entre interpretar psicologicamente e fazer associação.

No diálogo reflexivo sobre os sonhos, chama a atenção o grau de intervenção realizada pelo coordenador, configurando uma atuação de pesquisador-participante, refletindo sentimentos, sintetizando reflexões, e, até mesmo, dando opinião sobre os assuntos abordados. O coordenador preocupa-se em conectar as reflexões dos participantes com o fato de serem psicólogos prestes a assumir o seu papel profissional. De fato, os temas emergentes conectaram-se com às circunstâncias vividas pelos participantes, denotando tratar-se de uma questão crítica para o grupo e parece ter favorecido *insights* interessantes para a compreensão dessas circunstâncias.

O terceiro e quarto sonhos – “A Morte de Marc” e “Sádicos” –, propiciam a emergência de tema comum em torno da desqualificação e desrespeito, relacionados ao fato de todos estarem se formando e tornando-se independentes da família. O coordenador aponta as dualidades “desamparo x proteção” e “desqualificação x superação”. O sonho de Úrsula – Sádicos – catalisou a atenção dos participantes para uma dinâmica que poderia se encaminhar para um processo psicoterapêutico em grupo: as trocas que assumiram caráter de apoio mútuo

dos participantes em torno das experiências com os pais (Ítalo, Maria, Giulia). Ítalo chama a atenção de Giulia para o fato de que ouvir Maria parece ser terapêutico. O coordenador procura focalizar o tema emergente da autoafirmação e independência pessoal em face da autoridade parental.

Diante dos temas de morte e renascimento, o coordenador propõe amplificação por meio da evocação da operação alquímica da “*mortificatio*”, que antecede o renascimento. A amplificação parece fazer sentido para Giulia que associa a morte das pessoas com a possibilidade de renascimento e de superação. De maneira geral, os temas enfatizam essa ideia: morte e transformação como possibilidade de renascimento. Outros temas surgem: desamparo, ansiedade, angústia e agressividade necessária para abrir espaço e se firmar como profissional.

Resumamos o quadro de temas que emergiram ao longo dos três encontros com esse grupo. No primeiro encontro, os temas que surgiram foram: a) término de um ciclo vital, b) busca de uma nova identidade social, c) desligamento da família, d) busca de afirmação de escolhas pessoais, e) dúvidas e ansiedades em relação ao preparo para o exercício da profissão de psicólogo, f) o compromisso de retornar o investimento social feito para sua educação. No segundo encontro, os temas em destaque foram: g) conflito entre vida pessoal e vida profissional, h) desamparo pessoal diante das exigências do exercício profissional, i) crítica das expectativas sociais associadas à profissão de psicólogo. E, neste terceiro encontro, a ênfase volta-se para: j) sentimentos de ser desqualificado e desrespeitado na relação com pais e professores, k) busca de independência e autoafirmação, l) desenvolvimento da agressividade psicológica necessária para conquistar um lugar social. Percebe-se, claramente, que todos esses temas orbitam um núcleo vivencial constituído pelas circunstâncias específicas desse grupo, caracterizadas aqui como sendo a finalização de uma fase preparatória para o início da vida profissional.

7.9 RESULTADOS E DISCUSSÃO (C2E4)

O quarto encontro contou com a participação de todo o grupo (quatro mulheres e dois homens - Giulia, Irma, Maria, Úrsula, Ítalo e Marcos) e teve a duração de 1h36min. Foram narrados três sonhos, por Irma, Ítalo e Maria (Tabela 8).

Tabela 8 – Sequência dos sonhos e respectivos narradores (C2E4)

Sequência de sonhos	Sonho narrado	Narrador
1	Estudante secundária	Irma
2	O ogro	Ítalo
3	Um presente para o namorado	Maria

O encontro é iniciado com rápida retomada do trabalho pelo coordenador e realizou-se em duas etapas: a primeira (48 minutos), dedicada à narrativa dos sonhos e ao processo de associação livre; a segunda (48 minutos), ao diálogo reflexivo sobre os sonhos, no qual buscaram-se os temas emergentes ou recorrentes. O tratamento e a análise das informações ocorreu de acordo com o disposto nos tópicos 6.4 e 6.5.

7.9.1 Narrativa de Sonhos e Associações dos Participantes

Sonho 1 – Estudante Secundária (Irma)

Eu estava me arrumando para vir para a UnB, coloquei uma calça jeans, um tênis branco, uma camisa branca e meu cabelo soltinho do jeito que eu gosto. Só que eu não estava vindo para cá, eu estava indo para a minha escola do Segundo Grau, que é uma escola de padre, que tem uniforme, uma escola particular, e o uniforme era, não podia ir de calça jeans de jeito nenhum e o sapato branco, de jeito nenhum, e a camiseta da escola. Então eu estava totalmente transgredindo as regras da escola. E assim, era caso de advertência e suspensão se fosse sem o uniforme, não entrava, não podia assistir a aula, era aquela pressão. E eu fui no carro da minha avó, minha avó estava dirigindo e minha mãe estava no banco da frente, sempre reclamando que eu estava sem o uniforme e como eu estava sem o uniforme ela ia ter que entrar na escola junto comigo para justificar eu estar sem o uniforme, e a minha mãe ainda ia ter que inventar uma mentira, porque na verdade eu estava sem uniforme porque eu

não vesti. E ela ia ter que inventar uma história, então ela estava muito irritada comigo, brigando muito comigo e perguntando porque eu não tinha vestido o uniforme, e eu estava super tranqüila porque estava indo para a UnB, eu não estava indo para a escola. E na hora que a gente chegou na frente da escola rogacionista, era uma escola pequena na verdade, eu me dei conta de que eu estava lá e fiquei com muito medo, fiquei apavorada como se esses anos todos que eu estive na escola tivessem sumido. Na hora em que eu acordei, fiquei com essa sensação de que eu ainda estava na escola e de que tudo isso que eu vivi não existiu de verdade, eu não estava na UnB, eu não era psicóloga e era uma estudante secundária ainda. E demorou um pouquinho ainda, fiquei ainda uns segundinhos ali naquele entre acordar e estar dormindo, eu estava muito angustiada de ainda estar na escola..

Associações dos participantes: Alívio por ser estudante universitária (risos); importância de entrar para a UnB, fazer o curso desejado, um sonho realizado, achar que vai acordar a qualquer momento de um sonho bom; sonhar acordada, tudo que foi estudado, vivido, não serviu para nada, angústia, voltar ao segundo grau mas com a maturidade de agora; acordar e descobrir que estava sonhando; conquista de entrar na UnB e deixar o cabelo crescer, liberdade, conquistas, tudo roubado (pelo sonho); sentimento de horror; sonhos com escola, *bullying* escolar, sentimento ambivalente, gostar de estudar, sentimento de proteção, liberdade, escolher livremente, instrumentalização oferecida pela escola, escola como retrato da sociedade; delegação dos pais à escola, a escola não é toda a vida; a escola como meio para chegar à universidade; amigos fora da escola, escola cerceadora; transgredir vestindo uma roupa não autorizada; escola mais libertária, com árvore-fumódromo; erro, engano; insegurança; conhecimento como a única coisa que não pode ser tirado da pessoa; o sonho pode ser tirado da pessoa; conhecimento pode ser “tirado” de alguém por menosprezo e desvalorização de outras pessoas.

Durante a série de associações, Ítalo arriscou uma interpretação sobre a imagem narrada por Irma (estar usando roupa não autorizada pela escola) como o desejo de Irma de se rebelar contra o ambiente restritivo. Giulia chamou a atenção para a tentativa de “interpretação psicológica” (“Não é para analisar, Ítalo”). Ítalo reagiu dizendo que não sabia quando estava interpretando e quando não estava. O coordenador brincou com a situação: “É porque passou algo pela sua cabeça, mas saiu de forma como se fosse uma interpretação, mas era uma imagem que te passava”. Ítalo confirmou que tinha lhe passado pela mente uma imagem de transgressão, mas continuou a questionar a possibilidade de não interpretar. Giulia brincou com Ítalo a respeito da dificuldade de não interpretar. O coordenador procurou reencaminhar

o trabalho. Úrsula e Irma passaram a trocar impressões sobre suas experiências escolares, uma muito restritiva e outra mais libertadora. Giulia interveio falando de sua experiência de transgressão no curso secundário. Ítalo falou sobre o autoritarismo vivido na igreja e na escola e confessa que se revolta diante de professores autoritários (“projeto muito a figura do pai no professor, eu não consigo dialogar”). Giulia e Irma disseram sentir-se da mesma forma. Ítalo narrou uma situação atual em que ficou paralisado diante do autoritarismo de um professor.

Comentário 1: A dificuldade de Ítalo de manter-se na regra da associação torna a acontecer, exigindo que o coordenador retome as orientações para a tarefa. Como o grupo começa a discutir o tema da desqualificação do conhecimento e da dificuldade de conviver com pontos de vistas divergentes, o coordenador decide retomar o trabalho mais associativo: “Tem algum outro sonho aí, que alguém possa conectar com o sonho da Irma?”

Sonho 2 – O Ogro (Ítalo)

Eu estava num lugar bem grande, bem amplo, tipo um pavilhãozão, estava tendo uma festa, com pessoas que eu não me identificava mesmo, essas festas bem populares. Churrascos que rolam, tipo eletrochurras, mas num nível pior, meio selvagens. Uma coisa de imagem, de sexo, as meninas vestidas com roupas muito pequenas e os homens com roupas... sem diálogo, uma coisa bem de imagem e um cara bem alto, um ogro bem gordo, ele entra e se engalfinha numas raízes de bambu que dá lá no teto, como se fosse um balanço; não é bem um balanço, mas o cara pega e começa a fazer de balanço e a estrutura que era toda de bambu cai porque o cara era muito grande e as pessoas dizem: “Oh!!!”. E o cara, muito animalzão, continua naquele balanço como se ele estivesse bem; ele estava desafiando a estrutura, todos que estavam ali olhando, e ele continua naquela força, até que aquela estrutura cai e as pessoas ficam com medo, ele desafia tudo. Eu achei aquilo tudo incrível, e ele ainda fez uma manobra para sair, ficou meio amarrado, mas ele dá um salto e sai daquela situação em que ele estava preso. As pessoas viam que ele estava preso, que ele estava em apuros, mas mesmo assim é como se ele não tivesse medo da morte, é como se ele desafiasse, como se ele soubesse que iria sair daquilo; aí ele dá um salto mortal e sai dessa situação e a estrutura não cai. Ele venceu a morte, mesmo correndo o risco de morrer, mas ele sabia que ia conseguir, ele sabia que conseguiria controlar, era uma figura bem forte. Eu acho aquela figura incrível, sigo essa pessoa na festa, vou atrás dele; tem uma hora em que a gente entra na praia e aí ele mais uma vez desafia a força do mar! Ele consegue não morrer

numa onda enorme. De novo, fico muito impressionado com o cara. Aí a gente entra numa livraria em Buenos Aires, uma livraria meio sebo, muito antiga e os livreiros, os donos da livraria, figuras bem de Buenos Aires, com uma roupa bem pesada, um paletó, uma espécie de cone, fumando um cigarro, uns caras velhos de uns 67 anos, sei lá, uns caras com muita experiência, como se tivessem lido todos aqueles livros antigos, os clássicos, e Buenos Aires, a visão que eu tinha quando eu fui é de um povo culto e com escritores maravilhosos, e o cara conhecia aquilo tudo, tranquilo, fumando o cigarro dele, meio sisudo. Chego com esse ogro na livraria, o ogro pega o livro que era um lançamento, uma obra do Cortazar (eu nunca li nada do Cortazar), mas aí ele pega esse livro, esse lançamento. Acho interessante, volto e pego na estante um livro bem no fundo, olho a contracapa do livro e está escrito uma paixão, uma paixão super forte de um argentino que vive em Buenos Aires, uma coisa bem cosmopolita, da pólis, e ele está apaixonado por uma selvagem. Ele está apaixonado – está descrito – por uma neozelandesa que é indígena, que está numa tribo, e ela está na Argentina e morre de paixão de uma forma bem sinestésica, com frutas, compara com ameixa, com umas coisas lindas que são da paixão dele pela selvagem.

Associações dos participantes: Tigre, sair com tigre de sabre; sensação de egoísmo, necessidade de se autoafirmar, escolher a despeito dos outros, prepotência; inocência; onipotência; “A indomada” (novela): vencer desafios, continuar a despeito das dificuldades; ogro como contraponto à sofisticação universitária; ogro como protetor.

Comentário 2: O coordenador pergunta se o grupo faz alguma conexão desse sonho com o sonho anterior, de Irma. Segue-se uma troca de impressões a respeito de possíveis conexões em torno de ideias de escola, conhecimento. O coordenador pergunta por algum outro sonho. Maria lembra-se de um sonho da semana anterior.

Sonho 3 – Um Presente para o Namorado (Maria)

Eu sonhei que estava num estacionamento, que eles estavam dirigindo e que ele [o namorado] tinha estacionado o carro um pouquinho longe do meu prédio e aparece um mecânico que vai arrumar o carro. Só que eu tinha combinado um lugar que era próximo ao prédio, aí teve esse desencontro, ele ficou chateado com esse desencontro e aí ele saiu e voltou para a casa dele. A gente tinha combinado de se encontrar mais tarde, mas ele ficou muito chateado com essa história, ficou desanimado e resolveu não sair de casa. Aí eu

pensei, “eu vou aproveitar então que a gente já tinha combinado, já que eu não vou mais encontrá-lo e vou comprar o presente dele”. Pensei em comprar um livro, fui numa livraria, só que eu não tinha nem noção de qual [livro] comprar e estava bem cheia a livraria, parecia até aquela livraria do Harry Potter. Tinha um monte de gente entrando e saindo, comprando material escolar, aquela turbulência, pessoas gritando “promoção”, aquela gritaria, e eu “ai meu Deus, que livro eu compro? Eu não sei!” Aí o Roque! [o coordenador], você estava no meu sonho! O Roque, foi uma participação mínima até, ele aponta e diz “oh, ali tem uma estante de livros muito bons em promoção! Ali tem uns livros”. Aí eu falei “caramba é isso mesmo!”. Aí eu agradei, escolhi o livro, comprei o livro e foi esse o presente!

Associações dos participantes: Sonho estranho, livro do Luís Fernando Veríssimo (“Com sexo na cabeça”), presente para o namorado, felicidade por encontrar o pesquisador (Roque) na livraria; ingratidão; excitação, lugares cheios. burburinho; crianças, rivalidade, material escolar, livros; desconforto com livraria cheia; animação, compra de material escolar quando criança; mãe comprando material; Harry Potter; mágoa.

Comentário 3: Pela primeira vez, nos sonhos narrados, aparece a figura do coordenador, orientando a sonhadora para a compra de um presente para seu namorado (um livro bom e em promoção).

7.9.2 Diálogo Reflexivo sobre os Sonhos

Como uma das participantes precisava se ausentar logo em seguida, o coordenador deu início à etapa de diálogo reflexivo e fez uma breve recapitulação dos sonhos apresentados. Os participantes destacaram alguns temas: conhecimento, cultura, emoções polarizadas, força, prepotência, imposição, impotência. Marcos retornou ao sonho do ogro para destacar que enquanto na festa o ogro quebrava tudo, na livraria isto não acontecia. O coordenador disse: “Parece que o ogro de alguma forma se transforma nesse processo...”. O que mais aparece nessas imagens? A questão da transgressão também foi um tema que apareceu. Transgredir, limites, normas”. Maria referiu-se às figuras de prestígio que aparecem nos sonhos: o sujeito da livraria e o Roque (coordenador) presentes na livraria. Irma complementou “prestígio de ser universitária”, com a concordância de Ítalo. O coordenador perguntou se teria surgido alguma imagem relacionada à perda. Úrsula respondeu prontamente que sim, referindo-se ao sonho de Maria. Ítalo ponderou que apareceu perda mas também ganho. O coordenador

apontou, então, a dicotomia ‘perda x ganho’. A imagem do ogro retornou à conversa e parece que impressionou o grupo, que o associou à transgressão de limites. O coordenador perguntou se a conversa teria alguma vinculação com a circunstância de vida do grupo. Ítalo, Irma, Maria responderam enfaticamente que sim. Maria disse que a conversa “veio sob encomenda para fechar o grupo”. O grupo brincou com o fato do coordenador aparecer no sonho de Maria. O coordenador comentou o fato de que o desejo de fazer uma análise psicológica individual do sonho de Maria é natural, tendo em vista o grupo formado por psicólogos, e aproveitou para esclarecer a natureza do trabalho que vem sendo realizado, em contraste com uma perspectiva de análise individual dos sonhos. Úrsula lamentou que esse seja o último encontro.

A título de síntese, o coordenador fez a seguinte colocação: “(Vocês) estão agora num processo de transição. Apareceram novamente temas relacionados com a questão da desqualificação. Sofrer uma desqualificação é como [...] passar uma borracha em cima de tudo aquilo que foi concretizado, que foi realizado, que foi adquirido ao longo desse tempo de formação”. Giulia, Irma e Maria retomaram o tema sobre o sentimento de que saem da universidade sem nada de concreto, apesar de todo o conhecimento adquirido. O coordenador chamou a atenção para o fato de que essa temática surgiu desde o início do trabalho: “[...] essa temática, ela aparece desde o nosso primeiro encontro [...]. Essa história de ‘bom, e agora, o que é que fica? Qual o meu grau de instrumentalização para lidar com essa profissão, não é? Para me inserir no mercado de trabalho, não é? Enfim, ocupar um lugar”.

A seguir, conforme previsto no início do encontro, Irma se ausentou. O grupo retomou a discussão sobre a desqualificação do conhecimento vivida em muitos momentos pelos participantes (oriunda de pais e professores); Giulia disse que se sente perdida por não aderir a uma determinada teoria. O coordenador associou esse sentimento com a imagem do ogro do sonho de Ítalo, alguém rude em um ambiente sofisticado como uma livraria.

Giulia: – [...] uma teoria que eu vou levar junto comigo para sempre, que eu tenha um conhecimento aprofundado dela.

Roque: – Quer dizer, é ser meio ogro nessa circunstância, não é?

Giulia: – Meio ogro. Totalmente na aula de cultura, não é? (risos) Eu sou um ogro total.

O coordenador fez uma distinção entre os “vértices do Édipo e da esfinge”, referindo-se a Bion, e explicou que a abordagem da matriz ocorre no vértice da esfinge, ou seja, no

vértice do conhecimento sobre a realidade vivida pelos participantes, a partir dos sonhos. O oposto a isso, ou complementar, seria o vértice do Édipo, ou seja, analisar os fenômenos sob o ponto de vista da dinâmica intrapessoal de cada um. Ilustra a possibilidade da abordagem no “vértice do Édipo” com o sonho do ogro, de Ítalo, que poderia ser visto na perspectiva da dinâmica intrapsíquica do sonhador por ter elementos bastante sugestivos, e todos ali serem psicólogos! Esclareceu, contudo, que esse não era o objetivo do trabalho na matriz.

A seguir, o coordenador perguntou se surgiu o tema da perda? Úrsula respondeu afirmativamente apontando para o sonho de Maria. Ítalo retificou dizendo que também aparece ganho, “uma perda que ganha”. O coordenador apontou para a dicotomia ‘perda x ganho’. Os participantes passaram a identificar imagens oníricas relacionadas a perda e ameaça (“ogro”), transformar perda em ganho (“namorado de Maria”), desespero de Irma (sair de uma situação boa, a Universidade, para outra de desespero, escola primária). O coordenador enfatizou o tema da perda no sonho de Irma (“como se tivesse perdido tudo aquilo que tinha sido conquistado”). Retornou o tema do “ogro” (“transgressão de limites”). O coordenador questionou se os temas surgidos vinculam-se com as circunstâncias de vida do grupo. Ítalo confirmou, Irma e Maria também. O grupo brincou com o fato do coordenador ter aparecido no sonho de Maria.

O “ogro” de Ítalo continuou a catalisar a atenção do grupo. O coordenador apontou para o fato de que o personagem passou por um processo de transformação: “Ele sai de uma situação de perigo, de uso da prepotência, de auto-afirmação, ostentação da sua energia física, não é? E vai parar dentro de uma livraria, folheando um livro, o lançamento de um livro. Quer dizer, um ato de sofisticação, não é? De burilção intelectual, não é? Quer dizer, o ogro não é o mesmo ogro...”. Úrsula e Ítalo concordaram. Úrsula brincou com Ítalo, dizendo que é um bom tema para levar para sua terapia individual. Ítalo concordou. O coordenador aproveitou para complementar com o “vértice da esfinge”:

No que diz respeito ao vértice da esfinge, tem esses elementos que a Giulia colocou aí, não é? Quer dizer, como você desqualifica certos atributos, não é? E valoriza outros, perdendo de vista que os atributos menosprezados são importantes para realização das coisas, não é? Quer dizer, se não tiver uma certa energia *ogra*, você também não faz. Você pode estar muito bem escolarizado, muito bem formado, muito bem em tudo.

Úrsula associou a fala do coordenador com o tema da agressividade discutido em encontro anterior. Começou a ganhar forma a ideia de que a imagem do ogro poderia representar para o grupo a capacidade de abrir espaço na vida. O coordenador apontou a

seguir elementos associados ao medo da perda. Giulia lembrou de um poema de Elizabeth Bishop sobre perda que foi lido em uma aula de psicodrama. O coordenador mencionou o surgimento nas associações de referências ambivalentes em relação à escola, como um lugar de liberdade, de experimentação, mas também de restrição, de autoritarismo e de alienação. Giulia lembrou que os calouros que ingressam na universidade ficam à espera de que os professores lhes dêem tudo. O coordenador comentou:

Quer dizer, é uma expectativa de que a universidade seja um lugar acolhedor e, enfim, muito protetor. Que é de fato, não é? Que é de fato. Ela é um ambiente de experimentação, tanto do ponto de vista do conhecimento quanto do ponto de vista das relações humanas, não é? [...] Agora vocês estão prestes a dar esse passo para fora, não é? Esse é um fato significativo. Um pouquinho mais, um pouquinho menos, com um pouquinho mais de elasticidade ou não, o fato é que é um processo de saída, não é? Alguns ficam um pouco mais, estão vinculados ainda a trabalhos aqui na universidade, ao Caep ou a um grupo de pesquisa.

Ítalo complementou: “estágio de licenciatura”. O coordenador continuou: “é diferente de quem está entrando. Ou de quem ainda está dentro e sabe que vai ficar um certo tempo, não é? Portanto tem um intervalo que a gente chamaria de uma moratória, não é?” Ítalo e Maria reconheceram-se na imagem da moratória proposta pelo coordenador que agregou na imagem os choques com as autoridades constituídas no campo psi, professores e profissionais que “vão dizer como as coisas devem acontecer”. Fez relação com a imagem do tigre e do ogro, enfurecidos: “O que é que esse cara vem dizer [o professor], eu estou me formando, pô! Eu também sou psicólogo!” (risos).

Ítalo e Maria disseram que a psicologia abriu muito suas cabeças, com a concordância de Marcos. Giulia disse que se preocupa com o fato de sair da universidade com a mesma escolha em relação à área de interesse que tinha ao entrar, como se o curso não tivesse produzido nenhuma transformação, mas que agora enxerga a área de forma diferente. Úrsula testemunhou as profundas transformações ocorridas em sua visão do ser humano em decorrência do curso. Ítalo fez referência ao seu processo de individuação que, segundo ele, foi favorecido pelo curso.

O grupo passou a discutir as relações entre o conhecimento do senso comum, popular, e o conhecimento acadêmico, científico; concordaram que o conhecimento popular tem o seu valor e suas limitações, o mesmo valendo para o conhecimento científico. O coordenador:

O senso comum não é a verdade absoluta. Então, nesse sentido, é uma matéria prima, na verdade, sobre a qual trabalhar. Matéria prima no sentido otimista mesmo, é uma matéria prima, é uma matéria confusa ainda, é uma matéria, é uma massa, na verdade. Que cabe fazer a separação, a distinção do que se trata. O que tem ali de preconceito, o que tem de abrir, refletir e o que tem de uma sabedoria mesmo popular, uma sabedoria cultural, não é? Que está naquele material. Quer dizer, não dá para rechaçar a matéria simplesmente pela sua origem, não é?

Continuaram a discutir a relação entre conhecimento científico, popular e ideologia. O coordenador lembrou que muitas vezes o próprio conhecimento científico é utilizado ideologicamente. Comentaram que as novelas de TV trabalham a partir do conhecimento popular e podem produzir efeitos educativos importantes. Falaram das novelas brasileiras em países africanos, a abordagem de temas como psicose, homossexualidade, violência, questão racial, drogas. Ítalo disse que a discussão na mídia deveria ser mais libertária. Deste ponto em diante, até o final do encontro, a discussão girou em torno do papel ideológico das emissoras de TV e jornais. O coordenador decidiu finalizar o encontro. Maria perguntou se os sonhos seriam analisados pelo pesquisador; este explicou que não, que não é esse o pressuposto do trabalho, que ele irá organizar o material coletado e analisá-lo na perspectiva teórica do sonhar social. Ítalo comentou que saía do encontro com a sensação de para ele os temas discutidos tornam-se mais elaborados; Úrsula e Giulia disseram que saíam melhor do que quando entraram. O coordenador: “Com certeza, se pensa, sai melhor”. Ítalo disse que se sentia respaldado pelo outro, que ao se contextualizar não se sente sozinho; Maria concordou. O coordenador reforçou o trabalho de pensar do grupo: “Pensar é sempre melhor do que não pensar...”. Giulia enfatizou que sempre saía melhor dos encontros, Ítalo confirmou. E o coordenador: “Mesmo que a gente não tenha as respostas todas de pronto e imediato, não é? Aquela história de conviver com uma certa incerteza, uma certa insegurança em relação ao conhecimento”.

Comentário 4: O Sonho do Ogro, apresentado por Ítalo, catalisa a atenção do grupo ao longo dessa etapa de reflexão sobre os sonhos, puxando associações ligadas à transformação pessoal e transgressão de normas, perdas versus ganhos. O tema do despreparo para iniciar a vida profissional como psicólogo também aparece de forma recorrente; a saída da universidade, lugar aconchegante e que fez a diferença na vida dos participantes, indicando valorização da experiência universitária. O grupo finaliza o encontro com uma discussão sobre os limites do conhecimento científico em face do conhecimento de senso comum e a questão ideológica que envolve os meios de comunicação. A atuação do coordenador é bastante expressiva, seja auxiliando o grupo na identificação dos temas recorrentes, seja oferecendo explicações sobre a metodologia empregada na matriz (distinção entre os vértices “édipo” e “esfinge”).

7.9.3 Discussão

Este encontro contém o menor número de sonhos narrados, embora a duração da etapa dedicada às narrativas e associações tenha tido superior à daquela dos encontros anteriores (Tabela 9).

Tabela 9 – Duração dos encontro e quantidade de sonhos narrados por encontro (*Corpus II*)

Encontro	Duração Total	Narrativas/Diálogo	Quantidade de Sonhos
1	1h40	40min/54min	15
2	2h21	47min/56min	7
3	1h24	42min/42min	4
4	1h36	48min/48min	3

Isto ocorre, visivelmente, em virtude da discussão que se estabelece durante as associações produzidas em relação ao primeiro sonho narrado, “A Estudante Secundária”. As associações giram em torno do papel que a universidade tem na vida da sonhadora, enveredando para uma comparação das experiências que os participantes tiveram em sua vida escolar (liberdade x autoritarismo). O grupo manifesta avidez em discutir os temas polêmicos, desviando-se do processo associativo, antecipando o que seria esperado para a segunda etapa do trabalho. Durante o processo de associação surgem dúvidas sobre a diferença entre fazer uma interpretação psicológica do sonho e uma associação, de certa maneira compreensível dada o fato de se tratarem de psicólogos; isto já ocorreu em encontros anteriores. O sonho “O

Ogro” que catalisa o interesse do grupo – um sonho-atrator –, sobretudo na etapa do diálogo reflexivo sobre os sonhos, oferece temas sobre transgressão, transformação pessoal, energia transformadora, associada com agressividade psicológica. Surgem também elementos relacionados com o abandono de lugar seguro e aconchegante (saída da universidade). O terceiro sonho, “Um Presente para o Namorado”, traz uma novidade: pela primeira vez o coordenador figura em um sonho narrado. Embora o grupo brinque com o fato disto ter acontecido, insinuando a presença de elementos transferenciais, o evento não foi trabalhado nesse vértice, pois isso implicaria em entrar na psicodinâmica da sonhadora; ao invés, a imagem foi compreendida como a presença de uma figura de prestígio, assinalando que o sonho apresentava um ganho associado com uma perda (desencontro com o namorado x compra de um presente). E, por fim, aparece um tema relacionado com um contexto social mais amplo, referente à relação entre conhecimento científico e conhecimento popular de senso comum e, também, a crítica sobre a ideologia dos meios de comunicação. Mais uma vez, as intervenções do coordenador configuram um papel de pesquisador-participante, dado o grau de intervenção por meio de comentários apresentados.

7.10 AVALIAÇÃO DE REAÇÃO AOS ENCONTROS (*CORPUS II*)

A especificidade do grupo – enquanto estudantes formados/formandos de psicologia – só ficou realmente clara para mim (“caiu a ficha”) na medida em que as associações convergiam para este assunto. A maneira como as associações eram feitas convergia, de alguma forma, para especificidades e aspectos que temos em comum, como se realmente, em alguma medida, nossos sonhos pudessem remeter a características ‘socialmente compartilhadas’ de nossas experiências.

(Irma, participante)

A seguir, são apresentados e discutidos os resultados da avaliação de reação parcial (Apêndice F), aplicada após o segundo encontro, e da avaliação de reação final (Apêndice G), aplicada após o quarto encontro. A primeira foi respondida por apenas cinco dos participantes. Irma não compareceu ao terceiro encontro por motivos de viagem acadêmica e respondeu apenas à avaliação de reação final.

7.10.1 Resumo da Avaliação de Reação Parcial

Desejei saber se a expectativa de participar dos encontros foi percebida pelos participantes como facilitadora da lembrança de sonhos: três das cinco respostas (Giulia, Maria e Úrsula) sinalizam a percepção da existência de relação positiva (Questão nº 1).

Todos declararam ter ficado à vontade para narrar seus sonhos. Embora as regras de funcionamento da matriz reservem ao sonhador a iniciativa de narrar seus sonhos e o preservem de qualquer tentativa de interpretação de caráter pessoal, ainda assim, narrar os próprios sonhos parece implicar um certo grau de exposição pessoal, razão pela qual, os participantes evocaram em suas respostas questões como “contrato terapêutico”, “caráter de confidencialidade do trabalho”, “clima de segurança para narrar os sonhos” (Questão nº 2).

Quanto ao sentir-se à vontade para fazer associações com os próprios sonhos ou com sonhos dos demais participantes, reiterou-se o tema da confiança, respeito e confidencialidade, surgido anteriormente. Contudo, aparece em duas das respostas (Marcos e Maria) certo incômodo pelo fato do processo associativo ter sido interrompido, às vezes, por um certo “tom de racionalização” e “análise”. Isto parece ter ocorrido no segundo encontro que em relação ao primeiro encontro apresentou metade da quantidade de sonhos narrados (de

15 para 7), em um tempo aproximadamente igual (40 min no primeiro, 47 min no segundo) (Questão 2). Não aparecem sinais de desconforto com o processo associativo realizado por outros em relação aos próprios sonhos: um dos participantes (Ítalo) evocou o caráter recíproco da situação associativa (“como faço associações com os sonhos deles também, penso ser justo que façam o mesmo comigo”), outro (Úrsula) mencionou o caráter positivo de “pensar e repensar sobre o sonho” (Questão nº 3).

Quanto aos assuntos surgidos nos encontros e considerados importantes pelos participantes, os participantes confirmaram os temas que puderam ser observados no acompanhamento dos encontros: “conflito entre vida profissional e vida familiar”, “morte como processo de transformação”, “insegurança sobre a competência profissional”, “dúvidas sobre a identidade profissional”. Temas relacionados com o especial momento de vida pelo qual passam os participantes (Questão nº 4).

Houve consenso em relação ao benefício pessoal advindo da participação nos dois primeiros encontros: mudança de perspectiva em relação ao reconhecimento da própria competência como psicóloga (Giulia); reflexão sobre os próprios sentimentos de desamparo no exercício da nova profissão (Ítalo); segurança advinda da elaboração de temas de “maneira onírica” (Marcos); reflexão que pode ajudar a tomar decisões importantes em relação à própria vida (Maria e Úrsula). Frase de Maria: “É engraçado como ficar contando sonhos e associando mexe tão fortemente conosco!” (Questão nº 5).

Nos comentários finais, Ítalo mencionou a “oportunidade [oferecida pela experiência com o sonhar social] de me situar diante de uma realidade maior que é a social, saindo do isolamento individual”; Marcos sugeriu que haja uma maior vigilância quanto à etapa de associações, evitando-se discussões e análises, o que, de fato, é desejável na condução da matriz; ressalta, ainda, um caráter frequentemente mencionado pelos pesquisadores do sonhar social: “a partir de um sonho que se torna coletivo, o grupo entra num processo associativo que se parece com um outro sonhar, produção de imagens e sensações de forma coletiva”. Maria referiu-se ao sentimento de ter recebido muito da experiência e sentir-se valorizada por estar participando de uma pesquisa; Úrsula sugeriu uma maior quantidade de encontros, com frequência semanal; a carga horária e a quantidade de participantes foi considerada ótima: “com mais participantes não teríamos a sensação confortadora e segura de uma conversa que parece ser informal”. Embora a literatura mencione matrizes realizadas com 40 ou mais pessoas, parece-me que a dinâmica deverá ser bastante diferente da dinâmica “intimista” à qual referiu-se Úrsula (Questão nº 7).

Todos realçaram qualidades positivas na condução do encontro: apontar pontos-chave, orientar a discussão, evitar prolongamento excessivo das discussões, assegurar a palavra a todos, atitude gentil e bem humorada, sintetizar o trabalho do grupo, propiciar ambiente de conforto, liberdade, sigilo, descontração e confiança, focalizar o assunto evitando que encontro caminhe para uma terapia grupal. Úrsula resume o papel do coordenador: “focar as associações, fazer o resumo dos sonhos, liderando a discussão final”. Destaca-se a opinião de Maria no sentido de que o coordenador “poderia fazer comentários menos extensos (apesar de muito interessantes), pois estando o grupo aquecido, ele ocupou um espaço de tempo que, imagino eu, seria interessante ser aproveitado para ouvir mais o grupo de formandos”. Parece que a participante refere-se às intervenções feitas pelo coordenador na etapa do diálogo reflexivo sobre os sonhos que, de fato, aproximaram-se de uma pequena aula, por exemplo, referindo-se a Bion e conceitos como “capacidade negativa”, bem como opiniões sobre o papel do psicólogo. O comentário é oportuno porque, aqui, parece que o coordenador cedeu à tentação de assumir o papel professoral sobre as questões suscitadas pelo grupo (Questão nº 6).

7.10.2 Resumo da Avaliação de Reação Final

De maneira quase unânime (cinco dos seis), os participantes referiram-se a uma maior facilidade para recordar seu sonhos, associada ao fato de estarem envolvidos com os encontros do sonhar social (Questão nº 1).

Os participantes declararam que a atividade de associar ficou mais fácil à medida em que os encontros ocorreram e apresentaram algumas razões para isso: a busca de um tema comum empreendida pelo grupo por meio das associações, a aprendizagem da tarefa proposta, o clima de confiança e intimidade instalado entre os participantes, o compartilhamento de uma mesma circunstância, a da serem formandos ou recém-formados em Psicologia, o prazer advindo da atividade de associar, a curiosidade sobre onde o grupo chegaria, a conexão criada entre sonhos e entre encontros (Questão nº 2).

Quanto aos assuntos considerados importantes e que surgiram nos encontros, os participantes mencionaram: passagem da vida de estudante para a vida profissional; desafio de conjugar a vida profissional com a vida familiar; surgimento de imagens de morte e renascimento como símbolos de transformação; mudança e renovação, associados com o fechamento de um ciclo de vida; mudança de estilo de vida; ansiedades para assumir uma profissão, o tornar-se psicólogo; tornar-se sujeito e não mais coadjuvante de sua própria vida;

responsabilidade do papel a ser assumido (o de psicólogo); importância da família nas decisões sobre a própria vida (Questão nº 3).

Quando questionados a respeito da ajuda que ideias e sentimentos surgidos durante os encontros ofereceram para pensar sobre mudanças em sua vida, os participantes valorizaram a experiência do sonhar social. Desde a atitude de prestar mais atenção aos próprios sonhos, até *insights* sobre a vida pessoal, por exemplo, maior clareza sobre como ser uma psicóloga. O compartilhamento de experiências, sentimentos, apreensões e temores parece ter reduzido as ansiedades individuais. Marcos valorizou sobretudo a experiência de fazer associações oníricas em grupo, mais do que o processo reflexivo. Questões pessoais, tais como o sentimento de desamparo familiar, o medo de ser mãe, dificuldades de relacionamento familiar, encontraram oportunidade de expressão e de alguma elaboração (Questão nº 4).

Alguns aspectos da experiência foram reforçados: prestar atenção aos próprios sentimentos nesse momento crítico da vida, refletindo sobre o objetivo pessoal ao se tornar psicóloga; a percepção de que trocas sociais transcendem experiência estritamente pessoais, oferecendo uma perspectiva intersubjetivamente compartilhada (algo que pode remeter a um inconsciente compartilhado, ou “coletivo”, segundo a expressão de Irma); experiência estética com o sonhar social, curiosidade em saber o que aconteceria com o aprofundamento dessa experiência e a intensificação do compartilhamento das experiências oníricas; percepção de ter entrado em contato com seus próprios sentimentos e pensamentos; oportunidade de descobrir aspectos desconhecidos de si mesma e de enfrentar sentimentos de desamparo. Apenas um participante – Marcos – relatou não ter sido significativamente afetado pela experiência, embora levante a possibilidade de não ter se entregado completamente ao processo (Questão nº 5).

Os comentários finais foram favoráveis à experiência. Chamou a atenção o comentário feito por Maria a respeito das intervenções de coordenador: na avaliação de reação realizada após o segundo encontro, a participante havia sugerido que o coordenador desse mais espaço para a fala dos participantes, uma vez que o grupo já estaria suficientemente aquecido. Agora, a mesma participante diz ter percebido uma mudança na conduta do coordenador, ou seja, ele teria assimilado a sugestão e dado maior espaço ao grupo. Curiosamente, não percebi diferença significativa na condução do terceiro e quarto encontros. Uma das participantes sugeriu a realização de maior quantidade de encontros, com frequência semanal, tendo sido consideradas ótimas a carga horária e a quantidade de participantes (Questão nº 6).

7.10.3 Discussão e Conclusões

De maneira quase unânime, os participantes percebem uma conexão entre a facilidade de lembrar dos sonhos e a expectativa de participar dos encontros. Isto aparece com mais clareza na segunda avaliação de reação, que ocorreu após o quarto encontro, e encontra correspondência em declarações de pesquisadores do sonhar social que constatarem uma maior prontidão para a lembrança de sonhos em pessoas que participam da matriz do sonhar social (por ex., Lawrence, 1998; Neri, 2003). De outra parte, é fato comumente observado em psicoterapia individual que pacientes lembram-se mais frequentemente de sonhos à medida em que sonhos são trazidos para as sessões. A atenção e interesse pelos sonhos parece atuar favoravelmente à sua recordação.

A atividade de associar parece ser facilitada pela experiência de trabalho na matriz. A percepção de uma temática (circunstância) comum ao grupo facilita o diálogo reflexivo sobre os sonhos e, às vezes, dirige o processo associativo, ainda que de maneira subliminar. É possível que a atividade associativa funcione como uma “janela” no filtro representado pela língua e pelos valores culturais apontados por Fromm (1970), como responsáveis pelo recalçamento ou dificuldade de perceber experiências sociais.

A perspectiva de utilização da matriz do sonhar social em estratégias de intervenção psicossocial e clínica passa pela percepção de viabilidade que as pessoas possam formar a respeito do dispositivo. Os participantes demonstram ficar à vontade na experiência e isto pode estar diretamente relacionado, por um lado, com a condução amigável e relaxada do coordenador, e, por outro, com o fato da não obrigatoriedade de narração de sonhos, ainda que a pessoa possa oferecer suas associações com os sonhos de outros. Essa regra ameniza possíveis sentimentos ameaçadores relacionados à autoexposição. Referências a “contrato terapêutico” e “confidencialidade do trabalho” pelos participantes recomendam que tais aspectos sejam enfatizados nas instruções iniciais dos encontros.

A experiência demonstra que certo cuidado com a interrupção do processo associativo, decorrente da ansiedade do grupo em discutir ideias que emergem nas associações, precisa ocorrer de modo a não abortar o processo imaginativo grupal. É exigido do coordenador estar atento para identificar o momento em que o grupo tende a antecipar o processo reflexivo em detrimento das associações. Esse risco foi apontado na primeira avaliação de reação com base no ocorrido no segundo encontro.

O processo associativo parece ser favorecido pela situação de reciprocidade dos participantes, induzindo uma continuidade da situação onírica coletiva, vivida no início

apenas individualmente. A ideia sobre a simultaneidade da atividade onírica inconsciente e o estado de vigília é enfatizada na teoria de Bion sobre o sonhar (Bion, 2000; Grotstein, 2010) e tem lugar equivalente nas propostas dos investigadores do sonhar social.

Percebe-se facilmente a relação das temáticas surgidas do diálogo reflexivo com as circunstâncias atuais vivenciadas pelos participantes: dilemas relacionados com o desafio de conjugar vida profissional e vida familiar; o processo de transformação vivenciado como morte e renascimento; ansiedades relacionadas com a competência pessoal para o exercício da profissão; a passagem da vida de estudante para a vida profissional; mudança e renovação, associados com o fechamento de um ciclo de vida; mudanças no estilo de vida; o tornar-se sujeito e não apenas coadjuvante de sua própria vida *versus* a importância da família nas decisões sobre a própria vida; a formação da identidade profissional; dúvidas a respeito da responsabilidade do papel de psicólogo a ser assumido.

A hipótese de que a matriz do sonhar social possa ser utilizada como instrumento de intervenção clínica passa pela identificação de possíveis benefícios psicológicos pessoais decorrentes da participação nesse tipo de encontro. Constata-se que os participantes percebem benefícios pessoais em participar da matriz, tais como, mudança de perspectiva em relação a si mesmo, maior consciência dos próprios sentimentos em relação às suas circunstâncias; ocorrência de reflexões que podem ajudar na tomada de decisões importantes em relação à própria vida. Segundo um dos participantes, a experiência com a matriz do sonhar social oferece a “oportunidade de me situar diante de uma realidade maior que é a social, saindo do isolamento individual”; consoante outro, “a partir de um sonho que se torna coletivo, o grupo entra num processo associativo que se parece com um outro sonhar, produção de imagens e sensações de forma coletiva”. Esses testemunhos vinculam a experiência subjetiva pessoal com elementos do contexto social, conferindo àquela o caráter de uma subjetividade social, tal como concebida pela psicologia sócio-histórica, na qual a subjetividade constitui-se como sistema aberto permanentemente envolvido com os contextos sociais, culturais e históricos em que o homem vive. O sujeito é sempre um indivíduo subjetivado, produtor de sentidos através das configurações subjetivas que o caracterizam e imerso de forma permanente em contextos nos quais atua e se expressa (González Rey, 2004).

Com base na presente experiência, podemos concluir que a valorização da experiência com o sonhar social é particularmente incrementada quando existe uma questão existencial crítica comum aos participantes do grupo (como ocorreu aqui com o grupo “psi” e, no grupo anterior, com os profissionais de gestão de pessoas). Não obstante, outras contribuições da experiência para a vida pessoal dos participantes são mencionadas: favorece a atenção aos

próprios sonhos; propicia insights sobre a vida pessoal; ajuda a reduzir as ansiedades individuais por meio do compartilhamento de experiências, sentimentos, apreensões e temores; oferece insumos para a elaboração de conflitos pessoais; propicia experiência estética com o sonhar social; afina a atenção em relação a sentimentos suscitados por certos momentos críticos de vida, bem como, a reflexão sobre objetivos pessoais; oferece, ainda, uma perspectiva intersubjetivamente compartilhada sobre o contexto social.

O estabelecimento de um relacionamento positivo com o pesquisador parece favorecer uma apreciação igualmente positiva da experiência. Alguns atributos da condução são percebidos como facilitadores do trabalho na matriz: apontar pontos-chave, orientar a discussão, evitar prolongamento excessivo das discussões, assegurar a palavra a todos, manifestar atitude gentil e bem humorada, sintetizar o trabalho do grupo, propiciar ambiente de conforto, liberdade, sigilo, descontração e confiança, focalizar o assunto evitando que encontro caminhe para uma terapia grupal. Os achados sugerem cuidado especial na condução da etapa de associação livre, priorizando-se as imagens associativas e evitando-se antecipações do trabalho reflexivo que ocorrerá na segunda etapa; no diálogo reflexivo, recomenda-se cuidado para não ocupar excessivamente o espaço discursivo do grupo com ampliações de natureza conceitual. A percepção de uma situação confortável e segura, decorrente de uma conversa mais próxima da informalidade pode estar associada a um pequeno número de participantes. Embora a literatura mencione matrizes realizadas com 40 ou mais pessoas [por ex., Lawrence (2003) relata experiência com 40 psicoterapeutas e Tatham (2007) informa sobre matrizes realizadas em congressos junguianos com mais de uma centena de pessoas], parece-me que a dinâmica deverá ser bastante diferente da dinâmica “intimista” à qual referiu-se a participante. Podemos conjecturar sobre possíveis efeitos de uma quantidade maior de encontros, digamos um encontro semanal durante três ou quatro meses em face das circunstâncias mutantes da vida dos participantes. Se, por um lado, podemos prever a ocorrência de um alargamento e aprofundamento de aspectos sociais, por outro, poderíamos ter igualmente um acirramento de questões individuais que resvassem para o “vértice do Édipo”, exigindo talvez novos enquadres para o trabalho¹. É algo a ser averiguado.

¹ Agradeço à minha orientadora, Prof^a Dr^a Vera Lúcia Decnop Coelho, a cogitação dessa segunda possibilidade.

7.11 CONCLUSÕES (*CORPUS I E II*)

Este documento dá continuidade à Subseção 7.5, na qual foram registradas as conclusões parciais proporcionadas pela análise e discussão do *Corpus I*; agregam-se, aqui, algumas novas conclusões oferecidas pelo *Corpus II*, bem como algumas comparações entre os dois conjuntos de informação.

As regras de funcionamento e o ritmo de trabalho da matriz parecem ser facilmente assimilados pelos participantes: neste grupo, tal como ocorreu no grupo anterior, a “regra fundamental” – evitar interpretações psicológicas, biográficas ou relacionadas à dinâmica do grupo, a partir dos sonhos narrados – foi adequadamente seguida, tendo ocorrido apenas duas ocasiões em que o coordenador precisou intervir no sentido de esclarecer a diferença entre apresentar associações e fazer interpretação psicológica do sonho. Na prática, nem sempre é fácil estabelecer a distinção, seja em virtude da formação específica de determinado grupo (como foi o caso de nosso grupo “psi”), seja porque fazemos parte de uma cultura com certa tendência a psicologizar os assuntos.

Um clima lúdico e descontraído estabelece-se, estimulado provavelmente pela liberdade do processo associativo, favorecendo o bom humor e a capacidade reflexiva. A atividade de associar parece ser incrementada à medida em que o trabalho na matriz prossegue. Isto pode ser observado em ambos os grupos investigados.

Embora alguns dos sonhos apresentados – sobretudo no primeiro encontro do grupo “psi” – tenham sido sonhados em períodos anteriores à época de realização da matriz, a vivência na matriz parece favorecer cada vez mais a lembrança de sonhos recentes que são trazidos para o trabalho. Os sonhos surgem uns após outros, como decorrência do processo associativo, confirmando experiências de encadeamento associativo relatadas nos trabalhos de Lawrence e colaboradores (Lawrence & cols., 1998, 2007). A experiência com o grupo “psi”, em particular, demonstra a necessidade de certo cuidado com a interrupção do processo associativo, decorrente da ansiedade do grupo em discutir ideias que emergem nas associações, evitando-se que ocorra um abortamento do processo imaginativo grupal. De fato, o cerne da metodologia consiste em utilizar os sonhos pessoais que possam revelar por meio do processo associativo grupal o seu enraizamento social. Um “ataque” reflexivo muito rápido sobre o material associativo interrompe o fluxo de ideias que podem representar uma abertura nos filtros dos conceitos, da língua, da lógica e dos costumes sociais, conforme apontado por Fromm (1970).

A atuação do coordenador intensifica-se no transcorrer dos encontros, sobretudo na etapa de diálogo reflexivo sobre os sonhos: de uma participação mais discreta na etapa de narrativas e associações para intervenções mais estruturadas e densas durante o diálogo reflexivo. Nas experiências relatadas neste estudo, pode-se notar uma diferença significativa no grau de intervenção do coordenador, sobretudo nessa segunda etapa: no grupo de profissionais de gestão de pessoas, o coordenador limitou-se a refletir sentimentos, fazer ampliações temáticas e sintetizar reflexões (observação-participante); no grupo “psi”, além disso, ofereceu informações e opiniões sobre os temas e questões apresentadas, configurando uma atuação mais interventiva, própria da pesquisa-participante. Ainda no grupo “psi”, pode-se perceber certa ansiedade do coordenador em conectar as reflexões dos participantes com o fato de serem psicólogos prestes a assumir o seu papel profissional (hipótese presumida pelo pesquisador). Seja como for, em ambos os casos, as sínteses emergentes conectam-se com o momento crítico vivido pelos participantes e parecem favorecer *insights* interessantes para a compreensão dessas circunstâncias. As experiências evidenciam, então, diferentes possibilidades de condução do dispositivo, em função da composição do grupo e dos objetivos pretendidos.

Em ambos os grupos, identificam-se alguns “sonhos-ator”, ou seja, sonhos que propiciam grande quantidade de associações e apontam para temas fortemente vinculados às circunstâncias dos participantes. Foi o caso, no primeiro grupo, dos sonhos “A Borboleta na Gaiola”, “Homem que Voa Dentro da Sala” e “As Cobras Voadoras” e, no segundo, dos sonhos “Ser Mãe”, “Grávida”, “A Morte do Marc”, “Sádicos” e “O Ogro”.

Os temas relacionados com o “Lá” (sociedade, expectativas sociais) e “Agora” (o momento de transição vivido pelos participantes), tal como proposto por Hopper (2003), ganham espaço nas discussões realizadas nos encontros. Embora não se possa dizer que elementos sociais inteiramente inconscientes tenham emergido, evidencia-se que aspectos fracamente percebidos recebem realce e, conseqüentemente, propiciam para os participantes consciência mais clara e reflexão mais profunda sobre as circunstâncias vividas. Assim é que, no primeiro grupo surgem temas relacionados com a restrição à criatividade no ambiente de trabalho, a falta de liberdade para inovar, o desafio de promover mudanças e a crise de identidade profissional; no grupo “psi”, aparecem as questões relacionadas com a mudança de identidade de estudante para a de profissional, o fim de um ciclo vital e os desafios de assumir uma profissão. Embora, não se possa saber de antemão quais aspectos da realidade social serão constelados, parece que as circunstâncias mais próximas têm sua emergência favorecida. Confirma-se, assim, a hipótese central da matriz do sonhar social: questões da

vivência social imediata dos participantes emergem no processo associativo e na elaboração reflexiva sobre os sonhos.

De maneira geral, ambas as experiências foram percebidas como agradáveis e produtivas, propiciando novas perspectivas sobre a realidade social vivida pelos participantes e, mais especificamente, sobre o momento crítico atual vivido pelos grupos. No caso dos profissionais de gestão de pessoas chegou-se mesmo à formulação de dois temas-síntese – “Como ser criativo diante dos limites colocados?” e “Como lidar com o novo?” – que poderiam gerar ações para a mudança organizacional, apontando para um possível projeto coletivo, conforme ponderei na Subseção 7.3.3; no caso dos “psi”, embora tenham surgido questões fortemente orientadas pelo “vértice do Édipo” (ansiedades em relação ao desligamento familiar e ao tornar-se adulto e autônomo, inseguranças em relação às mudanças identitárias, por exemplo), destaca-se também um fundo de questões socialmente contextualizadas, tais como, as representações sociais da profissão, o estatuto técnico e teórico da profissão, e o desenvolvimento da competência necessária para exercê-la.

Conforme ressaltai na Subseção 7.10.3, ao discutir as avaliações de reação do grupo “psi”, a utilização da matriz do sonhar social como instrumento de intervenção clínica passa necessariamente pelos possíveis benefícios psicológicos pessoais decorrentes da participação das pessoas nesse tipo de encontro. Alguns desses benefícios relatados pelos participantes do primeiro grupo relacionam-se com o exercício profissional, tais como, o aprendizado de uma metodologia de trabalho que possibilita perceber e observar comportamentos organizacionais “camuflados”, a oportunidade de discutir sobre as relações profissionais, além do prazer de participar, de ouvir o outro, de conhecer opiniões diferentes e ouvir pontos de vista diversos sobre os seus próprios sonhos. Para os participantes do grupo “psi”, os benefícios referem-se à mudança de perspectiva em relação a si mesmo, maior consciência dos próprios sentimentos em relação às suas circunstâncias; ocorrência de reflexões que podem ajudar na tomada de decisões importantes em relação à própria vida. A oportunidade de situar-se numa realidade social mais ampla parece oferecer um antídoto ao sentimento de excessivo isolamento individual. Em ambos os casos, a experiência subjetiva pessoal vincula-se com elementos do contexto social, oferecendo a conscientização de uma subjetividade social imbricada permanentemente com os contextos sociais, culturais e históricos em que os participantes se encontram.

Na próxima Subseção, complemento as conclusões expostas acima com a avaliação das hipóteses de trabalho que têm orientado os estudos dos teóricos do sonhar social.

7.12 AVALIAÇÃO DAS HIPÓTESES DE TRABALHO (*CORPUS I E II*)

As 12 hipóteses de trabalho, coligidas a partir dos escritos de Lawrence e cols. (2003, 2005) foram avaliadas em relação aos dois *corpus* de pesquisa. As hipóteses 2 e 3 originais – “a matriz é um continente *sui generis* para receber sonhos” e “a matriz oferece uma nova maneira de pensar sobre o sonhar” (ver Subseção 5.4.1), por estarem intimamente relacionadas, foram fundidas em uma única (a de número 2, abaixo).

1. É possível sonhar socialmente

Os encontros tendem a confirmar esta hipótese, mediante a realização bem sucedida da seqüência processual que caracteriza o sonhar social: a) compartilhamento de sonhos individuais, b) associações livres dos participantes, c) estabelecimento de conexões entre sonhos, d) identificação de padrões, e) emergência de significados sociais. Esta seqüência define operacionalmente o constructo “sonhar social”.

2. A matriz é um continente *sui generis* para receber sonhos e oferece uma nova maneira de pensar sobre o sonhar

Os participantes se envolveram no jogo de narrativas e associações recíprocas, suspendendo eventuais atitudes interpretativas voltadas para explicar o psiquismo individual. Nem sempre, de modo muito fácil, sobretudo quando se trata de pessoas do meio psi, como foi o caso do segundo grupo. “Cegaram-se” momentaneamente, aceitando as regras colocadas para a experiência. Exercitaram, portanto, uma forma pouco usual, pelo menos não hegemônica, de compreensão dos sonhos. Parece ter se desenvolvido, nos encontros, uma aprendizagem sobre a maneira de se lidar com os sonhos apresentados na matriz. O participante “aprende” que os procedimentos visam à explicitação do nexos social embutido nos sonhos. A hipótese confirmou-se.

3. O sonhar social questiona a idéia de que sonhos são poses pessoais, o que de fato são quando estamos lidando com uma situação terapêutica

Em ambos os grupos, os participantes assumiram que os sonhos individuais, ao serem narrados para o grupo, passaram a ser propriedade de todos. Isto é demonstrado pelo fato de se permitirem fazer associações livremente. Em momento algum, os participantes reagiram negando, ou rejeitando, associações feitas com “seus” sonhos. Ao contrário, o grupo manifestou compreensão e adesão à regra (associar-conectar-descobrir nexos).

Eventualmente, no caso do grupo “psi”, houve alguma iniciativa de interpretação individual, de certa forma esperada em se tratando de psicólogos, mas que foi resolvida a contento. A hipótese foi confirmada.

4. A experiência na matriz do sonhar social induz os participantes à tensão entre o finito e o infinito, entre o conhecido e o desconhecido, o consciente e o inconsciente

É difícil afirmar-se que o encontro tenha possibilitado a emergência de elementos totalmente inconscientes para os participantes. Alguns dos intercâmbios sugerem que, pelo menos, certos aspectos do inconsciente social ganharam realce no diálogo reflexivo sobre os sonhos. Talvez aspectos fracamente conscientizados tenham sido compartilhados pelos participantes. No segundo grupo (“psi”), nota-se a emergência de aspectos vivenciais e circunstanciais até então fracamente percebidos pelos participantes, a ponto de serem valorizados como verdadeiros *insights*, dando força à hipótese. A hipótese poderá ser melhor avaliada com um esquema experimental que contemple uma quantidade maior de sessões e que possa favorecer o surgimento de elementos mais inconscientes da vivência social dos participantes.

5. A experiência do sonhar social leva os participantes à busca do conhecimento e insights, utilizando o método científico, ou seja, hipóteses de trabalho. Ela coloca os participantes no campo da Esfinge (conhecimento) em contraposição ao campo do Édipo (a psiquê da pessoa). Nesse sentido, mobiliza a capacidade de pensar dos participantes, levando à apreensão de novos padrões de fatos.

Esta hipótese relaciona-se com as duas anteriores. Em ambos os grupos, pode-se observar que, durante os encontros, os participantes “garimpam” significados no emaranhado de associações que emergiram. Apresentaram atitude ativa de trabalho diante das questões propostas pelo coordenador e por eles mesmos. Evitaram entrar em aspectos centrados no vértice do Édipo – com exceção de duas ocorrências no grupo “psi” e a partir de um mesmo participante – por compreenderem que o propósito da atividade era gerar pensamentos sobre a realidade social da qual participam. Revelaram, portanto, interesse e disposição para examinar possibilidades de significados sugeridos pelos sonhos, associações e amplificações. É claro que a vertente da “esfinge” oferece informações contextuais que retroalimentam a reflexão introspectiva dos participantes; isso pode ser melhor observado nos depoimentos do grupo “psi”, mas também na última sessão do primeiro grupo. Considero a hipótese confirmada.

6. A matriz do sonhar social possibilita aos participantes a experiência de permanecer no desconhecido, permanecer na dúvida, diante de mistérios e incertezas.

Durante a narrativa dos sonhos e subsequente processo associativo e amplificador de temas, não se sabe ainda a que resultados se chegará. Perceptivelmente, a etapa de “matriz”, em decorrência da qualidade lúdica, favorece a espontaneidade e, conseqüentemente, tolera-se mais facilmente aspectos desconhecidos e misteriosos que emergem da associação livre. Em contrapartida, o diálogo reflexivo sobre os sonhos pode suscitar ansiedades diante da tarefa incerta de busca de significados sociais. Nos encontros do primeiro grupo, não surgiram ansiedades excessivas nessa etapa do trabalho, revelando que os participantes exercitaram a tolerância diante do incerto e duvidoso, critério importante de saúde psicológica na acepção de Bion (Grotstein, 2010). Pode-se dizer o mesmo do grupo “psi”, embora depoimentos na avaliação de reação denotem a emergência de ansiedades relacionadas ao “vértice do Édipo”, suportadas, contudo. Hipótese confirmada.

7. Os sonhos são fonte de criatividade e solução de problemas.

O primeiro corpus oferece evidências mais incisivas sobre o potencial dos sonhos como fonte de criatividade e solução de problemas sociais. Remeto a uma ocorrência ao final do terceiro encontro do grupo de profissionais de gestão de pessoas, quando o coordenador propôs que o grupo identificasse um sonho que fosse emblemático do trabalho realizado até então. Elza menciona dois dos sonhos narrados durante o encontro – “As Cobras Voadoras” e “Homem que Voa Dentro da Sala” – para, em seguida, “propor” a continuidade de um suposto sonho que englobaria os dois anteriores, na seguinte imagem: “uma janela para as cobras irem embora e o homem poder voar livremente”. “Solução” imaginativa, criativa sem dúvida, embora não propriamente uma solução, ainda. A imagem poderia vir a sofrer novas transformações, sugerindo caminhos para se lidar com o dilema trabalhado pelo grupo: “como ser criativo diante de um contexto organizacional restritivo”. No caso do grupo “psi”, podemos perceber evidências de “soluções psicológicas” surgidas da narrativa dos sonhos, como é usual acontecer em processos psicoterapêuticos. Podemos tomar como exemplo, as associações originadas pelo sonho “Sádicos”, do terceiro encontro, e “O Ogro”, do quarto encontro; o primeiro remetendo a uma mudança na atitude da sonhadora em relação a sua família e o último referindo-se à necessidade de uma atitude psicologicamente mais agressiva para enfrentar os desafios da vida. O potencial solucionador de problemas dos sonhos narrados na matriz poderia ser melhor identificado nos subseqüentes desdobramentos práticos

da matriz, no caso do contexto organizacional ao qual pertence o primeiro grupo, e no contexto familiar e profissional, no caso do segundo. Novamente, aqui, a hipótese pode ser fortalecida com a realização de uma quantidade maior de encontros de modo a possibilitar a identificação da emergência de novas soluções relacionadas com o contexto vivido pelos participantes.

8. Na matriz do sonhar social a transferência é para o sonho e não para o terapeuta-analista.

O primeiro *corpus* oferece exemplos de situações nas quais elementos transferenciais surgem tendo participantes e sonhos como objetos. Inicialmente, esses elementos transferenciais surgem projetados sobre colegas de trabalho, no Sonho 1 (C1E1) – “A Lanchonete”. São feitas referências a um estagiário e a seguranças da empresa; em seguida, a emoção se dirige para imagens do mesmo sonho (“mulher com cara de fuinha”). No Sonho 4 (C1E1), “A Borboleta na Gaiola”, que catalisou fortemente o grupo, uma participante – Sofia – manifestou raiva em relação à sonhadora (“Borboletas são maravilhosas e representam uma coisa muito bonita... Me deu vontade de avançar e te dar uma porrada para você sonhar e soltar a borboleta” [risos]) para, em seguida, dar-se conta de sua mobilização emocional, e dizer, referindo-se ao filme “Patty Adams”, ao qual havia associado o sonho: “É uma cena tão linda (no filme, o protagonista havia perdido a namorada e a borboleta surgiu como um sinal da continuidade da presença da amada), que fico com raiva da borboleta estar presa. Então, eu peço para você voltar a dormir e soltar ela”. O clima é onírico e as soluções são reparadoras, como se a sonhadora tivesse a autonomia para produzir um novo sonho que viesse a libertar a borboleta. De fato, parece que a situação configurada pela matriz favorece que eventuais elementos transferenciais se concentrem nas imagens oníricas. No grupo “psi”, aparecem indícios transferenciais à figura do coordenador [Sonho 3 (C2E3) – “Um Presente para o Namorado”] que não foram interpretados no “vértice do Édipo”. Embora o enquadre da matriz do sonhar social possibilite certa contenção para fenômenos transferenciais, seria interessante observar o que aconteceria num esquema de encontros mais frequentes. Talvez esses fenômenos viessem a se acirrar, exigindo uma intervenção interpretativa em moldes mais psicoterapêuticos. A hipótese necessita de mais averiguações.

9. A matriz do sonhar social é um fenômeno transicional que facilita a conversão do sonho experienciado subjetivamente em realidade objetiva

A experiência dos participantes do primeiro grupo parece indicar que a matriz do sonhar social possibilita a constituição de um espaço cultural de reflexão, discussão e de

possíveis propostas de intervenção sobre a realidade compartilhada. No primeiro encontro do grupo de profissionais de gestão de pessoas, por exemplo, uma participante – Xênia – expressou curiosidade de ver como se chegaria à realidade corporativa a partir dos sonhos. Ficou satisfeita ao perceber que isto foi possível, manifestando admiração pela transição do “sonhar” para o “refletir” sobre a realidade. No grupo “psi”, surgiram evidências semelhantes desse *espaço transicional*, sintetizadas na fala de um dos participantes: “[a matriz oferece] oportunidade de me situar diante de uma realidade maior que é a social, saindo do isolamento individual”, e de outro, ainda, “a partir de um sonho que se torna coletivo, o grupo entra num processo associativo que se parece com um outro sonhar, produção de imagens e sensações de forma coletiva”. Essas declarações denotam a emergência de um espaço psíquico comum e compartilhado no qual a experiência subjetiva de uma pessoa entra em ressonância com a de outra em direção à realidade coletiva objetiva, mediante o trabalho reflexivo que incide sobre as associações. De acordo com Lawrence (2005), a experiência de trabalhar em uma ambiência de pensar onírico possibilita ao indivíduo uma aprendizagem que o auxiliará a produzir mudanças nos diversos âmbitos de sua vida. Algo do tipo foi explicitado pelos participantes do grupo “psi”, conforme documentado na Subseção 7.10.2. A experiência de ambos os grupos parece corroborar a hipótese de trabalho.

10. O sonhar social pode ser usado como ferramenta de pesquisa e de consultoria (pesquisa-ação).

Quando cotejamos o esquema de trabalho adotado com ambos os grupos, constatamos a utilização de alguns dos preceitos da pesquisa-ação propostos por Barbier (2004) que destaco a seguir. Iniciei com a hipótese de que ambos os grupos (em especial, o grupo “psi”) viviam um momento de crise situada em um contexto específico (o da organização bancária, no primeiro caso, e o da formatura como psicólogos, no segundo). Essa hipótese, contudo, não foi previamente investigada mediante consulta aos grupos; em contrapartida, a matriz auxiliou, de fato, ambos os grupos a tomar consciência de suas questões críticas, revelando, assim, uma de suas potencialidades metodológicas como instrumento de pesquisa-ação. Quanto a saber se essas questões críticas dizem respeito, de maneira significativa, à toda coletividade (dos profissionais de gestão de pessoas ou dos formandos e recém-formados em psicologia), só poderíamos saber caso multiplicássemos a matriz com outros grupos da mesma comunidade, em busca de um ponto de “saturação” informacional.

Outro ponto de aderência da matriz ao método de pesquisa-ação foi o compartilhamento das informações obtidas durante o trabalho, a análise e interpretação

resultante do trabalho reflexivo ocorrido na segunda etapa de cada encontro. A linguagem utilizada nesse compartilhamento, análise e interpretação foi a do próprio grupo, recorrendo-se inclusive a códigos que emergiram durante o trabalho (imagens de sonhos, “sonhos-atrator”, ampliações).

Penso que a etapa que finalizaria uma estratégia de pesquisa-ação, qual seja, a de possibilitar à comunidade pensar em estratégias de ação transformadoras da realidade psicossocial, não foi implementada. Mas, apesar do trabalho não ter prosseguido até o ponto de aplicação das descobertas feitas por ambos os grupos, tudo indica que o material emergente poderá oferecer importantes *insights*, tanto para eventuais diagnósticos quanto para estratégias de intervenção psicossocial em ambiente organizacional, no caso do primeiro grupo, bem como para projetos de vida pessoais, no caso do segundo grupo, conforme sugerido por depoimentos na avaliação de reação dos encontros do grupo “psi” (conforme Subseção 6.5.10).

Concluo que esta hipótese de trabalho, amplamente corroborada pela experiência de Lawrence e colaboradores, conforme exposto na Subseção 5.4.1 deste estudo, é reforçada pelo *corpora* da presente pesquisa.

8 PENSAMENTOS PARA SEREM (RE)PENSADOS

A prática do sonhar social favorece o desenvolvimento da “capacidade negativa” (*negative capability*), tal como definida por Bion, e assume um caráter sinérgico¹ das intervenções clínicas psicoterapêuticas e psicossociais. (Hipótese de trabalho decorrente do presente estudo)

Neste estudo, procurei identificar potencialidades da matriz do sonhar social como um dispositivo de intervenção em psicologia clínica e psicossocial; a literatura científica disponível considera essa metodologia apropriada para trabalhos de pesquisa-ação aplicados em contextos organizacionais, institucionais e de grupos. A estratégia de pesquisa adotada consistiu em aplicar o dispositivo em dois grupos situados em contextos sociais diferenciados, com o objetivo de experimentar procedimentos de aplicação e identificar suas conveniências e dificuldades. Concomitantemente, busquei analisar a adequação da metodologia para o favorecimento da emergência de aspectos sociais, não conscientes ou fracamente conscientizados, relativos às circunstâncias vivenciadas pelos sujeitos. Adotei o pressuposto de que pensamentos relacionados ao universo de vida social comum aos indivíduos participantes estão à espera de alguém para pensá-los, segundo uma visão de inspiração bioniana adotada neste trabalho.

Os dois grupos estudados distinguiram-se em diversos aspectos: o primeiro, constituído por pessoas maduras (faixa dos 45 anos), em pleno exercício de sua profissão; o segundo, por jovens da faixa dos 24 anos que encontram-se na perspectiva do exercício da profissão de psicólogo. O primeiro, havendo-se com circunstâncias relacionadas a um ambiente organizacional fortemente estruturado, e seus consequentes desafios à expressão de uma subjetividade criativa; o segundo, confrontando-se com um momento crítico de passagem da vida estudantil para a vida profissional. Como esperado, as respectivas circunstâncias marcaram presença nas associações e reflexões emergentes durante o trabalho.

Os pensamentos expostos a seguir, à guisa de conclusões últimas da presente pesquisa, sintetiza os aspectos: reações dos participantes ao dispositivo, papel do coordenador na condução dos trabalhos, pensamentos que emergem na matriz, possibilidades de utilização desses pensamentos em processos de transformação da realidade psicológica e social.

¹ Sinergia: ação cooperativa de agentes sobre o organismo, de tal sorte que seu efeito é maior que a soma dos efeitos de cada um dos agentes aplicados isoladamente (Houaiss, 2001).

Concluo, então, com algumas considerações a respeito das hipóteses de trabalho avaliadas com base nos dois *corpus* que constituíram a pesquisa.

A participação em encontros do sonhar social foi percebida por ambos os grupos como uma experiência agradável e produtiva, propiciando novas perspectivas – se não inteiramente inconscientes até então, pelo menos fracamente percebidas, sobretudo em suas implicações emocionais – sobre a realidade social vivida pelos participantes, mais especificamente, o contexto organizacional no qual trabalham, no caso do primeiro grupo, e o momento de crise vivenciado pelos jovens psicólogos, no caso do segundo grupo. Os grupos facilmente compreenderam a tarefa proposta para os encontros – narrar sonhos, fazer associações, estabelecer ligações entre sonhos e encontrar nexos, bem como a regra de não incursionar por interpretações psicológicas, biográficas ou relacionadas à dinâmica do grupo, atendo-se às associações. De maneira geral, os participantes envolveram-se ludicamente no processo associativo e no clima onírico emergente, manifestando humor, ironia e capacidade reflexiva. Identifico aqui uma qualidade do dispositivo, reiterada na literatura, de que a matriz do sonhar social, ao não colocar o indivíduo diretamente em questão, focalizando antes o seu contexto, e daí seus afetos, expressos transferencialmente para os sonhos por meio do processo associativo, reduz as resistências e sentimentos de ameaça para os participantes.

O coordenador atuou de maneira diferenciada na condução dos dois grupos. De maneira geral, na etapa de narrativa e associação, em ambos os grupos, seu papel caracterizou-se pela contenção, evitando fazer associações, limitando-se a facilitar a compreensão e o cumprimento das regras de funcionamento da matriz; ofereceu eventualmente amplificações temáticas e destacou algumas associações. Por outro lado, no diálogo reflexivo sobre os sonhos com o grupo de profissionais de gestão de pessoas, assumiu postura ativa no sentido de obter dos participantes informação sobre os temas recorrentes no universo associativo dos sonhos, evitando manifestar-se sobre os temas emergentes. Com o grupo de psicólogos, sua atuação evoluiu de uma participação mais discreta para intervenções mais estruturadas e densas, seja refletindo sentimentos e sintetizando reflexões, seja oferecendo sua opinião a respeito das questões apresentadas. A diferença de atuação caracterizou duas possibilidades de intervenção do coordenador: na primeira, como um observador-participante; na segunda, mais próxima do papel de um líder em pesquisa-ação, contribuindo com seus próprios pensamentos para a discussão dos temas destacados. Embora o pesquisador tivesse repertório para lidar com ambas as situações configuradas pelos dois grupos – em função de seu conhecimento e experiência profissional na área organizacional, em um dos casos, e sua experiência como psicólogo e professor no outro, a

empatia/identificação do pesquisador com os jovens psicólogos predispôs um maior grau de intervenção, não planejado, é necessário dizer, com esse grupo. A experiência, contudo, serviu para evidenciar diferentes possibilidades de manejo do dispositivo.

Quanto a possíveis aspectos transferenciais com a figura do coordenador, pouco se observou. No primeiro grupo, a rotatividade dos participantes, conjugada com o pequeno número de encontros (três), pode ter dificultado o surgimento de relações claramente transferenciais. No segundo, poder-se-ia mais facilmente esperar que isso acontecesse, dado o fato, por exemplo, do pesquisador ter sido professor dos participantes. De fato, a única menção à presença da figura do coordenador em sonho narrado ocorreu nesse grupo mais invariante. Podemos apenas conjecturar se a emergência de aspectos transferenciais poderiam ou não se intensificar caso um número maior de encontros viesse a ocorrer. De toda a sorte, não foi difícil para o grupo, atribuir um sentido à presença onírica do coordenador/pesquisador no contexto dos pensamentos que estavam emergindo no diálogo.

O conceito de “sonho-atrator” emergiu no presente estudo como consequência da observação de que certos sonhos se apresentam como fortes atratores associativos (conforme Nota 1, da Subseção 7.2.1). Algumas de suas características são: o fato de tornar-se foco de atenção dos participantes, atrair grande quantidade de associações, favorecer conexões com outros sonhos, catalisar o processo de conexão das associações com as circunstâncias vivenciais comuns aos participantes, favorecer a construção de um sentido compartilhado pelo grupo e, por último, apresentar a tendência de ter suas imagens incorporadas ao “idioma” do grupo; em suma, um quase “grande sonho” das culturas tradicionais. A estratégia de identificar um ou mais sonhos cujas imagens sejam representativas das questões emergentes pode ser interessante, sobretudo, quando surgem “evoluções” espontâneas das imagens que podem apontar para novos pensamentos relacionados com às questões do grupo.

Outro aspecto interessante, cuja pesquisa em maior profundidade pode ser muito promissora do ponto de vista do manejo do dispositivo, refere-se à amplificação temática por meio de filmes, caracterizando-os como “filmes-sonho”, cuja característica conforme pudemos observar é a de prolongar o estado oniróide propiciado pelo processo associativo. Certamente, o cinema, por ser uma modalidade cultural bastante popular, oferece possibilidades amplificadoras para o sonhar social, como pode eventualmente acontecer com outras expressões artísticas, tais como a literatura e as artes plásticas.

Os temas relacionados com o “Lá (sociedade, expectativas sociais) e Agora (o momento problemático vivido pelos participantes)”, tal como proposto por Hopper (2003), ganharam espaço nas discussões realizadas nos encontros. Embora não se possa dizer que

elementos sociais inteiramente inconscientes tenham emergido, constata-se que aspectos fracamente percebidos receberam realce e, conseqüentemente, propiciaram consciência mais clara e reflexão mais profunda para os participantes.

A experiência com ambos os grupos parece apontar para o potencial da matriz do sonhar social e de seu complemento – o diálogo reflexivo sobre os sonhos – como dispositivo efetivo para a explicitação de situações sociais atuais e para a geração de ideias embrionárias que podem ser utilizadas para o desenvolvimento futuro do sistema em questão, corroborando a potencialidade da “matriz do sonhar social” como dispositivo de pesquisa-ação, conforme documentação de trabalhos científicos já realizados em outros países. Numa perspectiva mais individual, a experiência demonstra que o dispositivo propicia novas perspectivas sobre a realidade social vivida pelos participantes que, além disso, percebem benefícios pessoais em participar dos encontros, tais como, mudanças na percepção si mesmos e maior consciência em relação aos próprios sentimentos suscitados pelas circunstâncias de vida.

Outro aspecto bastante promissor do dispositivo refere-se ao exercício da capacidade de permanecer durante certo tempo – o tempo vivenciado na matriz – na incerteza, dúvida e obscuridade do universo onírico que se instala no trabalho. Tal aspecto – a “capacidade negativa” (*negative capability*) mencionada por Bion (2006) – já enfatizado pelos teóricos do sonhar social de Tavistock, pôde ser observado no presente estudo: navegar pelo universo associativo criado pelo grupo, buscar regularidades e identificar temas sociais significativos para a vida dos participantes é um exercício de tolerância à frustração diante daquilo que ainda não está dado e que se encontra em estado nascente. Ninguém sabe de antemão que aspectos da realidade social serão constelados, embora possa se supor que as circunstâncias mais próximas sejam favorecidas. Podemos conjecturar sobre os efeitos que tal exercício continuado poderá suscitar no desenvolvimento das capacidades psíquicas das pessoas que se disponham a participar de encontros do sonhar social. Da mesma forma, podemos indagar sobre a potencialização de processos psicoterapêuticos individuais ou grupais quando acompanhados por tais encontros. Tratam-se de questões que, embora sinalizadas, infelizmente não puderam ser contempladas, dadas as limitações do presente estudo, mas que ficam abertas a futuras investigações.

As hipóteses de trabalho com as quais os pesquisadores do sonhar social tem trabalhado receberam, de maneira geral, apoio do presente estudo (Subseção 7.12). Para a primeira delas, que diz respeito à própria possibilidade de um sonhar social e que foi confirmada por este estudo, propus uma definição operacional, inspirada na teoria comunicativa sobre o sonhar, advinda do referencial antropológico (Tedlock, 1991), para o

constructo “sonhar social” (Subseção 5.5.3), qual seja, uma sequência processual que envolve: a) o compartilhamento de sonhos individuais, b) as associações livres dos participantes, c) as conexões entre sonhos, d) a identificação de padrões associativos, e) a emergência de significados sociais.

Ainda sobre as hipótese de trabalho, ressaltei que estudos mais aprofundados a respeito do surgimento de aspectos transferenciais projetados sobre os participantes do grupo, bem como sobre o coordenador, precisarão ser melhor investigados: um esquema de trabalho com encontros mais numerosos e realizados durante um período de tempo maior talvez favoreçam a ocorrência transferencial, exigindo intervenções interpretativas nos moldes de um grupo analítico.

Ao longo deste estudo, cogitei mais uma hipótese de trabalho, diretamente relacionada à intervenção em psicologia clínica e psicossocial, passível de ser testada em futuros trabalhos, e que pode ser assim formulada: “A prática do sonhar social favorece o desenvolvimento da ‘capacidade negativa’, tal como definida por Bion, e assume um caráter sinérgico² nas intervenções clínicas psicoterapêuticas e psicossociais”. A “capacidade negativa” é frequentemente evocada por Bion como característica da atuação efetiva do analista, expressada na capacidade de contenção, “sem memória e sem desejo” (Bion, 2006, p. 47), capacidade emocional que liga elementos aparentemente não relacionados entre si em uma série de associações livres (Grotstein, 2010), evitando a precipitação em explicações imediatas e generalistas. Para Grotstein (2010), essa característica de funcionamento mental ganha cada vez mais o estatuto de uma qualidade da saúde psíquica que não seja apenas normalizadora, possibilitando tolerar a dúvida, a frustração e a incerteza, nas questões ordinárias da vida, bem como diante dos temas impercrutáveis da existência humana. Trata-se, portanto, de uma meta desejável para processos psicoterapêuticos e pode ser estimulada pelas vivências propiciadas pela matriz do sonhar social.

Desenhos de pesquisa que contemplem a articulação de dispositivos psicoterapêuticos (sessões de psicoterapia individual ou grupal) com encontros de sonhar social possibilitarão a investigação da mútua influência dessas estratégias. Penso que o presente estudo sinalizou algumas dessas potencialidades.

² Conforme Nota 1 acima.

REFERÊNCIAS

- Aczel, A. D. (2007). O caderno secreto de Descartes. (M. L. X. de A. Borges, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 2005).
- Barbier, R. (2004). A pesquisa-ação. (L. Didio, Trad.). Brasília: Liber Livro Editor. (Trabalho original publicado em 2002).
- Bastide, R. (2001). El sueño, el trance y la locura. (Trad. para o castelhano por José Castelló). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Publicado originalmente em francês – *Le rêve, la transe et la folie* – em 1972, Flammarion)
- Bauer, M. (2002). Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In Bauer, M. W. & Aarts B. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático. (P. A. Guareschi, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 2000).
- Bauer, M. W. & Aarts B. (2002). A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In Bauer, M. W. & Gaskell, G. (Edits.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático. (P. A. Guareschi, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 2000).
- Beradt, C. (2002). Rêver sous le III^e Reich. (Trad. do alemão por Pierre Saint-Germain; título original “Das Dritte Reich des Traums”). Paris: Éditions Payot & Rivages. (Trabalho original publicado em 1966).
- Bion, W. R. (1966). Os elementos da psicanálise. (R. Cacuro & M. M. dos Santos, Trans.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1963).
- Bion, W. R. (1975). Experiências com grupos. (W. I. de Oliveira, Trad.). 2^a ed. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1961).
- Bion, W. R. (1988). Estudos psicanalíticos revisados. (W. M. de M. Dantas, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1967).
- Bion, W. R. (2000). Cogitações. (E. H. Sandler e P. C. Sandler, Trans.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1990).
- Bion, W. R. (2006a). Atenção e interpretação. (P. C. Sandler, Trad.). 2^a ed. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (2006b). Experiencias en grupos. 1^a ed. 9^a reimp. Buenos aires: Paidós.
- Biran, H. (2007). The dreaming soldier. In Lawrence, W. G., Infinite possibilities of social dreaming (pp. 29-45). Londres: Karnac Books Ltd.
- Bollas, C. (1997). La sombra del objeto. Psicoanálisis de lo sabido no pensado. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Trabalho original publicado em 1987).
- Bollas, C. (2005). Associação livre. (C. M. Rosa, Trad.). Rio de Janeiro: Relume Dumará : Ediouro; São Paulo: Segmento-Duetto. (Trabalho original publicado em 2002).

- Capra, F. (1997). A teia da vida. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. (N. R. Eichenberg, Trad.). São Paulo: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1996).
- Carvalho, P. J. P. de (2004). Apresentação à edição brasileira de “A Polifonia dos Sonhos”. In Kães, R. A polifonia dos sonhos. A experiência onírica comum e compartilhada, pp. 13-18). (C. Berliner, Trad.). Aparecida, SP: Ideias & Letras (Col. Psicanálise Século 1).
- Clare, J. (2003). Dreaming the future. In Lawrence, W. G (Ed.). Experiences in social dreaming, pp. 36-59. Londres: Karnac Books.
- Di Maria, F. & Formica, I. (2006). Has the unconscious moved? RPC Rivista di Psicologia Clinica. Teoria e metodi dell'intervento, nº 2-3/2006. Disponível na internet em <http://www.rivistadipsicologiaclinica.it/>. Acessado em 22.04.2009.
- Diccionario Filosofico [on line]. Disponível: <http://www.filosofia.org/filomat/df237.htm> . Acessado em 02.06.2008.
- Edgar, I. R. (1994). Imaginary fields: the cultural construction of dream interpretation in three contemporary british dreamwork groups (Introdução e Capítulo I) [on line]. Disponível: <http://www.dur.ac.uk/i.r.edgar/cultdream.thesis.html> ou <http://www.dur.ac.uk/i.r.edgar/cultdream.political.html> . Acessado em 09.08.2010.
- Eisold K. (1998). Vision in organizational life. In Lawrence, W. G. (Ed.), Social dreaming @ work (pp. 49-58). London: Karnac Books.
- Foulkes, S. H. & Anthony, E. J. (1967). Psicoterapia de grupo. A abordagem psicanalítica. (R. Pontual, Trad.). Rio de Janeiro: Biblioteca Universal Popular. (Trabalho original publicado em 1957).
- Freud, S. (1977). Sobre os sonhos. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. V. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1901).
- Freud, S. (1999). A interpretação dos sonhos. (W. I. de Oliveira, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1900).
- Fromm, E. (1964). O dogma de Cristo. (W. Dutra, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1963).
- Fromm, E. (1974). O medo à liberdade. (O. A. Velho, Trad.). 9ª ed. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1941).
- Fromm, E. (1992). A descoberta do inconsciente social: contribuição ao redirecionamento da psicanálise. (L. H. S. Barbosa, Trad.). São Paulo: Manole. (Trabalho original publicado em 1990).
- Fromm, E. (1995). A arte de amar. (M. Amado, Trad.). Belo Horizonte: Itatiaia. (Trabalho original publicado em 1956).

- Fromm, E.; Suzuki, D. T. & De Martino, R. (1970). Zen budismo e psicanálise. (O. M. Cajado, Trad.). São Paulo: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1960).
- Giami, A. (2001). Counter-transference in social research: Georges Devereux and beyond. Papers in Social Research Methods, Qualitative Series nº 7, London School of Economics and Political Science, Methodology Institute [on line]. Disponível: <http://www.lse.ac.uk/collections/methodologyInstitute/pdf/QualPapers/Giami-counter-transference2000a.pdf> . Acessado em 20.11.2007.
- Gladwell, M. (2008). Fora de série. (I. Korytowski, Trad.). Rio de Janeiro: Sextante.
- González Rey, F. (2004). O social na psicologia e a psicologia no social. A emergência do sujeito. (V. L. M. Joscelyne, Trad.). Petrópolis: Vozes.
- Grotstein, J. S. (2010). Um facho de intensa escuridão. O legado de Wilfred Bion à psicanálise. (M. C. Monteiro, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 2007).
- Gui, R. T. (2005). Psiquê na pólis: individuação e desenvolvimento político da personalidade. Universidade de Brasília - UnB, 233 p., 1 vol. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Brasília.
- Gui, R. T. (2009). Conversando sobre política na situação psicoterapêutica. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 29, nº 2, pp. 346-363. Brasília: Conselho Federal de Psicologia.
- Hahn, H. (2007). Social dreaming ant the birth of South Africa's democracy. In Lawrence, W. G., Infinite possibilities of social dreaming (pp. 65-77). Londres: Karnac Books Ltd.
- Herdt, G. (1987). Selfhood and discourse in sambia dream sharing. In B. Tedlock (Ed.), Dreaming. Anthropological and psychological interpretations, (pp.5-85). Cambridge (UK): Universidade de Cambridge.
- Hopper, E. (2003). The social unconscious. Selected papers. London: Jessica Kingsley Publishers.
- Hopper, E. (2006). Notes for lectures on the concepts of transference and countertransference in psychoanalysis, psychoanalytic grouppsychotherapy and group analysis. Disponível na internet em: <<http://www.group-psychotherapy.com/articles/hoppere01.doc>>. Acessado em 20.04.2009.
- Houaiss, A. & Villar, M. de S. (2001). Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Jecupé, K. W. (1998). A terra dos mil povos. História indígena do Brasil contada por um índio. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Petrópolis.
- Jung, C. G. (1981). Psicologia do inconsciente. In C. G. Jung, Obras Completas de C. G. Jung (M. L. Appy, Trad., 2ª ed., Vol. VII, pp. 1-110). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1912).

- Jung, C. G. (1981). O eu e o inconsciente. In C. G. Jung, Obras Completas de C. G. Jung (D. F. da Silva, Trad., 2ª ed., Vol. VII, pp. 111-229). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1928).
- Jung, C. G. (1986). O complexo de tonalidade afetiva e seus efeitos gerais sobre a psique. In C. G. Jung, Obras Completas de C. G. Jung (M. De S. Cavalcante, Trad., Vol. III, pp. 31-43). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1907).
- Jung, C. G. (1989). Introdução à “A Psicanálise” de W. M. Kranefeldt. In C. G. Jung, Obras Completas de C. G. Jung (L. M. E. Orth, Trad., Vol. IV, pp. 310-320). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1930).
- Jung, C. G. (1991). Tipos psicológicos. In C. G. Jung, Obras Completas de C. G. Jung (L. M. E. Orth, Trad., Vol. VI). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1921).
- Jung, C. G. (1991). Aspectos gerais da psicologia do sonho. In C. G. Jung, Obras Completas de C. G. Jung (D. M. R. Rocha, Trad., 2ª ed., Vol. VIII, pp. 241-286). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1928).
- Jung, C. G. (1991). Da essência dos sonhos. In C. G. Jung, Obras Completas de C. G. Jung (D. M. R. Rocha, Trad., 2ª ed., Vol. VIII, pp. 289-305). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1945).
- Jung, C. G. (1991). Psicologia analítica e cosmovisão. In C. G. Jung, Obras Completas de C. G. Jung (D. M. R. Rocha, Trad., 2ª ed., Vol. VIII, pp. 373-396). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1927-1931).
- Jung, C. G. (1991). Sincronicidade: um princípio de conexões acausais. In C. G. Jung, Obras Completas de C. G. Jung (M. R. Rocha, Trad., Vol. VIII, pp. 437-534). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1952).
- Jung, C. G. (1993). A importância da psicologia para a época atual. In C. G. Jung, Obras Completas de C. G. Jung (L. M. R. Orth, Trad., Vol. X, pp. 133-151). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1933-1934).
- Jung, C. G. (1993). A luta com as sombras. In C. G. Jung, Obras Completas de C. G. Jung (L. M. R. Orth, Trad., Vol. X, pp. 207-215). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1946).
- Jung, C. G. (1998). Fundamentos da psicologia analítica. In C. G. Jung, Obras Completas de C. G. Jung (A. Elman, Trad., Vol. XVIII-I, pp. 15-185.). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1935).
- Jung, C. G. (1998). Símbolos e interpretação dos sonhos. In C. G. Jung, Obras Completas de C. G. Jung (E. Orth, Trad., Vol. XVIII-I, pp. 187-263). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1961).
- Jung, C. G. (2000). O conceito de inconsciente coletivo. In C. G. Jung, Obras Completas de C. G. Jung (M. L. Appy e D. M. R. F. da Silva, Trad., Vol. IX-1, pp. 51-63). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1936).

- Jung, C. G. (2000). Aspectos psicológicos do arquétipo materno. In C. G. Jung, Obras Completas de C. G. Jung (M. L. Appy e D. M. R. F. da Silva, Trads., Vol. IX-1, pp. 85-116). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1939).
- Kadis, A. L.; Krasner, J. D.; Winick C. & Foulkes, S. H. (1976). Psicoterapia de grupo. (Aydano Arruda, Trad.). 3ª ed. São Paulo: Ibrasa (Biblioteca psicologia e educação, 32). (Trabalho original publicado em 1963).
- Kaës, R. (1994). La invención psicoanalítica del grupo. (M. Guthmann, Trad.). Buenos Aires: Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo.
- Kaës, R. (2004). A polifonia dos sonhos. A experiência onírica comum e compartilhada. (C. Berliner, Trad.). Aparecida, SP: Ideias & Letras (Col. Psicanálise Século 1). (Trabalho original publicado em 2002).
- Kracke, W. H. (s/d). Cultural aspects of dreaming [on line]. Disponível: <http://dreamresearch.ca/en/cultural.pdf>. Acessado em 11.07.2007.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). A construção do saber. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. (H. Monteiro e F. Settineri, Trad.). Belo Horizonte: Ed. UFMG. (Trabalho original publicado em 1997).
- Lawrence, W. G. (1991). Won from the void and formless infinite: Experiences of social dreaming. Free Associations, 2 (part 2, nº 22): 254-266.
- Lawrence, W. G. (Ed.) (1998). Social dreaming @ work. London: Karnac Books.
- Lawrence, W. G. (1998). Social dreaming as a tool of consultancy and action research. In Lawrence, W. G. (Ed.), Social dreaming @ work (pp. 123-140). London: Karnac Books.
- Lawrence, G. (2003). Social dreaming as sustained thinking. Human Relations. Vol. 56(5): 609-624. London: The Tavistock Institute. Sage Publications.
- Lawrence, W. G. (2005). Introduction to social dreaming. Transforming thinking. London: Karnac Books.
- Lawrence, W. G. (Ed.) (2007). Infinite possibilities of social dreaming. London: Karnac Books.
- Marinelli S. & Gielli, R. (2007). Icons of the social dream: experiences at the University of L'Áquila, Italy. In Lawrence, W. G., Infinite possibilities of social dreaming (pp. 91-105). Londres: Karnac Books Ltd.
- Maroni, A. (2008). Eros na passagem. Uma leitura de Jung a partir de Bion. Aparecida (SP): Ideias e Letras.
- Matte-Blanco, I. (1998). The unconscious as infinite sets. An essay in bi-logic. Londres: Karnac. (Trabalho original publicado em 1975).

- Michael, T. A. (1998). Creating new cultures: the contribution of social dreaming. In Lawrence, W. G. (Ed.), Social dreaming @ work (pp. 107-122). London: Karnac Books.
- Michael, T. A. (2007). You must not be dreaming: how social dreaming may help us wake up. In Lawrence, W. G., Infinite possibilities of social dreaming (pp. 120-130). Londres: Karnac Books Ltd.
- Missenard, A. (Coord.). (1994). A experiência Balint: história e atualidade. (N. da S. Júnior, Trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Morgan, H. (2007). Shedding light on organizational shadows. In Lawrence, W. G. (Ed.), Infinite possibilities of social dreaming (pp. 106 - 112). Londres: Karnac Books Ltd.
- Morrison, R. T. & Boyd, R. N. (2002). Organic chemistry. 6ª ed. New Delhi: Prentice-Hall of India.
- Moura, M. L. S. de & Ferreira, M. C. (2005). Projetos de pesquisa. Elaboração, redação e apresentação. Rio de Janeiro: Eduerj.
- Neri, C. (1999). Grupo. Manual de psicanálise de grupo. (Rosana Bignami Viana de Sá, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1995).
- Neri, C. (2002). Introduction à la méthode du Social Dreaming Rapport sur les ateliers de Mauriburg. Raissa et Clarice Town. Avances en salud mental relacional, vol. 1, nº 1, mars. Espanha (Bilbao) [on line]. Disponível: <http://www.bibliopsiquis.com/asmr/0101/0101ial.htm> . Acessado em 02.06.2008.
- Neri, C. (2003). Social dreaming: report on the workshops held in Mauriburg, Raissa, and Clarice Town. In Lawrence, W. G (Ed.), Experiences in social dreaming (pp. 15-35). Londres: Karnac.
- Obeyesekere, G. (1990). The work of culture: symbolic transformation in psychoanalysis and anthropology. Chicago: University of Chicago Press (USA).
- Ortega y Gasset, J. (1967). Meditações do Quixote. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano. (Trabalho original publicado em 1914)
- Pieri, P. F. (2002). Dicionário junguiano (I. Storniolo, Trad.). São Paulo: Paulus. (Trabalho original publicado em 2002)
- Samuels, A. (1995). A psique política (R. Fiker & M. E. Fiker, Trads.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1993)
- Sardello, R. (1997). No mundo com alma. Repensando a vida moderna (P. M. Soares, Trad.). São Paulo: Ágora. (Trabalho original publicado em 1992).
- Shakespeare, W. A tempestade. Edição Ridendo Castigat Mores. Versão digital da eBooksBrasil.com [on line]. Disponível: <http://www.ebooksbrasil.org/nacionais/acrobatebook.html>. Acessado em 14.06.2006. (Original publicado em 1623).

- Shamdasani, S. (2005). Jung e a construção da psicologia moderna. O sonho de uma ciência. (Maria Silvia Mourão Netto, Trad.). Aparecida (SP): Idéias e Letras (Col. Psi-atualidades; 6). (Trabalho original publicado em 2003).
- Ortona, D., Planera, E. & Selvaggi, L. B. (2007). Vous êtes embarqué: social dreaming with a group of political refugees in Italy. In Lawrence, W. G., Infinite possibilities of social dreaming (pp. 78-90). Londres: Karnac Books Ltd.
- Sierra, P. G. (1999). Diccionario filosófico. Manual de materialismo filosófico. Uma introducción analítica. Fundación Gustavo Bueno. Oviedo (Espanha) [on line]. Disponível: <http://www.filosofia.org.filomat> . Acessado em 09.11.2007.
- Sievers, B. (2007). There is nothing more worth fighting for: social dreaming with social democrats in Austria. In Lawrence, W. G., Infinite possibilities of social dreaming (pp. 18-28). Londres: Karnac Books Ltd.
- Social Dreaming [on line]. Disponível: <http://www.socialdreaming.com/>. Acessado em 02.06.2008.
- Sociedade Bíblica do Brasil (1988). A bíblia sagrada na linguagem de hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil.
- Tatham, P. (2007). Social dreaming at the Jung Congress, In Lawrence, W. G. (Ed.). Infinite possibilities of social dreaming, pp. 113-119. Londres: Karnac Books.
- Tedlock, B. (1987a). Dreaming and dream research. In B. Tedlock (Ed.), Dreaming. Anthropological and psychological interpretations (pp. 1-30). Cambridge (UK): Universidade de Cambridge .
- Tedlock, B. (1987b). Zuni and Quiché dream sharing and interpreting. In B. Tedlock (Ed.), Dreaming. Anthropological and psychological interpretations (pp.105-131). Cambridge (UK): Universidade de Cambridge.
- Tedlock, B. (1991). The new anthropology of dreaming. Dreaming. Journal of the Association for the Study of Dreams, Vol. 1, nº 2, 1991 [On line]. Disponível em <http://www.asdreams.org/journal/articles/1-2tedlock1991.html>. Acessado em 23.10.2007.
- Unamuno, M. de. (1999). Del sentimiento trágico de la vida en los hombres y en los pueblos. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1913).
- Zimerman, D. E. (2004). Bion da teoria à prática. Uma leitura didática. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed.

APÊNDICE A – Convite para participar da oficina do sonhar social (grupo I)

Caros colegas,

Meu nome é Roque Tadeu Gui. Durante muitos anos, trabalhei na área de Gestão de Pessoas do Banco X, dedicando-me ao desenvolvimento de estratégias de desenvolvimento humano dos funcionários dessa instituição.

Hoje, estou envolvido com projeto de pesquisa no Curso de Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB), vinculado à linha de pesquisa “Saúde Mental e Cultura”, sob orientação da Prof^a Dr^a Vera Lúcia Decnop Coelho.

Proponho-me a estudar o “sonhar social” e as possibilidades de sua utilização como instrumento de promoção da saúde psicológica das pessoas nos grupos e organizações.

Para tanto, necessito constituir um grupo de pessoas interessadas em participar de uma oficina sobre o sonhar social. Convido-@ a fazer parte desse grupo.

O que é o sonhar social?

No início da década de 1980, um pesquisador chamado W. Gordon Lawrence, então diretor do Instituto de Relações Humanas de Tavistock, Londres (UK), desenvolveu estudos sobre a natureza social do sonhar. Suas conclusões, confirmadas por outros pesquisadores, apontam para uma concepção do sonhar como um fenômeno que diz respeito não apenas ao sonhador individual mas também ao contexto social em que este vive. Diante da questão de como explicitar essa base social do sonhar, Lawrence desenvolveu um dispositivo de trabalho com sonhos denominado “matriz do sonhar social”, equivalente ao que estamos chamando de “Oficina sobre o sonhar social”.

Como funcionará a “Oficina sobre o sonhar social”?

Um grupo de 7 a 10 pessoas se reunirá em três encontros com duração de hora e meia cada um e com intervalo de um ou dois dias entre eles.

O coordenador solicitará que um voluntário narre um sonho, compartilhando-o com o grupo. Após a narração do sonho, inicia-se a associação livre, feita pelo próprio sonhador ou por qualquer outro participante. “Associar livremente” significa dizer simplesmente o que lhe vem à cabeça quando você ouve a narrativa do sonho. Diante de um sonho narrado você poderá também narrar outro sonho, por associação àquele que foi apresentado. E assim,

sucessivamente. Não se trata de fazer interpretações sobre o que o sonho significa para o sonhador que o narrou mas sim de dizer o que o sonho lhe sugere, o que lhe ocorre quando ouve o sonho. A idéia é que ao ser compartilhado no grupo, o sonho passa a ser de propriedade coletiva; então, **o foco do trabalho é o sonho e não o sonhador.**

Ao término de cada sessão, em pequenos grupos, os participantes procurarão identificar temas e questões relacionados com o contexto social e sugeridos pelo processo de associação.

Ao final das três sessões, uma síntese dos temas e questões será apresentada aos integrantes da oficina, tornando-se matéria-prima para trabalhos de intervenção sobre a realidade social dos participantes.

É necessário “ter sonhos” para participar de uma oficina sobre o sonhar social?

Embora todos os sonhos sejam bem-vindos, os participantes não precisarão obrigatoriamente ter um sonho para ser narrado; ainda assim, poderão participar oferecendo suas associações a sonhos apresentados por outros participantes que se dispuserem a narrá-los. O único requisito desejado para a participação na matriz é a disposição para fazê-lo e para pensar sobre os sonhos e associações que ocorrerem.

Como acontecerá a oficina para a qual você está sendo convidado(a)?

Datas: 8 (terça-feira), 10 (quinta-feira) e 15 de julho (terça-feira).

Local: Sala 1209 do Ed. Y.

Horários: das 10h30 às 12h.

Confirmação de participação: enviar mensagem para roque.tadeu@gmail.com até 07/07/2008 (segunda-feira), anexando o [formulário](#) com dados pessoais.

Termo de consentimento livre e esclarecido: Pesquisas científicas que envolvem seres humanos devem contar com a assinatura de termo no qual o participante declara conhecer os objetivos do estudo e os procedimentos que serão adotados. Assim, você está recebendo cópia do documento que será assinado no primeiro encontro. Coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Agradeço a participação!

Roque Tadeu Gui

APÊNDICE B – Convite para participar dos encontros do sonhar social (grupo II)

Prezado(a) Colega,

Meu nome é Roque Tadeu Gui. Sou psicólogo e estou envolvido com projeto de pesquisa no Curso de Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB), vinculado à linha de pesquisa “Saúde Mental e Cultura”, sob orientação da Prof^a Dr^a Vera Lúcia Decnop Coelho.

Proponho-me a estudar o “sonhar social” e as possibilidades de sua utilização como instrumento de promoção da saúde psicológica das pessoas nos grupos e organizações. Para tanto, necessito constituir um grupo de pessoas interessadas em participar de alguns encontros sobre o sonhar social. Convido-o(a) a fazer parte desse grupo.

O que é o sonhar social?

No início da década de 1980, W. Gordon Lawrence, pesquisador e diretor do Instituto de Relações Humanas de Tavistock, Londres, Inglaterra, desenvolveu estudos sobre a natureza social do sonhar. Suas conclusões, confirmadas por outros pesquisadores, apontam para uma concepção do sonhar como um fenômeno que diz respeito não apenas à pessoa que sonha mas também ao contexto social em que esta vive. A fim de explicitar essa base social do sonhar, Lawrence desenvolveu um dispositivo de trabalho com sonhos denominado “matriz do sonhar social”, equivalente ao que estamos chamando de “Encontros do Sonhar Social”.

Como funcionarão os “Encontros do Sonhar Social”?

Um grupo de 10 pessoas se reunirá em quatro encontros com duração de duas horas cada um, duas vezes por semana. O coordenador solicitará a um voluntário que conte um sonho, compartilhando-o com o grupo. Após a narração do sonho, ocorrerá a associação livre, feita pelo próprio sonhador ou por qualquer outro participante do grupo. “Associar livremente” significa dizer simplesmente o que lhe vem à cabeça quando você ouve a narrativa do sonho. Diante de um sonho contado você poderá também narrar outro sonho, por associação àquele que foi apresentado. E assim, sucessivamente. Não se trata de fazer interpretações sobre o que o sonho significa para o sonhador que o narrou, mas sim de dizer o

que o sonho lhe sugere, o que lhe ocorre quando ouve o sonho. O foco do trabalho, então, é o sonho e não o sonhador. Isto significa que, ao ser compartilhado, o sonho, embora sonhado pelo indivíduo, passa a ser propriedade do grupo.

A seguir, os participantes procurarão identificar temas e questões sugeridos pelos sonhos e pelas associações, relacionado-as com o contexto social no qual vivem, por exemplo, sua vida na comunidade, no trabalho, na família, no país ou até mesmo no mundo. Ao final, será solicitado que cada participante responda a um questionário sobre a experiência vivenciada nos encontros.

Ao final das quatro sessões, uma síntese dos temas e questões que surgiram no decorrer dos encontros será apresentada aos participantes, ocorrendo, então, uma conversa sobre aspectos do ambiente social percebidos pelo grupo. Será solicitada, também, uma avaliação final de todo o trabalho realizado.

É necessário “ter sonhos” para participar dos encontros do sonhar social?

Embora todos os sonhos sejam bem-vindos, os participantes não precisarão obrigatoriamente ter um sonho para ser contado; ainda assim, poderão participar oferecendo suas associações a sonhos apresentados por outros participantes que se dispuserem a narrá-los. O único requisito desejado para a participação nos encontros é a disposição para fazê-lo e para pensar sobre os sonhos e associações que ocorrerem.

Como acontecerão os encontros para os quais você está sendo convidado(a)?

Datas: 10, 15, 17 e 22 de setembro de 2009 (terças e quintas-feiras).

Local: Sala do Caep a ser designada.

Horários: das 18h30 às 20h30.

Confirmação de participação: retornando e-mail para Roque Tadeu Gui.

Termo de consentimento livre e esclarecido: Pesquisas científicas que envolvem seres humanos devem contar com a assinatura de termo no qual o participante declara conhecer os objetivos do estudo e os procedimentos que serão adotados. Assim, você está recebendo cópia do documento que será assinado no primeiro encontro. Coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Agradeço a participação!

Roque Tadeu Gui – roque.tadeu@gmail.com – (061) 9966-6994

APÊNDICE C – Termo de consentimento livre e esclarecido (grupo I)

Pesquisa

Oficina do Sonhar Social: Uma Estratégia de Intervenção em Psicologia Clínica.

Pesquisador

Roque Tadeu Gui.

Orientadora

Prof^a. Dr^a. Vera Lúcia Decnop Coelho.

Natureza da pesquisa

Você é convidado a participar dessa pesquisa que tem como finalidade aprofundar a base teórica sobre o sonhar social, a partir dos estudos psicanalíticos e da psicologia analítica junguiana, e explorar possibilidades de sua utilização como dispositivo de intervenção psicossocial clínica.

Participantes da pesquisa

Aproximadamente 12 pessoas, de ambos os sexos e diversas faixas etárias, profissionais da Diretoria de Gestão de Pessoas do Banco X.

Envolvimento na pesquisa

Você participará de três encontros grupais, que constituirão a “Oficina sobre o Sonhar Social”. Cada encontro durará mais ou menos uma hora e meia. O coordenador solicitará que um voluntário narre um sonho, compartilhando-o com o grupo. Após a narração do sonho, iniciar-se-á a associação livre, feita pelo próprio sonhador ou por qualquer outro participante. “Associar livremente” significa dizer simplesmente o que lhe vem à cabeça quando você ouve a narrativa do sonho. Diante de um sonho narrado você poderá também narrar outro sonho, por associação àquele que foi apresentado. E assim, sucessivamente. Não se trata de fazer interpretações sobre o que o sonho significa para o sonhador que o narrou mas sim de dizer o que o sonho lhe sugere, o que lhe ocorre quando ouve o sonho.

Você tem a liberdade de não participar e pode abandonar o projeto em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para você.

Sempre que quiser, você poderá pedir mais informações sobre a pesquisa. Para isto, entre em contato com o pesquisador por meio do telefone 061-9966-6994 ou e-mail roque.tadeu@gmail.com.

Sobre os encontros

As datas dos encontros serão informadas previamente à sua adesão. Embora o estudo conte com a disposição dos participantes para narrar seus sonhos, você não é obrigado a fazê-lo. Mesmo assim, poderá oferecer suas associações livres, ou seja, as idéias que lhe vêm à cabeça, em relação aos sonhos dos demais. Os encontros serão gravados e, eventualmente, filmados.

Riscos e desconforto

A participação nessa pesquisa não traz complicações, à exceção apenas, talvez, de certa timidez que algumas pessoas têm quando observadas ou filmadas.

Confidencialidade

Todas as informações coletadas nesse estudo são estritamente confidenciais. Os vídeos e os relatos de pesquisa serão identificados com um código, e não com seu nome. Apenas os membros do grupo de pesquisa terão conhecimento da autoria das informações. Se você der sua autorização por escrito, assinando a permissão para utilização de imagens em vídeo, as informações poderão ser utilizadas para fins de ensino e durante encontros e debates científicos.

Benefícios

Participando da pesquisa, você não terá nenhum benefício direto, salvo a oportunidade de vivenciar uma provável experiência criativa de trabalho com sonhos. Entretanto, esperamos que esse estudo nos dê informações importantes sobre o significado social dos sonhos individuais, quando compartilhados e discutidos por um grupo de pessoas, bem como sobre as possibilidades de utilização dessa metodologia em trabalhos de promoção da saúde psicológica das pessoas envolvidas.

Pagamento

Você não terá nenhum tipo de despesa por participar dessa pesquisa. Também nada será pago por sua participação. No entanto, você receberá cópias dos relatórios da pesquisa contendo os resultados do estudo.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse em participar da pesquisa.

Nome do participante

Local e data

Assinatura do participante

Pesquisador – Roque Tadeu Gui

Orientadora – Prof^ª. Dr^ª. Vera Lúcia Decnop Coelho

APÊNDICE D – Termo de consentimento livre e esclarecido (grupo II)

Pesquisa

Matriz do Sonhar Social: Um Dispositivo de Intervenção em Psicologia Clínica.

Pesquisador

Roque Tadeu Gui.

Orientadora

Prof^a. Dr^a. Vera Lúcia Decnop Coelho.

Natureza da pesquisa

Você é convidado a participar dessa pesquisa que tem como finalidade aprofundar a base teórica sobre o sonhar social, a partir dos estudos psicanalíticos e da psicologia analítica junguiana, e explorar possibilidades de sua utilização como dispositivo de intervenção psicossocial clínica.

Participantes da pesquisa

Aproximadamente 10 pessoas, adultos de ambos os sexos e diversas faixas etárias, alunos do Curso de Psicologia da Universidade de Brasília (UnB), prováveis formandos em 2009.

Envolvimento na pesquisa

Você participará de quatro encontros grupais, que constituirão os “Encontros do Sonhar Social”. Cada encontro durará cerca de 2 (duas) horas. O coordenador solicitará a um voluntário que narre um sonho, compartilhando-o com o grupo. Após a narração do sonho, iniciar-se-á a associação livre, feita pelo próprio sonhador ou por qualquer outro participante. “Associar livremente” significa dizer simplesmente o que lhe vem à cabeça quando você ouve a narrativa do sonho. Diante de um sonho narrado você poderá também narrar outro sonho, por associação àquele que foi apresentado. E assim, sucessivamente. Não se trata de fazer interpretações sobre o que o sonho significa para o sonhador que o narrou mas sim de dizer o que o sonho lhe sugere, o que lhe ocorre quando ouve o sonho.

Você tem a liberdade de não participar e pode abandonar o projeto em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para você. Sempre que quiser, você poderá pedir mais

informações sobre a pesquisa. Para isto, entre em contato com o pesquisador por meio do telefone 061-9966-6994 ou e-mail roque.tadeu@gmail.com.

Sobre os encontros

As datas dos encontros serão informadas previamente à sua adesão. Embora o estudo conte com a disposição dos participantes para narrar seus sonhos, você não é obrigado a fazê-lo. Mesmo assim, poderá oferecer suas associações livres, ou seja, as idéias que lhe vêm à cabeça, em relação aos sonhos dos demais. Os encontros serão gravados e, eventualmente, filmados.

Riscos e desconforto

A participação nessa pesquisa não traz complicações, à exceção apenas, talvez, de certa timidez que algumas pessoas têm quando observadas ou filmadas.

Confidencialidade

Todas as informações coletadas nesse estudo são estritamente confidenciais. Os vídeos e os relatos de pesquisa serão identificados com um código, e não com seu nome. Apenas os membros do grupo de pesquisa terão conhecimento da autoria das informações. Se você der sua autorização por escrito, assinando a permissão para utilização de imagens em vídeo, as informações poderão ser utilizadas para fins de ensino e durante encontros e debates científicos.

Benefícios

Ao participar da pesquisa, você terá a oportunidade de vivenciar uma provável experiência criativa de trabalho com sonhos. Esperamos que esse estudo nos dê informações importantes sobre o significado social dos sonhos individuais, quando compartilhados e discutidos por um grupo de pessoas, bem como sobre as possibilidades de utilização dessa metodologia em trabalhos de promoção da saúde psicológica das pessoas envolvidas.

Pagamento

Você não terá nenhum tipo de despesa por participar dessa pesquisa. Também nada será pago por sua participação. No entanto, você receberá cópia do relatório da pesquisa contendo os resultados do estudo.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse em participar da pesquisa.

Nome do participante

Local e data

Assinatura do participante

Pesquisador – Roque Tadeu Gui

Orientadora – Prof^ª. Dr^ª. Vera Lúcia Decnop Coelho

APÊNDICE E – Avaliação de reação aos encontros do sonhar social (grupo I)

Gostaria de contar com sua avaliação sobre a experiência de ter participado da Oficina do Sonhar Social. Por favor, responda às questões abaixo:

1. Lembra-se de ter sonhado na noite anterior às sessões da oficina? Você associa o fato de ter sonhado com a expectativa de participar da Oficina no dia seguinte? Por que?
2. Quantos sonhos você apresentou na oficina? Sentiu-se à vontade para fazê-lo?
3. Quantos sonhos seus não foram apresentados? Por que você não os apresentou?
4. Sentiu-se à vontade para fazer associações com os sonhos narrados?
5. Como sentiu-se ao ouvir associações sobre seu sonho feitas por outros participantes?
6. Uma vez apresentado, algum sonho seu ficou sem associações? Caso afirmativo, como sentiu-se?
7. Durante a apresentação dos sonhos e das associações, você identificou temas que relacionou com algum aspecto do seu ambiente social?
8. Em sua opinião, a atuação do coordenador ajudou ou dificultou o processo associativo dos participantes da Oficina? De que maneira?
9. Nos diálogos reflexivos sobre sonhos, seu grupo identificou temas relacionados com algum aspecto do ambiente, seja organizacional, ou social em sentido mais amplo?
10. Segundo sua opinião, a Oficina ofereceu informações relevantes sobre o atual estado da sua organização ou da sociedade num sentido mais amplo?
11. Você acredita que as informações que surgiram da Oficina possam subsidiar ações transformadoras de algum aspecto organizacional ou social?
12. De um ponto de vista pessoal, a participação na Oficina trouxe-lhe algum benefício psicológico ou profissional?
13. Você gostaria de dizer algo mais sobre sua experiência de ter participado da Oficina do Sonhar Social?

Nome do participante: _____

APÊNDICE F – Avaliação de reação parcial dos encontros do sonhar social (grupo II)

Gostaria de contar com sua avaliação sobre a experiência de ter participado dos dois primeiros encontros. Por favor, responda às questões abaixo:

1. Lembra-se de ter sonhado na noite anterior aos encontros? Você associa o fato de ter sonhado com a expectativa de participar do encontro? Comente por favor.
2. Sentiu-se à vontade para apresentar seus sonhos? Comente, por favor.
3. Sentiu-se à vontade para fazer associações com os sonhos narrados por você ou pelos demais participantes? Comente, por favor.
4. Como se sentiu ao ouvir associações feitas por outros participantes a respeito de seu(s) sonho(s)?
5. Para você, quais foram os assuntos importantes que surgiram nos encontros. Comente, por favor.
6. Você acredita que as idéias e sentimentos que surgiram nos encontros possam ajudá-lo(a) a pensar sobre mudanças em sua vida? Quais?
7. De que maneira o coordenador facilitou ou dificultou o trabalho nos encontros?
8. Seus comentários adicionais são importantes para o aperfeiçoamento desse trabalho. Fique à vontade para fazê-los. Muito obrigado!

Nome do participante: _____

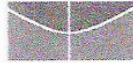
APÊNDICE G – Avaliação de reação final dos encontros do sonhar social (grupo II)

Gostaria de contar com sua avaliação final sobre a experiência de ter participado dos Encontros do Sonhar Social. Por favor, responda às questões abaixo:

1. À medida em que os encontros ocorreram, ficou mais fácil para você lembrar de seus sonhos? Comente, por favor.
2. À medida em que os encontros ocorreram, ficou mais fácil ou mais difícil fazer associações com os sonhos apresentados? Comente, por favor.
3. Quais foram os assuntos importantes que surgiram nos encontros. Comente, por favor.
4. Você acredita que as idéias e sentimentos que surgiram nos encontros possam ajudá-lo(a) a pensar sobre mudanças em sua vida? Quais?
5. Os encontros do sonhar social trouxeram alguma contribuição para sua vida pessoal? Comente por favor.
6. Seus comentários adicionais são importantes para o aperfeiçoamento desse trabalho. Fique à vontade para fazê-los. Muito obrigado!

Nome do(a) participante: _____

ANEXO A – Análise de projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.



Universidade de Brasília
Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas – CEP/IH

ANÁLISE DE PROJETO DE PESQUISA

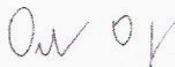
Título do Projeto: Matriz do Sonhar Social: um dispositivo para a intervenção em Psicologia Clínica

Pesquisador Responsável: Roque Tadeu Gui

Com base nas Resoluções 196/96, do CNS/MS, que regulamenta a ética da pesquisa em seres humanos, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, após análise dos aspectos éticos e científicos, resolveu **APROVAR** o projeto intitulado "Matriz do Sonhar Social: um dispositivo de intervenção em Psicologia Clínica", analisado na Reunião Ordinária de 05 de dezembro de 2008

O pesquisador responsável fica, desde já, notificado da obrigatoriedade da apresentação de um relatório semestral e relatório final sucinto e objetivo sobre o desenvolvimento do Projeto, no prazo de 1 (um) ano a contar da presente data (item VII.13 da Resolução 196/96).

Brasília, 15 de janeiro de 2009.


Prof. Dra. Debora Diniz
Coordenadora do CEP/IH